



MÍDDIAN MEIRELES

ERA UMA VEZ

*Para Sempre*

SÉRIE DESTINO

LIVRO 3

Editora  
*Nix*



# ERA UMA VEZ PARA SEMPRE

Série destino - Livro 3

MÍDDIAN MEIRELES

1ª Edição

2016

Todos os direitos reservados à Editora Nix. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Equipe Editorial:**

Capa: Míddian Meireles

Revisão: Sara Rodrigues

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.



# Agradecimentos

*Nem acredito que finalmente estamos aqui!*

Depois de dois anos desde sua primeira publicação e quatro juntos, finalmente a história do meu primogênito chega ao fim e eu não poderia estar mais feliz por isso.

Foi tão difícil chegar aqui. Tão difícil. Eu simplesmente não conseguia colocar um ponto final na história que deu um ponto de partida na minha vida. Que deu um ponto de partida para o que me tornei hoje. Acho que nem o pior dos segredos que escrevi desde então, me deixou tão mal, quanto dizer “adeus” a Luca.

Escrever a história de Luca e Sophia foi definitivamente um divisor de águas para mim. Descobri-me não apenas como autora, mas como pessoa. Através dessa história que comecei a me aventurar no mundo da escrita, que trouxe para mim tantas pessoas especiais que precisam estar nesse agradecimento.

Agradeço sempre a Deus, pela vida e por cada bênção, por cada vitória. Aos meus pais, por serem meus maiores fãs. Aos homens da minha vida, meu marido Lucas e ao meu filho, por serem tudo para mim.

E amor? Seis livros e quantas louças lavadas hein? Rs Brincadeiras à parte, obrigada por ser esse cara que me apoia, independente das minhas ausências. Obrigada por ser quem és. Obrigada por ser o pai que o André precisa! <3

As minhas betas, Thuany, Taciana, Kami e Thais, por serem aquelas que me deixaram loucas a cada cobrança de capítulo. Por cada puxão de orelha. Por cada vez que me disseram as palavras certas quanto precisei. Amo vocês! <3

À Carlie Ferrer, por ser essa amiga e autora incrível, que me mostra a cada dia o poder da amizade e que eu sei que posso contar para tudo. À Maria Rosa, antes uma das minhas primeiras leitoras, agora amiga e sócia. Obrigada pelo apoio em cada fase minha no mundo literário. Juntas somos mais fortes! <3

As minhas dramáticas favoritas: Carlie, Tati, Kami e Marta, por serem as pessoas que me alegam e me fortalecem em cada momento vivido. Cada uma a sua maneira. Cada uma do seu jeito torto, louco e maravilhoso de ser... Obrigada por serem as mulheres da minha vida! <3

As Divas da Nix por sonharem junto conosco!

As minhas Princesas de sempre: Sarinha, Nay, Elaine, Babi e Nanda.

Minhas leitoras queridas que acompanham cada devaneio meu.

Aos blogueiros parceiros, em especial Bianca Patacho, Van Fiorio, Aline Silva, Aline Mendes, Rita

Barroso, Thays Lima e Deisi Riewe (Ele chegou!).

Obrigada a você que está aqui. Obrigada por me dar uma chance de lhe contar essa história.

Amo vocês!

Beijos,

Míddian Meireles

*“...Senti no peito o amor surgir,  
quando olhei pra você eu logo senti  
que o meu coração ia ser todo seu pra sempre...”*

*Pra Sempre – Limão com Mel*





# Giovanna

Por que os adultos têm que complicar tanto?

Meu pai fez minha mamãe sofrer, quando é óbvio que ele a ama. Tia Carol diz que a mamãe se fechou, não sei bem o que isso quer dizer, mas não parece ser algo bom. Então eu vejo minha mãe voltar a sorrir com os olhos, quando só a via tão feliz quando estava comigo. Agora sei que o motivo de sua alegria é o tio Luca. Minha mamãe era alegre antes também, mas agora está intensamente feliz. Amo vê-la assim e amo o tio Luca também. Queria que ele casasse com ela e fosse meu papai, mas não sei mais se isso vai ser possível. Eles dois brigaram e terminaram. Minha mamãe chora muito. Não gosto de vê-la triste, preciso fazer algo para ajudá-los. Tio Luca também está devastado. Eles precisam de mim para consertar isso e farei o meu melhor para conseguir.

*(Por Sara Rodrigues)*



# Prólogo

## ALGUNS MESES ANTES...

Sabe aqueles dias em que você está mal humorado para caralho? Aqueles dias em que você tem uma puta ressaca e que a última coisa que quer fazer é levantar da cama? Aqueles dias em que mesmo que seja um dia de Sol, você vê tudo nublado? Aqueles dias que definitivamente você não quer ver ninguém? Pois é. Esse era o dia para mim. Mas aí aconteceu uma coisa e simplesmente mudou tudo na minha vida. Foi exatamente nesse dia em que a conheci.

Era um dia de sábado de Sol, eu estava realmente muito mal humorado por ter que levantar tão cedo, depois de uma noite de foda, mas ainda assim tinha que ir resolver um problema com urgência na empresa. Estava sentindo uma dor de cabeça chegando, porque eu tinha bebido algum álcool e a gerente morena de uma empresa que pretendíamos contratar já havia me mandado uma mensagem de texto, coisa que eu evitava a todo custo depois de um sexo sem interesse. Manter contato após isso era algo que eu não fazia para não criar falsas esperanças.

Antes mesmo de saltar do carro, fui informado que os elevadores estavam com problemas por causa da grande chuva que havia caído durante a madrugada, mas que os técnicos estavam resolvendo. O dia só parecia melhorar. Só que não. Entrei no saguão do ‘DiPalacci’ já soltando fogo pelas ventas, mas parei imediatamente quando vi minha pequena princesa pela primeira vez.

Apenas um olhar para ela e era como se tudo mudasse naquele exato momento em que a vi. Ela estava parada, esperando o elevador e ainda que ainda não tivesse nem me notado, tudo mais perdeu a importância para mim.

*Diabos! Se daqui a dez, vinte, trinta anos alguém me perguntar, eu lembrarei exatamente do que ela estava vestindo!*

Meus olhos fizeram uma inspeção completa. Precisando desesperadamente ver cada detalhe sobre ela. Ela usava um short jeans desfiado – curto e colado feito a porra – e uma blusa de alcinha de seda na cor azul. Quando subi os olhos do seu *scarpin* vermelho, vi uma tatuagem de borboleta cor-de-rosa no peito do seu pé delicado e fui passeando pelas suas pernas lindas e torneadas, antes de chegar até sua bunda. Chamem-me de tarado ou do que quiserem, mas mesmo que eu tenha fodido todos os cantos daquele motel em que estive algumas horas atrás, fiquei duro na hora com a visão do seu corpo.

*Oh Diabo! Que Bunda gostosa feito a porra!*

Seu bumbum era grande e redondinho, fodidamente perfeito e delicioso. Certamente digno de

prêmio de *Miss-Bumbum*. Em conjunto com as pernas torneadas, era algo para fazer qualquer um babar com sua visão.

*Sim. Perfeito. Perfeito demais para seu próprio bem! Foda-se que eu não tinha visto um corpinho tão gostoso assim nunca!*

Apesar de sua blusa ser levemente folgada, notava-se pelo short apertado uma cintura fina, mostrando aquele corpo diabolicamente perfeito em forma de violão, capaz de enlouquecer qualquer homem. Subi meu olhar pelo seu corpo, ainda mais ansioso para ver mais dela. Quando cheguei ao seu decote, o corte e a leveza da sua blusa estavam sugestionando um belo par de seios, não tão grandes como eu costumava gostar, mas do tamanho perfeito para ela e agora para mim.

*Doce Jesus! Sim... Perfeita!*

Eu nunca fui muito fã de loiras, sempre preferi as morenas para falar a verdade. Acho que comecei a ter aversão por elas depois de uma determinada loira oxigenada que passou em minha vida e infelizmente ainda permanece.

*Mas então esqueça esse detalhe, porque a loira a minha frente era o meu estilo preferido!*

Seus cabelos eram loiros, mas não aquele loiro artificial de *puta* sabe? Mas sim com mechas platinadas, mesclando com a cor natural escura do seu cabelo. Eles eram lisos e bem compridos, caíam pelas suas costas e chegavam à altura da sua bela bunda.

Não sou um marica que costuma se preocupar com essas coisas de mulher, pois não me importo com detalhes quando não me apego, mas seu cabelo era realmente bonito e a deixavam com um jeito de mulher fatal. Eu imediatamente me imaginei segurando-a pelos cabelos, olhando em seus olhos, fazendo com que ela gozasse para mim, enquanto fazia amor com ela.

*Merda! Eu disse fazer amor?*

Não me julgue ou me leve a mal, mas eu não faço amor. Eu fodo e pronto, é apenas isso. Soa bem Christian Grey, mas eu realmente não sou um cara de oferecer flores e um jantar à luz de velas. Não banco o romântico para levar ninguém para cama. Sou prático quando se trata de mulheres. Por ser um homem que não quer compromisso e nem o descontrole que vem com um relacionamento, é apenas isso que faço. Ou costumava fazer, porque com ela certamente estou surtando e estou meio que fora de mim neste momento.

*E quem me condenaria me deparando com essa delícia em forma de mulher em minha frente?*

Sinceramente? Não importava, pois quando me encontrei estudando o perfil do seu rosto, eu imediatamente esqueci como eu costumava ser antes de encontrá-la. Porque eu juro que eu achei que meu coração pudesse sair pela boca com tamanha beleza. Eu podia apenas querer e querer

olhar e estar apenas com ela. Sim, estou parecendo um babaca completo enquanto enlouqueço olhando para ela.

*Foda-se! Linda não chega nem a descrever! Escolha qualquer merda de elogio clichê, mas a maldita verdade é que Ela certamente era a mulher mais linda que eu já vi em minha vida. Não. Ela era a porra da fantasia de todo homem!*

Não me fiz de rogado e continuei minha doce inspeção. Analisando-a minuciosamente, percebi que apesar de estar maquiada, ela não usava quilos de maquiagem como a maioria das mulheres que eu levava para cama. “Claro, idiota, ela não precisa, sua pele é perfeita. Tudo nela é perfeito.” – Pensei. – Sua maquiagem era leve e bem feita, o que juntamente com o restante dela, me levava a crer que ela era uma mulher que além de estupidamente linda, também era extremamente vaidosa.

Seu nariz era pequeno e afilado. E logo me lembrei do que Mamma dizia: “Nariz de mulher ousada e determinada!”. Nele ela usava um mínimo piercing de brilhante, que só deixou-a ainda mais sexy. É certo que eu não era desses caras fascinados por piercing e tatuagem, tanto que eu não tinha nada disso, considerava-me até meio careta, mas ela acabou de me deixar atraído e curioso para saber se ela teria mais deles em seu corpinho extremamente delicioso. Seus lábios cheios brilhavam e mesmo usando gloss – que é algo que odeio – senti-me tentado a beijá-la ali mesmo, pois completando a obra de arte perfeita que era seu rosto, seus lábios eram rosados e carnudos na medida exata, fazendo sua boca ser extremamente tentadora.

*Merda! Estou ficando cada vez mais sem chances!*

Seu rosto era doce e sexy como um inferno. Uma mistura quase que insuportável de tão linda para conseguir se assimilar. Mesmo que eu tenha certeza de que não havia nenhuma maneira de que a conhecesse, era estranho, mas algo me parecia familiar naquele rosto de boneca, era como se eu a conhecesse de alguma forma.

*Talvez nos meus sonhos, não sei.*

Alguma ‘coisa’ começou a bater dentro de mim e a forma como eu me senti me surpreendeu como o inferno. Não sei que merda de ‘coisa’ é essa, mas estava lá me fazendo incapaz de deixar de olhá-la.

*Deus do céu, Ela tinha que ter um defeito, não é possível! Ela tinha um rosto perfeito, em um corpo incrível. Porra, como isso era possível?*

Sério. Era simplesmente a porra de um pacote ridiculamente perfeito parado diante de mim. Eu ainda estava parado, completamente fascinado por essa perfeição em minha frente. Ela se debruçava, apertando o botão do elevador, balançando suas belas coxas e batendo os pés delicados naqueles saltos assassinos de forma impaciente, enquanto estava esperando o elevador

que não chegava.

*Nunca quis que esse elevador demorasse tanto. Que se foda minha reunião!*

Estava tão perdido, enamorado da sua visão, que quase não ouvi uma voz feminina chamar por alguém na outra porta e por reflexo virei-me para ver com quem ela estava falando.

— Sophia. — uma mulher chamou novamente e a *Princesa* imediatamente olhou na sua direção.

*Hum... Sophia. Agora eu sabia seu nome!*

“Sophia.” Era como um doce em minha boca. Perfeito para ela.

— O que aconteceu ontem? — a mulher perguntou, enquanto se aproximava dela e mesmo que eu estivesse apenas a uns quatro metros de distância das duas, elas pareciam não me notar e apesar de saber que é feio, eu as escuto com atenção — João disse que você sumiu com sua bunda da festa, sem dizer nada a ninguém. — a mulher diz parecendo irritada, enquanto Sophia revira os olhos e bufa, parecendo não muito satisfeita também.

*Sim. Provavelmente amigas.*

Olho atentamente para a mulher que fala com Sophia e a estudo com atenção. Ela é bem bonita e um pouco mais baixa do que Sophia. Tem cabelos escuros e compridos, mas não tanto como os de Sophia e tem a pele bem branquinha. Ela é magra, seios fartos e com curvas sutis, como de algumas belas modelos. É exatamente o tipo de mulher que eu levaria para cama normalmente. Mas honestamente não sabia mais por que eu me atraía por esse tipo de mulher, agora vendo Sophia parada na minha frente.

— Sério mesmo que preciso dizer por que diabos eu saí, Carol? — Sophia pergunta, com um olhar de censura e um tom sarcástico. Ainda assim pude perceber uma linda voz doce, enrolada em um leve sotaque nordestino.

“Oh porra! Isso é sexy!” — Pensei, sentindo meu sangue esquentar.

— Você sabe que está sendo ridícula! — Carol, a amiga, afirma séria. As duas incrivelmente continuam não parecendo ter notado minha presença. — Você não pode viver brigando com a gente por isso, Sophie! — repreende, apontando-a com o dedo e eu vejo Sophia revirando os olhos novamente.

— Hm. Hm. — Sophia murmura irritada, enquanto cruza os braços sob seus seios, que saltam ainda mais para frente, fazendo-me segurar um gemido quando os vejo quase saindo pelo decote. — Se você quer ter esse tipo de conversa comigo, deixe para hora do almoço, porque aí eu não estarei mais de ressaca e posso tomar um porre para aguentar esse tipo de sermão. — responde com um sorriso insolente, com nítida vontade de provocá-la, o que imediatamente me faz sorrir. O que não é o caso da sua amiga, que bufa irritada.

*Sim, Inferno! Sério. A danada fica ainda mais linda sendo sarcástica! Acabei de descobrir que adoro mulher assim... Provocativa!*

— Como queira! — Carol parece desistir. — Agora ligue para João que ele já me ligou mais do que eu gostaria em um sábado de manhã cedo. — diz com um bico irritado.

— Chegar lá em cima eu ligo. — Sophia sorri, parecendo saber exatamente que ganhou. — Vou chamá-lo para ver um filme comigo, para fazer as pazes. — ela parecer pensar, enquanto uma coisa viscosa começa a se mover dentro de mim.

*Que diabos? Sério que ela tem alguém e eu ainda estou com ciúmes? Uh... Encrenca e das boas essa gata aí. Caia fora o quanto antes, Luca Campanaro!* — Uma vozinha gritou lá no fundo.

— Oh. Mário! Temos muita coisa para arrumarmos da mudança. Esses elevadores vão ter hora para funcionar agora? — Carol pergunta irritada, se virando para o segurança parado ao meu lado, não parecendo notar minha presença.

Ainda que ela não tenha dado atenção para mim, achei por bem fingir mexer no meu celular para disfarçar, mas não resisti muito tempo, pois logo voltei a olhar para Sophia.

— Não, dona Carol. Sinto muito. A manutenção acabou de me passar um rádio, eles devem funcionar em cinco minutos. Houve um problema no disjuntor de energia com a sobrecarga da chuva de madrugada. — informou.

*O que foi dito depois? Morda-me por que eu não sei!*

Eu não escuto sua resposta ou qualquer outra maldita coisa que disseram e a verdade é que não me importei nem um pouco com isso. Pois foi exatamente nesse momento que meu olhar e o de Sophia se encontraram pela primeira vez e era muito melhor do que tudo que já experimentei. Por um momento, eu senti que o mundo inteiro desapareceu diante de nós e estávamos apenas nós dois aqui, enquanto nos olhávamos. E para mim foi exatamente isso que aconteceu: meu mundo parou nesse momento.

Seus olhos castanhos escuros eram lindos, tinham um brilho indescritível e parecia que eu poderia ver o mundo através deles. Seus longos cílios faziam com que ela parecesse uma boneca de porcelana enquanto ela piscava rapidamente. Não pude conter o sorriso que começou a se espalhar em meus lábios, pois percebi que ela possivelmente está afetada por mim, da mesma forma que estava por ela. E eu pude comprovar isso pelo jeito que ela me olhava, conferindo-me completamente nesse momento.

*Opa, Playboy! Essa aí não é imune ao charme Campanaro que minha Mama dizia que eu tenho!*

Sophia ficou com a bochecha vermelha e eu acho que isso não tem a ver com a maquiagem suave que ela usava e sim de vergonha, pela forma nada sutil que me tocou visualmente. A maneira



que ela estudou meu corpo, mordendo seus lábios deliciosos, me deixaram em êxtase e meu pau ficou ainda mais duro ao tentar imaginar o que ela estava pensando. Ainda assim, eu achei meiga a forma que ela poderia ficar tímida. Contraditório, não?

*Oh merda! Eu juro que eu parecia ter perdido a capacidade de respirar!*

Mas o que foi foda mesmo foi o sorriso que ela deu em seguida. Ele acabou com qualquer defesa que eu ainda poderia ter relacionada dela.

*Eu só acabei de ver o sorriso mais magnífico sorrindo para mim!*

O sorriso lindo e diabolicamente sexy que surgiu no seu rosto foi definitivamente como um nocaute no meu coração. Fez com que meu coração batesse tão forte, que parecia que iria sair pelos meus ouvidos, enquanto eu podia ouvi-lo ecoando o seu nome, ainda assim não pude deixar de sorrir de volta para ela.

As coisas que o sorriso desta princesa já fizeram para mim e em mais de um lugar, foram assustadoras como o inferno. Na verdade, tudo relacionado a ela parecia enfraquecer-me, pondo-me de joelhos para ela. Meu corpo inteiro se sentia fraco neste momento e eu tive que me esforçar para me concentrar e respirar. Olhei ao redor para tentar entender o que diabos estava acontecendo comigo.

*Quem era ela? Por que ela fazia com que eu me sentisse assim?*

Era o que eu perguntava-me e esperava uma explicação que nem eu poderia dar.

*Acho que estou totalmente e fodidamente louco por essa Princesa!*

Como economista e também empresário, eu costumava estudar as ações das pessoas. Eu costumava não errar nas minhas impressões e minha mãe dizia que esse era um dom que eu tinha. E o que eu rapidamente percebi, era que Sophia parecia delicada e até tímida, mas talvez fosse a forma como tinha visto ela enfrentando sua amiga, ou não sei como diabos eu sabia, mas sim, algo dentro de mim sabia que era apenas uma fachada para uma mulher provocadora, fogosa e sexy como o inferno. Confesso também que essa mulher linda, com esse olhar e rosto perfeito focado em mim, me fez tremer um pouco.

*Sério. Parecia que eu não tinha mais controle sobre mim!*

Mesmo que eu estivesse agindo como um completo babaca agora, uma coisa eu não podia negar: A *tensão sexual* era evidente entre nós. Nossa ligação era absurdamente intensa. Nunca havia sentido algo assim por alguém, principalmente levando em conta que nós dois nem havíamos nos tocamos ainda.

*Ainda? Bom Deus, por favor, queira isso!*

De alguma forma, Sophia havia ativado o macho alfa que havia dentro de mim e eu podia sentir

a testosterona transbordando na minha pele, querendo possuí-la e fazê-la completamente minha.

*Foda-se! Eu quero essa mulher!*

Precisava chegar até ela. Precisava conhecê-la. Tê-la em minha vida. Fazê-la minha. Mas como posso fazer? Como posso me apresentar? Vou simplesmente me apresentar? Na maior cara de pau? Que merda vou falar para ela?

*“Oh... bom dia. Desculpe, você não me conhece e nem eu te conheço, mas estou louco por você e certamente preciso te ter!”* – Pensei.

*É ...Péssimo! Realmente, Luca Campanaro, quem eras tu, hein?*

Eu certamente havia perdido vinte e oito anos de experiências com as milhares de mulheres que arranquei a calcinha, sem nem precisar abrir a boca, agora olhando para essa princesa.

*Sério. Eu realmente queria que ela fosse minha. Inferno! Sim, eu quero mais do que já quis qualquer coisa ou qualquer uma!*

Bem, com seu sorriso, seu olhar, seu rosto e corpo perfeitos, era mais do que claro para mim que eu estava condenado. Sophia definitivamente seria minha ruína e o mais estranho nisso era que eu queria isso mais do que tudo. Não me importava de estar arruinado para as outras mulheres, contanto que eu a tivesse ao meu lado. Foi nesse momento que senti algo que nunca havia sentido antes em meu coração e foi assim que decidi que *era ela*.

*Oh Merda!*

Não sei de onde diabos eu tirei ‘que era ela’, mas rapidamente me veio à cabeça uma conversa com minha melhor amiga, Mia, há quase dez anos. Morávamos em Roma na época. Em uma certa manhã, ela achou que eu havia passado uma noite com uma mulher, coisa que eu nunca fazia e ainda não faço. Pois não misturo as coisas. Não dou esperanças de que a mulher acorde no dia seguinte achando que alguma coisa pode mudar. Mia sabia disso.

— *Um dia você vai cansar disso, você sabe, né* — ?ela perguntou como um aviso e deu-me aquele seu olhar sério, mas que eu conhecia a vida toda para saber que escondia uma preocupação enorme.

— *Um dia...* — repeti suas palavras, testando-as e comecei a pensar em como eu imaginava que seria ‘a mulher perfeita’ para me prender as bolas e o coração. — *Quem sabe se um dia eu achar uma mulher linda, inteligente, engraçada e que me desafia.* — dou de ombros como se não me importasse, mas no fundo eu sabia que era exatamente assim que eu queria uma mulher para mim. Era como se eu soubesse que *ela* seria assim.

Mia me olhou incrédula, antes de começar a rir. *Bem, lá vem o sermão.* É certo que eu nunca deixava nenhuma mulher se aproximar e também não saía por aí indo atrás de uma namorada, pois

eu não queria uma. Na verdade eu nunca precisei ir atrás de nenhuma mulher, elas sempre vieram até mim.

*O que posso fazer?*

— Com o tipo ‘fácil’ de mulher que você sai, acho que como amiga, devo te avisar que você definitivamente está procurando no lugar errado. — Mia me provoca com sua língua afiada e eu tive que rir.

*Bem... Ela não deixa de ter razão!*

Eu conheço Mia desde que eu me entendo por gente, pois seu Nonno era amigo do meu Nonno. Nós fomos criados juntos e ela é a única garota que eu tenho amizade e confio cegamente a ponto dela ter liberdade de falar comigo assim tão abertamente. Pois ela é uma das únicas pessoas no mundo que me conhece tão bem.

— Essa é a intenção, Thuca. Não estou procurando... Ainda. — eu pisco para ela, mas algo me dizendo que no fundo, é exatamente isso que vai acontecer:

*Eu vou encontrá-la um dia...* — Lembro-me de ter pensado.

Tantos anos se passaram, tantas coisas aconteceram depois desse dia. Mas nesse momento, essa lembrança sobre nossa conversa, bateu-me tão forte que eu acho que eu tive o inferno de uma epifania. Não sei como posso afirmar isso, mas era como se Sophia fosse a minha resposta, enfim.

*Foda-se, eu havia acabado de encontrar!*



# Capítulo 1

## Sophia

Como nordestinos, minha família é daquelas que gostam de usar ditados populares e frases de efeito para diversos aspectos de nossas vidas. Tirar uma lição de tudo que nos acontece no dia a dia. Ouvir esses conselhos quando criança, era quase como um catalisador de aprendizado e caráter. Eu sempre fui curiosa sobre certas coisas que ouvia e enquanto crescia passei a entender melhor cada coisa que me foi dita. Usando meio que sem perceber cada conselho que ouvi para minha vida.

Mas certas citações como essa que eu via agora, que certamente estava sendo utilizada contra mim e não para meu benefício, era algo que certamente nunca esperei que pudesse acontecer.

**“Mate se preciso for, mas alcance seu objetivo.”**

**Cuidado, Sophia. Hoje foi seu carro, amanhã poderá ser você. Ou ele. Ou ela. Tanto faz.**

— *“Mate se preciso for, mas alcance seu objetivo”*. — recitou novamente o bilhete com a voz derrotada. — Nicolau Maquiavel. — Luca murmurou, referindo-se a citação.

*Oh meu Deus!*

Levei a mão à boca chocada, assustada, temerosa, do que poderia vir a acontecer. Comecei a chorar descontroladamente. Não sabia o que pensar sobre isso, além de que esse bilhete havia sido uma ameaça mais do que clara. Alguém lá fora estava ameaçando a minha vida, mas não apenas a minha, mas claramente a vida de Luca e da minha filha.

— Por quê? — murmurei chorosa, enquanto Luca me abraçava, acalentando-me.

— Não sei, meu amor. Não sei. Mas eu não vou permitir que façam nada com vocês. Eu prometo. — afirmou com uma certeza que me acalmou um pouco.

Eu queria dizer para ele que eu não temia por mim, mas sim por eles, mas nem isso eu conseguia. Estava assustada demais. Ficamos um tempo assim abraçados. Enjoos devidamente esquecidos. Os dois pensando em silêncio, sobre os últimos acontecimentos, o roubo do meu carro e as ameaças veladas que deixaram nele. Foi inevitável não pensar em sobre quem poderia estar por trás disso, apesar de sequer imaginarmos quem seria. Quem seria capaz disso. Estava em um daqueles momento de mãe, que querem pôr o filho embaixo das asas e não deixa-lo sair tão cedo. Lamentei ainda mais por minha filha estar longe. Queria tê-la comigo. Queria poder dormir

agarradinha, sentindo aquele seu cheiro gostoso de bebê. Minha bebê.

Não sosseguei enquanto não falei com minha pequena e fiquei no telefone até ela dizer que tinha que desligar, porque estava perdendo a apresentação teatral que estava havendo no cruzeiro para as crianças. Sentindo-me culpada por não apenas estar longe dela, mas também por fazê-la perder a diversão, lhe mandei milhões de beijos e pedi para que passasse o telefone para sua avó. Eu sabia que não existia ninguém no mundo que cuidasse da Giovanna melhor do que meus pais, mas ainda assim fiz milhões de recomendações para minha mãe quando ela atendeu a linha. Muito mais do que eu fazia normalmente. Dona Vera disse que faria exatamente o que eu havia pedido, certamente percebendo que eu estava preocupada além do meu normal e não demorou para perguntar se havia acontecido alguma coisa, se eu estava bem.

Eu não queria lhe preocupar com coisas ruins. Esse cruzeiro meus pais faziam todos os anos nessa época e o segundo ano em que eles levavam a Giovanna, pois no navio havia uma programação especial para as crianças e como normalmente seu período de férias choca com o meu trabalho, meus pais pediam para leva-la junto com eles. Eu achava injusto tirar seus momentos de descanso e calma, quando eles precisavam tanto disso. Por isso me limitei a responder:

— Não foi nada, mãe. Estou apenas com saudades de casa e principalmente de vocês.

Isso não era de todo mentira, porque eu estava morrendo de saudades deles mesmo e comecei a pensar no quanto eu queria que as coisas voltassem ao normal. Que tudo ficasse bem. Eu trocaria tudo agora apenas por um filme no sofá em família. Era tudo que eu queria, ter minha família ao meu lado.

## *Luca*

Como se já não bastasse estar preocupado com o bem estar da minha mulher que não parecia muito bem, agora parecia que minhas preocupações seriam roubadas por um maníaco que além de ter roubado o carro de Sophia, ainda o queimou e deixou-nos com uma ameaça. Uma ameaça que para mim estava mais do que claro que faria algo comigo e com a Giovanna. Minha preocupação não era essa, não estava realmente preocupado em fazerem algo contra mim, minha preocupação estava na segurança das duas. Era exclusivamente com elas que eu me importava, porque para mim nada mais era importante do que as duas.

Só que ainda que eu soubesse que faria de tudo para manter nossa segurança, eu temia que isso a levasse para longe de mim. Que ela percebesse que era complicado demais se envolver com alguém como eu. Que embora me amasse, eu sabia que a Giovanna estava à cima de tudo,

inclusive do amor que ela sentia por mim e temia que isso nos afastasse se as coisas se complicassem ainda mais. E meu instinto dizia que elas tendiam a fazer exatamente isso: piorariam.

Quando disse que precisávamos voltar, para resolver toda a burocracia sobre o acontecido, Sophia não disse nada, apenas assentiu antes de ir até sua mala e começar a arrumar suas coisas. Enquanto ela guardava todos seus pertences e eu organizava nossa partida, ela se preocupou apenas em guardar tudo. Nada disse. Embora por fora ela tentasse demonstrar que não estava abalada com o que estava acontecendo, eu a conhecia muito bem para saber que a preocupação iminente a estava matando por dentro. E no avião prosseguimos com ela em silêncio, após se despedir com poucas palavras dos seus amigos.

Admito, eu tinha meu pé atrás com eles, não pela lealdade que eu sabia que era reciproca entre todos, mas sim porque como homem eu sabia que entre Duda e principalmente Nick, os sentimentos iam além da amizade. Só que eu também não podia negar jamais a força e a importância deles na vida de Sophia. Não apenas nos momentos em que ela precisou deles no passado, mas quando por minha causa ela precisou deles, pois foram neles que ela encontrou o amparo que eu não pude dar.

Antes do aniversário de Mariah, eu já estava me preparando para lhe contar sobre a investigação que estava acontecendo sobre a noite em que eu provavelmente havia sido drogado. Apesar de termos juntado algumas peças, como, por exemplo, o garçom que havia me servido durante toda a noite que alegou ter feito isso, porque um rapaz havia lhe dito que eu deveria ser seguido de perto, que ele mantivesse meu copo sempre cheio e inclusive lhe deu as bebidas que ele deveria usar. Mas essa história estava longe de acabar.

Depois de dias tentando resolver essa situação com Jéssica, eu finalmente pude ir encontrá-la e foi mais um problema que eu certamente não queria lidar, mas precisava. Conforme imaginei, ela tentou se fazer de vítima e apesar de saber que tudo apontava para ela, não quis assumir sua participação no acontecido. Fui sucinto e como já estava preparado, joguei todas as cartas na mesa. Ela sabia que a novidade havia prejudicado meu relacionamento, ela não era burra, porque fez isso de forma proposital. Só que para mim isso não mudaria em nada o que Jéssica queria de mim, não seria um filho a prender-me a ela. E sua expressão lívida me disse que dessa vez ela havia entendido direitinho. Principalmente quando meu advogado colocou em sua frente o termo de confidencialidade sobre o assunto, até que fosse feito um exame que confirmasse minha paternidade. E com as coisas encaminhadas, não da maneira que eu queria, mas como eu consegui que fossem, segui em busca da minha mulher.

Eu sabia que já que eu não conseguia me manter longe de Sophia, enquanto não conseguisse provar que havíamos sido vítimas de uma armação eu deveria utilizar da única verdade que eu

tinha: minha sinceridade. E foi o que fiz. Eu não queria que fosse assim, mas lhe contei toda a verdade e felizmente ela acreditou em mim. Ela já havia passado por tanto, que sua confiança cega só fez com que eu a amasse ainda mais se fosse possível.

Durante esses dias em Margarita, consegui deixar de lado um pouco minhas preocupações e receios, pelo simples fato de tê-la em meus braços. Sophia é como um bálsamo para todos os meus temores. Mas também é minha maior insegurança, porque meu maior medo é não ter certeza sobre nós, meu maior medo é ficar sem ela um dia. Não sei se suportaria.

Durante todo voo mantive ela em meus braços, com medo de soltá-la. Preso na segurança do seu calor e seu cheiro, que se eu pudesse não soltaria. Embora parecesse ao contrário, era ela que era meu suporte e eu não queria que nada tirasse meus pés.

Quando desembarcamos em Manaus, eu podia sentir sua aflição e receio maiores a cada segundo. Marcos nos recebeu como o combinado, e conforme o carro seguia, Sophia parecia procurar por algo ao nosso redor. E isso me matava. Deixá-la assim aflita. Esperando pelo pior. Eu queria confortá-la e dizer que ficaria tudo bem, que ela estava segura comigo. Mas ao mesmo tempo me sentia envergonhado. Incapaz. Porque eu havia lhe prometido tudo, mas só tenho trazido situações complicadas que eu não gostaria que ela lidasse jamais.

Na delegacia, nosso advogado nos acompanhou enquanto Sophia relatava que havia deixado seu carro na concessionária, pois havia sentido uma diferença no freio e que aproveitou que ia viajar para resolverem o problema. O vigia do turno também contou sua versão do acontecido, dizendo que havia sido abordado por dois rapazes encapuzados, que o prenderam e amordaçaram, antes de irem diretamente para o carro dela, sem ao menos roubar nada além do veículo.

E essa história só complicava cada vez mais.

\*\*\*

Já eram mais de onze da noite quando finalmente saímos da delegacia e chegamos ao meu apartamento. Sophia ainda estava abalada e excessivamente calada, por isso não me fiz de rogado e fui mimá-la como ela merecia. Apesar dos seus protestos, carreguei-a no colo e fui em direção ao banheiro, quando eu ia tirar sua roupa ela disse:

— Não, amor... Não precisa. — falou, tentando me mostrar que estava bem, mas eu não lhe dei ouvidos.

— Não precisa, mas eu quero. Quero cuidar de você. Eu preciso disso. Deixe-me cuidar de você, meu amor. — pedi e apenas com um olhar ela compreendeu do quanto eu realmente precisava fazer isso.

Essa era uma das coisas que eu mais amava sobre nós, essa ligação forte que não apenas nos



ligava, mas fazia com que a gente entendesse, sentisse o que o outro sentia. Eu nunca entenderia como isso era possível, mas para mim isso apenas confirmava o que eu já sabia: nós havíamos sido feitos um para o outro.

Com cuidado, despi sua roupa e a minha. Meu corpo sempre preparado para o seu pareceu entender nosso momento e deixou suas necessidades de lado, quando seu corpo gostoso encostou ao meu. Esse momento não era para o nosso prazer. Era para ela. Meu pau pareceu entender exatamente isso, porque se aquietou ainda que seu corpo curvilíneo delicioso e agora bronzeado estivesse diante de mim. Sem conseguir pensar em mim, peguei o sabão e a esponja, antes de começar a lavá-la com a adoração e carinho que a mulher que eu amava merecia.

Depois do banho, enrolei-a em um dos meus roupões que eu sabia que ela gostava de usar e eu adorava vê-la vestida, antes de voltar a carregá-la no colo até nossa cama. Eu a conhecia bem demais para saber que apesar do seu cansaço aparente, Sophia não se entregaria ao sono tão facilmente. Depois de tudo que aconteceu, essa certamente seria uma das muitas noites de insônia que nós teríamos, mas fraca do jeito que ela estava por causa do seu mal estar do dia, eu teria de arranjar um jeito de fazê-la entregar-se ao sono por agora.

Então depois de tê-la deitada em meus braços, fiz algo que eu sabia que acalmava tanto a mim quanto a ela: comecei a cantar.

*“Eu poderia ficar acordado só para ouvir você respirando*

*Ver você sorrir enquanto você está dormindo*

*Enquanto você está longe e sonhando*

*Eu poderia passar minha vida nesta doce rendição*

*Eu poderia ficar perdido neste momento para sempre*

*Cada momento gasto com você*

*É um momento que eu valorizo*

*Não quero fechar meus olhos*

*Eu não quero adormecer*

*Porque eu perderia você, querida*

*E eu não quero perder nada*

*Porque mesmo quando eu sonho com você*

*O sonho mais doce que nunca tive*

*Eu estaria te perdendo, querida*

*E eu não quero perder nada*

Deitado perto de você  
Sentindo seu coração batendo  
E eu estou pensando sobre o que você está sonhando  
Querendo saber se sou eu que você está vendo  
Então eu beijo seus olhos e agradeço a Deus por estarmos juntos  
E eu só quero ficar com você  
Neste momento para sempre, para sempre e sempre

Não quero fechar meus olhos  
Eu não quero adormecer  
Porque eu perderia você, querido  
E eu não quero perder nada  
Porque mesmo quando eu sonho com você  
O sonho mais doce que nunca tive  
Eu estaria te perdendo, querido  
E eu não quero perder nada

Eu não quero perder um sorriso  
Eu não quero perder um beijo  
Eu só quero estar com você  
Justo aqui com você, apenas isso  
Eu só quero te abraçar  
Eu sinto o seu coração tão perto do meu  
E só ficar aqui neste momento  
Para todo o resto do tempo  
Sim, sim, sim, sim, sim..."

*(I Don't Wanna Miss a Thing – Aerosmith)*

Enquanto eu cantarolava a música, lágrimas foram derramadas por ela, mas eu deixei e nada disse, porque já estava lhe dizendo tudo através da música e sabia que ela precisava colocar para fora o que estava sentindo. Eu apenas queria deixar claro para ela que não queria perdê-la. Que estaria sempre aqui. Para o resto do tempo. E eu acho que Sophia entendeu o que eu queria dizer, porque não demorou para finalmente vê-la adormecer.



# Capítulo 2

## Sophia

Não sei em que momento entreguei-me ao cansaço, mas depois que Luca começou a cantar para mim, consegui render-me a exaustão e estava quase completamente entregue ao sono quando o celular de Luca voltou a tocar. Assustei-me na hora e pelo visto não fui a única, porque Luca levantou em um sobressalto, embora o aparelho celular estivesse ao seu lado. Enquanto ele falava com quem quer que fosse do outro lado da linha, fiquei ansiosa, temerosa, rezando para que não fosse mais uma péssima notícia, mas a expressão de Luca só me confirmou ao contrário.

— Tudo bem. Estamos indo para aí. — afirmou sério, antes de desligar.

— O que aconteceu? Quem era? — perguntei temerosa.

— Era Thiago. — suspirou, passando a mão no cabelo, enquanto meu coração desatou a disparar. — Seu Enrico, Nonno de Mia. Ele teve um ataque cardíaco.

*Deus! Mais uma vez eu pergunto: Essa noite não poderia ficar pior?*

Luca ligou para sua equipe e pediu para que seu jatinho se preparasse para viajar, ao mesmo tempo em que eu ligava para Mariah, para informar o que havia acontecido. Luca ainda estava preocupado comigo, por isso pediu, quase implorou que eu viajasse com ele para que pudesse manter os olhos sobre mim. Não precisei pensar duas vezes quando ele me pediu. Não queria deixá-lo ainda mais preocupado e eu sabia que ele ficaria caso eu decidisse não ir. Eu não conhecia o Nonno de Mia, mas eu sabia que ele era o melhor amigo do seu Nonno e grande amigo de Nonna Fiorella. Luca havia me falado muito sobre ele e ele era especial demais para toda sua família, especialmente Mia e Henrique. Isso para mim era mais do que o suficiente para ir, ainda que eu sentisse que não poderia fazer mais do que dar o meu apoio.

Arrumamos rapidamente nossas coisas e Mariah disse que também iria conosco depois de saber do acontecido. Depois do jatinho voltar para Margarita para pegá-la, eles não demoram a retornar a Manaus e logo seguimos para o Rio de Janeiro. Sr. Campanaro também se juntou a nós, pois estava preocupado e queria estar ao lado do seu amigo Vittorio, pai de Mia. Felizmente ele não havia vindo acompanhado da sua esposinha, dizendo que a mesma estava indisposta.

*Não me admirei, pois sabia que a vadia não tinha coração mesmo, quanto mais amor pelo próximo!*

Durante todo o voo, Mariah se dizia preocupada com Mia e Lorena, esta era sua melhor amiga e também irmã de Henrique. Eu já sabia que desde que as três deixaram a Itália após a graduação,

ao contrário de Mariah que resolveu voltar para o Brasil, as duas moravam em Nova York desde então. Luca e Mariah estavam praticamente em ‘discagem automática’, ligando repetidamente para falar com as duas, mas sem sucesso. Felizmente depois de um tempo na tentativa, Mia enviou uma mensagem tranquilizando-nos quanto a isso, dizendo que estavam em um avião, já a caminho do Brasil.

Já eram três da madrugada quando finalmente chegamos ao Rio de Janeiro e o tempo nublado e frio, combinava perfeitamente com o clima de todos nós. Como eu já estava acostumada que fosse, o *Bentley* da *Campanaro* já estava a nossa espera na pista de pouso quando aterrissamos. Fomos direto do aeroporto para o Hospital que Sr. Enrico se encontrava, que Thiago havia informado ao Luca pelo telefone mais cedo.

Todas as cabeças giraram automaticamente para os três *Campanaros’s* e eu, quando passamos pela porta de entrada do saguão do hospital. Honestamente, não nos importamos nem um pouco com isso. Saímos chamando atenção pelo corredor, enquanto pedíamos informação no balcão, antes de irmos em direção ao local em que nos indicaram. Subimos alguns andares e andamos alguns corredores até chegarmos a uma sala íntima, localizada no que me parecia ser uma área mais reservada do hospital. O lugar onde a família de Mia estava toda reunida, tinha uma televisão e quatro sofás marrons de quatro lugares e mais duas poltronas confortáveis, arrumadas em forma de círculo e uma mesa de centro com algumas revistas.

A primeira pessoa que me chamou atenção, foi um homem parecendo extremamente derrotado, que estava sentado na poltrona próxima a porta, como se apenas estivesse esperando para receber notícias e suas mãos indo e voltando em seu rosto, em um gesto nervoso, me confirmaram exatamente isso. Ele parecia ser apenas alguns anos mais novo que o Sr. Campanaro e assim que pus meus olhos sobre ele, apesar de não conhecê-lo, eu tinha quase certeza que se tratava do Sr. Vittorio, o pai de Mia. Ela indiscutivelmente se parecia muito com ele. Enquanto Mia tinha cabelos bem loiros, seus cabelos eram um pouco mais escuros, embora já estivessem ficando grisalhos. Apesar de parecer ser uma pessoa de pulso firme, seu rosto dizia que ele também era uma pessoa calma e bondosa, o que eu já sabia que era. Ele usava um belo par de óculos quadrado, que por trás dos mesmos poderíamos ver um lindo par de olhos azuis acinzentados, iguaizinhos aos da sua filha. Apesar da sua idade, tenho que admitir que ele realmente era um homem muito bonito.

— Vittorio. — Sr. Campanaro se adiantou, antes de ir ao seu encontro com um abraço caloroso, que já havia se levantado quando nos viu entrar pela porta.

— August. — ele respondeu, enquanto dava um triste tapinha nas costas do seu amigo. — Não sabia que vocês estavam vindo... Er... Obrigado por vir, amigo. — ele disse, ao se afastar olhando para o Sr. Campanaro, parecendo não saber ao certo o que dizer.

— Eu não poderia estar em outro lugar, a não ser com vocês. Tio Enrico vai ficar bom. — Sr. Campanaro assegurou, apertando seu ombro e Sr. Vittorio concordou com um aceno leve, e um sorriso de agradecimento.

Logo em seguida, Sr. Campanaro foi falar com uma mulher, que eu imaginava que fosse sua esposa. Luca foi em frente e cumprimentou a ele, e murmuraram alguma coisa um para o outro que fez o Sr. Vittorio sorrir um pouco melhor para ele. Mariah também foi cumprimentando os outros que também estavam na sala e eu fiquei olhando-os com um leve sorriso em meus lábios. Era nítido que eles tinham uma interação bem íntima e até familiar, e exatamente por isso eu estava começando a me sentir um pouco fora de lugar, coisa que não gosto em mim. Até que Luca me puxou para frente e começou a me apresentar:

— Sophia. Esse é tio Vittorio, pai de Mia. — ele apresentou.

— Prazer. Sr. Vittorio. — eu disse, antes dele me dar três beijos e uma abraço italiano, que eu já estava bastante familiarizada.

— O prazer é todo meu, querida. — Sr. Vittorio falou, se afastando para me olhar melhor com carinho. — Eu estava realmente ansioso para conhecer quem havia fispado esse cara, uma pena ter de ser nessa ocasião. — ele me dá um sorriso triste, que sou obrigada a retribuir.

— Sim, uma pena. Mas vai dar tudo certo, senhor. Também estou ansiosa para conhecer o Sr. Enrico, que Luca tanto fala. — eu disse, sorrindo mais um pouco e Sr. Vittorio retribui com um sorriso genuíno.

— Acredite, ele também não vê a hora de conhecê-la, querida. — seu sorriso cresce, antes de voltar a me abraçar.

Não me fiz de rogada e retribui o abraço, sentindo uma feição instantânea por essa pessoa que eu já sabia que era especial. Com sua esposa não foi diferente, pois consegui gostar dela com ainda mais rapidez. Socorro, mãe de Henrique, não demorou a vir me cumprimentar com um belo sorriso. Ela era morena cor de jambo, cabelos levemente ondulados na cor castanho escuro, olhos verdes e tão bonita, que se eu não soubesse que ela tinha cinco filhos, com certeza não daria mais do que trinta de idade tamanha a sua beleza. Mas além de toda a beleza que eu via nela, também pude ver uma doçura enorme. Ela realmente tinha e exalava aquela alma amorosa de mãe, que poucas tinham. Eles definitivamente formavam um casal lindo. Eram como a definição de “casal vinte”.

— Sophia, querida. Um prazer conhecer você. Infelizmente nessa ocasião. — ela disse de forma doce, em um sotaque carioca, ainda que preservasse no fundo seu sotaque baiano.

— Dona Socorro, também é um prazer conhecê-la. — eu disse.

— Pelo Amor de Deus! Esqueça o dona. Luca é meu sobrinho, então você obrigatoriamente deve me chamar de tia. — falou e agora seu sotaque baiano saiu ainda mais puxado e eu sorri.

— Tudo bem, tia. — disse sorrindo ainda mais.

Trocamos mais algumas palavras e exatamente como eu imaginei, ela entrou no modo mãe e perguntou se já havíamos comido, se não estávamos cansados. Nós tratamos de lhe despreocupar dizendo que havíamos dormido e nos alimentado no avião a caminho para cá, embora houvesse ocultado de todos o fato de que novamente eu havia colocado tudo que a aeromoça nos serviu para fora. Nós já havíamos tido preocupação demais para uma noite, não queria ser mais uma para ninguém. Já bastava Luca me perguntar a cada quinze minutos se eu não estava sentindo alguma coisa. Como sabia que não conseguia mentir muito bem para ele, tratei de desviar do assunto e olhei discretamente para Mariah, que conversava com um rapaz.

— *Baby*, esse é Leonardo. — Luca me apresentou, trazendo-me para perto dele.

Leonardo era moreno claro, com os olhos estupidamente verdes e um pouco mais baixo e menos forte do que Luca. Ele parecia exatamente como Luca descreveu, um rapaz calmo e centrado. Definitivamente mais na dele. Ainda que ele fizesse jus a sua descrição, seu conjunto como um todo conseguiu me surpreender, pois mesmo com toda sua aura 'nerd' e pinta de playboy, filhinho de papai que ele tinha, Leonardo realmente era um homem bem bonito mesmo. Bonito era pouco, porque na verdade ele era um pedaço de mau caminho. Não negava a mãe linda que tinha.

— Oi, Léo. — eu cumprimentei.

— Oi, Sophia. Um prazer conhecê-la. — Ele me cumprimentou com um belo sorriso e dois beijos no rosto.

Ele cumprimentou Luca também e voltou a responder as indagações que Mariah fazia. Foi nesse momento que me virei para falar com Luca e notei que ele não estava ao meu lado. Ele já estava adiante, conversando com um rapaz que com toda certeza só poderia ser Henrique. É difícil até para mim acreditar que até hoje eu não tinha visto uma foto sequer dele, o que chega a ser ridículo nos tempos de hoje. Henrique era realmente bem mais alto que Luca, então eu arrisco dizer que, com certeza, ele tem mais do que 1,90 de altura e era realmente enorme. A impressão que eu tinha, é que parecia que ele ocupava toda a área ali.

Ele era tão bonito quanto sua mãe, pele morena, cabelos lisos e um pouco mais cumpridos, sem corte, um pouco bagunçados, que pareciam dar um charme ainda maior a ele. Se outra pessoa usasse esse tipo de cabelo desleixado ficaria feio, mas não em Henrique. Apesar da tristeza, que era mais do que nítida em seu rosto, Henrique tinha um rosto bem másculo e com certeza era um rapaz muito, muito bonito.

*E bem, eu estou sendo até sutil!*

Logo que ele se virou para mim, um sorriso realmente bonito surgiu em seu rosto cansado. Notei que além das covinhas da bochecha, ele também tinha uma covinha no queixo que era um charme à parte. Henrique tinha aquela perfeita mistura de *bad boy* gritando *sexy appeal*. Correção, ele é realmente lindo.

*Sim! Agora eu sei o porquê Mia tem uma história confusa de entre idas e vindas com ele. Até eu teria no lugar dela!*

— Enfim, a ‘musa’ realmente existe. — ele brincou, enquanto Luca lhe deu um murro de brincadeira e eu não pude deixar de sorrir.

— Oi. O que eu posso dizer? Hum... Acho que não serei original e direi que você também existe. — brinquei, antes de lhe cumprimentar com dois beijos em seu rosto e um abraço apertado, como se já me conhecesse.

— Bem, não preciso apresentar, mas ainda assim. Sophia, esse é o bastardo do Henrique. Henrique, essa é Sophia... Apenas fique longe. — Luca disse em tom de advertência, sua sobrancelha arqueada, olhar afiado, como se realmente estivesse falando sério com seu amigo.

— Luca, cara. Olhando para ela agora, te entendo completamente. — Henrique provocou Luca, subindo seu olhar de cima abaixo no meu corpo e eu não tive como não corar, embora soubesse que ele havia feito isso apenas com a intenção de provocá-lo.

Luca não deu tempo que Henrique desse uma segunda olhada para mim, antes de empurrá-lo e vir até mim para me abraçar pela cintura, em um ato extremamente possessivo.

— Henrique, porra! Eu juro que vou esquecer que estamos em um maldito hospital e vou quebrar sua cara, seu palhaço. — Luca rosnou baixinho e Henrique desatou a rir, sabendo que sua provocação havia sido recebida com sucesso.

Fiquei preocupada em chamar atenção, mas felizmente havíamos passado despercebidos, pois todos os presentes pareciam ter suas próprias conversas para se preocupar.

— Relaxe, *brother*. Estou apenas valorizando seu patrimônio. — Henrique disse rindo, enquanto erguia seus braços fortes em rendição e Luca cerrou o olhar para ele, certamente prometendo vários tipos de morte, porque ele sabia que seu amigo ainda o provocava.

— Psiu, gatona. — outra mão me agarrou por trás e eu me virei para ver Thiago.

— Ei, Thi. — eu disse, largando Luca para poder lhe abraçar bem apertado.

— Já estava com Saudades, *Brabinha*. — ele falou ainda me abraçando.

— Não sabe nem mentir. Não faz nem 24h que você está sem me ver. Acho que você sentiu falta de outra pessoa e não de mim. — eu disse sorrindo para ele.



— Também. — confirmou rindo, antes de nos virarmos para ver Luca conversando com Henrique.

— Então ele ainda está em cirurgia? — Luca perguntou a Henrique, que agora parecia sério.

— Sim. Por causa de todos os exames que ele teve de fazer, entrou na cirurgia cerca de uma hora atrás. Deve demorar mais umas três horas para acabar. — Henrique respondeu e suspirou, voltando a se sentar.

— Ele vai ficar bem, cara. — Luca garantiu, apertando o ombro do seu amigo.

— Eu sei, *brother*. O médico dele é um dos melhores do Brasil. Fui um susto e tudo mais, mas eu sei que ele vai ficar bem. Só que o que está realmente me incomodando no momento, é porque depois da ponte de safena, ele vai ter que mudar muita coisa na sua rotina. Eu conheço o velho, ele não vai ficar muito feliz com isso. E fora que uma coisa dessas acontecendo, é como se fosse a porra da vida me dizendo que não vai demorar muito para chegar a hora dele. — Henrique disse com a voz quebrada, antes de levantar seu olhar. — Eu não sei se estou preparado para ficar sem meu *Nonno*, Luca. — ele admitiu parecendo estar quebrado.

— Eu sei. Eu te entendo, cara. Mas ele é forte, ele tem sangue italiano correndo nas veias. Tio Enrico ainda vai ver muitos bisnetos brincando por aí. — Luca disse e Henrique sorriu de leve.

— Amém.— dissemos, em uníssono.

— Ei. — Mariah se aproximou e sentou ao lado de Henrique, fazendo carinho em seu cabelo. — Você sabe que ele vai ficar bem. E você precisa ficar bem por ele. Tio Vittorio também precisa de você, você sabe. Você é o braço e as pernas dele. Ainda mais nesse momento difícil. Léo me disse que ele teve que tomar medicação para pressão. — Henrique assentiu. — E você? Está sentindo alguma coisa? Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa, Henry? — ela perguntou em tom de preocupação.

— Sei lá... Acho que comi depois que saí da academia, após o trabalho. — Henrique respondeu dando de ombros.

— Você precisa comer. — Mariah repreendeu-o.

— Sim, você precisa. — Eu concordei e ele fez uma careta para nós duas.

— Tudo bem, vamos comer alguma coisa na lanchonete. Eu te levo, *brother*. — Luca se ofereceu, certamente percebendo que o amigo precisava de um empurrão para que fizesse isso.

— Mas e se tiverem alguma notícia? — Henrique perguntou, olhando para os lados, como se os médicos fossem entrar a qualquer momento.

— A cirurgia vai demorar. Se tiverem alguma notícia você saberá, mano. — Leonardo garantiu, chegando ao lado do seu irmão, parecendo tão preocupado quanto nós com seu estado.

— Tudo bem. — Henrique disse, aceitando a derrota para em seguida se levantar.

— Você vem com a gente, *baby*? — Luca perguntou, segurando meu queixo.

— Não sei. Achei que vocês pudessem querer ficar um pouco sozinhos. Sei lá... Papo de amigos.

— eu falei dando de ombros e Henrique riu.

— Esqueça isso. Já aguentei o mau humor dele minha vida toda. Estou indo única e exclusivamente por sua causa. — Henrique falou, passando seus braços fortes no meu ombro.

*Jesus! Me senti ainda menor ao lado dele... Uma anã!*

— De jeito nenhum que eu vou perder a chance de rir provocando Luca. Você com toda certeza vai com a gente. Esperei muito por esse momento. Quero tirar uma casquinha de você. — ele afirmou, já me levando embora da sala de visitas.

Senti meu rosto queimar de vergonha, mas Henrique não pareceu se importar nem um pouco com isso. Muito pelo contrário. Rindo, Thiago deu um beijo de despedida em Mariah, que disse que ficaria com os outros, antes de nos seguir. Luca andava atrás de nós resmungando, certamente planejando o que faria de volta para Henrique. Apesar de ainda estar envergonhada pela abordagem super sincera de Henrique, foi realmente engraçado e altamente constrangedor a cena que eles protagonizavam.

\*\*\*

Se com a cena de ciúmes de Luca e com as provocações de Henrique eu estava me sentindo constrangida, agora na lanchonete, eu estava me sentindo altamente intimidada. Mesmo sendo mais de 3h da manhã, o local estava cheio. Cheio eu quero dizer que estava lotado de mulher, babando pelas três espécimes de homem bonitos sentados em nossa mesa. Elas cochichavam, apontavam, encaravam e despiam-lhes com os olhos, sem nenhum pinga de discrição. Não eram nada sutis mesmo. Algumas chegaram a pedir autógrafo e também para tirarem fotos com Thiago, que mesmo com a tensão, foi simpático com todas. Ainda que eles não fossem famosos como Thiago, as mulheres pareciam sentir a mesma vontade de “tietar” Luca e Henrique como se eles também fossem artistas.

*É ...Durma com um barulho desses!*

Se antes eu já considerava Mia uma vitoriosa por aguentar esses três, hoje olhando para eles juntos, eu tenho mais do que certeza que ela é uma guerreira. Imagine só o que ela não aguentou além dos hormônios deles, com tanta mulher em volta deles? Porque convenhamos, eles são realmente lindos. Dignos de tanto alvoroço. Eles juntos na adolescência, com certeza eram de pirar o cabeçaço.

— Você não tinha um programa para gravar amanhã de manhã ou alguma merda assim? — Henrique perguntou a Thiago, quando ele nos trouxe uma bandeja com quatro xícaras com chocolate quente e alguns sanduíches, que os homens logo começaram a atacar.

— Alguma merda assim... Já liguei para desmarcar. — Thiago respondeu, se sentando na cadeira

ao lado de Henrique, que não demorou para voltar sua atenção para mim .

— Então, Sophia. Me tire uma dúvida, já que você escolheu o babaca do meu amigo, você tem algumas amigas tão bonitas como você? — Henrique perguntou com um sorriso sexy e eu não me contive e ri.

— Saia dessa, cara. A melhor amiga de Sophia já tem um “namorado”. E a não ser que você se interesse por homem também, ela tem três amigos que você pode gostar. — Thiago disse rindo e Henrique fez uma careta.

— Muito apropriado falar de mulher em um hospital. — Luca disse com tom de repreensão e eu pude ver claramente que Luca parecia ser o mais sério dos três.

— Nunca é a hora errada para falar de mulher. Não acha, Sophia? — Henrique me perguntou, seguida de uma piscadinha.

— Se você coloca assim, quem sou eu para discordar? Se bem que pelo histórico que eu ouvi sobre você, não estou certa se te apresentaria alguma amiga. Tenho um pouco de medo. — eu disse brincando e ele revirou os olhos, enquanto Thiago e Luca riam.

Apesar de achá-lo adorável, tive vontade de lhe dizer que na verdade mesmo que tivesse, o que não era o caso, não lhe apresentaria nenhuma amiga minha em respeito a Mia. Mas pelo que eu pude perceber quando conheci Mia, falar do relacionamento dos dois era quase como um tabu e eu acreditava que fosse recíproco. Então preferi deixar essa observação para mim mesma.

— Esses viadinhos falam demais. Acho que eles não confiam no próprio taco e ficam queimando meu filme por aí. Medo da concorrência, sabe? — Henrique brincou e Thiago deu um empurrão ao seu lado, enquanto eu ria.

— Hum... Se você já parou de falar suas merdas... — Luca limpou a garganta. — Henrique, é, queria te falar uma coisa... — ele falou e Henrique levantou uma sobrancelha, para olhar diretamente para Luca, certamente percebendo que a brincadeira havia dado lugar a uma conversa séria.

— Pela sua cara, eu não tenho tanta certeza se quero saber. — Henrique afirmou olhando para Luca e em seguida seu olhar procurou o de Thiago, que estava fingindo interesse pelo açucareiro.

— É que... — Luca começou.

— Ela está vindo, né? — Henrique interrompeu, parecendo saber do que eles estavam falando e eu olhei para os três sem entender, porque eles pareciam meio perdidos.

*Oxi. Ela? Era de Mia que eles estavam falando?*

— Sim. Ela deve estar chegando daqui a pouco. — Luca disse soltando a respiração, que parecia estar presa.

— Tudo bem. — Henrique disse depois de um tempo e engoliu em seco antes de continuar: — No fundo eu sabia que ela viria. — ele disse dando de ombros, mas pela cara que fez, eu não estava inteiramente convencida disso.

— Henry, você tem certeza de que está tudo bem? — Thiago perguntou, parecendo não ter tanta certeza disso.

*Ok. Ainda estou voando. Era mesmo sobre Mia?*

— O que eu posso fazer, cara? Eu até pensei em ligar para ela e dizer o que estava acontecendo com nosso Nonno, mas eu fiquei nervoso. Sabia que ela ia ficar doida lá, iria sofrer e fui covarde. Pode ser egoísta da minha parte, mas depois de tanto tempo sem nos falar, não queria ser portador de notícias ruins. E acreditem ou não, me mata fazê-la sofrer. Depois Lia me ligou, dizendo que havia falado com ela. Claro que ela viria. — deu uma pausa e soltou um longo suspiro. — Meu Deus! Mia deve estar péssima. Eu só... — Henrique bagunçou os cabelos, nervoso, enquanto permanecemos olhando para ele. — Só queria que ela soubesse que estou aqui. — ele concluiu com a voz fraca, afirmando mais para ele do que para a gente que estava ali lhe ouvindo.

*Oh meu Deus! É realmente sobre Mia que estavam falando. E ele queria estar ao seu lado...*

Eu estava sensibilizada. Tocada pela maneira que ele parecia mexido ao pensar no seu sofrimento ao invés do dele. Era lindo o seu gesto, principalmente porque ele estava tão arrasado quanto ela deveria estar nesse momento. Mas o que aconteceu entre eles que eu não sei, para que a situação estivesse a esse ponto? Para chegarem ao ponto de não se falarem? Muita coisa. Claro.

— Henrique, ela sabe. Independentemente do que aconteceu entre vocês, ela sabe que ainda pode contar com você. Vocês se conhecem desde que nasceram... Vocês cresceram juntos. Mia não é burra, cara. Ela sabe com quem pode contar nos momentos difíceis. — Thiago disse apaziguando.

— Concordo com Thiago. Quem sabe com tudo isso que está acontecendo, vocês não voltam a se entender? — Luca perguntou e Henrique assentiu, parecendo desejar exatamente isso.

*Eu não sabia o que havia acontecido, mas até eu esperava que sim. Esperava verdadeiramente que eles se entendessem!*

\*\*\*

Quando voltamos da lanchonete para sala de espera da família, eles pareciam estar conversando, então vi as longas madeixas loiras de Mia e outra mulher abraçada com Mariah, que eu imaginava ser Lorena. Mia nos olhou e um leve sorriso triste se formou no seu belo rosto. Ela correu para abraçar Luca e Thiago com carinho, enquanto eles murmuravam alguma coisa para ela e logo em seguida fez o mesmo comigo. Pela primeira vez desde que o conheci, Henrique parecia sem jeito, como se não soubesse o que fazer. Mas assim que Mia pôs os olhos em Henrique, que

ainda permanecia parado na porta, eu vi o quanto seus olhos se iluminaram.

Como em um filme em câmera lenta, os dois se olharam por vários segundos que pareciam eternos. Henrique deu um sorriso para ela e ela acabou retribuindo. Mia permaneceu imóvel, antes de Henrique tomar coragem e ir até ela para abraçá-la como se não houvesse amanhã. Luca, Thiago, eu, Mariah e Lorena olhávamos para os dois, esperando o que quer que fosse acontecer, enquanto o restante da sala parecia não perceber o que estava acontecendo ali.

— Mia... — Henrique sussurrou, se afastando, voltando a olhar para ela.

— Henrique... — Mia falou, engolindo em seco.

E com apenas essas palavras eu vi tudo:

*Oh Inferno! Não importa que porra tenha acontecido, o amor com certeza ainda estava ali!*

\*\*\*

Apenas duas horas depois que Mia e Lorena chegaram, que os médicos finalmente vieram avisar a família que a cirurgia havia sido um sucesso. Todos comemoraram quando o médico garantiu que o Sr. Enrico estava ótimo após o procedimento. Todos muitos emocionados, até eu que não o conhecia ainda. Sr. Campanaro acompanhado de Tia Socorro e Lorena, saíram do hospital eram mais de cinco da manhã e levou-as para casa, pois como eu já sabia, eles eram vizinhos. O restante da família permaneceu no hospital, esperando por mais novidades, ainda que os médicos garantissem que estava tudo bem e Sr. Enrico estava em observação no pós-operatório.

Depois de mais um tempo ali, Luca e eu pegamos carona com Thiago e Mariah. Para minha surpresa, Luca realmente tinha um apartamento aqui no Rio de Janeiro. O que não foi surpresa no entanto, é que seu apartamento ficava no mesmo prédio que o apartamento de Thiago e Henrique. E pasmem: Mariah, Mia, Lorena e Leonardo também tinham cada um, um apartamento no prédio.

*Meu Deus! Era como se eu estivesse vivendo em um episódio de Friends!*

O duplex de Luca parecia uma versão bem menor e muito mais jovem da sua cobertura em Manaus. Parecia que tinha sido feito para um jovem de 20 anos, o que eu descobri que era verdade, pois foi justamente nessa época que ele havia ido morar ali. Todos os móveis e objetos também eram em tons escuros, mas a sala tinha um toque de cor mais quente, como vermelho. A cama do seu quarto também era enorme, mas diferentemente do seu quarto de Manaus, esse era praticamente todo branco e com exceção das paredes que tinham pôsteres de bandas emoldurados, bem como um violão, o qual Luca disse ter sido seu primeiro e que havia ganhado do seu avô quando tinha sete anos. Em outra parede, tinha moldura com uma camisa autografada do Flamengo, time que Luca torcia, porque afinal ele tinha que ter algum defeito. E na mesma parede também tinha uma coleção de carrinhos antigos em uma prateleira de acrílico.

Apesar de não assumir, ainda estava me sentindo fraca depois de tanto vomitar. Eu definitivamente deveria ter pegado uma virose. Como já era cedo e sabia que meu pai estava acordado, mandei uma mensagem para seu celular dizendo onde estava e o porquê de estarmos ali e aproveitei para perguntar como estavam. Meu pai ficou preocupado, mas logo o tranquilizei de que estava tudo bem agora. Depois de prometer ligar quando acordasse, fui para o banheiro precisando de um banho e quando saí peguei uma cueca Boxer e uma camiseta de Luca para vestir, antes de me jogar em sua cama, mais do que cansada. As últimas horas cobraram seu preço e com os braços de Luca ao meu redor, peguei no sono pedindo a Deus que quando acordasse tudo estivesse perfeito como era para mim ao estar nos braços do homem que eu amava.



# Capítulo 3

## Sophia

Acordei com o som familiar de mensagem em meu celular. Ainda zozza de sono, achei melhor ver quem era, pois poderia ser realmente importante e só depois voltar a dormir. Meu sensor de alerta rapidamente foi ligado e a preocupação de mãe me fez acordar rapidamente. Felizmente era Carol perguntando se estava tudo bem com Senhor Enrico e se tínhamos novidades sobre seu estado. Aliviada por não ser mais uma notícia ruim, respondi rapidamente para minha amiga e quando olhei para a hora no relógio, tomei um susto, porque já eram quase três da tarde. Eu definitivamente não me lembrava de dormir até tão tarde assim, desde que a Giovanna nasceu.

Como já havia acordado mesmo, segui para o banheiro, lavei o rosto e escovei os dentes com a escova de Luca que encontrei ali. Estava pensando em descer para pegar minha mala e tomar um banho da cabeça aos pés, porém quando estava para sair do quarto, notei que minha mala já estava na poltrona *Egg* preta ao lado da cama. Tinha que me lembrar de agradecer ao meu noivo por pensar em todos os detalhes. Comecei a revirar minha mala em busca de algo para vestir e constatei o que eu já sabia: tinha praticamente roupas de praia ali. Sem muita opção, peguei além do meu kit de higiene de viagem, um short jeans curto cintura alta, uma blusa *cropped* na cor branca e uma sandália *Havaiana*. Voltei para o banheiro e tomei uma ducha revigorante, passei bastante tempo lavando meus cabelos, passando óleo de banho, desejando que a água do banho aliasse o enjoo que já estava voltando a sentir.

Quando finalmente saí do banho, abusei do meu hidratante preferido em meu corpo, hidratando minha pele agora morena pelo Sol Caribenho que havia tomado esses dias. Enrolada na toalha, voltei para minha mala a procura da calcinha que havia esquecido de pegar, mas assim que pus os olhos nas minúsculas peças, pude sentir o incômodo borbulhar minha pele e decidi continuar usando a cueca de Luca da *Calvin Klein*. Assim que terminei de vestir minha roupa, penteei meus cabelos e resolvi que era hora de encontrar meu amado noivo.

Não havia nem ao menos decido as escadas ainda, quando ouvi várias vozes e risadas distintas vindo do piso inferior, não demorando muito para identificar que a falação vinha de Luca, Thiago e Henrique. Assim que cheguei ao último degrau, vi os três sentados no balcão da cozinha americana, enquanto Mariah cozinhava alguma coisa no fogão. Era como um *déjà vu*. Estranho ou não, parecia até que eu já tinha visto essa cena, mesmo que nunca tenha tido oportunidade de vê-los juntos. Acho que era por ouvir tanto histórias sobre eles, que eu tinha comigo esse sentimento de familiaridade.

Juro que eu quase podia ouvir de fundo, *I'll Be There For You* música tema de *Friends*. Estava



prestes a abrir a boca para cumprimentá-los, quando os três se viraram para mim, parecendo perceber minha presença antes mesmo de chegar ali. Luca deu seu enorme e lindo sorriso para mim e eu não tive como não sorrir de volta para ele. Era sempre assim, um olhar e um sorriso dele, parecia que fazia tudo melhor para mim.

— Te acordamos, *baby*? — Luca perguntou, vindo me dar um beijo de “bom dia” ou melhor, “boa tarde”, e como eu não sou besta nem nada, logo tratei de aproveitar.

— A pergunta seria, por que você não me acordou? — Eu disse antes de lhe dar outro beijo, ainda mais profundo que o primeiro e ele apertou meu corpo ainda mais contra o seu.

*Nossa! Como era gostoso!*

— Ok. Vocês podem procurar um quarto. — Henrique falou antes de se levantar, nos fazendo rir, mas apesar da vontade de continuar, fomos em direção a eles.

— Procure uma mulher para você, ao invés de ficar aí resmungando. — Luca disse bravo e Henrique nem se afetou, muito pelo contrário só sorriu ainda mais.

— Boa tarde a todos. — cumprimentei sorrindo.

— Tarde. — Os três disseram em uníssono.

Enquanto eu estava sentando no banco ao lado de Luca, vi Henrique espiando dentro da geladeira e percebi que assim como Thiago e Luca, ele estava sem camisa. Assim como seus amigos, seu corpo era impressionante, mas ele era bem mais forte que Luca e Thiago. Não sei por que, mas toda vez que eu o olho, eu vejo Henrique como um personagem roqueiro de um livro. Acho que pelo porte e as tatuagens que ele tinha pelo corpo.

*É, também notei algumas tatuagens.*

Na verdade era meio que impossível não notar nada em Henrique ele sendo tão grande desse jeito. Ele tinha um dragão nas costas, uma fênix na lateral das costelas e mais um bocado de desenhos espalhados pelo corpo, que eu tive vergonha de ficar olhando. E fora que eu não queria que pensassem errado, pois eu definitivamente não estava olhando com cobiça. Apenas curiosidade mesmo. Até porque eu já tinha meu homem e apesar de Henrique ser um homem lindo, para mim eu já tinha o mais lindo de todos e definitivamente estava estragada para o restante dos homens, pois só tinha olhos para ele.

Mais uma vez me veio o pensamento sobre tanta beleza em um espaço só com Luca, Henrique e Thiago. Os três juntos já eram um espetáculo a parte, mas acabei de constatar que os três juntos e ainda por cima sem camisa, era como ver o próprio show de *Magic Mike* ao vivo. Luca eu já podia afirmar, mas agora eles reunidos, não me admira que as mulheres babassem tanto aos seus pés.

— Suco de Laranja, Sophia? — Henrique me ofereceu com um sorriso encantador.

— Sim. Obrigada. — agradei, sorrindo.

— Henrique, você não acha que você deveria colocar uma camisa? — Luca perguntou a ele enciumado, mesmo que ele não tivesse usando uma e Henrique sorriu.

*Adoro quando meu amor fica assim ciumento! Mesmo que não tenha motivos.*

— Lembra que eu disse sobre o medo da concorrência? — Henrique perguntou para mim, nitidamente querendo provocar Luca, que joga uma colher nele, me fazendo rir.

— Jesus! Vocês poderiam, por favor, se lembrarem por pelo menos cinco minutos que têm mais do que doze anos? — Mariah perguntou em tom de repreensão, enquanto colocava uma travessa de talharim com molho branco em nossa frente, fazendo-me babar.

— Se você quiser atestar que tenho mais de doze anos, estamos aí para isso, meu amor. — Henrique brinca com Mariah, que faz uma careta, enquanto Thiago lhe dá um safanão na nuca.

— Nem ouse brincar com Cat. — Thiago repreendeu e Henrique revirou os talheres em seu prato.

*Céus! O quanto esse cara não deve malhar para não ficar gordo, com a quantidade de comida que come?*

— Vocês não aprenderam nada comigo? Aprendam a confiar no taco de vocês. — Henrique continuou a falar e eu tive que me segurar para não rir, porque ele estava conseguindo atingir direitinho onde queria.

— Eu confio, mas não quero ouvir você falando assim com minha mulher. Me incomoda, porra! — Luca bradou, antes de começar a mastigar o frango com bacon que Mariah havia servido em seguida.

— Não se preocupe, Henrique, tenho três amigos que são iguaizinhos a você. Eu não posso nem ficar mal humorada, porque para eles isso indica abstinência sexual. — admiti dando de ombros, enquanto Mariah e Henrique começaram a rir.

— João é horrível. — Mariah comenta, mas eu sei que ela não quis dizer isso.

— Cara, isso queima seu filme. Não me envergonhe desse jeito, mantenha sua mulher feliz. — Henrique voltou a provocar Luca, que lhe deu dedo em resposta e dessa vez não pude conter minha gargalhada.

*Ah! Se ele soubesse o quanto ele me mantém feliz!*

\*\*\*

Durante o almoço conversamos besteira e eu ria muito das conversas idiotas que os três nos contavam. Henrique recebeu uma ligação do seu padrasto, dizendo que por causa do tempo após a cirurgia, Sr. Enrico não poderia receber visitas até o dia seguinte pela tarde e pediu que todos

descansassem. Depois do almoço, Mariah e Thiago foram para o apartamento dele, depois dele cochichar alguma coisa em seu ouvido. Gostaria de não ter certeza do que eles iriam fazer quando saíssem daqui, mas infelizmente eu tinha.

Mesmo sob protestos de Luca, terminei de lavar os pratos do almoço. Depois de ligar para minha mãe e falar um pouco com a Gio, ela pediu para falar com Luca, que pegou meu *iPhone* todo contente para falar com a minha pequena. Estava morta de vontade de fazer xixi e segui para o banheiro, apesar de não ter muito tempo que havia esvaziado minha bexiga e quando andei de volta em direção ao sofá, Luca já havia desligado a ligação, e ele e Henrique pareciam estar discutindo alguma coisa sobre o programa de televisão.

— Se vocês não se incomodarem com a minha humilde presença, nós poderíamos ver um filme. — Henrique sugeriu.

— Apesar de você ser um pé no saco, não me incomodo. — Luca disse com tom sarcástico.

Mesmo que Luca parecesse estar brincando, algo me dizia que ele queria que Henrique estivesse ali. Talvez para distraí-lo dessa situação toda com seu Nonno. Ou algo mais. Algo me dizia que todas as respostas estavam corretas. Especialmente o “algo mais”, que eu acreditava ser uma loira de mais de 1,70 de altura.

— Claro que não tem problema, Henrique. — eu disse honestamente, pegando meu lugar perto de Luca e me aconchegando em seus braços.

— O que poderíamos assistir? — Henrique perguntou animado.

— Procura alguma coisa no *Netflix*. — Luca sugeriu beijando meu pescoço.

— Menos agarros e mais ajuda aqui, *brother*. Se fosse para assistir putaria, assistia nos canais bloqueados do meu quarto. — Henrique falou de forma irônica e eu ri.

— Idiota. — Luca resmungou, mas não me soltou.

— Sei lá, alguma coisa ou muito assustadora ou algo para rir. Não sei se estou no clima para chorar, por causa de algum filme romântico. — afirmei séria.

— Muito assustadora? — Henrique perguntou e eu assenti. — Acho que você escolheu o amigo errado. Combinaríamos perfeitamente. — disse em tom provocativo me fazendo rir, antes de Luca jogar uma almofada nele e o mesmo desviar.

— Você pode parar de falar com Sophia assim, porra? — Luca perguntou irritado.

— Hm. — Henrique colocou a mão no queixo, como se estivesse pensando. — Acho que não, cara. — ele complementou dando de ombros como se não fosse nada demais.

*É. Eu estava feita com esses dois!*

Passamos o resto da tarde assistindo filme com pipoca e refrigerante. Da última vez que fui à cozinha, vi banana na geladeira e achei uma ótima ideia comer com pipoca. Luca e Henrique fizeram uma cara feia para mim, dizendo o quanto minha mistura era nojenta. Mas eu ignorei os dois, achando bom pois sobrava mais para mim, porque estava uma delícia.

*Por que eu nunca havia pensado nessa mistura antes?*

— Oi, Tchuca. — Luca atendeu o telefone, depois de ver que era Mia.

Eu achava engraçado a forma que eles se chamavam, de *Tchuca* e *Tigrão*, principalmente depois de descobrir o porquê dos apelidos. Na verdade eu sempre ria quando lembrava que era realmente por causa daquela música de funk do Bonde do Tigrão.

— Hm... Não... Tô em casa. — ouvia e eu notei que Henrique nem ao menos tentava disfarçar que estava ouvindo a conversa dos dois. — Não... Mariah foi para o apê dele com ele. Eu, Sophia, Henry... — Henrique empertigou o pescoço ainda mais e sem conseguir se conter perguntou o que ela queria quando ele falou seu nome. — Hm...Ok. Tá bom... Você tem certeza? Er... Certo... Chego aí em meia hora. Também amo você. Beijo. — disse, antes de desligar e olhar para Henrique, com uma expressão neutra.

— O que ela queria? — Henrique perguntou, não esperando ele dizer nada.

— Hm. Ela ainda está no hospital, tio Vittorio não quer sair de lá. Ela não quer pedir a Léo para pegá-la, porque ele saiu de lá mais de duas da tarde, então perguntou se eu não poderia pegá-la...

— Eu pego. — Henrique interrompeu, já se pondo de pé e Luca suspirou antes de responder:

— Henry, cara... Acho melhor não. Mia está cansada, esgotada. Preocupada com razão. Ela viajou por horas e está até agora no hospital. Fora que você também não está muito descansado. Eu não acho que seja a hora propícia para você simplesmente chegar lá, como se nada tivesse acontecido entre vocês. — Luca disse sério.

*Oh Deus! Eu estava ficando cada vez mais curiosa! Que merda aconteceu afinal?*

— Ela não quer vir para cá, né? — E Luca assentiu de leve. — Ela não quer vir por minha causa, é isso, não é? — Henrique perguntou, com a voz derrotada, mas acho que ele já sabia a resposta.

— Sinto muito, cara. — Luca respondeu, sem jeito, confirmando suas dúvidas e eu me doí por ele.

— Eu sei. Você tem razão. Melhor você ir pegá-la. — Henrique falou parecendo frustrado, após respirar fundo.

— Você quer ir comigo, amor? — Luca perguntou, se levantando do sofá.

Olhei para o lado e vi o quanto Henrique parecia cabisbaixo. Essa notícia havia sido um golpe certo nele. Não podia simplesmente deixá-lo sozinho depois de tudo.

— Não. Acho que vou ficar para terminar o filme com Henrique. — sorri e Luca me deu um beijo, como se soubesse o que eu estava fazendo e me agradecesse por isso.

— Tudo bem. Eu não devo demorar. — beijou-me docemente outra vez. — E você... — ele se virou para Henrique. — Quero as mãos longe da minha mulher! — Luca bradou, Henrique riu e eu acabei fazendo o mesmo, o clima melhorando nitidamente.

— Tão seguro esse meu amigo. — Henrique provocou e eu caí na risada.

\*\*\*

Luca trocou de roupa rapidamente e logo saiu, se despedindo com um beijo delicioso. O que para seu desespero só fez com que Henrique o provocasse ainda mais. Senti que apesar dele não querer se afastar de mim, ele precisava mesmo ir. Assim que a porta se fechou, eu sorri para Henrique, que novamente tinha um semblante preocupado. E eu decidi que eu não gostava disso. Gostava de vê-lo brincando. Sorrindo. Estava determinada a fazê-lo se sentir melhor.

— Você deve estar se perguntando que merda há comigo e Mia, né? — ele perguntou, sem jeito, quando voltei ao sentar no sofá.

— Não posso negar que realmente me perguntei isso. — respondi dando de ombros. — Mas não se preocupe. Não precisa dizer nada. — falei sincera, porque apesar da minha curiosidade, cada um sabe a dor que sente. E isso está bastante claro para mim, ambos sofrem por essa história que desconheço.

— É complicado. — suspirou. — Você deve saber que eu e ela tivemos um envolvimento passado. Luca deve ter lhe contado. — assenti. — Bem, só o fato de você saber isso, já diz que você sabe mais do que muitos. Mas é realmente muito mais complicado do que você imagina. Minha história com Mia tem tantas idas e vindas que até eu me perco. — disse, com um sorriso triste.

— Hm... Eu entendo. Mas, por favor, não se sinta na obrigação de me contar. Se você estiver desconfortável, Henrique, podemos falar sobre isso outra hora. — falei, mais uma vez não querendo que ele se sinta na obrigação de me dizer algo que ele definitivamente não precisa ou consegue falar nesse momento.

— Não. Tudo bem. Na verdade não tem uma hora certa para que esse assunto não seja desconfortável para mim. — confessa, antes de suspirar fortemente. — Enfim, que bom que você está com pipoca, porque a história é bem longa.

E ele tinha razão, porque era mesmo. Henrique passou mais de uma hora contando sua história com Mia. Desde o primeiro beijo entre eles, a morte dos pais deles... A primeira vez em que eles

namoraram... A primeira separação... A mudança para a Itália... A volta dele para o Brasil... Tudo. Como ele mesmo disse, foi uma série de acontecimentos que fez com que os dois se separassem, brigassem e voltassem tantas e tantas vezes. Ele basicamente fez um resumo que deixou mais do que claro para mim que não apenas ele errou com ela, mas ela também idem, então acabou virando a bola de neve que é hoje. Resumindo: Eles estavam há quatro anos sem se verem e se falarem. O que me deu a real noção do quanto aquele encontro no hospital mexeu com eles.

Eu não sabia realmente como Mia se sentia em relação a Henrique, pois eu a conhecia pouco e o pouco que falamos sobre Henrique, ela não entrou em detalhes. Mas ainda assim eu pude perceber que ainda existe algo muito forte que liga os dois. Um sentimento que nenhum dos dois pode negar. A impressão que tenho, é que parece que a relação deles é um tabu para Mia, pois raramente Thiago ou Luca falam sobre isso com ela. Mas no fundo, eu sei que ela ainda sente algo verdadeiramente forte por ele, além dos laços de amigos de infância. Foi impossível não notar.

Enquanto Henrique falava, eu cheguei a algumas conclusões sobre ele: Ele é de fato de tirar o fôlego. Trocando em miúdos, ele poderia ser descrito como um cavalheiro másculo, de humor irônico, com um eventual brilho selvagem nos olhos e um coração de ouro. Ele é lindo. Engraçado. Apesar da aparência intimidadora, ele realmente é um cara simpático e de bem com a vida. Fora que é perceptível seu interesse e sentimentos por Mia, tanto quanto ela tem por ele. Eu realmente me sinto mal por pensar assim em um momento como esse, em que o avô deles correu risco de morte, mas sabe aquela história de que há males que vem para o bem? Bom, eu acho que essa situação veio a calhar. Deus definitivamente estava mexendo uns pauzinhos para que os dois ficassem frente a frente novamente.

## Luca

Confesso que eu não queria deixar Sophia sozinha, mas depois que Mia me pediu para buscá-la no hospital, não tive como negar e apesar de Henrique ser um bastardo provocador, eu sabia que ele cuidaria dela para mim enquanto eu não chegasse. Por isso enquanto dirigia a caminho do hospital, tentei dispersar meus pensamentos relacionados aos problemas que sabia que viria a ter que enfrentar nos próximos dias e tentei me distrair com a música na rádio que tocava *Meu eu em você* de Victor e Léo e comecei a cantarolar.

*“... Eu sou tua saudade reprimida  
Sou teu sangrar ao ver minha partida  
Sou teu peito a apelar gritar de dor  
Ao se ver ainda mais distante do meu amor...”*

E com esse trecho, me peguei pensando sobre meus amigos. Na verdade, foi impossível não pensar sobre eles. Estava preocupado com os dois. Muito para falar a verdade. Porque embora eles não admitissem, conhecia-os bem demais para saber que esse encontro deles depois de tantos anos havia mexido com ambos. Henrique e Mia eram dois teimosos de carteirinha. Desde a última separação dos dois, eu havia dito a mim mesmo que não me meteria mais nas brigas deles e desde então tenho feito um esforço hercúleo para não colocá-los frente a frente e acabar com essa palhaçada de distância que eles haviam imposto sobre eles.

Eu era prova viva de que o problema maior de tantas entre idas e vindas deles era a falta de uma boa conversa. Talvez se sempre tivessem sido realmente sinceros com eles mesmos, não teriam passado por tanta coisa. Mas talvez tivesse chegado a hora disso realmente acontecer. E no que dependesse de mim, faria de tudo para que eles finalmente ficassem juntos.

Mia havia passado tantos anos sendo submissa às vontades de sua falecida mãe, que um dia ela finalmente quis tomar as rédeas de sua vida e não permitiu que ninguém mais ficasse entre seus desejos e vontades. Talvez por isso que ela e Henrique tenham tido tantos problemas, porque desde sempre ele tinha uma necessidade de protegê-la. Apesar de toda pose de *bad boy* durão, Henrique era só coração. Era um cara que era completamente ligado à família e desde a morte de seu pai, pareceu querer provar a si mesmo que era diferente dele. E de certa forma essa sua obstinação atrapalhou os dois em algum momento.

Eu sou uma pessoa que acredita em destino. Para mim cada pequena coisa que nos acontece, até mesmo cada folha que cai de uma árvore tem um porquê. E ainda que esse reencontro tenha acontecido dessa maneira tão ruim, eu pude ver nisso a oportunidade deles finalmente começarem a ver que a vida tinha outros planos para eles, planos esses que não eram sobre os dois longe um do outro.

Quando estava chegando em frente ao hospital, avistei Mia de longe. Afinal, não era nada difícil de ver uma bela loira de quase um metro e oitenta de altura. Embora não modelasse mais há muitos anos, Mia era uma mulher extremamente linda e ainda mantinha o porte de uma modelo, chamando atenção por onde passava.

Dei um toque na buzina, chamando sua atenção e ela logo me avistou, vindo andando em direção ao carro e embora sua aparência não demonstrasse, eu a conhecia bem demais para ver o quanto ela estava cansada. Ela realmente precisava descansar.

— Chegou rápido, *Tigrão*. — ela disse ao entrar no carro e me cumprimentar com um beijo estalado na bochecha.

— O trânsito estava tranquilo vindo para cá. — falei, já manobrando em direção a saída.

— Preciso de um banho e de um prato de comida. Não quero comer salgados por pelo menos um ano. — ela disse com uma careta e eu ri.

— Mariah fez lá em casa um talharim ao molho branco, que estava de comer rezando. — tentei, olhando para pista, me fazendo de desentendido sobre minha proposta dela ir lá para casa, onde Henrique estava.

— Er... Hum... Apesar de conhecer a potência do talharim ao molho branco da Mariah, prefiro ir para casa do meu pai. Lá Sabá prepara qualquer coisa para que eu possa comer e em seguida durmo. — desconversou e eu revirei os olhos.

— Isso não tem nada a ver com o fato de você não querer encontrar com Henrique, não é, *Tchuca*? — perguntei diretamente, embora ela já tivesse me dito mais cedo que não queria ir até lá.

— Luca, você sabe que é melhor não. — respondeu, tentando parecer indiferente.

— Melhor não por quê? — insisti e ela bufou irritada.

— Porque é melhor para mim e Henrique que fique cada um no seu canto. O fato de ter voltado, não quer dizer que perdi a memória. Não muda em nada o que ele me fez. — disse irritada.

— Ou você quer dizer, o que vocês fizeram? — perguntei retoricamente e quando Mia fez menção de falar, eu continuei: — Porque convenhamos, Mia, nenhum dos dois é inocente nessa história. Cada um tem sua parcela de culpa. Vocês não são dois estranhos. Acho que está mais do que na hora de vocês sentarem para conversar. — afirmei e ela virou para o outro lado, sem nem ao menos me responder.

Passamos o restante do caminho até a casa do seu pai em silêncio. Embora soubesse que Mia é teimosa, ela quando realmente quer ouvir, também saber ser sensata e eu sei bem que o que lhe falei ao menos deu a ela um pouco para pensar. E espero que o meu pequeno empurrão sirva para alguma coisa.

Estacionei o carro e falei para Mia que iria dar um beijo na tia Socorro e em Sabá, a governanta da casa, que trabalhava com a família Guiotto desde a época em que Mia era bebê. Ou seja, a senhora havia trocado fraldas de todos nós e se soubesse que eu vim até aqui e não passei para falar com ela, certamente ficaria chateada comigo. Só que o que eu não esperava, era dar de cara com a cadela da mulher do meu pai saindo da casa deles.

*Caralho? O que essa cadela está fazendo aqui?*

— Mas olha só. Quem é vivo sempre aparece. Cansou de tentar ser cosmopolita? — ela perguntou de forma irônica, se direcionando para Mia.

— Infelizmente aparecer e dar de cara com você era a última coisa que eu queria. É, sem



dúvidas, um dos motivos mais fortes que me fizeram preferir ficar longe. E embora não seja da sua conta, nunca tentei ser algo que não sou, ao contrário de você. Mas eu ao menos ralo para ser a “cosmopolita” que você tanto tenta ser, mas não consegue ser nada além do que uma cadela que veste grife. — Mia respondeu de forma nada sutil.

*Aush! Essa doeu, mas ela realmente mereceu!*

— Isso tudo é inveja, queridinha? — Anitta perguntou, não se sentindo nem um pouco ofendida pelas palavras de Mia. — Será que esse ressentimento todo para com a minha pessoa, é apenas porque eu dei uns pegas em Henrique? — perguntou, de forma maliciosa.

*Putá merda! Por essa eu não esperava!*

Agora eu vi Mia ficar ainda mais branca do que já era. Aproximei meu corpo do dela, porque nesse momento cheguei até a temer que acontecesse alguma coisa com Mia depois dessa revelação.

— É, acho que eu estava certa com minhas suspeitas sobre vocês dois. Você acabou de confirmar tudo. Obrigada. — Anitta disse com um sorriso maldoso no rosto.

— Para com essa merda, Anitta! — tentei alertá-la, porque eram raras as vezes em que ela deixava sua máscara cair. Apesar dela estar fazendo muito isso ultimamente.

— Sua vag... — Mia ameaçou partir para cima dela e eu a segurei, enquanto Anitta a cortava:

— O que é? Você acha mesmo que o fato de ter lhe jogado verde significa que eu estivesse blefando sobre o que eu disse? Não, mesmo. Aproveitei-me muito daquele corpinho delicioso que Henrique tem. *Carpe Diem*, queridinha. — Anitta terminou de falar e riu, antes de nos deixar ali com cara de tacho.

*Caralho! Ela apenas acabou de confirmar que realmente ficou com ele!*

Sua afirmação poderia passar batida para qualquer pessoa, mas não para nós dois que sabíamos o significado implícito do que ela havia dito. Henrique fez quando ainda tinha dezesseis anos a sua primeira tatuagem. Embora hoje ele não as esconda mais, na época em que a fez, ele teve que fazê-la escondida por ainda ser menor de idade. E é exatamente aí que entra o problema, Henrique tem tatuado na virilha a frase “Carpe Diem”. O que só significa uma coisa: Para que Anitta saiba disso, ela teria de vê-lo nu.

*Sim, caralho! Ela esteve com ele!*

— Depois dessa bomba que essa cadela jogou na minha cara, você ainda acha que eu devo sentar para conversar com aquele idiota? Não mesmo! — falou e eu fiquei sem reação quando limpando suas lágrimas, ela finalmente entrou em sua casa.

*Porra! Agora as coisas entre eles só vão piorar ainda mais!*



# Capítulo 4

## Sophia

Na manhã seguinte, todos os “moradores” do prédio estavam reunidos para o café da manhã na casa de Luca. Dei muita risada com Luca, Thiago, Henrique e Léo. Léo apesar de ser mais contido que os outros três, também era de uma simpatia sem tamanho e logo me vi adorando sua pessoa. Mesmo que ele tivesse a mesma idade que Mia, vinte e seis anos, ele sempre foi muito mais na dele. Era além de reservado, mas estudioso, aplicado. Motivo pelo qual Mia vivia grudada a Luca, Henrique e Thiago, que pelo que já soube não paravam de aprontar. Léo era advogado e no momento estava solteiro, o que era realmente uma lástima por ele ser esse cara tão bonito e simpático. Ele confidenciou-me que havia terminado há pouco tempo com a namorada de pouco mais de dois anos. Disse que eram incompatíveis. Henrique, que não podia perder a piada, disse que era desculpa dele, porque não existe mulher que não seja compatível com um pau que sabe o que fazer. Não preciso dizer que tentei, mas acabei rindo muito do seu comentário.

Depois do café, fui me arrumar, pois Luca havia dito que iríamos a um lugar antes de irmos visitar Sr. Enrico no hospital. Perguntei aonde, mas ele apenas desconversou e o local do nosso destino permaneceu desconhecido para mim. Como eu não sabia o que vestir e não tinha muitas opções além das roupas que havia levado para viajar, coloquei uma blusa ciganinha amarela, uma saia curta de babados florida e uma plataforma na cor preta.

Enquanto Luca resolvia algumas coisas de trabalho por e-mail, resolvi ler um livro que eu estava lendo através do aplicativo Kindle no celular. Estava perdida com a história da mocinha, dei-me conta que estávamos chegando a um bairro de classe baixa, em que eu já poderia ver que levava para um morro bastante conhecido do Rio de Janeiro. Não estava entendendo muito bem aonde Luca estava nos levando, até que o carro finalmente para. Havíamos parado em frente a um local que parecia ser uma escola bem grande, que destoava dos demais imóveis, pois tinha uma estrutura completamente diferente do restante da vizinhança. Olhei ao redor, ainda sem saber o que estávamos fazendo aqui.

Paralisei ao dar-me conta do porquê. Chocada é a palavra que me define, assim que li a placa a frente: *Casa Beneficente Mariah Paola Campanaro*.

— Luca? Esse Instituto você criou? — pergunto, um pouco surpresa.

— Sim e não. — ele responde, enquanto olha para o prédio contente e parecendo orgulhoso. — Minha mãe ajudava a comunidade. Então quando ela faleceu, resolvi apenas dar continuidade ao

trabalho dela. Nada mais justo ter seu nome aqui, não acha?

Não pude conter o meu orgulho desse homem ao ouvi-lo. Luca realmente era maravilhoso, em todos os sentidos. Era tão altruísta e se preocupava realmente com o próximo, isso constatei tão logo nos conhecemos, mas ainda assim ele conseguia me surpreender cada dia mais. Dou um beijo nele tentando demonstrar um pouco do que estou sentindo quanto a isso. Se eu já tinha orgulho pelo que lia sobre seu trabalho beneficente, agora de frente ao pouco que sei que ele faz, sinto ainda mais.

— Vamos entrar. — fala, me puxando alegremente.

— Vamos. — retribuo com um sorriso.

As portas estão abertas e não consigo entender bem o porquê, principalmente por que hoje é domingo e normalmente esse tipo de instituição funciona apenas durante os dias da semana. Dando uma rápida olhada ao nosso redor, pude ver que a área do local realmente era muito grande. A primeira vista, parece ser uma escola particular daquelas bem caras. Um jardim bem cuidado e extenso, com as mais variadas flores. Um prédio com quatro andares repleto de janelas. Um lugar muito bem projetado em todos os sentidos da palavra.

Seguimos adiante do portão e entramos numa espécie de área aberta, o que parece ser uma garagem, mas com proporções bem grandes, apesar de não haver nenhum carro e sim banquinhos de jardim daqueles tipos rústicos, além um pequeno parquinho. Assim que passamos pela primeira porta do que me parece ser uma recepção, avistamos uma senhora, que segurava uma criança nos braços enquanto falava ao telefone. Ela parece ficar surpresa com nossa chegada repentina, mas parece feliz ao nos ver diante dela. Ela fala mais alguma coisa ao telefone, antes de desligar.

— Dr. Luca. Que bom vê-lo aqui mais uma vez. — ela diz, cumprimentando Luca com um abraço apertado. — Por que o Senhor não nos disse que viria? Poderíamos ter preparado alguma coisa para sua chegada. — afirma, ainda sorrindo.

— A senhora sabe que não precisa, Dona Sônia. Vim aqui trazer Sophia para conhecer o Instituto. — me puxa mais para ele, antes de continuar: — Dona Sônia, essa é Sophia, minha noiva.

Dona Sônia se vira para mim e sorri para mim com carinho. Ela é uma senhora de meia idade, com certeza acima dos sessenta, mas tem aquele olhar carinhoso ‘de mãe’ sabe? Parece ser fofa, e seu corpo rechonchudo só reforça nossa impressão. Ela vestia-se com um vestido azul marinho até o joelho e seus cabelos já meio grisalhos, estavam presos em um coque.

— Prazer em conhecê-la, Dona Sophia. — diz, ao me cumprimentar.

— O prazer é todo meu, Dona Sônia. Mas por favor, pode me chamar de Sophia. — digo, tentando ser simpática.

— Amore. — Luca me chama atenção de volta a ele. — Dona Sônia é diretora da casa. Ela

começou a trabalhar conosco, ainda na época em que minha mãe começou a ajudar a comunidade. Definitivamente não existiria o Instituto se não fosse por ela.

— Sêrio? — pergunto contente. — Que bom!

— É verdade, comecei há muitos anos com ela. Mas não posso levar tanto crédito, apenas ajudei a dar continuidade a um projeto que merecia sair do papel. Dona Paola, era maravilhosa com as crianças da comunidade. Se ela hoje pudesse ver o que Dr. Luca faz para continuar com seu trabalho, ela com certeza ficaria orgulhosa. Melhor dizendo, tenho certeza de que ela está orgulhosa onde está. — ela afirma sorrindo afetuosamente para meu noivo e eu não tenho como não fazer o mesmo.

— Não faço o mínimo do que eu sei que ela faria. — ele diz emotivo, mas parecendo contente com o que ele ouviu dessa doce senhora.

— Mas que bom que você vieram. — D. Sônia fala, quebrando um pouco o clima emotivo que havia se instaurado ao recordarem-se da minha falecida sogra. — Hoje temos bastante gente na casa. Eles estão se preparando para a festa da Instituição.

— Que bom! Podemos dar uma olhada, D. Sônia? — Luca pergunta, agora realmente ansioso.

— Claro, seu Luca. A casa é sua. — ela responde, afetuosamente.

D. Sônia começou a explicar o que eles estavam fazendo, quando o celular de Luca começa a tocar. Ele tira o aparelho do seu bolso e olha meio descontente para tela. Pelo olhar cerrado que ele dá, sei que não é algo que ele queira lidar agora, ainda assim ele desliza o dedo para atender a ligação.

— Sim. — atende, ouvindo quem está do outro lado. — Um momento. — avisa, afastando o aparelho do ouvido, se dirigindo a nós duas. — D. Sônia, você poderia ir mostrando a casa para Sophia? Eu realmente preciso atender essa ligação. — ele se vira para mim, me dá um beijo e fala. — Desculpe, *baby*, mas eu realmente preciso atender. Daqui a um minuto me junto a vocês.

— Tudo bem, Dr. Luca. Pode ficar à vontade em usar o escritório, para o Senhor falar mais à vontade. — ela se vira para mim sorrindo e fala. — Vamos conhecer a Casa, Sophia?

— Claro! — respondo realmente animada, depois de ver Luca entrando em uma sala que deve ser o escritório o qual D. Sônia falou.

Nós começamos a caminhar por um corredor que contém algumas salas. Encontramos uma moça um pouco mais nova do que ela, mas vestindo um vestido igual ao seu, o que me leva a cre que deve ser a farda do Instituto. Ela entrega a menininha linda que estava dormindo em seus braços para a moça, antes de se virar para mim e começar a falar:

— Essas seis salas aqui, são as salas mais extensas que temos na casa. Elas são usadas para

aulas de música. Temos cerca de seis modalidades musicais para os filhos da casa, que são ministradas duas vezes na semana por professores capacitados.

Dona Sônia abre uma das salas e eu aproveito para olhar tudo atentamente. Realmente a sala é grande e tem cerca de 50 cadeiras, além de um mini palco. Quando começo a caminhar pelos instrumentos musicais, não me contenho de entusiasmo, porque já se sabe que eu adoro música e começo a analisá-los com atenção.

— O que de fato faz o Instituto? — pergunto, clicando nas teclas do teclado desligado.

— Bom. — ela começa, parecendo um pouco surpresa pela minha pergunta inocente. — Tudo. — diz sorrindo carinhosamente.

— Tudo? — repito, mais surpresa ainda.

— Sim. Quase tudo que podemos fazer para ajudar a comunidade, fazemos aqui. — ela dá de ombros, com um enorme sorriso. — Para você entender melhor, vou resumir um pouco o que a Casa faz. Oferecemos aqui desde creche para bebês e crianças fora da idade escolar, para que seus pais possam ter a oportunidade de trabalhar; à aula de música; capacitação profissional; reforço escolar; escolinha de esportes; oficinas de aprendizagem; atendimento médico; almoço popular e distribuição de cestas básicas para comunidade. — fala de uma só vez.

*Céus! Esse lugar é real?*

Fico completamente sem fala, enquanto escuto tudo isso. Isso era de fato realmente importante para essa comunidade. Não apenas para comunidade, mas para o povo em geral. Era algo que, apesar de saber tão pouco, já pude sentir ser era algo que Luca fazia com prazer. Tanto que pude notar que ele me trouxe aqui com o intuito de mostrar-me algo que para ele era definitivamente especial. E pela forma orgulhosa com que D. Sônia está me dizendo, não tenho a menor dúvida do quanto isso tudo era importante para todas as pessoas que participavam desse projeto tão lindo. Direta e indiretamente.

— Dona Paola. — ela continua, enquanto saíamos da sala de música e continuávamos andando. — Comprou um pedaço desse terreno antes de falecer, para que ela pudesse abrir uma casa de apoio para os moradores. Todos gostávamos muito dela, porque ela era muito participativa e ajudou muita gente por aqui. Quando ela morreu, fez muita falta para a comunidade, e ainda faz, pois ela era realmente muito presente. Eu e muita gente chegamos a achar que não teríamos mais uma pessoa a fim de levar adiante o trabalho tão lindo que ela fazia por todos. Mas estávamos enganados, Dr. Luca tomou a frente e vem cuidando de nós desde então. — diz com carinho e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Nossa, D. Sônia, bem, o que posso dizer... — gaguejo. — Eu estou encantada com tudo isso.

Luca comentou algumas vezes sobre ajudar Instituições, mas eu não tinha ideia do quão envolvido ele estava nisso. — confesso, sinceramente.

Nesse momento, já estávamos passando em outro pátio coberto. Esse local continha brinquedos para crianças menores espalhados por cada canto. Eu não precisei ser muito inteligente para deduzir que ali deveria ser a ala para crianças menores.

— A senhora não tem noção do quanto ele está envolvido. Além da contribuição financeira, que de fato é de vital importância, ele também contribui socialmente. Sempre vem visitar, brincar e participar da vida das pessoas da casa.

*Não disse? Tem como ser mais especial?*

D. Sônia falava com tanto carinho e ternura sobre meu noivo, que a história sobre esse lugar me comove cada vez mais. Sei que tudo isso foi iniciado pela sua mãe, mas com certeza Luca é de vital importância para vida da comunidade, não tem nenhuma maneira de como negar isso.

— Aqui é a nossa creche. — ela aponta para o local onde estamos. — Atendemos crianças em idade não escolar, dos quatro meses aos quatro anos de idade. Boa parte dessas crianças, ficam em tempo integral, para que seus pais possam trabalhar. — explica.

— Então basicamente essas crianças crescem aqui no Instituto, não é? — pergunto, interessada.

— Sim. Pois ainda que eles saíam da creche, eles continuam a frequentar a Casa para outras atividades. Como esportes, aulas de música e etc. — explica.

— Isso é importante demais, D. Sônia. — digo, sentindo uma paz por saber que existem lugares assim.

— É sim, Sophia. Praticamente 90% dos jovens que crescem aqui, permanecem aqui. Muitos que saem, continuam vindo nos ajudar. Ajudam a passar um pouco do que tiveram a oportunidade de ter aqui.

— E o restante...

— Sim. Alguns saem por ter que trabalhar, para sustentar a família. Mas outros saem daqui, porque realmente escolhem o lado errado e se envolvem com o tráfico. Apesar de que, já tivemos ‘filhos da casa’ que foram mortos pelo tráfico, mas não estavam ligados a ele, eram apenas vítimas inocentes. — confessa com pesar.

— Nossa! Isso é realmente triste. — meu coração aperta ao ouvir isso.

Era verdade. Apesar de sabermos que histórias tristes assim acontecem todos os dias, é diferente quando ouvimos testemunhos verdadeiros.

— Sim, é. Principalmente quando a gente se torna um pouco ‘mãe’ deles. — ela afirma, tristemente.

— Eu imagino, D. Sônia. — tento mudar um pouco a conversa, porque vejo o quanto ela realmente parece triste em recordar-se sobre o assunto, isso realmente mexe com ela. Tento então, satisfazer mais uma vez minha curiosidade. — Mas me responda uma pergunta, D. Sônia. Por que as portas daqui estavam abertas? — ela sorri ao ouvir minha pergunta.

— Faz parte do que D. Paola nos ensinou, Sophia. — ela sorri ainda mais. — Toda comunidade chamava ela de ‘Mãe’. Nunca precisamos nos preocupar com segurança aqui, porque todo mundo respeita o seu próprio espaço. Temos cerca de cinquenta computadores para aulas de informática, instrumentos musicais caros e muitos outros bens de valor. Mas nunca levaram nada daqui. Aqui é a casa deles, construída para eles. Eles sabem disso. Eles podem vir e voltarem quando quiserem. Resumindo: Aqui é o Lar deles, as portas sempre estarão abertas. Independentemente do dia, da hora e do por que.

Antes que eu perceba, lágrimas começam a cair sobre meu rosto e me vejo chorando de emoção. É tudo tão forte, tão indescritível, que é difícil aceitar que um lar como esse, que foi feito com tanto amor para realmente ajudar as pessoas, existe. É tudo cheio de amor em todos os detalhes, é prazeroso de se ver, ouvir e de presenciar não apenas o sentimento de amor que está empregado ali, mas também o de respeito que a comunidade toda exerce sobre o mesmo. Isso é tão raro de se ver.

— Vem cá. — ela me abraça e sinto mais uma vez a ternura de uma mulher que acolhe essa comunidade todos os dias e faz com que se sintam em casa. — Você se acostuma. Todos aqui vivem como uma família. Somos uma família.

— Eu sei. — falo com a voz rouca, tentando ainda conter o choro preso em minha garganta. — Só estou emocionada com a história desse lugar. Pelo que isso aqui representa na vida das pessoas. Talvez eu não esteja acostumada a ver tanto disso por aí.

— Eu sei. Infelizmente, nem todos são como a família Campanaro. — ela concorda, se afastando de mim para poder limpar as lágrimas do meu rosto afetuosamente.

— Verdade. — falo, pensando bem.

— É. D. Paola, como a Sra. já deve imaginar, era em toda bondade e dedicação sem tamanho. Luca e Mariah, até Dr. August, continuaram com o trabalho dela e dão a chance dessas crianças aprenderem e serem alguém um dia.

— Mariah também ajuda? — pergunto, mais uma vez surpresa.

— Ah sim! Mariah é maravilhosa. — concordo, porque já a conheço o suficiente para saber. — Ela vem pelo menos uma vez ao mês dar aulas de Culinária para os jovens e para seus pais. A cada seis meses, ela escolhe os dois alunos destaques para ganharem uma bolsa de estudos em



gastronomia na Itália.

— Que coisa mais legal! — exclamo maravilhada. — Mariah é ótima mesmo. Mas eu também não imaginava o quanto Luca e ela estavam empenhados nisso.

Depois de passarmos por mais algumas salas, seguimos e passamos em frente a uma enfermaria. Depois de andarmos mais um pouco, viramos à direita e desembarcamos em um enorme espaço aberto. Ali continha mais um parque com balanços, escorregadores, casinhas de boneca e etc. Mais adiante pude ver duas pequenas quadras de esporte e uma piscina cercada. Mais ao fundo, um pequeno prédio de dois andares e mais uma enorme área para que as crianças pudessem brincar.

— Ali atrás. — D. Sônia explica, apontando para o prédio verde e azul de dois andares. — É o que chamamos de 'Lar doce Lar'. Eu e mais alguns funcionários moramos aqui. Mas o 'Lar doce Lar', também foi feito para abrigar adolescentes que estavam nas ruas. Ou até mesmo para aqueles que querem largar as drogas e o tráfico, e nos pedem ajuda para tratamento de dependência. Também temos algumas meninas que foram expulsas de casa, quando seus pais ou até mesmo namorados, descobriram que estavam grávidas.

— Sério? E elas moram aqui? — pergunto, triste.

— Sim. Normalmente, as meninas da comunidade que passam por esse tipo de constrangimento nos procuram. Nós tentamos remediar a situação, chamando seus pais ou namorados para conversar. Tentamos de alguma forma aconselhar. Fazemos algo como uma terapia em família. Mas algumas meninas infelizmente não têm tanta sorte e acabam vindo parar aqui por não terem mais para onde ir.

— Deve doer demais. — falo, sentindo uma dor ao pensar que poderia ter sido assim comigo. — Também engravidei quando era adolescente, felizmente meus pais sempre estiveram ao meu lado. Minha filha tem quase seis anos.

— Sophia. — ela sorri com minha confissão. — Talvez você possa vir depois, conversar com algumas delas, em uma próxima oportunidade. Se você quiser, é claro.

— Eu? — pergunto, surpresa com a oferta. — Eu adoraria... Er... Mas o que eu poderia dizer a elas? — ela ri carinhosamente pela minha pergunta.

— Sua história. Sei que você provavelmente teve mais condições financeiras do que elas, mas ainda assim você é mãe. Foi mãe ainda cedo como elas. Deve ter feito faculdade, não?

— Sim. Fiz sim. — respondo, ainda sem entender muito bem no que eu poderia ajudar as meninas que estavam ali.

— Pois é, Sophia. Aí está o ponto. Mesmo você tendo condições financeiras, você mesmo tendo uma filha, se formou, batalhou para isso acontecer, né? Você optou por isso, ao invés de ficar

sentada, esperando as oportunidades acontecerem, entende? Às vezes, elas precisam ouvir apenas algumas palavras, verem de perto a experiência de alguém que passou por isso e venceu, para perceberem o quanto é importante que a gente lute na vida. Nem sempre é fácil, eu sei, mas temos que tentar, mas ouvir da boca de alguém que já esteve na mesma situação que elas, pode fazer toda a diferença.

— Conte comigo para o que precisar. No que puder ajudar, D. Sônia, estarei aqui.

\*\*\*

Depois de um tempo, Luca se juntou a nós duas e ficamos acompanhando os ensaios das crianças e adolescentes. Não fiquei surpresa ao ver Luca brincando com algumas delas depois de um tempo. Eu sabia o quanto ele poderia ser maravilhoso, mas a cada dia que passava ao seu lado, ele conseguia fazer com que minha admiração por ser esse homem incrível aumentasse tanto quanto meu amor por ele. Era realmente um sonho de homem.

Vendo-o assim, entregue a causa, sorrindo, brincando como ele adorava fazer com a Giovanna, me peguei novamente pensando em quando tivermos mais filhos, o quanto vai ser bom trazer nossa família para participar desse lugar tão acolhedor. Desejei que minha filha e nossos futuros filhos pudessem crescer sabendo a importância de fazer sua parte e tentar fazer a diferença na sociedade. E eu inconscientemente desejei que isso acontecesse tão logo para que pudéssemos desfrutar de momentos assim.

Saímos depois de almoçarmos com as crianças. Comemos uma feijoada deliciosa, vale ressaltar. Pedi até bis, porque fiquei babando querendo mais. Saí de lá com um sorriso enorme no rosto e uma paz no coração. Parece ser um clichê que as pessoas dizem que quando fazem esse tipo de visita a instituições de caridade, mas a verdade, é que eu realmente sai de lá outra. Não sei dizer se outra palavra define, porque até agora, essa foi a que melhor se encaixou em como me sinto depois dessa experiência.



# Capítulo 5

## Sophia

Quando saímos de lá, já era tarde e seguimos direto para o hospital, para esperarmos o horário de visitas. Apesar da aparência cansada, todos da família *Guiotto*, *Ferraz* e *Campanaro*, estavam presentes em peso na sala de esperas, ansiosos à espera do médico liberar a entrada de todos para o quarto do Sr. Enrico. Quando chegamos lá, descobrimos que ele já estava se alimentando normalmente, após ter cumprido o jejum pós-operatório. Infelizmente o tempo de visitas era curto e o médico liberou a entrada de apenas dois de cada vez, para que não tumultuasse e o deixasse agitado. Mas garantiu que poderia ter a permanência de um familiar para passar a noite com ele. Tia Socorro prontamente se ofereceu para estar com seu sogro, pois alegou ao marido e filhos, que eles estavam cansados e ela teria mais jeito com ele, caso tivesse necessidade de cuidados. Colocando desse jeito ninguém contestou.

Luca e eu deixamos os outros irem na frente e fomos os últimos a entrar para visitá-lo. Sr. Enrico estava deitado na sua cama, enquanto ria de alguma coisa que Henrique dizia, pois ele aparentemente havia burlado as ordens médicas e fugido da enfermeira, permanecendo dentro do banheiro, para que não precisasse sair do quarto durante as trocas de visitas. O apartamento confortável em que ele estava acomodado tinha flores espalhadas pelo ambiente e meu olho logo bateu sobre alguns livros que estavam em cima do seu criado mudo, localizado ao lado da cama dele.

Sr. Enrico Guiotto era um senhor de idade, com os cabelos bastante grisalhos e olhos azuis cinza brilhantes e lindos. Ainda que ele fosse mais velho, era definitivamente muito charmoso, o que me fez imaginar o quão bonito ele não deveria ter sido quando era mais novo. Assim que notou nossa presença, ele nos olhou e sorriu, um olhar sereno e sorriso genuíno que pude sentir que ele realmente era a pessoa especial que todos já haviam dado provas que fosse por tamanha preocupação que todos têm tido desde que chegamos.

— Olha quem chegou. Eu estava me perguntando quando é que você me apresentaria para sua menina, Luca. Já estava começando a achar que você estava com medo de perdê-la para mim, garoto. — ele disse, nos fazendo rir e pegou minha mão para beijá-la.

— Um prazer conhecer o senhor, Senhor Enrico. — eu disse, com o rosto ardendo de vergonha.

— O prazer é meu, por conhecer uma menina tão *bella* e encantadora como você, minha querida.

— ele disse sorrindo.

— *Nonno*, assim você vai assustar a musa dele. — Henrique brincou.

— Longe de mim, meu filho. Luca deve saber que eu só tenho olhos para *mia* querida Fiorella. — sacudiu as sobrelanceiras e os meninos riram.

*Ah velho safadinho! De olho na Nonna, hein?*

— O problema é o senhor convencer a velha disso. — Henrique afirmou.

— Acredite, meu filho, estou tentando há mais de quarenta anos. — brincou, soltando um suspiro longo, fazendo-nos rir novamente.

— Acho que o senhor está no caminho certo, Seu Enrico. Porque *Nonna* ficou doida quando soube o que aconteceu com o senhor. Ela chega amanhã cedo. Não tenho dúvidas de que ela vai querer tomar o lugar de tia Socorro aqui ao seu lado. Com certeza ficará cuidando do senhor e não arredará o pé do hospital até que tenha alta. — Luca disse, antes de dar uma gargalhada e seu Enrico se ajeitar todo na cama, como se essa notícia tivesse sido um combustível para sua saúde.

— Henry... Já sabe. — disse sério, olhando para o neto, que franziu o cenho. — Anote aí o que você vai trazer para mim lá de casa: Como não dá para trazer minha vitrola, traga um microsystem e os cds de Ray Charles, Stevie Wonder... Não esqueça também meu “patapata”, minha brilhantina, minha cera de bigode e o meu perfume preferido... Ah! Já ia me esquecendo! Pegue também o livro de poesias que está na gaveta do criado mudo, que fica ao lado da minha cama. — ele enumerou, deixando-nos atônitos.

— Está falando sério, Nonno? — Henrique perguntou.

— Claro que estou! Nunca falei tão sério em minha vida! Eu quase morri, meu filho, se eu não conquistar essa mulher agora, eu não vou conquistar mais é nunca no pouco resto de vida que ainda tenho! Então anote tudo para não esquecer nada! — disse sério.

*Oh meu Deus! Ele está mesmo disposto a conquistar a Nonna!*

— O Senhor tem a minha benção, Seu Enrico. — Luca disse, com um sorriso carinhoso no rosto.

— Fico feliz em saber, garoto. Só resta eu convencer aquela mulher teimosa, que posso fazê-la feliz. — ele disse.

*Gente! Posso dizer que estou apaixonada?*

Ficamos mais alguns minutos com ele e ele era de um carisma e uma simpatia sem tamanho. Descobri que ele foi um dos maiores influenciadores de Luca e Mia à leitura. Ele me contou o quanto Luca deu trabalho antes de mim e eu tive que rir de muita história que ele contava de todos os meninos. Era muito legal ouvir histórias de todos no ponto de vista de uma pessoa mais velha. Parece que eles carregam mais informações do que os mais novos e ele então me encantou com sua astúcia

e inteligência.

Sr. Enrico era sem sombra de dúvidas um avô babão e não se conteve em elogiar a Mia, Henrique, Léo, Lorena e os dois netos mais novos dele, Lia e Vittoriozinho. Fora que ele também foi só elogios a Luca, Thiago e Mariah, que ele me disse que também os tinha como netos.

Mas o que realmente me chamou a atenção durante todo o tempo em que estávamos com ele, é que ele realmente era apaixonado por Nonna. E não parecia nem um pouco envergonhado em esconder seus sentimentos. Muito pelo contrário. A maneira que ele falava sobre ela, fazia os olhos azuis dele brilharem de uma forma inexplicável. Sempre achei lindo casais mais velhos, porque para mim o amor mais maduro era sempre mais puro, sem impedimentos, sem restrições. Depois de meia hora com ele, comecei a torcer para que dessa vez realmente desse certo com Nonna e eles pudessem ser felizes juntos. Nonna passou quase toda a sua vida sozinha e nada mais do que justo que ela terminasse sua vida ao lado de alguém que a amasse exatamente como ela merecia.

\*\*\*

No final da tarde tivemos uma saída de meninas. Eu, Mariah, Mia e Lorena. Lorena era a melhor amiga de Mariah e elas tinham a mesma idade. Ela era morena, um pouquinho mais baixinha do que eu, mas só vivia com saltos estupidamente altos. Seus olhos eram de uma cor de mel esverdeado, que eu nunca vi mais lindo. Ela era supersimpática, tagarela que só, mas eu a adorei de cara. Ela e Mia tinham uma cumplicidade sem tamanho, pareciam realmente irmãs de almas como elas diziam ser.

À noite fomos todos jantar juntos na casa de tia Socorro e foi aquela bagunça. Conheci os irmãos mais novos de Mia e Henrique e eles eram uma graça. Vittoriozinho tinha uns onze anos e era um menino moreno claro, com os olhos e cabelos castanhos escuros, mas era a cara de Henrique. Eu imaginei que ele fosse exatamente assim quando teve a sua idade e comentei com Luca. Qual foi minha surpresa quando Luca concordou comigo, mas confessou que Vittoriozinho era adotado? Fiquei completamente embasbacada.

*Gente! Era muito igual!*

Depois então que eu vi uma foto de Henrique na sala, com mais ou menos sua idade, fiquei ainda mais surpresa. Luca disse que eles realmente se parecem demais, que inclusive o jeito de ser dele é o mesmo que Henrique tinha.

Lia era uma princesa. Ela tinha quase nove anos e soube que a gravidez de Lia foi um susto para todos, porque eles tinham acabado de conseguir a guarda provisória de Vittoriozinho quando Socorro descobriu que estava grávida. Ela era uma mistura de todos, tinha os traços delicados e bem feitos como os de Mia, além dos seus olhos incrivelmente azuis e seu sorriso. Mas seus cabelos eram escuros e ela tinha um ar de menina levada sabe? Luca disse que o nome dela era a

combinação do nome de Mia e a letra inicial de Lorena. Achei superfofo. Aparentemente ela seguiu os passos de Mia e sempre estava presente em concursos de beleza. Ela realmente adorava fazer isso e falava com orgulho. Muito linda. Era realmente uma princesa.

A noite foi muito agradável, mas cheguei em casa praticamente morta do dia longo que tivemos. Mas isso mudou no momento em que aqueles olhos azuis olharam para mim.

## *Luca*

Eu me sentia em uma zona de guerra. Sabia que o reencontro de Mia e Henrique estava mexendo com ambos, só que parecia que a qualquer momento a bomba entre eles ia estourar. E eu não digo isso apenas porque Henrique se manteve com seu jeito natural provocativo de ser, lançando indiretas mais do que diretas para cima de Mia durante o jantar, mas principalmente pelo fato dela não ter rebatido uma só vez como ela costumava fazer. Isso só queria dizer uma coisa: ela estava se segurando e uma hora ou outra as coisas entre eles vai estourar.

Embora eu fosse um cara naturalmente preocupado com o bem estar dos meus amigos, eu sabia que esse não era o momento de me colocar entre eles, até porque eles eram adultos e sabiam muito bem o que faziam. Bem, na maioria das vezes pelo menos. No entanto, eu tinha uma preocupação maior do que essas idas e vindas dos meus melhores amigos, e a minha preocupação se chamava Sophia.

Desde que chegamos ao Rio, venho tentando de uma forma ou de outra fazê-la esquecer dos problemas que temos que enfrentar, principalmente um problema chamado Jessica. Só que quanto mais o tempo passava, mais eu achava que os problemas estourariam na nossa cara e por isso temia por nós dois.

Durante toda a noite ignorei as ligações de Jessica. Eu nem sei porque eu ainda não havia bloqueado seu número ou entrado com uma ordem de restrição como eu havia feito com Sophia, para que ela não se aproximasse, mas eu simplesmente não fiz. Quando eu não estava perto de Sophia inevitavelmente acabava atendendo-a, mas era sempre a mesma história.

Eu só queria que esse pesadelo acabasse. Que ela me deixasse em paz. Seguisse em frente. Que ela me esquecesse. Eu era uma pessoa calma. Não era um homem de perder o controle facilmente, mas a cada vez que ela me pressionava com essa história de filho, mais ela me deixava mal.

Agradei aos meus amigos por estarem me ajudando na empreitada de mantê-la entretida e fiquei satisfeito que ela aos poucos parecia começar a relaxar. Chegamos em casa depois de um longo dia, mas embora eu soubesse que precisava descansar depois de tantas noite insones, eu

também precisava senti-la. Era o lugar onde eu precisava estar.

*Eu estava com quase trinta anos de idade e quando se tratava se Sophia me sentia como um adolescente. Mas quem me julgaria por tamanha perfeição diante de mim?*

Os meus lábios tomam os seus lábios doces. Minhas mãos deslizam pelo teu corpo gostoso, meu tato sentindo o calor da sua pele, despindo-a, tomando seus seios com as mãos. Beliscando seus mamilos rijos. Minhas mãos logo encontram um novo caminho, descendo até suas coxas, para que eu possa lhe tocar e pressioná-la ao meu corpo, para que ela sinta minha vontade e mais do que isso, a minha necessidade dela.

— Luca. — ela geme meu nome e nessa hora meus lábios tomam seus seios e minha língua brinca com seus mamilos.

As mãos de Sophia abrem as minhas calças, enquanto nossos lábios se conversam loucamente e é a minha vez de gemer quando sinto suas delicadas mãos em meu pau, que agora pulsa em suas mãos enquanto o acariciam. Enquanto volto a beijar-lhe a boca, minhas mãos abusam de seu bumbum gostoso, apertando-o, precisando senti-la cada vez mais.

Não podendo mais me conter, viro-a de costas pra mim, sua bunda se aconchega em minhas coxas e minhas mãos se encaixam nos seus seios, enquanto meus lábios se divertem em sua nuca. Devagar afasto a calcinha dela e começo a roçar meus dedos em sua boceta molhada, pronta para mim. Ofegante em seu cangote, os meus dentes encontram sua orelha e as morde levemente, fazendo com que ela rebole quase que automaticamente contra mim.

Eu já não suportava mais minha necessidade dela, meu pau invade seu canal apertado, fazendo seu gemido cobrir todo o ambiente da sala ou além, meu gemido acompanhando seu corpo e eu quase enlouqueço quando ela diz:

— Hum... Enfia tudo. Assim você me deixa louca!

O barulhinho do meu pau se lambuzando nela completamente, juntamente com a sinfonia de nossos gemidos, me deixa insano. Abaixo-a no sofá, antes de pô-la de quatro para mim, seu bumbum maravilhoso me chamando como sempre, me deixando a ponto de gozar apenas com a sua visão. Tentando controlar meu êxtase, meto toda a extensão do meu pau, mergulhando no meu caminho do prazer.

— Puta merda! — rosnei, quando a senti em volta de mim.

Eu tive que parar um segundo para não gozar. Ela era gostosa demais. Era meu encaixe perfeito. Tão deliciosa que eu precisava respirar para não perder completamente o controle, antes de voltar a penetrar-lhe em ritmo enlouquecedor. Ao mesmo tempo em que um tapa chega ao seu bumbum empinado, puxo seu cabelo, trazendo-a mais próximo a mim, nossos gemidos são altos enquanto



invisto contra ela.

Diante do meu amor me dispo de toda compostura e me deleito por ela. Ignoro a decência, não dou ouvidos a falsa moral, aos problemas que temos que enfrentar. Sou só tesão e o prazer agora. Sou apenas o amor da cabeça aos pés.

Ao passo que continuo estocando, meus dedos brincando com seu clitóris, ondas me percorrem causando um tremendo frenesi. Beijos e carícias se sucedem e a volúpia nos domina por completo.

As reações da minha mulher, seus gemidos, me encorajam a prosseguir. Sophia me olha com paixão, admiração e desejo sem igual e eu tenho certeza que ela pode ver as mesmas coisas refletidas em meus próprios olhos. Agora estou entregue e por alguns instantes eu serei apenas dela. Essa mulher que me domina, que me possui e me perverte, me tornando seu naquele e em todos os outros momentos. A sinergia é completa enquanto a preencho. Sensações incontáveis são vividas, e tudo converge para um único objetivo: o prazer.

Vários desejos e fantasias se desenrolam na cabeça de cada um, gemidos e sussurros são a trilha sonora que nos elevam as sensações ao ápice. É como uma explosão que o orgasmo nos vem. Sob os olhares da mulher que amo e que escolhi para amar o resto de minha vida, sinto-a se perder.

Agora enquanto ela convulsiona ao redor do meu pau, quase tudo está completo, repleto. Continuei estocando, precisando, querendo tirar mais dela. Querendo lhe proporcionar mais prazer. Ela não demorou a vir de novo, e quando veio foi sublime. Tremores meus e dela quase juntos e só uns poucos movimentos para que estejamos plenos e satisfeitos. O gozo é a recompensa que todos buscavam. E eu gozo como um louco.

Saciados e felizes pela cumplicidade, nos beijamos calorosamente, ela deita-se sobre mim como um bebê, aninhada em meus braços. Aperto-a forte contra mim. Nós dois cansados, satisfeitos, mas ainda assim sedentos por mais.

\*\*\*

Ela acordou gritando em um pesadelo. Tentei conversar com ela, mas ela fazia apenas chorar. Acalmei-a em meus braços, cantarolando uma canção qualquer. Sentindo-me impotente por não poder evitar que ela se sentisse assim. Quando mais tarde Sophia enfim adormece novamente, mais uma vez não consigo pregar meus olhos e permito-me velar seu sono. Olhando para ela fico a imaginar como seria o mundo sem tê-la. Olho ao redor, mas nada me vem à mente, apenas alguns fragmentos de pensamentos que parecem insanos e uma sensação de vazio que sei que sem ela jamais será preenchida.

O aperto em meu peito não me deixa dormir e volto de novo o meu olhar para onde Sophia ainda está deitada, parecendo tranquila em seu sono. Olhando para ela assim, parece até uma

criança inocente, mas apenas parece, pois eu bem sei o vulcão que dorme ao meu lado. Meu pau protesta, querendo, precisando de mais, porque ele nunca se cansa dela, parece insaciável. Mas eu sei que minha princesa precisa descansar depois de tanto abusar do seu corpo delicioso. E seria injusto que eu cedesse aos meus desejos depois dela acordar de um pesadelo e quando ela está tão frágil.

Fixo meu olhar nas suas generosas curvas, passo minha mão em sua pele macia e sedosa, olho bem de perto para seu rosto perfeito, venerando-a com meus olhos e mãos, antes de cheirar sua pele, sentindo seu cheiro doce me acalmar. Com ela novamente em meus braços, agradeço a Deus pela mulher maravilhosa, linda, amável e carinhosa que Ele me deu. E que justamente por Ele ter me dado, que não aceito que nosso destino seja de outra maneira. Ela é minha e eu sou seu.

Fecho os olhos tentando tranquilizar a sensação inquietante que se apoderou do meu coração desde o momento que ouvi seu grito, dizendo para mim mesmo que isso vai passar. Que vou mantê-la segura e ela não precisará temer por nada. Que as coisas entre nós se resolverão. Que nós nos amamos e é isso que importa. Que vamos superar tudo. E quase juntamente com o pôr do Sol, finalmente consigo adormecer.

Só não esperava que meu mundo fosse se desestabilizar na manhã seguinte.



# Capítulo 6

## Luca

É engraçado como por mais que a gente tente fazer as coisas darem certo, que se sinta realizado de alguma maneira, há sempre algo tentando boicotar a nossa felicidade. Nós já havíamos passado por tanto, durante o tempo em que estivemos separados, que eu esperava, rezava e implorava que mais nada impedisse que nós vivêssemos nosso amor sem impedimentos e pudéssemos ser finalmente felizes. Mas parece que era pedir demais.

O que passamos eu não desejava para ninguém. Mas doía-me mais ainda saber que a mulher que eu amava havia sofrido por minha causa, mesmo que eu não fosse diretamente culpado pelo ocorrido. Eu quis tanto lhe poupar sobre os acontecimentos que poderiam ter desencadeado aquela maldita noite, que acabei fazendo de certa forma que nós dois sofrêssemos mais.

Mas era aquilo que eu havia dito a ela, Sophia já havia sido traída antes e não seria uma desculpa sem provas que justificariam o que havia acontecido. Não, sempre fui um homem muito correto, nunca menti ou enganei alguém em benefício próprio. Eu sabia que eu tinha a minha parcela de culpa, mas também sabia que eu havia sido drogado, mas como provar para ela o acontecido se certamente haviam fraudado até meus exames?

Ficou claro para mim que alguém não queria nos ver juntos, não queria a nossa felicidade e isso ficou ainda mais claro depois do bilhete deixado após o roubo do seu carro. Isso atormentava-me. Agoniava-me. Mas quem poderia querer isso? Jéssica? Anitta? Alguma outra mulher que passou na minha vida? Erick? Algum concorrente? Ou um inimigo qualquer que eu não faço ideia da existência?

Eu não fazia a mínima ideia e isso era o que mais me atormentava. Pois saber que alguém lá fora está disposto a machucar aqueles que eu amo, me mata por dentro. Sei que nessa situação seria mais fácil que eu abrisse mão dela. Mas eu não consigo. Eu me sinto muito egoísta por não abrir mão do seu amor, mas eu simplesmente não posso pensar em viver uma vida em que ela não esteja ao meu lado. E é exatamente por isso que eu estou tentando a cada minuto, impedir que algo maior nos atinja. Só que a impressão que eu tenho é de que sempre haverá algo tentando nos separar. Só tinha que encontrar um jeito de acabar de uma vez por todas com esse inimigo desconhecido.

\*\*\*

O ramo em que lido, não é necessariamente fácil de se trabalhar como muitos acreditam que possa ser. Ver o potencial em um lugar ou em uma empresa já estabelecida ou até mesmo idealizar

um novo empreendimento, vai além de números contábeis ou investimentos propriamente dito. É também sobre organização, aproveitamento e principalmente sobre visão.

Música sempre foi algo que eu era apaixonado desde muito cedo. Amava cantar e tocar, mas era uma coisa minha, uma coisa para mim. Embora na adolescência eu tenha tido uma fase em que cantava em bares e tenha ficado conhecido por isso, ainda era algo para mim.

Sempre fui bom com números, cálculos era a minha praia. Só que desde muito cedo percebi que eu era bom em outra coisa. Ainda muito novo conseguia enxergar o potencial em um prédio antigo e abandonado. Podia prever o futuro de um local semi remoto. Pensar em soluções para problemas aparentemente sem solução. Quando ainda novo minha mãe percebeu esse “dom”, ela dizia que eu era um visionário. Que como toda nossa família eu tinha tino para os negócios e modéstia a parte, tinha mesmo. Não era à toa que eu estava alguns milhões mais rico a cada hora que passava.

Saber como aproveitar as oportunidades e enxergar as ameaças iminentes, avaliando todas as ideias, investindo em outros segmentos, descobrindo alternativas de crescimento e melhorias na empresa, era o que garantia o sucesso de qualquer empreendimento ou empresa. E eu, juntamente com a equipe competente que tinha, fazia da *Campanaro Empreendimentos* o sucesso que era.

Já dizia o ditado: “O que engorda o boi é os olhos do dono.” E era verdade. Por isso sempre fui extremamente dedicado às minhas coisas, aos meus compromissos. Sempre me empenhei para dar o meu melhor em tudo que eu fazia, me doava completamente. Era uma coisa minha, eu mesmo me cobrava. Só que embora fosse meu trabalho, eu amava fazê-lo.

Mas agora a cada minuto longe da mulher que eu amava, me parecia tempo perdido e eu me via cada segundo mais louco para voltar logo para casa apenas para encontrá-la. Era como se fosse uma necessidade vital. Não me importava o quão louco parecesse, mas simplesmente não queria ficar longe. Tinha medo de que algo lhe acontecesse. Tinha medo que me deixasse.

*Era uma merda!*

Nunca havia sido inseguro dessa maneira. Mas não é insegurança no que diz respeito a minha pessoa, mas sim no que está por vir, porque desde o nosso rompimento eu vivo com medo disso voltar a acontecer. Pode até mesmo ser bobo da minha parte pensar dessa maneira, quando tenho a certeza do amor de Sophia por mim. Mas é exatamente esse o problema, ela me ama demais a ponto de abrir mão de nós dois para que fiquemos em segurança. Só que eu não quero pensar que ela venha a ter de tomar essa decisão. Simplesmente não posso.

Por isso enquanto a reunião seguia seu curso, eu me via perdido em meus pensamentos. Minha cabeça e meu coração estando onde Sophia estava. Estava ainda mais preocupado com ela depois da última noite em que ela havia acordado gritando por causa de um pesadelo. Só queria que

acabasse logo tudo, que cumprisse minhas obrigações para me ver livre daqui. E felizmente aconteceu, apesar de parecer que as horas haviam se passado a passos de tartaruga. Me despedi rapidamente dos empresários que eram sócios de um empreendimento no sul da Bahia, em que eles haviam cedido o terreno para que construíssemos um resort e por causa de uma mudança no projeto haviam solicitado essa reunião.

Estava me aproximando da porta, louco para sair dali, quando ouvi a voz de Carlos chamando meu nome.

— Dr. Luca?

— Hm. Oi, Carlos? — me virei a contragosto.

— Er... Sr. Teria um minuto? — perguntou, meio que gaguejando e eu assenti, apesar de querer negar.

Carlos era o vice-diretor financeiro da empresa há cerca de oito anos e embora ninguém desse nada para ele quando olhava para sua aparência meio desgrehada, a gagueira nervosa que ele tinha quando falava em público, ele era um cara brilhante com números.

— Pode falar, Carlos. Mas, por favor, não se demore, porque quero ir para casa, pois ainda vou viajar hoje para Manaus. — mandei, quando a última pessoa saiu da sala de reuniões.

— Er... Sim, Senhor. — ele disse nervoso, ajeitando os óculos, enquanto colocava uma pasta na minha frente. — Temo dizer que o senhor não irá gostar do que verá aqui. — disse, abrindo a mesma.

Algo me dizia que ele estava certo, mas embora ele tivesse me avisado sobre isso, ainda assim quando comecei a ler o que estava diante de mim me surpreendi. Eu definitivamente já havia tido diversas razões para colocar em prova a honestidade de ambos, principalmente por causa dos últimos acontecimentos. Mas eu jamais acreditei que eles se unissem e pudessem chegar tão baixo. Mas mais uma vez eu estava errado, porque o que eles pareciam ter feito estava além de uma armação para me separar de Sophia. Eles haviam cometido um crime.

## *Sophia*

Depois de uma noite agitada de sono, finalmente consegui descansar e de manhã cedo Luca teve que sair para resolver algumas coisas no escritório e como não queria me acordar, pois eu mal havia dormido, me deixou um bilhete avisando sobre seus planos. Acordei um pouco indisposta, mas como ele já estava muito preocupado comigo, preferi não lhe contar nada. Enquanto não melhorava,

aproveitei para arrumar nossas coisas, pois iríamos viajar assim que ele voltasse.

Meu enjoo só melhorou depois das dez da manhã, quando eu desci e encontrei uma mesa farta de café da manhã, preparada pela diarista de Luca. Havia tantas coisas deliciosas ali, que logo estava me deliciando com um pouquinho de tudo e aproveitei para fazer uma vitamina de abacate, porque eu faltei babar quando vi a fruta no cesto de frutas.

— Mãe, eu tive um sonho hoje. — A Giovanna falava, enquanto eu ainda tomava meu café.

— Foi? É muito bom? Porque se for ruim, sua vó ensinou que a gente tem que contar para a privada. — brinquei me lembrando do que minha mãe dizia e a Gio riu gostosamente.

— Não. Foi muito legal. — riu.

— É? E a senhorita não quer contar para mamãe o que sonhou? — perguntei, morrendo de saudades.

Nunca tinha ficado tantos dias sem ver a Gio. Estava realmente para enlouquecer de saudades. Por mais que ela estudasse em turno integral para que eu pudesse trabalhar, eu fazia questão de estar com ela no restinho de tempo de dia que nos restava. E era justamente nessas horas, no café da manhã, no jantar, que as saudades que eu sentia da pequena apertavam ainda mais.

*Quero minha filha!*

— Eu, você, tio Luca, vovó e o vovô, Tia Mariah e o Vovô August estávamos comemorando meu aniversário. — começou.

— É? Hum... Me conte como era esse aniversário. — perguntei, tentando não rir.

A dona Giovanna só era pequena, mas não dava ponto sem nó, já sabia exatamente onde ela queria chegar com essa história de sonho.

— A gente viajava no avião do Tio Luca. — continuou empolgada. — Estávamos em um parque grande... Como era mesmo o nome? — parou um segundo como se estivesse pensando. — Ah sim! Disney! Estávamos na Disney! — terminou, em uma ótima interpretação e quando ela disse isso, não aguentei e caí na gargalhada.

*Não disse? Minha princesa era muito esperta para o próprio bem!*

Tenho que me lembrar de não mencionar isso na frente do Luca, porque senão é bem capaz dele dar uma de Kenye West e fechar a Disney apenas para comemorar o aniversário da Gio, como ele fez com sua filha com a Kim Kardashian.

— É mesmo? — perguntei, tentando controlar minha vontade de rir.

— Sim. Foi muito legal, nós brincamos em todos os brinquedos. Só que teve uma hora que tivemos que voltar para o hotel, porque meu irmãozinho estava esperando.

Oi?

— Seu o que, Gio? — perguntei estupefata.

— Meu irmãozinho. — disse simplesmente.

*Ai Jesus!*

A Gio sempre quis ter um irmãozinho. Eu sou filha única e entendo isso, também sentia falta e pedia muito aos meus pais. Antes, eu pedia para que ela pedisse ao pai dela, afinal, ele era o único que tinha um relacionamento de nós dois. Mas desde que eu e Luca começamos a namorar, a Giovanna está parecendo uma vitrola arranhada, sempre pedindo, cobrando um irmão. E Luca também não ajuda em nada, apenas tem colaborado para que ela ficasse ainda mais insistente.

— Gio, a mamãe já conversou com você. As coisas acontecem quando papai do céu quer. — tentei mais uma vez.

— *Eu sei, mãe, mas eu pedi tanto a Ele para me dar um irmãozinho. Tenho sido uma boa menina. Me comportado. Eu jurei que vou ajudar a senhora também quando ele nascer.* — sua voz se quebrou no final e isso acabou comigo.

— Eu sei disso, meu amor. Você é uma filha maravilhosa. Mas Deus sabe o que faz. Na hora certa ele vai mandar um bebê para gente. Mas enquanto isso, vai treinando para me ajudar a cuidar com suas bonecas. O que acha?

A Giovanna era muito madura para idade dela. Eu definitivamente havia sido abençoada de todas as maneiras com ela. Por mais que eu não quisesse magoá-la, eu tinha que ser sincera com ela. Tinha que lhe contar a verdade, por mais que isso a deixasse triste por um momento. Eu não podia apenas ir na onda dela, dizendo que lhe daria um irmãozinho, quando sabemos que isso não depende exclusivamente de mim.

A campainha tocou um pouco depois que eu terminei de falar. Estranhei, porque como todos tinham as chaves de todos, normalmente já entravam sem avisar. A Giovanna murmurou alguma coisa e pareceu se alegrar um pouco mais. E isso me deixou um pouco aliviada.

— Filha, mamãe tem que desligar tá bom? Mais tarde mamãe chega em casa e nós conversamos. Mamãe está doida para te ver e te encher de beijos. — eu disse, me levantando da mesa.

— *Certo, Mãe. Diz para o tio Luca que eu comprei aquele filme que eu disse para ele. Fala que depois que sairmos, vamos assistir quando chegar em casa.* — ela disse ansiosa e eu ri. Ela já havia esquecido o assunto. Ao menos por enquanto.

— Ok. Pode deixar que eu falo. Tenho certeza de que ele está ansioso para ver também. Beijo, filha, amo você.

— *Também te amo, mãe. Diz para o tio Luca que eu amo ele também. Tchau.*



Depois de me despedir novamente, desliguei o telefone e ao abrir a porta, dei de cara com o porteiro, que eu já tinha conhecido ser do turno da manhã.

— Bom dia, Sra. Campanaro. — ele cumprimentou.

*É ,Luca, já tinha me apresentado como sua esposa. Eu mudei o sobrenome e não sabia!*

— Bom dia. Hm... José, né? — perguntei, tentando me lembrar do nome dele.

— Sim, senhora. Desculpe o incômodo, mas é que entregaram esse envelope na portaria, junto com essas rosas e pediram para eu lhe entregar em mãos. — ele disse e eu sorri.

— Obrigada. — agradei e fechei a porta logo em seguida.

*É .Meu amor nunca deixava de me surpreender!*

Sentei no sofá e senti o cheiro das rosas, antes de abrir um envelope branco. Lá dentro encontrei uma foto em preto e branco minha e de Luca nos beijando em nossa festa de noivado. Sorri, correndo meus dedos pela fotografia. No fundo da imagem encontrei apenas uma frase. Mais nada.

## **SÓ PARA TE FAZER LEMBRAR.**

Estranhei, pois não existia mais nada, nem sua assinatura ou um simples “eu te amo”. Procurei pelo envelope por mais alguma coisa e encontrei um pendrive, que me deixou ainda mais intrigada do que já estava. Fiquei olhando para ele por alguns segundos, tentando pensar no que poderia ter ali, até que decidi ver o que era. Como Luca tinha levado seu notebook junto com ele, decidi ver se conseguia ver algo na televisão. Encaixei o pendrive na entrada USB do Blu-ray e peguei o controle para ligar a televisão.

Quando eu vi o que tinha ali, levei à mão a boca em estado de choque e foi impossível não começar a chorar com a cena que se desenrolava a minha frente. Imagens de Luca com Jéssica na cama, naquela maldita noite, passavam diante da minha frente. Foram trinta segundos de tortura e uma dor descomunal. No final, a frase se repetia:

## **SÓ PARA TE FAZER LEMBRAR. . SÓ PARA TE FAZER LEMBRAR. SÓ PARA TE FAZER LEMBRAR.**

Eu já controlava mais as lágrimas que vinham de forma incessante e a minha única vontade era de morrer ali.

— Que diabos é isso?

Eu não sabia o que era pior, as imagens do que havia acontecido se repetirem, a sensação ainda

mais real de traição que havia sentido no dia em que os flagrei aquela manhã ou a cara de desespero que Luca fazia agora. Senti minhas pernas enfraquecerem, minha vista escurecer e antes que eu me desse conta me vi perdendo a consciência.



# Capítulo 7

## Sophia

Sempre ouvimos aqueles conselhos para que nos afastássemos de tudo aquilo que nos fazia mal. De tudo que nos faz infeliz. Mas não é fácil, especialmente quando aquele quem precisamos nos afastar, também é aquele quem você ama e tenta de todas as formas lhe fazer feliz.

Havia acontecido tanta coisa conosco nos últimos meses, que embora eu não duvidasse um minuto sequer do que ele sentia por mim e principalmente do meu amor por ele, chega uma hora em que devemos seguir do jeito que as coisas devem ser. Que temos que escolher entre colocar em primeiro lugar nossa felicidade ou a daqueles que amamos. Não era uma questão de vontade e sim de necessidade. E por mais que me doesse, que me matasse aos poucos, eu sabia que era a coisa certa a se fazer.

Por isso, quando comecei a retornar a minha consciência, senti que precisava retomar minha vida de antes e viver sem me sentir culpada e temerosa pelo que está por vir. Viver sem estar sempre à sombra da minha culpa por não conseguir afastar-me dele. Não poderia viver depois mergulhada em arrependimentos por ter colocado a vida de Luca e da minha filha em risco. Eu não podia ser egoísta. Não poderia, não com eles.

— Você está bem? Já estamos indo para o hospital. — Luca disse, preocupado e eu percebi que estava deitada em seu colo.

— Não... — tentei falar, mas o solavanco do carro me parou.

— Shh!!! Tá tudo bem, amor. Você desmaiou, mas como eu disse, já estamos indo para o hospital.

— continuou e eu neguei.

— Eu não quero ir para o hospital, Luca. Quero ir para casa. — falei, tentando engolir em seco a dor que eu já sentia.

— Meu amor, você precisa. Esteve doente nos últimos dias e esse desmaio agora não pode ser normal. — falou nervoso e eu me levantei do seu colo.

— Eu não vou para o hospital, Luca. Eu quero ir para casa, para minha casa. Acabou. — consegui dizer.

— O que você quer dizer com isso? Se for pelo vídeo... — ele começou a dizer e eu o cortei:

— Não é. Não é pelo vídeo, mas sim pelo que ou quem há por trás do vídeo. Eu não posso fazer isso, Luca. Eu não posso. Não posso deixar que nada aconteça com você ou com a minha filha. Eu não me perdoaria caso isso acontecesse. — disse, sem conseguir mais conter minhas lágrimas.

— Não. Não faça isso. — Luca pediu, negando com a cabeça, antes de me puxar para seus braços, apertando-me de modo desesperado.

Meu coração se aperta de novo e libera mais uma onda de lágrimas e soluços. E fico não sei quanto tempo assim e quando finalmente me acalmo, levanto meu olhar para encará-lo. Seus olhos azuis estão nos meus e a tristeza que vejo ali, com certeza é a mesma que reflito em meus olhos.

Olho para seu rosto lindo. Olhos, bochechas, nariz e boca. Tudo formando um conjunto perfeito. Uma obra linda a ser admirada. Mas embora ele seja esse homem lindo e perfeito, ele sempre foi mais do que isso. Em tão pouco tempo ele havia feito e se tornado tanto para mim.

— Eu amo você, Luca. Não duvide disso um segundo sequer. E é exatamente por te amar que eu estou tomando essa decisão. — sussurrei.

— Não! Você não vê que é exatamente isso que essa pessoa quer? — o tom de voz de Luca aumentou e ele parecia estar perto de perder o precioso controle que ele tinha.

— Pode até ser. Mas eu não posso arriscar a vida de vocês por puro egoísmo. Primeiro meu carro, depois aquele vídeo. O que mais vem depois? Eu simplesmente não vou esperar que essa pessoa aja contra nós.

— Meu amor... — Luca me encarou com um olhar desesperado. — Não faça isso. Eu prometo que vou resolver essa merda. — sua voz soou uma súplica.

— Isso não vai parar, Luca. Não vai. Enquanto estivermos juntos, esse louco irá nos perseguir. — falei, cada vez mais nervosa.

— Não chore, *baby*, eu não suporto quando você chora. — ele pede com sua voz cada vez mais rouca. Seus dedos limpam minhas bochechas, mas minhas lágrimas ainda caem. Isso dói.

— Me desculpe, Luca. Mas eu não posso. Apenas me desculpe por fazer você sofrer. Por fazer você se preocupar, por se arriscar por mim, pela Gio, por nós. — eu falo, com a voz torturada.

— João. Pare o carro que eu vou descer. — sua voz é ainda mais rouca quando ele pede que o motorista pare.

— Luca... — eu tento, mais uma vez, só que é em vão.

E quando o carro para e ele coloca a mão sobre a maçaneta, ele se vira para mim e diz:

— João, leve Sophia para onde ela quiser. — agora ele se vira para mim, mas não olha em meus olhos e isso me mata. — Me desculpa por te envolver na minha vida. Eu vou deixar você ir, Sophia. Mas não esqueça que eu sempre vou amar você. — Com lágrimas nos olhos ele diz e simplesmente bate a porta do carro e sai me deixando ali.

— Luca! Não... Eu te amo também. — sussurro, quando o carro volta a andar.

E enquanto o carro se afasta, eu penso na minha dor e na dele. Na escolha que eu fiz por ele, por eles, por nós. E embora eu queira que essas ameaças não tenham um peso em nossas vidas, eu não posso ignorar nada disso. Eu entendia sua mágoa comigo, eu prometi tantas vezes que nunca ia deixá-lo. Só que mais uma vez eu não estou cumprindo a minha promessa, estou deixando-o.

Eu caio no encosto do banco do carro, chorando copiosamente. Querendo sumir. Querendo acabar com a dor que sinto.

— Sra. Sophia, para onde posso levá-la? — o motorista perguntou e eu queria gritar que queria ir para os braços do homem que eu amava, mas eu não podia.

Eu respiro fundo, tentando engolir o choro que me dominava. Eu tinha que fazer isso. Tinha que fazer isso por eles.

— Para casa. — murmurei, tentando me manter firme.

E mais uma vez eu tinha que ir, mas não sabia para onde. Mais uma vez eu estava dando as costas para o meu amor, meu verdadeiro lar.

## *Luca*

Eu não podia acreditar que eu havia deixado que ela fosse. Mas era a sua escolha. Por isso simplesmente saí, sem prolongar mais a conversa, porque se sequer pensasse em me despedir, eu sabia que eu seria incapaz de me afastar. No momento em que bati a porta do carro e ele se afastou, senti como se meu coração estivesse sendo arrastado pela pista junto com ela. E mesmo que metaforicamente falando, essa era a mais pura verdade.

Mais uma vez ela estava se afastando de mim. Mais uma vez ela me deixava. Só que por mais que eu soubesse que essa escolha havia sido por amor a mim e a Giovanna, isso me doía ainda mais. Meus olhos ardem com as lágrimas não derramadas e eu quero correr para ela. Quero correr por ela. Quero pegá-la em meus braços e segurá-la de uma forma que seja incapaz de deixá-la ir mais uma vez.

Esse era mais um dia que eu poderia colocar na minha lista entre os piores. Primeiro eu descubro que há muito mais do que um caso de doping. Que há mais gente envolvida nessa armação do que eu consegui descobrir. Tinham pessoas lá fora tentando prejudicar a mim e as pessoas que eu amava. E a minha namorada, a minha noiva, a única mulher por quem eu já me apaixonei, estava me deixando.

Eu nem ao menos sabia onde estava, olhei ao meu redor tentando me encontrar e vi que estava

na praia de Copacabana. Ainda meio desorientando, andei em direção à praia. Tirei meus sapatos de couro italiano, mais uma vez sentindo na pele o quanto usar um sapato de grife de nada adiantava, quando o que você mais queria era estar com alguém e não há dinheiro no mundo que pudesse comprar amor verdadeiro.

Não me importei com os olhares sobre mim. Obviamente as pessoas estavam achando estranho que um homem como eu estivesse na praia, a essa hora, vestido de terno e gravata. Na certa deveriam achar que eu estava fora de mim e estava mesmo.

Fui andando pela praia, tentando não sentir. Tentando me manter forte diante de mais um obstáculo que a vida colocou em meu caminho. Sentindo a areia úmida sob meus dedos, andei por muito tempo. Andei até onde meus pés puderam me levar. Em um dado momento, chafurdei-me em minha própria dor. Pondo-me de joelhos, parecendo carregar não apenas a minha própria, mas a dor do mundo em minhas costas. E mais uma vez eu comecei a chorar por causa da mesma mulher. Eu sabia que isso era minha culpa. Eu havia trazido ela para minha vida. Eu havia feito com que ela sofresse.

Arranquei as roupas que vestia, ficando apenas de calça e depois de deixar meus pertences pessoais na areia, saí correndo pela areia em direção ao mar. No momento em que caí de cabeça na água, minhas lágrimas se perderam ali. Eu estava chorando e não me importava.

Meu coração doía. Meu coração estava se partindo mais uma vez, por causa da mesma mulher e a sensação que eu tinha era que minha vida estava se acabando. Eu cheguei a acreditar que no dia do aniversário de Mariah nós finalmente poderíamos deixar tudo para trás e seguir em frente, mas nós estávamos muito frágeis pelo que houve e as palavras de Jéssica nos dizendo que estava grávida fez tudo ao nosso redor ruir.

*Como duas palavras podem destruir tudo?*

Eu achava que descobrir que seria pai seria a melhor notícia da minha vida, mas eu não esperava que aconteceria isso vindo da boca de uma mulher que eu não amava. Isso não poderia estar acontecendo. Nós dois nos amávamos. Isso era apenas um pesadelo. Eu só precisava acordar. Queria acordar e ter a sensação do seu corpo colado no meu. De aspirar seu perfume doce. De sentir seu corpo quente e macio. De perder-me em seu gosto. E só assim, com ela ao meu lado, recuperar meu fôlego. Mas isso não aconteceu. Eu estava acordado e a dor ainda era latente.

Eu mergulho várias e várias vezes, saindo de dentro da água apenas quando não aguentava mais ficar sem ar. Mas a cada vez que fazia, era como se uma parte minha não se recompusesse e eu sabia que isso só aconteceria se a tivesse ao meu lado, porque caso contrário eu seria incompleto.





# Capítulo 8

## Sophia

Voltei para casa no mesmo dia, arrasada com tudo, mas determinada com a minha escolha. Cheguei em casa, ainda abalada, mas disposta a tentar deixar minhas dores para trás, curtir a minha filha que estava para chegar e matar as saudades enormes que eu sentia dela, porque nós nunca havíamos ficado tantos dias sem nos ver.

No dia da sua chegada, fiquei babando a minha princesa, enquanto ela contava empolgada todos os detalhes da viagem que fez com os avôs, os lugares incríveis em que ela conheceu. Fiquei feliz por ela, pois se tem uma coisa que alegra coração de mãe, é saber que seu filho está feliz. E a felicidade da minha filha, o simples fato de estar com ela, me ajudou e me acalmou mais do que eu posso sequer descrever.

Eu havia tomado uma decisão por eles. Por eles. E não por mim. Só não podia permitir que essa situação continuasse, quando estava claro para mim que essa pessoa não pararia enquanto não nos visse longe. Eu havia tomado a decisão certa. Ao menos era isso que eu insistia em me dizer a cada vez que a dor ameaçava me rasgar.

Ainda demorei um pouco a me situar, colocar minha cabeça no lugar, embora eu ainda não estivesse inteiramente pronta para enfrentar tudo que ainda estava por vir. E como se não bastasse tudo isso, depois do incidente, ainda fiquei uns dias sem carro, tendo que pegar carona com o motorista de minha mãe ou arriscando minha vida com Carol ao volante.

Como a seguradora pediu um prazo de trinta dias para ressarcir o valor do meu carro, depois de apenas uma ligação de Nick, meu advogado, eles acabaram me dando um carro alugado para usar até esse prazo.

Só que no final acabou que não passei mais do que dois dias usando-o, pois em uma manhã, estava me preparando para sair quando recebi a visita de Marco, segurança de Luca. Gelei na hora, meu coração perdendo uma batida, mas tentei manter a pose de “forte” que havia me imposto desde aquele bendito dia no Rio de Janeiro.

Marco me entregou uma pequena caixa e com ela um bilhete. Hesitei antes de abrir, porque pensei que encontraria mais uma despedida ali. E de certa forma era, mas ainda assim me surpreendi com o que ele havia escrito.

“Sophia,  
Não era em uma ocasião como essa que eu esperava lhe entregar esse presente, estava esperando presenteá-la no seu aniversário, porém achei que não haveria hora mais propícia do que essa agora.  
Antes de mais nada, eu sabia que você ficaria louca quando lhe desse, mas a minha intenção era que você tivesse algo que pudesse ser confortável e seguro para você e a Gio, bem como os outros filhos que eu esperava que tivéssemos. Então não surte e nem me ache louco por isso. Apenas aceite e me deixe mais tranquilo em saber que vocês estão bem.

Com amor... Sempre,

E foi assim que ao abrir a caixinha, encontrei uma chave de uma Range Rover igual a que ele tinha. Se fosse em outro momento, em que nossa situação não fosse tão complicada, eu gritaria com ele por me dar algo tão caro ou surtaria de felicidade porque ele sabia que eu amava seu carro. Soava uma coisa meio Grey e Anastácia, mas não era um R8 e era apenas a verdade. Só que ler nas entrelinhas o que ele havia dito naquela carta, fez-me sentir uma merda ainda maior do que já me sentia. E como diz minha querida autora Bianca Briones, eu perdi mais uma batida do meu coração naquele momento.

\*\*\*

— Mãe, posso brincar na brinquedoteca? — Giovanna perguntou, quando terminou de escolher seu prato no restaurante em que estávamos almoçando aquela tarde.

— Sim, filha. Pode. Toma cuidado, tá? — avisei e ela concordou, antes de sair correndo.

— Você tem que parar de ficar obcecada com a Gio, como se ela fosse se machucar a qualquer momento. É chato para ela ficar ouvindo suas conversas repetitivas. — Carol resmungou e eu a olhei irritada.

— Depois de tudo que já fizeram, se eu pudesse manteria a Gio em uma bolha. Ultimamente tenho medo até da minha sombra. Então não vem me dar sermão. — retruquei.

— Nada vai acontecer. Pare com isso! — minha amiga disse indignada.

— Melhor prevenir do que remediar. — murmurei mal humorada. — Acredita que até espelho eu quebrei ontem à noite? Ou seja: sete anos de azar para uma pessoa já azarada.

— Credo, amiga! Deixa de falar besteira. Bate na madeira para não dar azar! — Carol disse.

— Se bater na madeira afasta o azar, estou é precisando desmatar a Amazônia na base da porrada. — falei com sarcasmo e Carol começou a rir.

Estava terminando de tomar um gole do meu suco de melancia, santo remédio para ajudar com enjoo e as ressacas, quando ouvi a voz da Giovanna gritando um nome que eu havia tentado evitar nos últimos dias:

— Tio Luca, Tio Luca! — ela gritou e não demorei para vê-la correndo em direção ao que eu sabia ser o homem que eu amava.

— Ele está aqui. — sussurrei para Carol, que acenou, me olhando preocupada.

Eu não consegui me mover. Meu coração pulando em meu peito de um jeito louco. Fiquei ali apenas esperando o que eu sabia que seria inevitável de acontecer e ele não demorou a aparecer. Luca veio andando com a Gio em seus braços, rindo com a pequena que o abraçava pelo pescoço e eu achei que meu coração naquele momento não suportaria a cena de ver meus dois amores juntos.

Apesar de ter passado apenas uma semana do nosso último término, Luca parecia estar diferente. Seus cabelos lisos sempre bagunçados, pareciam um pouco maiores do que de costume e sua barba por fazer parecia não ver uma lâmina de barbear há vários dias. Embora sua aparência estivesse cansada, isso não diminuiu em nada sua beleza que tanto tinha impacto em mim. E isso só fez aumentar quando os dois chegaram até a mesa e pararam em minha frente.

— Acho que encontrei minha princesinha perdida gritando por aí. — ele brincou e a Giovanna riu, colocando a mão na boca.

— Oi, Luca. — Carol o cumprimentou.

— Oi, Carol, tudo bom? — ele respondeu educado.

— Tudo ótimo. E você? — ela devolveu a pergunta.

— Bem melhor agora. — ele disse, olhando diretamente para mim e eu engoli em seco.

— Oi. — falei, sem sair da minha cadeira. Acho que não conseguiria por causa da força do seu olhar sobre mim.

— Oi. — sua voz saiu baixa e eu desviei o olhar.

*Merda! Preciso desviar!*

— Tio, você veio almoçar com a gente, né? — A Giovanna perguntou e ele olhou para mim, sem saber o que responder.

— Gio... — comecei, sem saber muito bem o que dizer também, mas Luca me cortou:

— Na verdade, minha princesinha, vim sim. Só que o tio não pode demorar muito, porque tem um compromisso daqui a pouco. —

ele respondeu para ela.

*Mas o que?*

— Oba! Que bom! Eu estava com fome, por isso já pedi o meu. A comida daqui é muito gostosa, tio. O prato *kids* tem um frango delicioso. O senhor deveria pedir para você. Não tem problema o arroz vir com uma carinha feliz, né? — ela perguntou e ele riu.

— Não, amorzinho. Não tem. — Luca respondeu rindo, já sendo puxado pela Gio para sentar na cadeira ao meu lado, que já lhe entregava o cardápio, esquecendo a brinquedoteca que ela tanto queria brincar a pouco.

Entre cochichos e risos, Luca escolheu o prato dele com a ajuda da Giovanna e eu fiquei ali, como se fosse uma idiota, sem conseguir reagir ou dizer sequer uma palavra. O almoço não demorou a chegar e eu permaneci com meias palavras. Sabia que não estava sendo nem um pouco como eu, mas a situação estava me deixando mais antipática do que eu já era. E ainda tinha que me controlar a cada vez que Luca se aproximava de mim, usando a desculpa de pegar algo na mesa.

*Sabe quando alguém usa um certo perfume e tudo que você quer é enterrar sua cara no corpo dessa pessoa e cheirar forte porque o perfume é tipo muito gostoso? Pois bem. Esse era o perfume de Luca.*

E hoje, justamente hoje quando estava tentando ser uma pessoa mais forte, seu perfume estava fazendo coisas comigo. Seu cheiro doce e cheio de testosterona ainda invadia tudo. E eu? Fiquei meio paralisada, sem saber como agir. Por isso tratei de encher cada vez mais a taça de vinho que eu imediatamente mandei providenciar. Eu não tinha intenção de beber. Normalmente não fazia isso quando estava com a Giovanna, mas estava complicado para mim, por isso estava cada vez mais ignorando completamente meu bom senso de que não deveria beber. Só que de nada adiantava, porque até mesmo no meu estado meio inebriado eu ficava chocada sobre o quanto Luca tinha poder sobre mim.

Meus pensamentos eróticos com ele colidiram no meu cérebro, brigando com meu estado quase ébrio e confuso. Uma parte de mim estava irritada, porque eu havia chegado à conclusão que isso tudo havia sido de propósito. Que o fato de Luca nos encontrar em um ambiente em que eu nunca havia o visto frequentar e que por acaso nós estávamos almoçando, tinha tudo a ver com o fato de eu ter

um rastreador no celular que ele havia me dado.

Ele parecia não querer facilitar em nada minha vida. Muito pelo contrário. Parecia que ele tinha prazer em fazer isso comigo, em mostrar seu poder sobre mim. De mostrar que de nada adiantava eu ter colocado um ponto final em nossa história, porque ele sempre seria aquele que me fazia querer voltar atrás em minha decisão. E o pior: ele sabia disso.

Foi então que seus olhos pousaram sobre os meus e minha respiração ficou presa no amor que eu vi naquele olhar. Ainda que tudo fosse tão complicado com a gente e eu soubesse que sim, que ele me amava de verdade, eu não sabia se algum dia iria me acostumar a ver em seus olhos azuis o quanto ele me amava e adorava de fato. E com esse simples olhar, me deixou desejando-o mais do que eu tinha desejado nos últimos dias.

## Luca

Eu definitivamente havia me tornado um maníaco. Um maníaco sem controle que precisava de qualquer migalha do que ela tinha para me oferecer. E eu sinceramente não me envergonhava disso. Não me envergonhava de persistir no que eu queria. Não me envergonhava de lutar por quem eu quero. Por mais que eu tivesse lhe dito que dessa vez a deixaria em paz, por ela ter escolhido se separar, eu simplesmente não conseguia. Era mais forte do que eu. Não havia como lutar contra meu coração.

Eu estava tentando fazer as coisas devagar, tentando resolver o que tinha de resolver, tentando ultrapassar as barreiras que a vida tinha nos imposto. Mas a ligação que recebi essa manhã só me deu ainda mais motivos para não me manter longe.

— Carol? — atendi, surpreso e preocupado com a sua ligação.

— Er... Oi, Luca. — ela disse do outro lado da linha e eu estranhei quando a ouvi sussurrando: — Shhhh. Ela não pode nos ouvir.

— Carol? Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa com a Sophia e a Giovanna? — perguntei, preocupado.

— Não, Luca. Está tudo bem. Não aconteceu nada realmente. Não ainda. Só que a Gio gostaria de falar com você. — falou rapidamente e eu quase não tive tempo de entender antes de ouvir a voz que fez meu coração bater mais rápido:

— Tio Luca? — a voz doce e meiga da minha princesinha me pôs a sorrir.

— Oi, meu amor. Está tudo bem? — perguntei.

— Tudo bem, tio. E você? — perguntou e eu sorri.

— Muito melhor falando com minha princesa. — respondi e a ouvi rindo. E isso era tão bom que eu sorri como há dias não sorria.

*Meu Deus! Como eu amava essa pequena!*

— Eu sinto sua falta, tio. — ela sussurrou e como toda vez que ela me dizia isso, um misto de emoções me dominavam.

Dor por estar longe quando eu queria estar ao seu lado, mas principalmente amor, porque eu a amava mais a cada vez que ouvia sua vozinha me dizendo isso.

— Eu também, minha princesinha. Muitas saudades. — admiti.

— O que o senhor acha de matar essas saudades? — perguntou contente e eu ri.

— Acho maravilhoso. — respondi.

— Então ótimo. Tenho um convite para te fazer. Mas antes preciso fazer uma pergunta. — falou toda decidida.

— Claro, princesinha. Tudo por você. — sorri torto, com sua pose toda de adulta.

— Você ama a mamãe? — perguntou diretamente.

*Porra! Por essa eu não esperava!*

Engoli em seco, sentindo meu peito retumbar com apenas uma simples pergunta.

— Amo, Gio. Amo sua mãe demais. Na verdade, amo vocês duas mais que tudo nessa vida. — falei sem hesitar, porque essa era a mais pura verdade.

E era mesmo. Meu amor por essas duas era algo que eu não conseguia explicar, simplesmente estava acima de qualquer razão. Eu nunca havia me sentido com ninguém do jeito que me sinto com Sophia. E isso se deu desde o primeiro momento em que coloquei meus olhos sobre ela. Eu já havia aceitado que ela seria diferente em minha vida. Que a partir daquele momento ela seria minha vida.

No início isso foi além de novo, mas também assustador. Só que certas coisas são como devem ser e eu não fugiria com medo de amar. E foi a melhor coisa que fiz, pois cada segundo que passei ao seu lado, só me dava ainda mais certeza do meu desejo de agarrá-la e tê-la em meus braços para nunca mais soltar.

E foi esse mesmo sentimento arrebatador que essa pequena princesinha me trouxe. Um amor incondicional que aflorou o instinto paterno que eu achei que não teria tão cedo, principalmente dessa forma desmedida. E esse instinto era muito maior do que o sangue que corria em nossas veias, era maior que o próprio coração.

— Tio Luca, já que você ama a mamãe, então tá na hora de trazer o sorriso de volta para o rosto dela, não acha? Então encontre com a gente na hora do almoço. Eu e a Dinda temos um plano.

E cá estou agora, desfrutando de uma refeição com os amores da minha vida, onde tenho ao meu lado uma Sophia muito puta com a minha cara. Eu poderia até mesmo ficar com medo dela, se esse seu biquinho de irritada não fosse a coisa mais linda e deliciosa que já vi.

— E como vão as obras do Shopping, Luca? — Carol perguntou, cortando o silêncio que até então só havia sido cortado por mim e a Giovanna, que como sempre tagarelava sem parar.

— Estão ótimas. Já estamos a todo vapor. Tenho uma ótima equipe. — falei, olhando diretamente para ela, minha arquiteta preferida, que mais uma vez fez questão de desviar os olhos dos meus.

— Sr. Campanaro? — o garçom me chamou.

— Sim? — respondi, fazendo minha melhor cara de paisagem.

— A senhorita que o Senhor aguardava acabou de ligar, pois tentou falar no seu celular e não conseguiu. — disse e eu fingi espanto e olhei em meu aparelho.

— Oh! Verdade! Meu celular estava no modo silencioso. — continuei o teatro.

— Imagino que sim, senhor. Enfim, ela acaba de ligar pedindo desculpas, mas disse que não poderá vir ao seu encontro. — ele disse e eu tive vontade de rir.

— Puxa! Que pena! Mas não tem problema, eu marco um novo encontro com ela. Oportunidades não faltarão. — falei, tentando manter a naturalidade e o garçom concordou, antes de pedir licença e se retirar.

Controlei minha vontade de olhar para ela e por isso peguei minha taça, antes de tomar mais um gole de vinho. Estava tentando agir naturalmente e apesar de saber que ela estava me olhando, pois podia sentir seu olhar sobre mim, consegui me conter. Eu precisava seguir o plano.

— Tio Luca, você estava esperando outra mulher? — a Giovanna perguntou, conforme havíamos ensaiado.

*Danadinha!*

— Giovanna! — Sophia a repreendeu e eu tive vontade de rir.

— O que foi, mãe? Só estou interessada, porque se fosse eu, faria questão de dizer que ele tem uma noiva que vai casar com ele.

— falou dando de ombros.

Agora eu não consegui mais segurar a gargalhada que saiu dos meus lábios e Sophia me fuzilou com os olhos por isso.

— Giovanna! Quantas vezes eu tenho de lhe dizer que não se pode falar qualquer coisa que você vê ou escuta? Certas coisas não precisam ser ditas, filha! — Sophia ralhou e eu tive pena da pequena que só queria nos ajudar.

Estava prestes a ir em sua defesa, quando ela perguntou algo que me deixou sem chão:

— Tipo que a senhora chora toda noite antes de dormir? — A Giovanna perguntou de forma inocente.

*Caralho! Essa definitivamente não estava no ensaio!*

Meu coração doeu ainda mais por essa afirmação, porque eu sabia que ambos estávamos sofrendo, mas ter certeza disso definitivamente acabou comigo. Sei que nossa separação havia sido uma escolha exclusivamente dela, mas me matava ficar aqui sem saber o que fazer para acabar com um sofrimento que era nosso.

Por um momento eu cheguei a pensar que talvez o melhor mesmo fosse nos dar um tempo, que talvez essa distância só nos mostrasse o que eu já sabia, que nós precisávamos ficar juntos. Mas ouvindo isso eu já não tinha mais certeza se deveria continuar com essa distância. Nós não merecíamos continuar sofrendo assim.

— Gio, vamos ao banheiro lavar as mãos? — Carol chamou, vendo que nós dois precisávamos ficar sozinhos.

— Tá bom, Dinda. — Giovanna respondeu, talvez arrependida de ter soltado o que disse.

Ainda que eu não tirasse meus olhos de Sophia, que agora mantinha não apenas um semblante envergonhado, mas sim uma expressão que eu jamais gostaria de ver novamente em seu rosto lindo.

— Soph...

— O que você está fazendo aqui? Por que está tentando fazer isso ainda mais difícil para mim? — ela perguntou com a voz embargada, seus olhos molhados pelas lágrimas ainda não derramadas, não tentando esconder sua fragilidade.

— Eu não quero fazer nada mais difícil para você. Muito pelo contrário. Por que você acha que tenho aceitado sua decisão, por

mais que isso esteja me matando? — perguntei e engoli em seco.

— Luca...

— Sabe, Sophia, por mais que eu tente compreender sua decisão, tem horas que me pergunto se vale a pena persistir no que eu quero, quando claramente não me parece que é o mesmo que você quer. — admiti, derrotado.

— Como você pode querer dizer que sabe o que eu quero? — perguntou, suas lágrimas agora escorrendo.

— Sophia, desde a primeira vez que coloquei meus olhos sobre você, eu não tive dúvidas do que eu queria para mim. Nunca duvidei, por um segundo sequer, do que eu sentia. Nunca duvidei do meu amor por você, da vida que eu queria ao seu lado. Mas depois de tudo, tem horas que é difícil não ficar com dúvidas sobre o seu amor por mim. — confessei.

— Como? Como você pode duvidar? — ela perguntou indignada.

— Como? Pelo simples fato de você desistir de nós na primeira dificuldade. De desistir de lutar por nós. Olha, eu entendo você por tudo que passou. Entendo todos os seus receios. Mas eu nunca te dei razões para duvidar de nós dois. E é aí que está. Tem horas que pareço estar lutando sozinho, quando deveríamos estar lutando juntos. Mais uma vez você me deixou, sem nem ao menos tentar. Sem tentar lutar comigo. Como você não quer que eu duvide?

— Luca... Er... Eu-eu, eu amo você. E é exatamente por isso que fiz o que fiz. Eu não posso e não quero que você sofra justamente por te amar. Por querer estar comigo. — ela diz, já sem conseguir controlar as próprias lágrimas.

— Tarde demais. — respondo, com minha voz embargada e ela volta a chorar.

— Desculpe, Luca. Mas eu não posso. — Sophia fala, antes de levantar e sair correndo do restaurante me deixando ali. Sozinho.

Mais uma vez.

Mais uma vez ela estava me deixando. Mais uma vez eu a via se afastando de mim. Eu havia feito uma promessa de jamais deixá-la ir. E por mais idiota que pudesse parecer, eu ainda persistia. Recusava-me a deixá-la desistir, porque eu jamais desistiria de nós. De uma coisa eu tinha certeza: Sophia era o meu “para sempre”.





# Capítulo 9

## Sophia

Na véspera do feriado, era o grande dia da festa de Lançamento do *Shopping Palazzo Mall*. Por mais antissocial que eu estivesse, eu sabia que teria de ir, tanto pela *Campanaro*, quanto pela empresa do meu pai. Seria realmente feio e antiético se eu simplesmente não aparecesse por lá, estando tão envolvida como estava como arquiteta do Shopping. Assim que estacionei no Hall de entrada, uma multidão de fotógrafos cercou a entrada do salão e se viraram automaticamente para mim. Eu realmente tinha me esquecido de todo esse inconveniente. Depois que comecei a namorar com Luca, nunca participei de um evento de tamanha magnitude sem estar ao seu lado e isso me deu um frio na barriga ao pensar que terei de passar por isso sozinha agora.

*Merda! Você consegue, Sophia!*

Respirei fundo e fiz uma oração baixinha antes de seguir. Flashes disparavam sobre mim e eu tentei agir com naturalidade. Se tudo fosse apenas as fotos, tudo bem, mas eu sabia que eles teriam perguntas a fazer. E só o fato de chegar desacompanhada por Luca por si só já era o suficiente para aguçar a curiosidade de toda a mídia.

— Sophia. Qual a grife do seu vestido? — pergunta uma repórter, que coloca o microfone na minha cara.

O vestido que estou usando é um *Dior* estilo sereia, com detalhe de transparência e drapeado na saia, com alças de segunda pele e decote profundo. Foi esse vestido que Luca havia me dado de presente para o nosso jantar na Itália, jantar no qual nunca estivemos. O vestido é incrível e caiu em mim como uma luva, assim como o par de sapatos de salto alto *Jimmy Choo* — que eram pretos, com detalhe malha transparente no peito do pé e cravejado de cristais negros. Uma bolsa de festas cravejada de pedras e meu cabelo solto, modelado com cachinhos completava meu look.

Luca sempre acertava em cheio quando se tratava de presentes, só que o fato de eu saber disso ainda assim não deixava de me surpreender sobre o quanto ele parecia me conhecer em todos os detalhes.

— Uh. É um *Dior*. — respondo sem jeito.

— Comprado especialmente para o evento? — ela volta a perguntar, parecendo imensamente interessada e eu quero correr dali.

— Oh... Não... Er... Ganhei de presente...

— Presente do noivo, acredito? — outro repórter me interrompe.

— Sim. — a voz grave de Luca responde, surgindo atrás da repórter.

Eu o vejo imediatamente e por um instante suspiro aliviada, mas o alívio é substituído pelo nervosismo que é estar com Luca, diante meus sentimentos por ele na situação que nos encontramos. Os fotógrafos parecem não se importar com o bombardeio de sentimentos que a presença desse homem causa em mim e começam a nos fotografar como loucos. Luca faz seu caminho até mim e estende o braço para que eu segure e ainda que não saiba como agir com ele, eu aceito de bom grado para fugir do circo que a mídia criou em torno de nós.

— Se vocês nos derem licença. — ele pede, quando começa a fazer seu caminho de volta para dentro do salão me levando junto a ele.

— Luca. Sophia. E o casamento? Nos falem sobre os preparativos. — outro repórter pergunta, fazendo com que eu e Luca nos olhemos por um instante, antes de virarmos automaticamente para encarar o repórter.

*Merda! O que vamos responder?*

— Desculpem, mas hoje temos um evento especial a nossa espera. Prometo que nós falaremos sobre nosso casamento em breve. — Luca fala com naturalidade, antes de voltar a olhar para frente e continuar a andar, com os meus braços nos seus, como se nada demais estivesse acontecendo.

*Ok. Está tudo absolutamente muito estranho. O que estamos fazendo? Preciso de respostas!*

Assim que entramos no Salão de festas do DiPalacci, as pessoas chegam até nós para cumprimentar e Luca me apresenta a cada um. A lei da inércia é aplicada ao meu sorriso, pois ainda que não esteja entendendo nada, tenho que agir no piloto automático, fingindo que está tudo bem. Sorriso ensaiado e beijinhos no ar foram praticamente isso que fiz por mais de uma hora. Em certo ponto, eu dou um puxão em Luca para o canto do salão decorado, porque estou me sentindo uma completa idiota por agir como um robô.

— O que diabos estamos fazendo, porra? — eu sussurro entre os dentes, ainda assim sorrindo para que não percebam a tensão que nos rodeia.

— Somos noivos, esqueceu? — Luca pergunta zombeteiro.

*Somos o que?*

Ele tira uma mecha do meu cabelo que caiu solta e desliza minha aliança discretamente em meu dedo, enquanto eu entro em completo estado de choque.

— Uh... Acho que não... Eu definitivamente me lembraria se estivéssemos juntos. — eu falo tentando me controlar.

— Publicamente ainda somos, *baby*. — diz com um sorriso torto. — Minha intenção hoje é fazer

publicidade para o Shopping, não sobre o ‘possível’ fim do nosso relacionamento e isso certamente desviaria o foco principal da noite. — ele toma um segundo para pensar e continua. — Você sabe que a publicidade do Shopping, também será publicidade para Construtora Montenegro e para essa Arquiteta linda que estou falando. — conclui, segurando meu queixo como se fosse me beijar e eu engulo em seco com a intensidade do seu olhar.

*Merda! Por que ele sempre tem que ter razão?*

Luca sabe que o que ele está falando, é exatamente o ponto principal. Se os jornalistas souberem que terminamos nosso relacionamento, será o fim da publicidade gratuita do lançamento do shopping e consequentemente da empresa de meu pai e a minha como profissional.

— Desculpe não ter conversado com você sobre isso. — Luca continua. — Mas é que eu realmente queria lhe dar espaço, como você pediu. — ele aproxima mais sua boca da minha e minha respiração engata. — Não que eu quisesse qualquer distância, você sabe. — engulo em seco.

*Bom Deus! Se ele soubesse o que ele faz comigo... A quem eu quero enganar? Esse bastardo arrogante e gostoso até não acabar mais, sabe exatamente o que provoca em mim!*

Xingo mentalmente a mim mesma por estar louca para cair com a minha boca na sua boca deliciosa. Seus olhos passeiam pelo meu corpo e ele volta seu olhar para o meu, me dando aquele sorriso devastador que faz coisas comigo, deixando meus joelhos ficarem fracos e minha calcinha completamente alagada.

*Merda! Cadê a dignidade, Sophia?*

— A propósito, eu estava certo quanto ao vestido, você ficou incrivelmente linda. — Luca diz de forma sedutora e eu tento manter minha mente sã, dentro da nuvem de luxúria que se formou no meu cérebro.

— Luca... — gaguejo e ele me interrompe.

— Pode ficar tranquila, *baby*. Apesar de eu estar com uma puta vontade de ter você, juro que essa noite vou tentar me comportar. — Luca fala, agora tão perto que seu hálito quente me provoca arrepios. Eu praticamente posso sentir seus lábios roçando nos meus. — Mas infelizmente, para mim felizmente, não posso lhe garantir se vou ser forte o bastante para isso.

*Putá merda! Como posso resistir a esse maldito filho da puta quando ele me afeta tanto?*

Eu com certeza não confio na minha capacidade de ser forte e dizer não a Luca Campanaro. Luca está na minha pele, nas batidas do meu coração. Ele pode estar dizendo que não sabe se será forte, mas a verdade é que sei que eu nunca serei forte o bastante para conseguir me afastar dele. E sinceramente não sei se o odeio ou o amo por isso. Talvez os dois.

\*\*\*

A noite toda fomos de um lado para o outro no grande salão de festas, conversando com investidores ou empresários de grandes lojas que estariam participando do Shopping. Andávamos de mãos dadas – e sim, meu corpo traidor ainda respondia imediatamente ao seu toque – e Luca me apresentava a todos como sua noiva, me abraçava com delicadeza e comentava sobre meu ‘incrível projeto ambiental no Shopping’. Meus pais e meus amigos sorriram radiantes por estarmos interagindo e nem adiantou muito que eu tentasse explicar o que eu e Luca estávamos fazendo. Foi inútil, eles só fizeram rir, como se eu tivesse contado uma piada. Acho que no fundo eles ficaram na expectativa de que talvez isso aconteça até o final da noite. Talvez até eu tenha ficado.

Decidi beber. Porque é o que se faz quando você está à beira de um colapso de nervos. Uma coisa que aprendi é que quando as músicas ou as pessoas são chatas, você bebe e elas ficam interessantes, esse era o grande truque da noite. Até chegarmos a certo ponto da noite, eu já estava quase bêbada e tão familiarizada novamente por estarmos um ao lado do outro, que por alguns momentos eu cheguei a me enganar que estávamos realmente juntos.

*Mate-me, mas fiquei feliz por me enganar um pouquinho!*

— Venha aqui, *baby*. Quero lhe apresentar a filha de um dos empresários assíduos nos nossos projetos. — Luca me fala, estendendo sua mão mais uma vez.

Andamos até uma mulher que parece ter mais ou menos a minha idade. Sua pele é branca como leite, os cabelos curtos e tão negros como os de Luca. Ela é bem magrinha e pequena, mas tem uma aura doce e meiga. Não sei por que, mas tenho a impressão que lhe conheço de algum lugar. Assim que nos vê, ela sorri para nós dois com entusiasmo e eu retribuo.

— *Amore*, quero que você conheça Clara. Clara é filha de Antonio Sarmiento, da *Sarmiento Investimentos*, um dos nossos grandes parceiros. Seu pai também é grande amigo de meu *Papa*. Clara, essa é Sophia, minha noiva. — Luca apresenta-nos.

— Prazer, Clara. — cumprimento-a educadamente, como já fiz milhões de vezes hoje. Mas paro para examiná-la, porque continuo com a mesma sensação de que a conheço.

— O prazer é meu. — Clara sorri e me olha com a mesma curiosidade. — Desculpe se estou te encarando, mas é que eu tenho a sensação de que lhe conheço de algum lugar. — ela tenta explicar e dá uma risadinha sem jeito.

— Sêrio? Juro que também tive essa mesma sensação. — nós duas rimos. — *Perae... Você...* — penso um pouco. — Você disse ‘DE-SCULPE’, você é baiana com certeza. — ela concorda e eu rio. — Acho que chegamos ao ponto, o sangue da terra bateu mais forte. — o olhar no seu rosto demonstra que ela compreendeu e nós duas rimos.

— Eu acho que sim. — Clara agora fala, e eu posso perceber de longe seu sotaque carregado.

Luca ri também. — Você é de que lugar da Bahia? — ela pergunta com curiosidade.

— Sou de Salvador. Mas moro aqui desde os quatro anos. — respondo. — Você mora na Bahia certamente, né? — pergunto curiosa.

— Sim. Moro em Vilas do Atlântico. — aceno, lembrando-me que a região metropolitana de Salvador é bem habitada. — Nos mudamos há uns dois anos para lá. Já não aguentava mais a vida do trânsito de Salvador. — faz uma careta.

— Imagino. Todo vez que vou, eu fico um pouco mais louca. Eu também moraria pela região, se por um acaso morasse por ali. — termino meu drink. — Apesar de Manaus ser uma metrópole, certas coisas ainda me lembram um pouco cidade pequena. — eu digo.

— Nisso eu concordo. — Luca responde e eu me viro para escutar o que ele diz. — No Rio ou em São Paulo principalmente, é quase impossível você sair de carro. Ainda tenho o prazer de fazer isso por aqui. A cidade é grande, mas ainda assim é pequena. — ele diz dando de ombros e eu rio.

— Verdade. — concordo, quando o garçom passa e recolhe meu copo.

— Outra Morangoroska, *amore?* — Luca pergunta, enquanto o garçom aguarda nosso pedido ao seu lado.

— Sim, obrigada, *baby*. — respondo sorrindo, me aproveitando mais uma vez disso e ele sorri de volta parecendo perceber.

— E você, Clara? Bebe alguma coisa? — Luca pergunta, diretamente a ela.

— Um coquetel de frutas sem álcool, por favor. — Clara responde e Luca se vira para o garçom repassando nosso pedido. Clara volta a olhar para mim. — Não posso beber, estou amamentando. — explica-me e eu sorrio em compreensão.

— Sei exatamente como é. — eu rio ao me lembrar dos torturantes, mas deliciosos meses de abstinência de álcool por causa da gravidez da Giovanna e depois na amamentação. Porque embora tenha tido que parar de amamentá-la cedo por conta dos remédios que eu tomava, fiquei um bom tempo sem beber.

— Mas bem... — Clara volta à conversa. — Então pelo que Luca está falando, sem chances de vocês virem a morar na Bahia, não é verdade? — ela pergunta, fazendo com que eu olhe para Luca, que me olha de volta e sorrio sem saber o que responder.

— Infelizmente não, Clara. — Luca responde educadamente voltando seu olhar para ela. — Podemos até comprar uma casa de veraneio ou um apartamento caso Sophia queira. Mas não algo definitivo, porque mudei a matriz da *Campanaro* para cá, você deve saber que estamos com vários projetos em estudo por aqui. — ele volta seu olhar para o meu, sorrindo radiante. — Além do mais, estamos construindo nossa casa, que Sophia projetou especialmente para nós. — ele diz, causando

uma mistura indescritível de saudades e dor, invadindo meu peito.

*Deus! Nossa casa...*

Tanta coisa aconteceu com a gente, que eu não me permiti pensar sobre a casa que havia projetado para nós, nosso pedacinho do céu aqui na terra. Era algo nosso. Para gente. Para nossa família. Algo que eu queria tanto, que meu subconsciente não me permitiu lembrar com tanta frequência, para que eu não sofresse mais do que eu já sofria.

Não quebro nosso olhar, porque não consigo. Tento manter-me forte e a única coisa que consigo fazer para tentar trazer a naturalidade que todos esperavam é dar o sorriso automático que mantive durante toda a noite. Ao contrário do meu, sei que o sorriso de Luca é sincero, mas seus olhos dizem muito mais do que apenas esse sorriso. Muito mais do que eu posso suportar entender nesse momento. Só sei o que sinto.

*Eu preciso... Eu quero ele... Mas não posso fazer isso conosco!*

— Desculpe a demora, querida. — uma voz próxima a nós me tira do transe e eu controlo minha respiração. — Mas seu pai manteve-me na linha durante uma reunião em Recife.

— Tudo bem, querido. Não se incomode com isso, estava tendo uma conversa agradável com Luca e sua noiva. — Clara responde de forma doce, antes de lhe dar um gentil beijo nos lábios.

— Você chegou na hora de aumentar essa testosterona, cara. Porque juro que os hormônios baianos das nossas mulheres, estavam quase me esmagando. — Luca brinca com o marido de Clara, que começa a rir.

Assim que eu escuto sua risada, uma risada gutural e contagiante, eu me viro imediatamente para encará-lo. *Não pode ser, não seria...* Olho embasbacada para o cara que ainda está rindo a minha frente e parece ainda não ter percebido quem sou ou até mesmo me reconhecido.

*Oh meu Deus! É ele!*

Rafael com certeza pode não ter mais dezenove anos, mas definitivamente não mudou muito em sete anos. Continua com o mesmo estilo de surfista, mesmo que agora ele esteja usando um terno de grife. Seu cabelo está mais curto e algumas rugas de expressão parecem ter aparecido ao longo dos anos. Ainda não consigo acreditar que é ele, porque é um inferno de muita coincidência. Mas também, claro que eu tive a sensação de conhecer Clara de algum lugar, ela é sua esposa. Ela havia nos encontrado na última vez que ficamos juntos. E se ela também se lembrar de mim? Uh. Nada bom. *Tudo bem. Se acalme, Sophia.*

*Ok. Se Rafael me reconhecer, eu peço licença e me mato de vergonha no banheiro!*

— Rafael, essa é minha noiva, Sophia. Sophia, esse é o marido de Clara, Rafael. — engulo em seco, antes de levantar meu olhar para encontrar o seu.

Rafael levanta finalmente seus olhos para encontrar os meus e o sorriso do seu rosto se transforma imediatamente em uma cara de choque e confusão. Seus olhos se arregalam e sua boca cai aberta em espanto. Em outra ocasião essa definitivamente seria uma cena engraçada e eu com certeza riria, se eu não estivesse com a mesma sensação que, obviamente, ele está sentindo nesse momento.

— Não pode ser. — Rafael diz, enquanto me olha novamente e nega com a cabeça. — Não. Não... — nega novamente e eu começo a entrar em colapso.

*Oh meu Deus! O que eu vou fazer? Acho que vou gritar: SURPRESA!*

Luca e Clara nos olham também sem entender. E eu já começo a pensar em um milhão de desculpas do que lhes dizer. Desde uma viagem ao lado dele em um avião, ou um acarajé que ele derrubou enquanto eu estava comendo. Ou um táxi que ele me cedeu.

*Senhor! Estou devidamente fodida!*

Mas é aí que eu me engano e Rafael faz algo que eu não esperava que fizesse: ele corre para me dar um abraço apertado, me tirando do chão, antes de me girar no ar. Em um instante eu me preocupo com o que Luca e Clara vão dizer, mas depois de anos sem vê-lo, eu fico feliz em receber o abraço que havíamos perdido ao longo dos últimos sete anos, que me permito abraçá-lo de volta.

— Meu Deus, eu não acredito! — Rafael fala assim que me solta e continua a me analisar, como se quisesse ter certeza que ainda tenho a mesma cara. — Velho, é você! Que porra é essa? — ele pergunta rindo, antes de me abraçar de novo e eu também não me aguento e rio com a familiaridade que me domina.

— Eu que não acredito! — eu digo finalmente. — Puta merda! Eu não sei nem o que dizer. — praguejo, ainda sorrindo sem jeito.

— Você está linda. — Rafael fala, me dando aquele seu sorriso enorme, que antes me deixava sem chão e agora apenas me deixa contente por reencontrá-lo. — Como você está? Nunca mais nos falamos. Cara, ainda não acredito! — ele nega com a cabeça, novamente.

— Verdade. Nunca mais nos vimos. — respondo, ainda alegre por vê-lo.

Assim que olho para os lados, eu percebo que havíamos nos esquecido de nossos acompanhantes e damos de cara com os olhares questionadores de Luca e Clara. Rafael parece perceber minha hesitação, porque ele se vira para sua esposa e a puxa mais para perto dele, antes de começar a explicá-la:

— Clara, amor, você lembra de Sophia, minha amiga que sempre passava férias no condomínio da casa de Painho, em Guarajuba? — Rafael pergunta inocentemente para sua esposa, me fazendo estremecer.

*Uh. Definitivamente isso não é bom. Ela com certeza vai lembrar que nos viu juntos. Ai merda!*

— Claro! — Clara diz exaltante, com um enorme sorriso no rosto. — Eu sabia que lhe conhecia de algum lugar. — ela diz animada.

Estou em choque. Não, estou pasma. Assombrada. Completamente chocada pela forma animada que ela reage quando lembra quem eu sou e ainda assim recebo um abraço apertado, me deixando completamente embasbacada. Com cara de tacho, diga-se de passagem.

— Uh. — sorrio sem graça para os dois. — Bem. Isso foi inesperado. — admito, corando de vergonha.

— Tudo bem, querida. — Clara fala para mim de forma doce. — Não precisa ficar sem jeito. Rafael me contou tudo sobre vocês. Não precisa se preocupar quanto a isso. Todo mundo já teve um primeiro amor. — ela diz e sorrio mais sem graça ainda, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

*Santo Deus! Isso é sério?*

— Ok. — Luca fala finalmente. — Agora quem não está entendendo muito bem, sou eu. — ele fala se dirigindo a nós três e eu ainda estou muito sem reação para responder.

— Sophia e eu nos conhecemos há muitos anos. Nós passávamos as férias no mesmo lugar, durante quase nossa vida toda. — Rafael sorri, parecendo se lembrar de uma coisa boa.

— Amor, nós três estamos sendo indelicados com Luca. — Clara diz, acariciando os ombros do marido e Rafael sorri para ela com ternura. Não posso deixar de sorrir para essa demonstração de carinhos dos dois.

— Verdade. Sinto muito. Eu não deveria... — Rafael começa a falar coçando a cabeça, parecendo nervoso e eu interrompo-o:

— Tudo bem, Rafael, não tem problema. — me viro para Luca, que está me olhando com um olhar questionador, parecendo não muito feliz com a cena que viu. — Lembra-se quando estávamos falando sobre rolos que tivemos, que comentei sobre Rafael? Bem... Esse é Rafael. — explico apontando para Rafael em nossa frente e a boca de Luca faz um “O” de surpresa.

— O de Guarajuba? — Luca pergunta, entendendo a confusão e eu concordo.

Luca sabe sobre Rafael. Eu já havia lhe contado sobre o que aconteceu com a gente quando éramos adolescentes. Apesar de muita gente achar que nós nos conhecíamos pouco, justamente por nossa história não ter muito tempo, eu acho exatamente o contrário. Nós sempre conversávamos muito e dividíamos tudo um com o outro. Essa era uma das coisas que eu mais gostava sobre nós, não tínhamos porque não sermos sinceros um com o outro.

— Pois é. Que mundo pequeno não? — eu digo, me virando de volta para o casal a nossa frente, que sorriem de volta para mim.



— Só espero que a gente não tenha causado nenhum constrangimento. — Clara diz parecendo preocupada.

— Não. — digo imediatamente, tentando não preocupá-la.

— Não. — Luca responde ao mesmo tempo que eu. — Só estou surpreso em tudo. — ele ri sem jeito, mas sei que ainda que ele esteja tentando demonstrar ao contrário, Luca está um pouco desconfortável.

*Lógico que sim! E isso é completamente compreensível, pois ele está de frente com alguém do meu passado!*

— Oh droga! É bom demais te ver. — Rafael fala, ainda sorrindo para mim.

— Quanto tempo faz mesmo? Sei lá... Acho que nos vimos pela última vez no verão de uns sete anos atrás. — eu comento pensativa.

— Sim. — Rafael responde com um sorriso. — Você ainda usava aquelas mechas de cabelo cor-de-rosa. — ele diz antes de começar a gargalhar e eu reviro os olhos.

— Bem... Pelo menos eu não usava parafina nos cabelos. — me viro para Clara. — Clara, seu marido deixava os cabelos duros de tanta parafina que usava. Cuidado com ele, ele não é uma pessoa muito certa, porque certamente a parafina deve ter destruído boa parte do seu cérebro. — eu digo, fazendo os três caírem na gargalhada e eu acompanho.

— Ele deve ter sido um adolescente horrível. — Clara diz, com um sorriso que demonstra que ela acha exatamente ao contrário.

— Mais ou menos. — digo fazendo gesto com as mãos. — Ele te contou que teve uma fase horrível de punk? — pergunto bufando, antes de começar a rir.

— Oh! Era moda. E o piercing na sobrancelha era um charme. — Rafael se defende entre risadas.

— Moda *Emo*! — rebato de volta com um muxoxo.

— Foi exatamente isso que você me disse, dez anos atrás. — Rafael revira os olhos, mas sorri.

— Mas me contem. — eu digo, me referindo aos dois. — Quero saber, o que fizeram ao longo dos anos? — pergunto, sinceramente interessada.

— Ok... Se está procurando dicas para um início tumultuado de casamento, você perguntou as pessoas certas. — Clara diz sorrindo e eu rio de sua analogia. — Temos dois filhos. Netinho tem seis anos e a Sarah tem cinco meses. — ela conta com orgulho.

— Oh que lindo! — coloco a mão na boca em surpresa. — Eu também tenho uma filha de cinco anos, a Giovanna. — eu digo e Rafael olha de Luca para mim, como quem perguntasse se era filha

dele, quando penso em responder, Luca me interrompe:

— Se você está querendo saber sobre a Giovanna, infelizmente ela não é minha filha de sangue, Rafael. Eu nunca esconderia uma princesa como ela de vocês e nem de ninguém. Mas confesso que a Giovanna conseguiu me conquistar em menos tempo que sua mãe. — ele brinca, fazendo-nos rir.

Enquanto falava, Luca passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa para o seu lado, antes de piscar para mim. Eu sorrio para Luca com carinho, pela sua demonstração de amor pela minha filha, que ele realmente faz questão de admitir sempre.

— Pow, cara, só ela mesmo para ter te consertado. Feliz por você ter escolhido logo a mulher mais controladora que você poderia encontrar. — Rafael diz, juntando os dentes fazendo uma careta irônica e eu faço um biquinho irritado.

— Uff. Se sei! — Luca bufa sarcasticamente. — Eu acho que merecia uma medalha. — ele diz divertindo-se e eu lhe dou um murro no peito, de brincadeira.

— Eii, Sr. Fodão! Não seja por isso, a porta da Rua é a serventia da casa. — eu falo com desdém, gostando dessa história de estar agindo com ele como sempre agíamos quando estávamos juntos.

— Retiro o que disse, Rafael. — Luca diz, jogando as mãos para cima em rendição. — Essa mulher deve ter feito a porra de algum feitiço, porque eu não consigo ficar longe dela. — me puxa para ficar atrás de mim e beija meu pescoço.

*Uh. God! Não lembro disso estar no script.*

Sua mão que me tocava, apertava-me cada vez mais e eu parecia estar a um segundo de um colapso por minha necessidade por ele. O brilho recheado de amor nos seus lindos olhos azuis e seu sorriso devastador, fez meu coração parar de bater por um instante.

— E vocês já planejam mais filhos para depois do casamento? — Clara pergunta animada.

— Não. — respondo, enquanto Luca responde:

— Sim! — o que faz os dois rirem.

— Vá por mim, Clara, você sabe que nós mandamos, não? — pergunto a ela.

— Sim, eu sei, querida. — Clara abafa um risinho com as mãos. — Mas também conheço homens insistentes e cheios de testosterona quando vejo um. — ela aponta o queixo para Luca e em seguida Rafael.

— Amor, Antônio já estava gritando por um irmão. Não queria que ele esperasse mais. — Rafael se defende.

— Nisso eu tenho que concordar. — Clara sorri com meiguice. *Uh. Adoro ela!* — É realmente

complicada a questão de diferença de idade, tem dias que eu preferia não ter esperado tanto.

— Está vendo o que eu disse, *baby*? — Luca pergunta, me fazendo olhar para ele. — A Giovanna precisa de um irmão. Você sabe que ela concorda comigo. — ele mexe as sobrancelhas sugestivamente, me fazendo rir.

— Oh. Não. A Giovanna não vai se importar de esperar um pouco mais. Tipo... três ou cinco anos. — afirmo e Luca me olha assustado.

— Você não está falando sério, está? Você quer que eu esteja brincando com meu filho de bengala? Não posso nem imaginar que idade terei nos próximos, certamente estarei em uma cama hospitalar e você estará trocando minhas fraldas. Nunca serei capaz de ver um neto vivo. — Luca faz drama, fazendo com que eu ria do seu exagero.

O garçom chega e nos serve uma bebida. Continuamos conversando no decorrer do tempo e posso afirmar com certeza que foi o ponto alto da noite, pois ali, conversando entre amigos, não estávamos encenando nada. Clara é uma mulher genial e doce. Fico realmente muito feliz de ver como Rafael é feliz por ter construído uma família e hoje ter um casamento fantástico com uma mulher como ela. Juro que não senti ciúmes dos dois, senti ciúmes apenas da forma como parecia fácil o relacionamento deles.

*E aqui estou eu, em um relacionamento “de mentira” com o homem que eu amo, vivendo uma relação complicada e cheia de buracos na estrada!*

Depois de um tempo de conversa, uma mulher loira natural, que é coisa rara, daquelas tipo modelos lindas, que andam em câmera lenta, para perto da gente e sorri para Luca. Ele desvencilha seus braços da minha cintura e se vira para ela quando a vê, antes de ir ao seu encontro. Ela abraça-o com tanto carinho e facilidade, que os dois parecem bastante íntimos. Íntimos demais para o meu gosto. Gostaria de dizer que não, mas Luca parece igualmente feliz em vê-la.

Assim que ela se vira para mim, eu vejo belos olhos azuis em um lindo rosto angelical.

*Putá que pariu! Ela é muito Gata. Absolutamente. Estou péssima!*

Uma dor enorme parece querer esmagar meu coração. Muito maior do que eu pensei.

**Lógica feminina:** *Eu não te quero, mas também não te quero com outra.*

Ok. Talvez eu não tenha pensado de verdade que ele iria seguir em frente. E tão cedo, diga-se de passagem. Mas quem sou eu para condenar? A decisão foi minha no fim. Não posso reclamar, não é da minha conta se ela foi ou ainda será a próxima na sua cama.

*Certo, preciso morrer nesse momento!*

— Gente, se vocês me derem licença, preciso ir ao banheiro. — minto, sorrindo forçadamente para Rafael e sua esposa, tentando engolir o gemido de dor que ameaça escapar a garganta.

Rafael e Clara concordam, parecendo perceberem meu desconforto com a cena diante de mim. Em seus rostos eu vejo estampado a pena e compaixão. E eu realmente odeio isso. Odeio me sentir fraca. Definitivamente odeio sentir que as pessoas têm pena de mim. Isso só mostra quão fraca e vulnerável eu realmente sou. Eu não preciso ter mais disso na minha vida.

*Ignorar, abstrair. Fingir mesmo que não vi... — Repito como um mantra.*

Ando em direção ao banheiro, tentando me segurar. Começo a contar até dez, mas não dá certo, porque continuo contando até vinte. Ouço alguém chamar meu nome, talvez Luca, não sei realmente, mas eu não posso responder sem que eu desmorone, então apenas ignoro. Não posso suportar lidar com quem quer que seja neste momento fodido, principalmente com ele ou com ela. Definitivamente, meus bons modos são a última coisa que estou pensando agora.

*Chega, chega! Preciso me acalmar, merda!*

Pra que isso, Sophia? Se ele estiver com alguém agora, e daí? Terminamos, não terminamos? Na verdade você quem terminou! Ele não te deve nada e você idem! Agora chega. *Respira fundo. Segura. Forte, forte, forte, forte, forte...* Pronto, agora pode chorar.

E é então que trancada na cabine daquele banheiro que eu coloco para fora a dor que eu estava segurando até aquele momento. Não sei quantos minutos me permito fazer isso, mas não posso continuar assim, então paro em seguida de chorar e respiro fundo tentando me acalmar.

*Ok. Chorei. Então chega! Adulta, adulta.*

Com um pedaço de papel, eu tento limpar meu rosto. Abro minha bolsa e pego a maquiagem para retocar. *Corretivo. Pó para assentar. Rímel.* — Respiro fundo. — *Blush. Batom. Sorria.* Respiro fundo mais uma vez, antes de terminar de retocar minha maquiagem e apesar da vermelhidão dos olhos, acho que consegui fazer um bom trabalho.

*Sophia, sorria. Assim está melhor. Agora vou voltar lá dentro dizer 'Tchau' e ir embora em seguida. Você pode fazer isso. Você pode...*

Respiro fundo mais uma vez e quando estou me preparando para sair do banheiro, vejo uma sombra se aproximando atrás de mim, o que imediatamente chama minha atenção. Levanto meu olhar do espelho, para encontrar com o de Anitta, me olhando com uma cara de desdém e de quem está malditamente bêbada.

*Merda! Essa puta oxigenada definitivamente deve ter vindo tripudiar de mim!*



# Capítulo 10

## Sophia

Anitta estava com um vestido maravilhoso, que definitivamente não foi feito para ela. Honestamente, ela precisava parar urgentemente de assistir vídeos de tutoriais no *Youtube*. Patati e Patatá, são quase rostos demaquilados ao seu lado. Porque a maquiagem dela está tão exagerada, que parece que ela havia mergulhado a cara no glitter, tomado uma chinelada e ainda por cima tido uma overdose de pó bronzeador.

*Camila Coelho e Alice Salazar te desprezam!*

Felizmente eu e Anitta conseguimos nos evitar desde a viagem para a Itália, pela qual quase não nos falamos e necessariamente, não precisamos suportar a presença uma da outra. Acho que nossa última conversa “sincera”, foi quando ela me acusou de dar o golpe da barriga, dizendo que era esse o motivo do meu noivado tão rápido com Luca. Quando estávamos no Rio, ela chegou de viagem, mas Luca e eu fizemos questão de nos manter longe dela e ela ficou com meu sogro, quer dizer ex-sogro, na mansão dos *Campanaro*.

Mas agora estamos aqui, cara a cara no banheiro. Meu sangue ferve apenas com a sua visão e eu tento me controlar, porque essa era, sem dúvidas, a última coisa que eu precisava no momento, mas respiro fundo mais uma vez, antes de deixar que ela termine de estragar minha noite.

— Você sabe que ainda estou surpresa de sua barriga não ter aparecido, queridinha. — ela fala com desdém, fazendo sua voz já irritante ficar muito pior do que já era.

Respiro fundo, tentando me controlar e começo a contabilizar meus sapatos para me acalmar. Ainda que minha vontade seja lhe dizer poucas e boas, ou até mesmo de esfregar sua cara no chão, não darei esse gostinho a ela. Não vou retrucar. Prefiro ficar quieta. Não quero dar ousadia para esse ser. Desvio meu olhar do seu e resolvo ignorar sua presença. Melhor coisa que posso fazer.

Repasso mais uma vez o batom vermelho nos meus lábios, tentando não prestar atenção em toda porcaria que sai da sua boca. Só que eu sabia que ela não iria se contentar com meu silêncio, porque continua a falar:

— Talvez você tenha perdido o bastardinho, por isso que vocês ainda estejam separados, não? — a louca volta a perguntar, como se estivesse se deliciando com sua própria pergunta.

— Anitta, não sei por que você acha que qualquer coisa relacionada a mim e a Luca seja da sua conta. — respondo, tentando afastá-la.

— Oh, querida, claro que é. — ela fala de forma irritante.

*Sério, alguém precisa deter esta mulher!*

Em um ato casual, remexo na minha bolsa como quem estivesse procurando por algo. Dentro dela ligo para o número de Luca, que ainda está no ícone de favoritos na minha área de trabalho, sem que ela perceba o que estou fazendo. Espero pelo menos que ele entenda o que estou fazendo. Pois eu já a conhecia o suficiente para saber que Anitta não está aqui à toa, ela havia vindo ao meu encontro com algum propósito maldito. Eu não seria eu, se desse esse gostinho para ela. Então por mais que eu saia machucada dessa conversa, vou fazê-la engolir seu próprio veneno e mostrar exatamente quem ela é.

— Você sabe que eu ganhei de presente de Natal antecipado sua separação com Luca, não? — ela diz com um sorriso doentio, enquanto coloca sua taça de champanhe vazia em cima do balcão e eu me viro para encará-la, já estando no meu limite.

— Você queria exatamente isso não é, Anitta? — pergunto, enfrentando-a de frente. — Saber que o caminho de Luca estava livre. — completo entre os dentes.

— Claro! — ela diz como se fosse óbvio. — Você não é mulher o bastante para ele e você sabe disso. — ela fala examinando-me de cima abaixo, como se me achasse engraçada.

Certo. Precisei de todo meu autocontrole para não quebrar a cara dessa vagabunda agora. Começo a rir com desdém, mas por dentro sinto meu sangue pulsar de raiva, por pensar que talvez ela realmente saiba exatamente como me sinto em relação a Luca. Que qualquer pessoa e principalmente ela saiba o quão vulnerável eu me sinto no fundo.

— Luca nunca será seu, Anitta. Acorda! Você não percebe que ele te odeia? — afirmo mais do que pergunto e ela dá de ombros, o álcool certamente deixando-a ainda mais sem noção.

— Você já deve ter escutado falar sobre isso, mas vou lhe dizer mesmo assim. — olha para mim com desdém antes de continuar: — Entre o amor e o ódio, existe apenas uma linha tênue, é só uma questão de tempo até que ele finalmente se dê conta que fomos feito um para o outro. — ela fala como se realmente acreditasse na asneira que estava dizendo e eu desato a rir.

*Meu Deus! Que louca!*

— Anitta. — eu digo ainda rindo com vontade, da sua doença. — Você realmente acha que Luca vai amar você um dia? Você só pode estar delirando! Que maconha errada foi essa que você andou fumando? — eu pergunto com sarcasmo.

Agora é a minha vez de continuar a rir com desdém. Eu rio tanto por ela achar que isso talvez aconteça, que fico até sem ar. Ela só pode ser louca mesmo. Disso nunca duvidei, mas depois disso que ela falou, ela é digna de internação. Continuo a rir sem controle, que Anitta parecia insultada

pela forma como reagi.

— Luca perceberá quantos anos da sua vida jogou fora fugindo de mim. — Anitta continua seu devaneio, falando entre os dentes e percebo seu corpo ficar rígido, pelo que já lhe disse.

*Sim. A vadia louca está abalada!*

— Não. — nego com a cabeça devagar de um lado para o outro, enquanto cruzo os braços para enfrentá-la. — Todos. Luca. Mariah. Senhor Campanaro. Só vão ter certeza da maldita cadela que você é. — eu digo provocando-a.

— Você se garante demais! Se acha esperta demais! — ela grita irritada.

— Não. Você age dessa maneira, não eu. — eu falo sinceramente.

— Do que você está falando? — Anitta pergunta intrigada.

— Você acha mesmo que me engana? Há alguns dias eu vi um noticiário em que mostrava o desaparecimento de uma pessoa. Na hora o achei familiar, mas não consegui me lembrar de onde o conhecia. Só que agora olhando para você, me lembrei exatamente onde o vi. Na Itália, você se encontrou com uma pessoa que eu não conhecia. Mas tudo se encaixa agora. Era o detetive particular que Mariella contratou para localizar sua família no Brasil, não é? Agora me responda: Você pagou quanto para que ele não dissesse nada, hein? Para que ele mentisse para sua cunhada em relação à verdade sobre a família dela? Pagou quanto para ele sumir? — pergunto instigando-a a dizer e sua cara de choque demonstra que minhas suspeitas não estão de todo erradas.

— Como... — sua boca cai em surpresa. — Você me seguiu? — pergunta incrédula.

— Não. — dou de ombros. — Por um acaso, vocês não foram tão cuidadosos como acharam que foram e eu estava passando perto da cafeteria que vocês dois estavam conversando. — coloco minha mão na bancada, para me apoiar e colocar minha bolsa mais próxima a ela. — Agora eu me pergunto, qual seu interesse nisso? Se seu sogro era rico, porque esconder isso do seu marido? Isso só iria te beneficiar, caso seu casamento acabasse. Então porque você não queria que a família dele se reencontrasse?

— Você é bem burrinha mesmo, não é? — Anitta pergunta, recuperando sua fachada de puta confiante. — Eu estava tentando arranjar uma forma de conseguir que August passasse toda sua parte da herança para mim, sem que ele ou qualquer uma pessoa dessa família soubesse disso. — confessa, antes de rir histericamente.

*Putá Merda! Agora é a minha vez de ficar absolutamente chocada!*

Bem, eu apenas chutei, eu não esperava que realmente fosse verdade. Ok, talvez esperasse no fim. Mas aí estamos diante de uma maldita cadela completa, que não tem escrúpulos para conseguir o que quer. Que não se importava com ninguém, além de si mesma. Eu balancei minha cabeça real e



incrivelmente confusa com sua revelação. Não sabia o que diabos aconteceu, além do fato de que Anitta havia mostrado sua verdadeira natureza, como um garimpeira vadia e doente, que no fundo eu sempre achei que ela fosse.

— Você só pode ser maluca! — eu afirmo irritada e enojada ao mesmo tempo.

— Maluca é você, por achar que merece um homem como Luca. Se afasta dele, ele é meu! — ela afirma, apontando o dedo ameaçadoramente para mim.

— Talvez ninguém tenha te avisado ainda, então desculpa se eu vou te dar essa notícia sem te preparar antes, mas a porra do mundo não gira em torno do seu umbigo! — grito meu golpe verbal e o rosto de Anitta fica rosa, para em seguida ela cerrar os dentes em um acesso de raiva.

— Você é uma pu... — interrompo-a.

— O que, Anitta? O que eu sou? Eu sou a mulher pela qual Luca caiu de Amor! — agora é a minha vez de apontar para ela. Qualquer paciência que eu tinha se foi. — A puta aqui é você! Você quem foi um caso de caridade para ele. Luca nunca quis nada com você e depois do que você fez com o pai dele e toda a família, você acha mesmo que você terá algum sentimento dele, além de ódio, desprezo, nojo? — grito de volta para ela, sentindo meu corpo tremer de raiva.

— É a sua palavra contra a minha! Eles nunca acreditarão em você, sua put... — ela ameaça e eu me preparo para o baque, quando vejo sua mão levantando em minha direção.

Mas antes que eu perceba, sua mão é suspensa no ar e nós olhamos automaticamente surpresas para ver quem foi meu Salvador. Era Luca. Era ele. Minha surpresa não é tanta por ele ter aparecido, porque eu já sabia que Luca tem um *timing* perfeito, sempre teve. Mas a surpresa é mesmo pelo Senhor Campanaro estar atrás dele, sendo seguido de perto por Mariah e a loira 'amiga da noite' de Luca. Ou seja, toda a farsa de Anitta havia acabado de ser descoberta.

— Você não ouse encostar seu dedo podre nela, sua cadela! — Luca diz entre os dentes de forma ameaçadora. — Eu te avisei naquele dia e não vou avisar de novo. — ele fala, com as veias do seu pescoço saltando em um excesso de raiva.

Anitta olha assustada para Luca e em seguida para o Senhor Campanaro, que neste momento parece estar precisando de um saco de vômito. Mariah está tão vermelha, que parece que está a poucos segundos de sua cabeça explodir de raiva. Anitta continua a olhar de um para o outro, até que ela solta seu braço da mão de Luca.

— Querido... — Anitta começa a falar, tentando se aproximar de Sr. Campanaro e aponta o dedo para mim. — Ela me disse coisas horríveis, eu... — eu olho incrédula para sua cara de pau, mas Sr. Campanaro se afasta dela no instante em que ela chega perto dele e parece recuperar sua pose, olhando-a de maneira firme.

— Chega de mentiras, Anitta! — Sr. Campanaro fala, fraco. — Eu ouvi tudo o que você disse a ela! — ele termina gritando e a cara de derrota que Anitta faz é impagável.

— Mas como... — sua pergunta morre no instante em que Luca levanta seu iPhone e sorrindo faço o mesmo com o meu, que ainda mantém uma chamada ativa para o dele.

Ao se dar conta do que aconteceu, Anitta olha para mim com uma raiva feroz, que só me dá vontade de rir.

— Sua cadela filha da puta! — Anitta grita.

Anitta começa a fazer o seu caminho de volta até mim e Luca tenta interferir mais uma vez, mas eu o tiro da minha frente, para que eu possa enfrentá-la. Já não tenho mais medo de porra nenhuma, muito menos ‘dedos’ agora que sua máscara finalmente caiu.

— Não vou me doer com suas ofensas, Anitta, porque a carapuça te serve, sua vadia! — eu digo enfrentando-a, enquanto seguro com força sua mão no ar. — Antes que você se arrependa de tentar encostar em mim suas nojentas patinhas, eu quero te dizer que eu não tenho medo de você. Eu ainda vou te dar um conselho de amiga: Se você se atrever, você vai no mínimo precisar de uma nova plástica no nariz depois que eu, uma ex Judoca e Capoeirista, quebrar essa sua cara de pau! Não que eu não queira fazer isso desde que vi você pela primeira vez, sua vadia. — aviso com toda a satisfação do mundo.

*Juro por Deus, que é exatamente isso que eu pretendo fazer!*

Eu nunca senti tanta vontade de perder o controle na minha vida. Quero quebrar a cara dela, para acabar com toda a minha frustração e principalmente por todo mal que ela fez e deve ter feito para essa família que me acolheu. Luca começa a rir com vontade da minha ameaça para Anitta, assim como sua amiguinha, que eu tinha esquecido por um momento estar aqui.

Volto a focar em Anitta, que parece aterrorizada com a minha ameaça. Eu acho bom que ela saiba que eu não estou brincando.

— Você deve achar mesmo que todo mundo acreditava nessa sua falsidade, não é? — Mariah pergunta, parando ao meu lado. — Você deve saber que eu nunca acreditei em você, sua puta! — Mariah aponta o dedo na cara dela e eu rio de satisfação quando a vejo engolir em seco.

— Eu sou Anitta Velasque Campanaro! — ela diz, como se fosse grandes coisas e eu rio sem controle.

— Tsc. — solto um muxoxo. — Acho que você é minoria, Anitta. Se eu fosse você esqueceria seu sobrenome de casada. Você realmente acha que pode manter essa sua pose agora? — jogo seus braços para longe e a vejo engolir em seco novamente. — Acorda, Anitta! — Estalo os dedos para ela. — Você perdeu e não percebeu ainda. Por um acaso você está esperando legenda? —

pergunto.

Luca volta a rir com vontade e Anitta olha sem jeito para o Sr. Campanaro, em um pedido silencioso de ajuda e ele desvia o olhar dele do dela.

— Querido... — Anitta começa novamente e ele volta a olhar para ela, com fúria desmedida.

— Pare com isso, Anitta! Chega de teatrinhos! — ele brada, parecendo fora de si. — Nada do que você disser, vai diminuir o que você fez para minha família! Você arquitetou me deixar sem saber da minha família, do meu pai, da minha irmã! O quão cruel você é, mulher? Se não fosse por Sophia tê-la encontrado, eu não poderia ter dado nem o último adeus ao meu pai. Você tem noção do que é isso? Mas eu também não a julgo... Você não sabe o que isso significa, porque você não tem coração, sua vadia! Não vou nem falar nada sobre suas intenções com meu filho! — suas veias saltam e ele está tão furioso, que suas bochechas estão vermelhas.

Fico com pena do Sr. Campanaro, estou realmente triste por ele. Porque de uma forma ou de outra, ele foi o mais prejudicado depois de tudo. Como se já não bastasse estar casado por tantos anos com essa jararaca, sendo enganado, ela ainda havia tentado esconder sua família dele. Apesar de estar satisfeita por Anitta ter sido finalmente desmascarada, estou realmente receosa de que ele possa ter um ataque cardíaco por estar diante dessa merda toda. Apesar de suas escolhas erradas, ele não merecia passar por isso.

— Sabe o que mais dói? — Sr. Campanaro pergunta a Anitta retoricamente, que agora está em lágrimas de crocodilo, não esperando sua resposta — Foi que eu perdi um grande amigo por sua causa. Achando que me casar com você era a coisa certa a se fazer. Ele não merece a filha puta que tem. — ele aponta para ela e ela estremece.

— *Papa.* — Mariah chega perto dele e segura em seus braços. — Não perca a cabeça com essa vadia, ela não merece nem isso. Acabou. — ela diz, com olhar de nojo para Anitta.

— Você está certa, filha. — Sr. Campanaro aperta a mão de sua filha, agora parecendo emotivo. — Vocês sempre estiveram certos. — ele afirma de forma categórica.

Sr. Campanaro volta seu olhar para Luca, que está ao meu lado com as mãos em seu bolso, parecendo um pouco sem jeito. Eu diria até culpado. Poucas foram as vezes que eu vi Luca agir dessa maneira, como se sentisse envergonhado e incapacitado para ajudar seu pai. Ele toma uma respiração profunda e finalmente lhe responde em um aceno compreensivo

— Tudo bem, *Papa*, teremos tempo para isso. — Mariah diz com carinho.

— August... — Anitta volta a falar, como se tivesse pedindo compaixão.

— Não se dirija a mim, Anitta! Cansei de tanta falsidade! De toda sua mentira! Fique longe de Sophia, dos meus filhos, da minha neta e de toda a minha família! Não quero nem sentir o seu cheiro

perto de nós. Arrume suas coisas e volte para casa de seus pais. Se é que eles ainda querem-na por lá. Se eles não a quiserem, problema é todo seu. Por mim você faz o que uma pessoa como você deveria fazer: vida, sua puta. Isso não é mais da minha conta. Na verdade nunca deveria ter sido!

— Sr. Campanaro diz de forma categórica e Anitta o olha, incrédula.

— Mas nós somos casados! — Anitta diz de forma estridente.

— Por enquanto. Infelizmente não posso fazer nada quanto a isso imediatamente. Mas amanhã cedo já estarei entrando em contato com meus advogados. Quero a separação o mais urgentemente possível. Quero apagar todos esses anos da minha vida. Mas eu deixo você avisada, você não colocará as mãos em um tostão meu, até que o juiz decida o que devo fazer. — Sr. Campanaro fala com firmeza.

— Pode esperar para ver essa linda gravação, no processo de divórcio. Se você está esperando uma quantia milionária de *Papa*, eu não ficaria tão ansiosa para isso se fosse você. — Luca diz parecendo divertir-se com a situação.

Anitta tenta se levantar, para tentar pegar seu celular da mão de Luca. O que é em vão e completamente sem nenhum propósito, porque ele também é mais alto do que ela.

— Me dê isso, Luca! Agora! — Anitta fala em tom de desespero e nós dois rimos da sua presunção.

— Mesmo que eu deixasse você pegar, o que não é o caso, você sabe que todos os celulares da *Campanaro* são monitorados. — Luca pisca para ela provocando-a e Anitta bufa de raiva.

— Você é tão idiota, Anitta! — eu digo. — Você sinceramente acha que ele vai lhe entregar qualquer coisa? Olhe para ele. — aponto para Luca. — Luca parece mais feliz do que criança no Natal pela sua máscara ter finalmente caído, vadia. — digo com orgulho e ele assente com a cabeça.

— É tudo culpa sua! Se você não tivesse entrado em nossas vidas e se metido onde não é chamada... — interrompo-a.

— Êpa. Eu estava bem quietinha no banheiro, cuidando da minha vida e retocando minha maquiagem, quem veio atrás de mim para me provocar foi você. Não tenho culpa se sua boca é grande demais. — abaixo minha voz, como se tivesse lhe avisando algo sério. — Não sei se você sabe os bons modos, mas não se pode beber muito em eventos, quando se bebe, muitas verdades saem. Vou te contar um segredinho: Verdades sempre escapam, entre goles de champanhe, misturados a remédios para emagrecer. Mas é isso, nós podemos nos mascarar e fingir ser alguém que não somos, mas eis o perigo das máscaras, um dia elas sempre caem. — provoco.

Todos, com exceção do Sr. Campanaro caem na gargalhada, o que parece deixar Anitta ainda

mais fora de si e eu ainda mais feliz com seu descontrole.

— O que de certo modo não é tão mau, pois saber que a máscara de alguém que você não suporta caiu por conta própria e ainda por cima encharcada de álcool é sempre algo maravilhoso. — sorrio com satisfação e ela faz menção de me atacar novamente, mas Luca a interrompe mais uma vez me puxando para perto dele.

— Já foi suficiente, Anitta. — ele diz sério.

Aconchego-me em seus braços, provocando-a e Anitta parece mais ferida com meu ato, do que com qualquer outra coisa dita essa noite. Luca, no entanto, parece gostar de como me encaixo confortavelmente ali, pois ele não faz nenhuma menção de se afastar, apesar da loira ainda estar nos assistindo.

— Se você não quiser causar uma cena pior, vou mandar Marcus te escoltar até o apartamento de *Papa*, onde você pegará suas coisas e providenciarei suas passagens para o Rio. Mas é só isso. Já estou fazendo demais, mas é apenas para nos ver livre de você. O que você fará depois disso, é problema seu. — Luca acaricia meus ombros enquanto diz e Anitta olha completamente chocada para nós dois e para o Sr. Campanaro.

— Saia com eles agora, Anitta, senão quem vai perder a compostura sou eu. — Sr. Campanaro avisa de forma ameaçadora, assim que Marcus chega ao banheiro que agora parece tão pequeno, escoltado por mais dois seguranças.

Anitta olha para todos nós por um momento, depois coloca seu queixo para cima, encolhe a barriga e empina a bunda, antes de sair caminhando como se não tivéssemos acabado de derrubá-la do seu pedestal e ainda lhe tivesse restado algum pingo de dignidade.

*Mas é muito louca!*

Assim que a porta se fecha, todos respiram aliviados e Luca se volta para mim, prendendo seus olhos nos meus, parecendo preocupado depois do que houve aqui.

— Ela tocou em você, *baby*? — ele pergunta, enquanto me examina e eu sorrio com sua preocupação.

— Não. Disse um monte de merda, mas você me conhece, né? Não dei satisfação dela encostar seus dedos sujos em mim. — digo entortando a boca e eu o vejo sorrindo, com um brilho incrível nos olhos.

— Eu ouvi. Você como sempre foi incrível. — Luca diz com ternura, para em seguida me abraçar com força.

— Desculpa por tudo e obrigado por mais isso... — Sr. Campanaro diz sem jeito e eu solto meus braços de Luca, para abraçar a ele.

— Eu que me desculpo. Sei que não deveria me meter, mas ela me provocou e não merecia mais enganar uma pessoa tão incrível como o senhor. — eu digo sinceramente.

Ele volta a me abraçar apertado, sinto meus olhos marejados ao perceber a dor e a culpa que ele carrega por tudo que estava acontecendo.

— Obrigado. — diz com a garganta arranhando. — Eu já te disse isso várias vezes, mas é a verdade, filha. Eu que fico feliz do meu filho ter encontrado você, querida. Principalmente depois de tudo que você fez para nos ajudar. Por tudo que você fez pela nossa família. Ainda por cima me deu uma neta incrível. — Sr. Campanaro afirma, com um sorriso triste e olhos marejados. Eu sorrio de volta tentando empurrar a tristeza que eu estava sentindo.

*Jesus! Eu amo realmente muito essa família.*

Sr. Campanaro olha para Luca e Mariah de forma triste, antes de puxar seus filhos para um abraço apertado. Acho que talvez seu abraço fale muito mais do que palavras que ele poderia proferir. Esse abraço tem o peso de mais de dez anos ali. Depois de abraçá-los, olha-os nos olhos, com tanta dor e culpa que é impossível não se doer por ele.

— Eu sinto muito por vocês. — Sr. Campanaro fala emotivo para seus filhos. — Eu deveria ter escutado vocês dois e todas as razões que me diziam para não me casar com ela. — ele diz e eu tenho vontade de chorar por ele. Eu sei o verdadeiro motivo, no entanto.

— *Papa.* — Luca diz com a voz travada. — Pode ser difícil de acreditar, mas eu não o culpo. Você foi a maior vítima aqui. — ele aperta o braço de seu pai, com carinho, fazendo Sr. Campanaro chorar ainda mais.

— *Papa.* — Mariah chega ao seu lado e acaricia os ombros de seu Pai. — Vamos para minha casa, a noite foi muito longa. Acho que seria bom que o senhor descansasse um pouquinho, tudo bem? Vou lhe fazer um chá antes de você dormir. — ela diz e eu concordo enfaticamente, enquanto Sr. Campanaro assente sem relutar.

*Sério. Fico com pena, ele realmente não merecia nada disso.*

— Obrigada, amiga, você como sempre trazendo o bem e transformando nossa família. Eu amo você, você sabe. — Mariah diz, com um enorme e agradecido sorriso no rosto, antes de me dar um abraço apertado.

— Ninguém tem que me agradecer nada. Qualquer um no meu lugar faria exatamente a mesma coisa. No entanto, fico feliz em ter ajudado. — sorrio verdadeiramente. — Eu também te amo, amiga. Estou aqui para o que vocês precisarem. — olho de Mariah para Sr. Campanaro, que me dá mais um sorriso triste em agradecimento.

A loira-modelo, amiga de Luca se aproxima dele e passa seus braços nos dele, em um ato

possessivo, antes de sorrir para mim. Minha garganta queima de vergonha e de vontade de chorar. *Eu precisava sair dali.* Me viro de volta, a tempo de ver Mariah e senhor Campanaro caminhando até a porta e pisco para longe as lágrimas que ameaçam derramar.

— Vocês vêm? — Mariah pergunta, sorrindo com carinho para a loira e em seguida para Luca. Olho para minha amiga boquiaberta, sem entender o que está acontecendo.

*Mas que porra! Até ela é a favor da relação, ou seja lá que merda os dois tenham?*

O que eu esperava também? Ela é irmã dele! Merda. Merda. Vou perder minha outra melhor amiga também? Pode até ser péssimo o sentimento de perder Luca, mas nada se compara ao que estou sentindo ao pensar na possibilidade de perder Mariah. O que conseqüentemente, significa que também perderei Thiago por tabela. Eu realmente não consigo imaginar minha vida sem ela. Não consigo imaginar minha vida sem os dois.

*Não posso chorar. Não posso.*

Engulo em seco e tento me manter sã. Não posso permitir me desconjuntar nesse momento. Não na frente deles.

— Não. Preciso ficar para a festa, sem o *Papa* aqui, farão muitas perguntas, você sabe... Quando sair daqui, eu passo na sua casa. — Luca diz parecendo ainda preocupado e Mariah assente com a cabeça.

— Voy com Luca mais tarde. — responde a loira-modelo, em um sotaque arrastado e com um sorriso brilhante.

*Ok. Ela apenas disse que vai sair daqui com ele! Lide com isso, Sophia!*

Mariah assente com a cabeça, antes de fechar a porta. Viro-me para pegar minha bolsa, pronta para sair dali correndo. Definitivamente não importa se estou com saltos de mais de 15 cm, preciso correr para já. Tenho trinta segundos antes de desmoronar aqui. Estou certa de que quando eu der esse dia por terminado, terei uma noite com minha garrafa de vinho.

*Fim. Não posso chorar mais. Meu “Era uma vez” com Luca, finalmente acabou. Ele havia encontrado outra!*





# Capítulo 11

## Sophia

— Sophia. — Luca chama meu nome, ao mesmo tempo em que puxa-me pelo cotovelo, quando finjo que eles não estão mais ali e tento fazer meu caminho para porta.

— Preciso ir. — digo com a garganta fechando.

Olho para o lado, sem olhar para nada além da porta. Não posso olhar mais para trás. Não posso fingir que posso enfrentar isso. Não posso ver o homem que eu amo com alguém.

Mas por mais que eu me mostre relutante em querer ficar, ele por outro lado não cede seu toque e parece não querer me deixar ir.

— Quero que você conheça uma pessoa... — Luca começa e eu o interrompo:

— Tudo bem, Luca, você não precisa explicar... — falo com a garganta fechando e fecho os olhos, tentando engolir as lágrimas que ameaçam transbordar junto com a dor no meu peito.

*Que filho da puta! Sério mesmo que ele quer me apresentar para nova periquita que ele está comendo? Odeio-o! Odeio...*

— Do que você está falando? — Luca vem até minha frente, sua cara confusa quase me engana e eu ignoro minha vontade de dar um chute nos seus países baixos.

— Oh *Lucca*. *Usted* no vê que *Ella* estare com ciúmes de *mi*? — a loira-modelo se aproxima sorrindo.

*Como é?*

Eu sinto raiva de mim por ela ter entendido exatamente como me sinto e estar me mostrando tão vulnerável diante uma situação a qual foi minha escolha. Mas sinto mais raiva ainda por estar nessa situação.

*Posso quebrar a cara dela agora?*

— Como? — Luca parece chocado pelo que ela acabou de dizer.

*Bem, óbvio que deveria fazer sentido para mim também, porque eu definitivamente quis o fim desse relacionamento. Não ele.*

— Tudo bem, você não tem porra nenhuma para explicar. — sinto uma lágrima escorrer no meu rosto e a enxugo para não parecer mais patética do que já me sinto. — Por favor, só me deixe ir embora. — peço de forma segura, rezando para que ele me deixe ir logo embora daqui.

Ao contrário do que achei, Luca parece ainda mais chocado com o que eu disse.

— Sophia. — ele sacode a cabeça, parecendo compreender o que está acontecendo. — Não é isso que você está pensando... — diz decidido.

*Uh. Papinho clichê péssimo, de novo não.*

— Eu não tenho que pensar nada. — eu digo duramente. — Você pode fazer o que quiser. É sua vida...

Luca nem ao menos me deixa terminar antes de colar sua boca na minha em um beijo devastador, o que me deixa perplexa. Quando esqueço tudo ao nosso redor, deixando-me envolver com seu toque, seu gosto, ele se afasta mesmo que pareça não querer fazer isso. E quando consigo voltar para realidade, olho para ele sem entender que merda é que está acontecendo aqui, porque a outra está sorrindo em satisfação.

*Espero o inferno que eu não receba uma proposta de noite a três, porque eu juro que não responderei por mim se ele insinuar algo do tipo!*

— Que porra é essa? — pergunto irritada e ainda ofegante com seu beijo e Luca sorri ainda mais pelo meu rompante.

— Estava querendo fazer isso a noite toda. Mas como você não me deixava falar, confesso que me aproveitei da situação. — Luca sorri com malícia e o modo como aquela porra de sorriso idiota me faz ficar olhando fascinada para ele mesmo quando não quero.

*Merda! Por que ele tem de ter esse poder sobre mim?*

— Mas bem... — ele continua a falar quando puxa a loira para o seu lado. — Deixe-me te apresentar, Sophia. Sophia, essa é Nina... — faz um suspense proposital antes de continuar: — Nina Campanaro, minha prima. — fala com satisfação, em um enorme e lindo sorriso.

*Oh meu Deus que vergonha!*

Olho chocada e completamente sem graça de um para o outro. Como eu não pensei sobre isso antes? Olhando para ela, sem a névoa de ciúmes me cercando agora, posso nitidamente perceber o quanto ela é parecidíssima com sua mãe, com exceção dos cabelos loiros. Ao contrário do que aconteceu com o restante da família, eu não havia conhecido Nina enquanto estávamos na Itália, pois como ela estava viajando a trabalho e não pôde comparecer ao funeral do seu *Nonno*, acabamos não nos encontrando. E agora, bem, estou aqui fazendo papel de 'ex-namorada-noiva louca e ciumenta' e quero apenas abrir um buraco e me enterrar nele neste momento.

— Oh. — murmuro, sem saber como falar qualquer coisa. — Desculpe-me por parecer tão idiota. Normalmente não sou tão doente assim. — me desculpo sem jeito, mal conseguindo olhar para Nina.

— *Va bene.* — ela diz, com um sorriso de compreensão. — No é todo dia que sé acha um *Bueno*

partido e *bello*, come o *mio primo*.

Antes que eu me dê conta, Nina me cumprimenta com um caloroso - e já muito familiar - beijo triplo no rosto e abraço apertado, marca registrada dos italianos, como toda a família Campanaro faz questão de fazer a cada vez que nos cumprimenta.

— Estava ansiosa para *conocer* a ti. *Nonna* ama-te, assim como mia *Mamma*. Depois do que vi *quí* e estoy vendo ahora, já sé exatamente por que. — sorri de forma carinhosa.

— Elas são umas queridas. — respondo e sorrio de volta ainda meio encabulada por toda essa situação constrangedora.

*Só eu mesma para me meter nessas coisas!*

— Nina veio trabalhar comigo na *Campanaro*. — Luca explica com um sorriso provocante, ao me ver um pouco desconfortável pela cena que criei.

— Desculpe mesmo. — eu o ignoro, voltando a olhar para Nina em um pedido de desculpas. — Eu só fiquei surpresa, ninguém me falou nada sobre sua vinda então...

— *Va bene*. No te preocupas, ok? *Il* também arrancaria *las* bolas de *una mujer* que chegasse perto de *mio uomo*. — Nina diz, me fazendo rir ainda sem jeito.

\*\*\*

Saímos do banheiro finalmente e nós três nos encaminhamos para o bar da recepção da festa. Depois de toda essa noite louca eu precisava beber loucamente. Muitos convidados já haviam ido embora, então o clima da festa já estava mais descontraído. Luca teve que dar atenção ao restante dos convidados e eu fiquei feliz de estar acompanhada com minha Roska, meus amigos e Nina, enquanto conversávamos.

Explicamos rapidamente para eles o que houve com Anitta no banheiro e embora todo mundo tenha ficado chocado com o que havia acontecido lá, não posso dizer que tenham ficado surpresos. Assim como eu, eles também não duvidavam que aquela cadela era capaz de qualquer coisa.

Nina era muito espirituosa e acabou se dando super bem com eles. Ela falou um pouco sobre si e assim como sua mãe já havia me contado, ela era uns três anos mais velha que Luca, era filha do primeiro - e agora quarto novamente - marido de Mariella e foi criada em Portugal por ele, onde fez faculdade de Direito.

— Me responda uma curiosidade. — eu digo, bebericando minha bebida. — Como foi para você saber que seus pais se casariam novamente? — pergunto e ela revira os olhos, antes de rir.

— Os dois *siempre* foram enamorados, *io* apenas fingia que *no* sabia disso. *Aché* até que demoro demais. — ela dá outra risadinha e continua. — *Papa siempre* fazia-me milhões de perguntas sobre *mia Mama*, e ela também, mesmo que já estivesse no décimo marido. — ela revira os olhos e eu rio do

seu eufemismo. — Ruan e Julio sempre fizeram o papel de ciumento. Giulia sempre ignorou. Era apenas *una questón de tiempo* para eso acontecer.

— Com licença, senhoritas. — Rafael disse, se juntando a nós e eu sorrio.

— Rafael. Deixa eu te apresentar. Essa é Nina Campanaro, prima de Luca. Nina, esse é Rafael, genro de um empresário que trabalha com a Campanaro e amigo meu há muitos anos. — apresento e os dois se cumprimentam.

Em seguido o apresentei aos meus amigos que ainda não o conheciam pessoalmente e assim como eu, ficaram surpresos por esse reencontro inesperado.

— Uê, cadê a Clara? — pergunto, procurando sua esposa ao nosso redor.

— Fui abandonado pela Clara. — faz drama e eu reviro os olhos. — Ela foi dar de mamar para Sarah. Como se já não bastasse dividir a atenção da minha esposa com um hominho, tenho que dividir com uma princesinha também. — brinca e eu caio na gargalhada.

— Ossos do ofício. — João disse, antes de se virar para Nina e dizer: — O que você me diz de uma dança? — perguntou com um sorriso safado, que era quase impossível de se negar qualquer coisa para ele.

*Ai meu Deus!*

Nina olhou para ele de cima abaixo, como se pensasse se ele valeria a pena uma dança. Depois olhou para mim, como quem perguntasse se eu achava uma boa e pela postura que ela demonstrou por não cair no seu sorriso, dei de ombros, ainda que eu pensasse em depois falar com ela sobre meus amigos.

*Sim! Acho que ela merece mesmo saber quem eles são!*

— Acho que eu tenho de alertá-la sobre esse safado. — pensei em voz alta, quando os dois se afastaram.

— Com certeza. — Carol concordou comigo, João olhou para trás, com um sorriso vitorioso no rosto.

— Merda! O bastardo acabou de ganhar quinhentos reais. — Duda resmungou e eu desatei a rir.

— Nem acredito que vocês apostaram! — falei ainda rindo.

— Sim. Apostamos. Pela falta de desinteresse dela desde que chegamos, achei que ela não fosse aceitar nem um drink, quanto mais uma dança. — Duda continuou reclamando e o restante de nós riu ainda mais.

— Quando é que você vai aprender a parar de apostar com as pessoas? — Nick perguntou, também rindo. — Desse jeito vai ficar pobre. — reiterou e eu ri, lembrando da nossa última aposta,

em que eu ganhei um fabuloso par de *Louboutin*.

— É impressão minha ou ainda que João tenha ganhado uma dança, ele não vai ganhar mais nada além disso? — Carol perguntou, tentando segurar o riso.

— Também tive a mesma impressão, Carol. Nina não me parece ser o tipo de mulher que abre as pernas facilmente para um homem como João. — falei, olhando os dois que dançavam uma música que tocava.

— Sem dúvidas. — meus amigos disseram de uma só vez e nós caímos na gargalhada.

— Como assim vocês falam até juntos? — Rafael perguntou, parecendo perplexo e eu ri.

— É porque a gente se conhece bem demais, Rafa. — Falei e meus amigos concordaram.

— Mais do que eu gostaria. — Carol resmunga, embora eu soubesse que ela está exagerando.

— Deixa eu fazer um teste para você ter noção, Rafa. — falei para ele, antes de me virar para Duda. — Duda, quando é que estou de TPM? — pergunto e ele fez uma careta, antes de estremecer.

*Exagerado!*

— Embora pareça que ela está em uma TPM eterna, Sophia fica de TPM na terceira semana do mês. Quer chegar perto? Lhe presenteei com alguma coisa. De preferência comida. Com exceção de doces. — Respondeu prontamente e eu lhe beijei o rosto, orgulhosa.

— E a Carol? — Rafael perguntou perplexo.

— Uma semana antes. Meados do mês é um período tenso para nós, porque é uma e depois a outra. Mas ao contrário de Sophia, você pode conquistar a simpatia de Carol com uma barra de chocolate ou até mesmo com um quilo de açúcar. — Duda respondeu, nos fazendo rir e também ganhou um beijo estalado da Carol.

— Ok. Mulher eu entendo, porque quando se é amigo delas, precisamos ser cautelosos na semana da TPM. Mas duvido que saibam detalhes uns dos outros. — Rafael nos desafiou.

— Nick só usa cueca branca. Duda não usa nenhuma. João tem um *piercing* no mamilo e lá embaixo. E embora Carol tenha terminado com João há muitos anos, ela ainda tem a inicial dele tatuada na virilha, porque nunca tomou coragem de enfrentar agulha novamente. — falei de uma só vez.

— Sophia sempre dorme de nariz entupido, por causa da rinite. João gasta um vidro de perfume por mês. Nick é viciado em barras de proteínas. Duda diz que tem alergia a iogurte, quando na verdade ele é muito machista para dizer que tem intolerância à lactose e toda vez que come qualquer coisa derivada do leite, fica mal no banheiro. Comer pizza com ele é uma experiência de outro mundo. Ninguém consegue ficar no mesmo ambiente que ele. — Carol respondeu com uma

careta e nós começamos a rir.

— O que é, Nick? Eu devo comentar sobre todas as suas frescuras? — ele perguntou emburrado.

— Foi mal, amigo. Não está mais aqui quem riu. — Nick disse em rendição.

Ficamos um tempo brincando com nossos defeitos, qualidades e nos divertindo com histórias que nos marcaram. Novamente quase me esqueci de tudo. Esqueci até que Rafael me chamou para dançar com ele e eu aceitei, mas foi apenas quando já estava no meio da dança que meus olhos se cruzaram com os de Luca e lembrei-me de tudo. De nossos problemas. Do fato de ter escolhido me separar do homem que amo e que parece me amar tanto quanto eu. De mesmo assim, me sentir tão mal, que eu não sei o que fazer.

Por que às vezes a gente planeja coisas que a gente sabe que pode ser impossível? Como por exemplo, às vezes eu planejo viagens para cruzeiros paradisíacos, que vemos no canal da TV a cabo, mas eu sei que eu não vou, porque apesar de ser da beira do mar, eu tenho pavor dele. Ou quando eu compro livros que eu já li, mesmo sabendo que não vou lê-los novamente. Ou quando continuo deixando guardada no closet a velha calça tamanho 36, mesmo sabendo que a última vez que eu usei esse número eu tinha quatorze anos. É estranho lutarmos por algo que a gente sabe que não conseguirá? Ou é certo a gente não lutar com medo de errar? Havia tantas perguntas que eu não sabia as respostas, que me deixavam assim, confusa e exatamente por isso que me via em estado miserável dia após dia.

Parei de me perguntar o que eu não sabia e de me culpar pelo que eu tinha escolhido para mim, no momento em que vi Luca caminhando parecendo decidido em minha direção.

## *Luca*

Vê-la nos braços de outro, ainda que fosse apenas por causa de uma dança, era uma cena que eu definitivamente não gostaria de poder ver novamente. Pode parecer insano da minha parte, mas Sophia era minha e vê-la nos braços de outro, especialmente alguém que havia sido especial para ela no passado, era uma tortura para mim.

Eu não sou uma pessoa ciumenta. Pelo menos não era até conhecê-la. Mas me vi dia após dia, sentindo ciúmes desmedidos dessa mulher que tanto me encanta, que às vezes nem mesmo me reconheço. Também nunca fui um cara inseguro. Não que ela me dê motivos para que eu me sinta dessa maneira, mas é algo natural. Aquele querer que ninguém a veja, a admire e queira como eu faço. Algo mais como instinto primitivo de um macho para sua fêmea. Bem homem das cavernas mesmo, como me sinto na maioria das vezes quando se trata dela.

Eu tinha tantas coisas para falar. Tantas coisas a dizer para ela. Para viver. Só que essa situação entre nós está perdurando. Ridiculamente perdurando e por vezes não sei o que fazer para mudar isso, a não ser de fato reagir como o homem das cavernas, jogá-la em meus ombros e dizer-lhe que não adianta em nada ela se afastar, ela é minha e isso não mudará. Nem hoje e nem nunca.

A música de Bruno Mars veio para tripudiar em cima de mim duplamente. Primeiro porque *When I Was Your Man* foi uma música que nos marcou de uma forma positiva, pois a ouvimos no som do meu carro quando fomos jantar juntos a primeira vez. Mas agora eu tive que virar o copo de uísque que estava em minhas mãos, porque eu me sentia exatamente como dizia a canção. Exceto talvez pelo fato de que eu tenho feito tudo por nós desde então e pretendo continuar fazendo. E ao contrário do que ele quer dizer, eu não acredito que seja tarde demais para nós.

*“A mesma cama, mas ela parece um pouco maior agora  
Nossa canção no rádio, mas ela não soa como antes  
Quando nossos amigos falam sobre você tudo isso me faz é me arruinar  
Porque meu coração se parte um pouco quando ouço seu nome  
E tudo soa como, uh, uh, uh, uh, uh*

*Hmm, jovem demais, tolo demais para perceber  
Que eu deveria ter lhe comprado flores e segurado sua mão  
Deveria ter lhe dado as minhas horas quando eu tive a chance  
Ter levado você a todas as festas, porque tudo o que queria fazer era dançar  
Agora minha garota está dançando, mas está dançando com um outro homem*

*Meu orgulho, meu ego, minhas necessidades e meu jeito egoísta  
Fizeram uma mulher boa e forte como você sair da minha vida  
Agora eu nunca, nunca conseguirei limpar a confusão que eu fiz  
E isso me assombra toda vez em que fecho meus olhos  
Tudo isso soa como, uh, uh, uh, uh, uh*

*Embora isso doa, eu serei o primeiro a dizer que eu estava errado  
Oh, eu sei que provavelmente estou muito atrasado  
Para tentar me desculpar pelos meus erros  
Mas eu só quero que você saiba*

*Espero que ele lhe compre flores e que segure sua mão*

*Que lhe dê todas as suas horas quando tiver a chance*

*Que leve você a todas as festas, porque me lembro do quanto você amava dançar*

*Que faça todas as coisas que eu deveria ter feito quando era o seu homem*

*Que faça todas as coisas que eu deveria ter feito quando era o seu homem..."*

Eu não era nem orgulhoso, nem egocêntrico, muito menos egoísta. Eu não era jovem demais. Era maduro o suficiente para tomar minhas próprias decisões e saber que eu havia feito apenas escolhas certas desde que a conheci. Nem tolo demais. Tolo talvez por amá-la desse jeito tão desmedido. Mas isso não me importava. Eu era feliz de amá-la como eu amava. A única coisa que me fazia sentir realmente tolo, é me sentir tão impotente por essa situação que nos rodeia. Por essa separação que nenhum de nós queria.

Ela havia feito uma escolha, mas isso não quer dizer que eu não posso fazer a minha própria. Eu não seria aquele a esperar que outro fosse o homem que eu poderia ser para ela. Não. Eu havia sido destinado a ser esse homem e assim seria. Por isso tomei o fôlego que precisava para fazer o que tinha que fazer e comecei a ir em sua direção para acabar de uma vez por todas com isso.

Foi então que o aviso sonoro de mensagem do meu celular soou. Mesmo a contragosto peguei o aparelho e quando abri, desejei que não tivesse feito. No mesmo instante recuei e toda a coragem de outrora se esvaiu, dando vazão para um sentimento amargo de medo e derrota.

*Merda! Eu não poderia deixar isso acontecer!*





# Capítulo 12

## Sophia

Ainda no domingo à noite, Erick chegou lá em casa para pegar a Giovanna para jantar como havíamos combinado anteriormente, já que eu havia pedido para que a Gio não ficasse o final de semana na sua casa. Eu queria ficar um pouco mais com a minha pequena, mas eu também não poderia ser egoísta assim, sabendo que o pai dela também estava sentindo sua falta. Assim que a campainha tocou, eu abri a porta para um extremamente belo ex-namorado, vestindo uma pólo preta e calça jeans, que agora sorria para mim e eu retribui, antes de dar espaço para que ele pudesse entrar em meu apartamento.

— Boa noite. — ele diz ainda sorrindo.

Enquanto o olhar de Erick desce pelo meu corpo, que estava vestido com uma regata branca e um short jeans velho, me sinto desconfortável e sem jeito pela forma que ele está agindo. Pode parecer besteira, mesmo sabendo que ele conhece o que está por baixo das minhas roupas, é impossível não me sentir incomodada por uma olhada dessa forma por outra pessoa que não seja o homem que amo.

— Boa noite. — ignoro o formigamento de nervoso que a situação está me provocando. — A Giovanna está terminando uma tarefinha da escola, mas não vai demorar. Você não quer sentar? — pergunto com educação e ele concorda se encaminhando para o sofá.

— Sem problemas. — disse, sorrindo.

— Você quer beber alguma coisa? — ofereço, tentando ser educada.

— Não, obrigado. — responde, com um sorriso de canto e eu vou até a adega, onde pego uma garrafa de vinho que eu tinha aberto mais cedo, para poder beber essa noite quando ficasse sozinha.

— Aceita? — pergunto, pegando uma taça na cozinha.

— Não, obrigado. Dirigindo, com uma boneca no fundo. Sabe como é, né? — ele sorri e pisca para mim, retribuo o sorriso, feliz com sua mudança pela Giovanna que tenho visto esse tempo.

— Verdade! — concordo com sua escolha, me sentando ao seu lado. — Muito responsável da sua parte, Papai. — cutuco-o com o cotovelo, depois de tomar um gole do meu vinho e ele ri da minha provocação.

Olhamo-nos por uns instantes e eu pareço me perder por uns segundos nesses belos olhos verdes,

de quem minha filha havia herdado. Não sei por que, mas acabei recordando-me de muitos momentos bons que vivemos juntos antes de tudo. O quanto foi bom o início do nosso relacionamento, antes das coisas desandarem de vez e virar a bola de neve que virou.

A forma com que ele está me olhando, não era nada parecida como eu via ele me olhar há cinco anos. Era completamente diferente, era algo doce e caloroso, algo que nunca esperei vindo dele. E eu sinceramente não sabia como agir diante disso. Meu coração por um segundo pareceu que ia ter um piripaque.

— Papai! — Giovanna interrompeu o nosso momento de nostalgia e eu suspiro levemente agradecida por isso, e nos viramos para encontrá-la vindo correndo em direção a ele.

— Oi, boneca, que saudades! Como você está? — Erick perguntou, de forma carinhosa ao abraçá-la apertado.

— Tudo bem, Papai. Também estava com Saudades! Fui ao shopping ontem com a mamãe e hoje fui ao parque. Foi tão legal! Aonde vamos jantar? — ela perguntou de uma vez, depois de falar entusiasmada sobre o que havíamos feito.

— Calma, boneca. Respira. — Erick diz, fazendo-me rir. — Você terminou sua tarefa? — perguntou com a sobrancelha arqueada para nossa filha, parecendo extremamente sério, o que me deu ainda mais vontade de rir e a Giovanna apenas assente com a cabeça. — Bom... — ele sorri satisfeito. — Pensei em irmos jantar e levarmos sua mãe junto com a gente. Poderíamos deixar que ela escolhesse aonde iremos. O que você acha? — ele diz normalmente e em choque olho para ele em confusão.

— Oh! — murmuro surpresa pela sua proposta, pois eu não estava esperando isso. — Não sei... — Erick sorri para mim.

— Êba! Vamos, Mamãe, vai ser legal! — Giovanna diz animada.

— Vai sim, Sophia. Nunca mais saímos juntos... — ele faz uma pausa e seu sorriso cai do rosto. — Se é que já saímos... — diz sem jeito e eu sinto um aperto por dentro, por saber que desde que a Giovanna não é mais bebê, talvez isso seja realmente verdade.

*Sim. É realmente a verdade!*

— Mas eu... — Erick me interrompe:

— Você vai sair? — pergunta interessado.

— Você me disse que vai ficar em casa, Mamãe. — Giovanna responde por mim contrariada, com os braços cruzados no peito e um bico irritado.

*Merda! Como resistir a esse biquinho?*

— Você ia mesmo ficar em casa? — Erick pergunta, surpreso.

*Ok. Por que é tão surpreendente que eu queira ficar em casa?*

— Bem... — engulo em seco. — Os meninos me chamaram para sair, mas acho melhor ficar em casa. Você sabe... Não estou muito no clima para festas... — admito, fazendo uma careta, não querendo dizer mais nada.

— Mamãe está assim desde que chegou na sexta. Acho que ela brigou com tio Luca, Papai. Tia Mariah me levou para sair hoje com Tio Luca e por mais que ele sorrisse e dissesse que estava feliz, eu sabia que ele não estava. Acho que ele e minha mãe deveriam conversar, porque eles ficam felizes juntos. — Giovanna diz a verdade de forma triste para seu pai e Erick engole em seco.

*Oh meu Deus! O que ela disse?*

Olha embasbacada para minha filha. Quando foi que ela cresceu? Outro dia ela ainda estava nas fraldas e hoje mesmo que ela brinque de bonecas, está aqui me dando lição e se preocupando com a minha vida, preocupada com a minha felicidade.

— Vocês não... — eu o interrompo, quando entendo o que ele quer falar:

— Não. — respondo com a cabeça também. — Somos amigos. — corto a conversa e ele balança a cabeça em concordância, entendendo que não quero falar sobre isso. Especialmente com ele.

*Nem combina, né?*

— Venha com a gente. — Erick pede, sorrindo sem jeito.

Penso por um minuto e não vejo problema de sairmos juntos. Talvez seja uma coisa boa para nós. Para Giovanna.

— Tudo bem. — Concordo e sorrio, ao ver o rosto da Giovanna se iluminar. — Vocês vão ter que esperar uns cinco minutinhos, para que eu possa me arrumar. — termino o vinho da minha taça e olho para Erick e minha filha sorrindo para mim.

— Acho melhor você pegar um livro para lermos Giovanna. Um beeeeeem grande. Você sabe que sua mãe vai demorar para se arrumar. — Erick brinca e a Giovanna começa a rir concordando com ele. Eu jogo duas almofadas neles antes de ir para o quarto e me arrumar.

*É ...Talvez isso seja bom!*

\*\*\*

Por incrível que pareça, o jantar foi superdivertido. Fomos a um rodízio de pizzas e fui surpreendida por gestos de cavalheirismo praticados por Erick durante toda a noite. Seja por ele puxar a cadeira para nós duas sentarmos ou pedindo uma garrafa de vinho para que eu pudesse beber enquanto eles comiam, já que eu havia comido algo que não havia feito bem ao meu estômago e preferi não comer.

Esse jantar definitivamente foi algo diferente para nós, diferente de tudo que eu conhecia com o Erick. Mas confesso que foi realmente agradável para nós três. Era realmente ótimo para Giovanna ver que independentemente de seus pais não estarem mais juntos, que poderíamos nos dar bem e sermos os pais que ela merece.

A Giovanna brincou tanto durante a noite na brinquedoteca do local, parecia estar tão feliz, que enquanto Erick ia nos levar para casa, ela acabou adormecendo no carro de tão exausta que estava.

— Acho melhor levá-la para cima. — eu disse, olhando para o banco de trás.

— Sim. — Erick ri divertindo-se. — Me deixa só estacionar melhor, que eu a carrego. — apenas concordei e deixei que ele a levasse.

Depois que Erick a colocou na cama, eu ligo o ar condicionado e ficamos não sei por quanto tempo velando seu sono, admirando um pouco nossa pequena linda. Eu só tinha a agradecer a Deus por essa perfeição que Ele tinha me dado. Meu anjinho abençoado. Eu não me achava merecedora de tamanha dádiva.

— Ela é tão linda... Se parece tanto com você, Sophia. — ele disse, acariciando seu rostinho perfeito e eu sorrio olhando-a com admiração.

— Ela é linda, sim. Uma menina linda e especial. — falo orgulhosa.

— Eu nunca te agradei, mas obrigado por ter me dado a minha boneca. — ele fala com uma emoção indiscutível em seus olhos e eu apenas aceno, ficando desconsertada, sem saber o que dizer depois de tamanha surpresa.

Ele jamais havia me dito algo parecido antes. Isso definitivamente me pega de surpresa. Depois de ficarmos mais um tempo ali, saímos em silêncio do quarto da nossa pequena e vamos para sala, ainda sorrindo, inegavelmente contentes com a noite agradável e gostosa que tivemos. Um sentimento de contentamento me domina, por ver o quão feliz nossa filha estava essa noite. E tudo isso por tão pouco que fizemos.

— Você aceita agora uma taça de vinho, Dr., já que agora não é mais o motorista da boneca? — pergunto, enquanto pego outra garrafa de vinho, mais duas taças e um saca-rolhas para que ele possa abrir a garrafa para mim.

— Agora aceito. — Erick sorri, enquanto lhe entrego a garrafa e o saca-rolhas para que a abra.

Enquanto ele abria a garrafa, nós conversávamos de uma maneira leve e diferente da que fizemos durante todo esse tempo em que nos mantivemos separados. Algo na forma como ele vinha agindo nos últimos tempos, parecia completamente fora de tudo que conheci sobre Erick Queiroz. Ele não se parecia em nada o cara irresponsável que eu conheci outrora. Não sei como eu me sentia em

relação a isso, só sei o quanto tudo isso estava fazendo bem para a Giovanna e eu como mãe, sabia o quanto isso era importante para todos nós essa sua mudança.

Não sei em que momento meus pensamentos viraram, mas os movimentos dos seus braços trabalhados na academia, fazendo seu esforço para abrir o vinho, me fisgaram. Não sei que diabos estava passando pelo meu cérebro, porque obviamente ele não estava filtrando as coisas direito, pois meu corpo parecia estar pensando coisas impróprias sobre esse momento. Há anos eu não via Erick além do bastardo arrogante que era o pai da minha filha e também como meu pior erro.

Depois que terminamos nunca mais tivemos nada. *Ok, é mentira!* Uma vez nos pegamos na Chopada de Medicina da nossa faculdade. Acho que tínhamos mais ou menos uns seis meses separados. Mas entenda, eu estava tão bêbada e carente, e Erick idem, que acabou rolando. Quer dizer, conhecendo-o como eu conheço, carente com certeza ele não estava. Enfim, resultou que acabamos no seu quarto depois que ele viu um cara dando em cima de mim.

*Típica cena de homem das cavernas. Tsc.*

Eu acabei acordando no dia seguinte com uma puta ressaca, mas nada comparada a sensação de horror que senti por estar completamente nua e ter caído na burrice de chegar até lá com o Erick pela centésima vez. Pretendia sair correndo, mas o Erick acordou querendo ‘Bis’ ou uma carta de recomendação, não sei que diabos era, mas eu não deixei que ele fosse muito longe. Aproveitei a oportunidade e disse um monte de coisas que estavam entaladas em minha garganta, antes de me vestir e ir embora. E bem, agora estamos aqui.

*Cinco anos depois e seriamente estou pensando em voltar lá outra vez? Honestamente, Sophia, por que diabos estamos aqui ainda e ele não foi para casa dele?*

— Você está bem? — Erick pergunta preocupado, ao perceber que estou um pouco distante, enquanto serve vinho na minha taça para nós.

— Uh... — sacudo a cabeça e tento ignorar o que acabei de pensar. — Sim... Só estou um pouco cansada. — minto e bebo um longo gole do meu vinho assim que pego a taça, antes de encostar-me no sofá, para não ter de encará-lo agora.

— Sei. — diz sem jeito, e eu sei que ele sabe que estou mentindo, porque bem ou mal ele me conhece. — Bem... Tenho uma novidade. — Erick muda de assunto e eu agradeço, antes de levar meu olhar de volta para o seu, curiosa. — Comecei a trabalhar na Clínica do tio Carlos essa semana, sou o novo fisioterapeuta de lá. Não vou ganhar muito, mas eu pedi que descontassem o valor correto da pensão para Giovanna, já na minha folha de pagamento. — ele fala animado e eu fico realmente chocada com a novidade.

— Sério? — pergunto, ainda sem acreditar.

— Sim. — Erick diz, com um sorriso travesso.

— *Oh meu Deus!* — Exclamo surpresa e em seguida me atiro em cima dele para abraçá-lo.

Erick parece surpreso por eu estar agindo dessa maneira, mas imediatamente corresponde ao meu abraço. Estou realmente feliz por perceber, que talvez, apenas talvez, ele tenha de fato finalmente tomado juízo. Depois de tantos anos, Erick resolveu trabalhar e usar seu diploma da faculdade para algum propósito e isso sim é algo inesperado. Sério, não parece ser verdade.

Ele sempre foi um cara mimado que tinha tudo em suas mãos. Seu pai tem dinheiro, ele nunca precisou e nunca quis realmente trabalhar, pois sustentava suas farras com a mesada que ganhava. Conheço Erick há mais de seis anos e até então nunca tinha visto ele se preocupando de alguma forma com seu futuro. E agora, percebo que enfim ele parece estar pensando além do agora e sim no amanhã. Talvez ele esteja finalmente começando a amadurecer.

— Vejo que você ficou realmente feliz. — Erick brinca, assim que eu lhe solto do abraço.

— Claro! — cutuco-o com o cotovelo, ainda sorrindo contente. — Realmente estou muito feliz por você. Sempre acreditei no seu potencial e sabia que você poderia fazer mais por você mesmo.

— Eu sei. — Ele mantém seu olhar fixo no meu e eu percebo que tudo que eu vi mais cedo, ainda continua ali e por esse motivo me vejo congelada. — Eu me sinto realmente bem por estar fazendo o que eu gosto. — ele sorri animado, me fazendo fazer o mesmo. — E agora vendo você olhando para mim dessa maneira, tenho a sensação de euforia, de que estou no caminho certo, de uma forma que parece que vai me rasgar. — Engulo em seco pela sua sinceridade.

— Erick... — digo baixinho e tento não pensar lá no fundo, como muitas vezes pensei no passado, em como talvez fosse bom se realmente ele amadurecesse e formássemos uma família. — Acho que você cresceu. — digo um pouco incerta, se eu disse a coisa certa.

— Sim. — ele sorri sem jeito e eu noto que ele está mais próximo do que estava anteriormente de mim. — Na verdade, hoje eu sei que precisava acordar há anos.

Seu olhar diz mais do que eu gostaria de estar lendo agora. Minha garganta seca e meu corpo parece querer que ele vá em frente, mas algo dentro de mim faz com que eu queira sacudir esse momento para longe. Não existe nada mais certo para nós. Nada mais pode existir.

— Eu quero fazer as coisas darem certo. Espero mais do que qualquer coisa que não seja tarde demais para isso. — Erick diz e eu não sei se ele está falando mais do trabalho necessariamente.

Eu não preciso responder, pois seja lá qual fosse a resposta plausível e racional que eu viesse a pensar sobre o que ele disse, nunca saberemos, porque ele não permitiu que eu fizesse, pois me beijou em seguida. Era um beijo diferente de todos os beijos que havíamos dado antes.

*E eu não vou analisar a porra desse beijo, porque eu não sou 'Pesquisadora' e a verdade é que tá*

*gostoso para caralho!*

Suas mãos estavam embrulhando meu pescoço e sua língua brincava com a minha, em um ritmo sedutor. O choque pelo que estava acontecendo entre nós dois depois de tantos anos me manteve ali paralisada.

Depois o choque foi substituído por uma sensação surpreendentemente agradável. Erick sempre teve um beijo delicioso e eu parecia estar perfeitamente me perdendo ali. Sua mão deslizou abaixo da minha blusa de seda, passando pela minha cintura, incitando-me na costura do meu sutiã, o que provocou um doce arrepio por todo meu corpo. Minha mão esquerda puxou seu pescoço junto a mim e inspirei o cheiro doce e familiar do seu *Hugo Boss*, fazendo com que o desejasse mais do que eu já me lembrei de desejá-lo algum dia da minha vida.

O gemido de satisfação que Erick soltou, foi seguido por ele deslizando sobre mim no sofá e eu instantaneamente dei espaço para que ele se pressionasse em mim. No nevoeiro confuso no qual meus hormônios estavam metidos, eu acabei derrubando a taça de vinho que misteriosamente ainda estava em minha outra mão, sob o tapete da sala. O deslize fez com que imediatamente puxasse de volta minha boca e rompesse qualquer coisa que estava acontecendo ali nesse momento estúpido de calor.

*Merda? Que porra eu estava fazendo?*

— Uh. — pisquei surpresa, ao perceber para onde eu estava indo. — O que foi isso? — perguntei sem fôlego, meu peito subia e descia tentando respirar. Erick parecia tão ofegante quanto eu.

— Você sabe o que foi... — disse com um sorriso malicioso, vindo novamente em minha direção. Mas eu tratei de afastá-lo imediatamente, sentando-me ereta no sofá.

*Não mesmo! Já fomos longe demais!*

— Devemos parar. — eu disse determinada para mim e para meu corpo estúpido, que parecia ter perdido completamente o senso de realidade naquele pequeno momento de insensatez.

— O que? Por quê? — Erick perguntou confuso, com seus olhos verdes arregalados em surpresa.

— Porque... — eu me abaixei para pegar a taça e em seguida me levantei, consciente de que não posso voltar ao sofá perto dele. — Porque não devemos fazer isso. — digo não tentando soar tão incerta para ele ou envergonhada como estava comigo mesmo por ter permitido que isso acontecesse.

— Não estou entendendo. — Erick segura meu pulso, ainda sentado no sofá, olhando diretamente nos meus olhos. — O que você quer dizer com isso? — pergunta incrédulo.

— Erick não podemos... — exalo nervosa, passo a mão pelo meu rosto frustrada. — Erick, eu



apenas não sei se será bom...

*Merda! Não acredito que fiz isso!*

— Como você pode dizer isso? — ele me interrompe imediatamente ficando em pé, excessivamente próximo a mim e eu dou um passo pra trás. — Isso que aconteceu agora... — ele aponta para o sofá que estávamos enroscados a poucos segundos. — Obviamente prova que somos bons juntos! — ele fala confiante.

— Não é assim. — fecho os olhos e nego com a cabeça, não sabendo por que eu deixei isso acontecer. — Já estivemos aí. — Aponto para o sofá também, querendo que ele entenda o que quero dizer. — E o sexo em si não resolve todos os nossos problemas. Na verdade, isso, não é nada bom. Isso só nos trouxe problemas no passado. — eu digo sinceramente.

— Sophia. — Erick segura meu rosto, para olhá-lo nos olhos. — Nós éramos praticamente dois adolescentes. Você sempre foi mais madura do que eu. Eu era estúpido e tinha medo de te amar.

— Erick... — ele me interrompe, como se eu não tivesse dito nada:

— Eu sempre fui loucamente apaixonado por você, mas tinha medo de me prender e um dia te perder, por não ser bom o bastante para você. Eu sei que era estupidez. Mas era exatamente assim que me sentia: Não merecedor do seu amor. Apenas me perdoa. — suplica. — Vamos construir nossa família juntos. Eu juro que vou fazer você e nossa filha, felizes. — ele murmura emotivo.

Olho nos olhos dele e engulo em seco quando vejo as lágrimas enchendo seus olhos verdes. Já começo a sentir as minhas próprias lágrimas pinicando nos olhos. Eu nunca tinha visto Erick tão verdadeiro quanto estava vendo nesse momento. E embora eu soubesse que ele estava sendo sincero, eu simplesmente não podia permitir que isso continuasse. Não podia lhe dar falsas esperanças.

— Erick... — eu falo seu nome quase fracamente. — Não posso. — confesso.

— Por quê? — ele pergunta com os olhos arregalados.

— Porque... — hesito e respiro fundo mais uma vez. — Porque eu acabei de sair de um relacionamento e está tudo complicado. E a nossa história por si só, já é complicada demais para arriscar. Nós temos uma filha. Não dá para depois de todos esses anos e de tudo que passamos, apenas começarmos a brincar de “casinha”. — me afasto dele ainda mais e começo a andar de um lado ao outro na minha sala, determinada a criar um pouco de juízo na minha cabeça também. — Só o tempo dirá como será a minha vida. Não sei realmente de nada. Mas o que sei, é que não podemos fazer isso. Nosso relacionamento nunca foi saudável. Para o bem de todos e principalmente da Giovanna, é melhor deixar como estamos. — afirmo sinceramente e é impossível não reparar na cara de derrota que ele faz.

— Tudo bem. — Erick olha para longe e respira fundo. — Tenha seu tempo e eu estarei aqui. Sempre estarei. — ele me olha com uma intensidade desmedida. — Nos falamos amanhã, ok? — eu concordo com a cabeça meio incerta, mas pensando que talvez seja a forma correta de respondê-lo.

Erick bate a porta da minha casa e eu encho minha taça de vinho, antes de me jogar no sofá completamente esgotada. Devo estar seriamente louca por ter deixado isso acontecer. O que eu poderia fazer, afinal? Devia considerar e dar ao Erick uma chance, para tentarmos reconstruir nosso relacionamento e a família que deveríamos ter formado há quase seis anos atrás? Sinceramente, não posso! Não apenas por tudo que ele me fez, mas por mim, pela nossa filha.

Se tem uma coisa que eu odeio, é brincar com o sentimento das pessoas. Se eu aceitasse isso, eu estaria brincando com o sentimento dele e o pior, de uma criança que não tem culpa alguma das nossas escolhas, dos nossos erros. A Giovanna é a pessoa mais importante da minha vida. Eu não posso magoá-la, muito menos decepcioná-la. Sempre achei que iludir é coisa de gente sem caráter. Não poderia criar expectativas em alguém, se eu não posso me doar também. Eu não o amava mais. E a verdade é que eu nem sei se posso ou se realmente quero tudo isso com outra pessoa um dia. Tudo em mim simplesmente gritava ‘não’ quando se tratava de relacionamentos.

Era tão óbvio. Luca ainda estava em mim, ele era uma parte de mim. Eu ainda o amava e tinha certeza que sempre, independentemente do rumo que tomássemos, eu sempre amaria. A verdade é que apesar de ter escolhido me afastar, eu queria estar com Luca. Queria deitar em seu colo, abraçá-lo, sentir seu cheiro, receber seu carinho e ouvir em murmúrios suas palavras doces, engraçadas, safadas e suas declarações de amor. Não tem quem preencha o vazio deixado por ele, quando ele é aquilo que faz parte de você. Isso tudo é aquela sensação de felicidade que você só tem quando se está em casa.



# Capítulo 13

## Sophia

Na segunda-feira pela manhã, eu estava com um humor tão ruim, que a sensação que eu tinha era de que eu tivesse escolhido o sapato errado para usar. Elaíse, a secretária, tinha acabado de entregar algumas correspondências na minha mesa, quando Carol entrou saltitante, embora eu tenha pedido para que ninguém me incomodasse. Eu estava evitando-a de propósito, porque eu não queria contar-lhe o que havia acontecido ontem à noite com o Erick.

*Sério. Tinha medo de não ficar viva para ver minha filha crescer!*

Carol me conhecia tanto, que tinha medo que ela descobrisse com apenas um olhar a merda que eu havia feito por causa de umas taças de vinho e uma carência irracional. Mas me senti um pouco aliviada quando notei que ela estava animada com alguma coisa.

Com um envelope na mão, semelhante a um dos que haviam sido entregues para mim, era impossível não notar o sorriso animado em seu rosto, como quem vai aprontar alguma coisa. E era definitivamente isso que eu achava que ela faria quando ela se sentou na cadeira de frente a minha.

— Já recebeu? — ela pergunta animada.

— O que? — pergunto sem entender o que ela quer dizer.

— Abra seu envelope, boba! — ela diz, antes de pegar o meu envelope igual ao seu e jogá-lo em minha frente.

Como não quero dar mais razões do que ela teria para que brigasse comigo, resolvo obedecê-la sem contestar. O envelope é pardo, do tamanho de uma folha de A4 e se eu já não soubesse que Carol tinha recebido o mesmo envelope que eu e não estivesse feliz com ele, ficaria irritada, porque não tinha nem remetente, apenas destinatário, sem endereço algum. Dou uma olhada desconfiada para ela antes de abrir e de dentro tiro um papel que mais me parecia um pergaminho, antes de começar a lê-lo.

"... Aí os dias vão passar, meses, ANOS! Até este contato tornar-se cada vez mais raro. Vamos nos perder no tempo. Um dia nossos filhos verão aquelas fotografias e perguntarão? Quem são aquelas pessoas? Diremos... Que eram nossos amigos. E... Isso vai doer tanto! A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes novamente..."

Em comemoração aos Oito anos de Formados, a antiga comissão de Formatura da turma do

Terceiro Ano S2 do Colégio Santa Maria, convida seus ilustres formandos, para participar do Baile de Reencontro que será realizado no dia 20 de Novembro, às 21h, no estádio da nossa querida e Saudosa Escola.

Anos se passaram, muita coisa aconteceu e agora é tempo de rever e reencontrar nossos amigos, tempo de nos divertir e matar as Saudades.

Contamos com sua presença!

Atenciosamente,

A Comissão.

**Traje:** de Baile.

P.S: É imprescindível a utilização da Senha com o nome dos convidados e acompanhantes devidamente registrados. Qualquer duvida pode ser tirada com um dos telefones da comissão no verso do convite.

-

Reviro os olhos, antes de pegar o Cartão de Senha.

-

**Ex-Formanda:** Sophia de Almeida Montenegro

**Acompanhante:** Luca Campanaro

-

*Oh, Não. Isso é uma merda! Como diabos isso aconteceu?*

Levanto meu olhar para a sorridente Carol, que vejo vacilar seu sorriso e arregalar os olhos, quando nota minha reação que não condiz com a sua, ou é a que ela esperava, por isso logo sua expressão cai.

— O que foi? Achei que você ficaria contente. — Carol diz com a sobrancelha levantada.

— Ficaria, se não tivessem colocado ‘Luca Campanaro’ como meu acompanhante. — afirmo incrédula, enquanto estendo o convite para que ela leia.

— Oh merda! — ela murmura, vendo o pequeno “erro” do meu convite.

— Como é que elas colocam o nome do meu acompanhante, sem que me consultem? Isso deveria ser consultado antes de nos enviarem. — afirmo irritada e Carol dá de ombros. — O nome de

Rodrigo está no seu? — pergunto.

— Sim. Me ligaram há quase dois meses e perguntaram o sobrenome de Rodrigo. Achei que fosse para mais um casamento de uma das amigas ‘Poderosas’. — Carol fala sobre o grupo de amigas que se intitulavam dessa forma e fizeram parte da Comissão de festas. — Na época, me perguntaram sobre os preparativos do seu casamento, eu disse que estava tudo indo bem. E estava. — me contraio ao lembrar. — O nome do seu acompanhante não precisavam perguntar, você sabe. — ela enrugou o nariz sem jeito com sua afirmação.

— Pois é. — exalo em frustração.

— Você pode ligar e pedir para trocarmos. Não sei... — Carol diz um pouco incerta e eu reviro os olhos pela sua ideia idiota.

— Você esqueceu quem é a capitã da Comissão? — pergunto, pensando se ela perdeu a memória.

— Mariana Lombardi... Droga! — ela entende exatamente onde eu gostaria de chegar.

— Pois é. Não vou lhe dar o gostinho de dizer que rompemos. Você sabe que ela me odeia. Apesar de que não tenho culpa se ela ficava com Duda e ele largava tudo para ficar comigo. Mesmo que já não tivéssemos nada e ela pensasse que sim. Ainda fui chamada para ser acompanhante dele para formatura, antes dela ter sido convidada. Fora que ganhei aquela competição estúpida, que ela mesma tirou de algum filme americano, “Rainha da Escola.” — digo fazendo as aspas com os dedos. — Resumo: Ela sempre me odiou e não é agora que isso vai mudar! — lembro-a, antes de me jogar para trás da cadeira nervosa.

— É uma merda isso! — bufa. — Mas será que ela não superou? — Carol pergunta esperançosa.

— Com certeza... Não! — digo irônica, revirando os olhos. — Você esqueceu que ela fez com que Gina me colocasse em uma mesa terrível no mapeamento do casamento dela, só para eu ficar longe de vocês? — irritado-me ao relembrar da mesa com pessoas horríveis que fui submetida, para poder ficar longe dos meus amigos.

— Ela é uma vaca! — Carol esbraveja.

— É. Por isso que não vou para esse maldito Baile. Não vou dar o gostinho de não ir acompanhada. Não vou mesmo. — digo decidida, cruzando os braços sobre os seios.

— E você vai perder a chance de mostrar que você está mais linda e gostosa, mesmo depois de oito anos e uma filha? Que você mereceu ser a “Rainha da Escola” ao invés dela? Que você tem uma carreira bem sucedida e não é uma patricinha mimada, como a maioria delas? — instiga-me, sabendo que eu adoraria provar isso.

— É, talvez eu vá... — eu digo, pensando melhor e Carol ri.

— Olha você tem duas opções. — ela diz se levantando, para ficar ao meu lado. — Um: Ir sozinha

e inventar uma desculpa de que seu acompanhante teve uma viagem ou reunião de emergência, mas que ele sente muito; Dois: Chamar Luca para ir com você e eu sei que ele não reclamaria dessa opção. — sugere e eu levanto da cadeira em um sobressalto.

— Nem fodendo! — Brado automaticamente. — Você sabe que terminamos. Não há nenhuma chance de que eu o convide para ir comigo. — aponto o dedo para Carol irritada, que tira o dedo da cara dela e sorri.

— Tudo bem. Só foi uma opção, queria ter certeza de que você soubesse de todas. — ela dá de ombros. — Mas tudo bem, podemos trabalhar com a primeira opção. Só temos que garantir que os meninos não deem com a língua nos dentes. — ela diz com carinho.

Meu problema era exatamente esse. Eu não sei pedir ajuda a ninguém. Luca não veio falar comigo depois da confusão com Anitta e meu ataque de ciúmes com Nina antes de saber que ela na verdade era sua prima. Eu havia tomado a minha decisão e ele parecia bem com ela agora. Eu também não iria atrás dele. Isso era certo. Eu sei que ele sabia disso também. Só me restava começar a aprender a conviver com isso.

\*\*\*

Um pouco depois de Carol finalmente sair da minha sala e me deixar em paz, fiquei repassando na minha cabeça meu plano para esse maldito Baile. No fundo eu sabia que não era certo continuar mantendo nosso rompimento em segredo, que uma hora ou outra teria de escancarar o fato de que havíamos terminando, mas por ora eu ia manter assim. Não estava com cabeça para lidar com mais do que já tinha que lidar e sabia que seria um inferno quando a mídia soubesse do nosso rompimento.

Meu celular começou a tocar e eu estava inclinada a recusar a ligação, quando vi que essa pessoa com toda certeza do mundo não sossegaria enquanto eu não atendesse. João era desses, não nos deixava nem tentar fugir das coisas.

— Também recebi. — eu digo assim que atendo, nem ao menos me preocupando em dizer “Alô”, porque sei que era disso que ele falaria e João ri do outro lado da linha.

— Acho que você não está muito entusiasmada com o convite então. — ele ri e eu bufo.

— Não. — respondo entre os dentes. — Como ficaria, se me mandaram o cartão de senha com o nome de Luca como acompanhante? — pergunto apontando o óbvio e ele assobia.

— Mari não esqueceu a merda da coroa mesmo, hein? — ele brinca, tentando me fazer rir e eu bufo irritada. — Porra, gata! Foi mal! Mas eu realmente pensei em irmos juntos, porque meu convite está como acompanhante em aberto. E você sabe que Thiago tem ciúmes de mim, não quero que isso dê motivos para ele brigar com Mariah, então por causa disso ela irá com Nick. — ele diz percebendo que eu não estou bem com isso e eu fico ainda mais irritada, por ver que até mesmo seu

convite estava em aberto.

— Porra! Agora mesmo que eu me sinto mal. Por que diabos seu convite está em aberto? Por que ela não me perguntou quem iria me acompanhar? — suspiro irritada.

— Sophia, me desculpa, mas você sabe que nem vocês, nem a acessória de imprensa da Campanaro confirmaram nada. Noventa e nove por cento das pessoas acham que vocês ainda estão juntos. Às vezes até seus amigos, ou seja, nós, temos dúvidas, quanto mais quem está de fora. — João fala sem jeito e eu tusso sem jeito.

— É uma merda isso! — admito, esfregando minha mão na testa.

— Você não pensou em ir falar com...

— De jeito nenhum! — corto-o, sabendo exatamente que ele iria sugerir a mesma coisa que Carol havia sugerido mais cedo. — Não posso pedir que ele vá comigo, João. Malmente estamos nos falando. — paro para pensar, antes de me corrigir: — Aliás, não estamos nos falando, quanto mais pedi-lo para ir a um Baile Fodido de ex-colegas frustradas, que realmente me odeiam. — suspiro irritada. — Olha, pensei seriamente em não ir, João, mas eu vou. — ele solta um suspiro.

— O que você vai fazer? — ele pergunta parecendo preocupado.

— O que eu mais tenho feito ultimamente: fingir que está tudo bem!

As semanas se passaram rapidamente e nada mudou. Cada um no seu quadrado e embora eu tentasse negar a mim mesma, esse silêncio, essa distância estavam acabando comigo aos poucos e eu não podia fazer nada. Não quando as escolhas de estar como estou haviam sido minhas. Mas no fundo, eu acho que eu queria que ele tomasse uma atitude e mudasse isso, mesmo que eu soubesse que ele já havia corrido demais atrás de mim.

No dia do Baile, uma sensação de nostalgia parecia querer me dominar. Eu odeio me sentir assim, incapaz de mudar o que sinto. Então por esse motivo fui para casa mais cedo, alegando uma dor de cabeça inexistente. Tomei três taças de vinho e como não podia mais fugir, fui para o Salão, onde mais tarde Carol veio ao meu encontro.

Ela estava preocupada, na verdade todos estavam. Mas eu disse que estava tudo bem, que havia tomado um remédio e já estava me sentindo melhor. O que era uma completa mentira. Odeio mentir para ela, mas eu também não queria admitir que não estava bem nem para mim mesma.

Acabei marcando com João de nos encontrarmos com ele na porta da Escola. Eu não queria que ele tivesse que me pegar em casa, sabendo que Rodrigo e Carol também estariam indo para o mesmo local. E também não era um encontro para ele ter que fazer esse tipo de coisa clichê.

— Você está parecendo uma princesa, mamãe. — Giovanna disse, me fazendo sorrir.



— Obrigada, meu amor. Um elogio seu, é melhor do que todos os outros. — falei a enchendo de cheiro e ela riu.

— Mas é verdade, mãe. A senhora está linda. Igual a uma princesa. Só está faltando seu príncipe. — disse e eu engoli em seco.

Ultimamente a Giovanna anda muito impressionada com essa história de príncipe e princesa de contos de fadas. Eu sei que não sou a melhor pessoa para lhe dizer que talvez isso não exista, mas às vezes me sinto tão mal e ao mesmo tempo na obrigação de livrá-la disso. Mesmo que, no fundo, por mais que eu queira e saiba que eu não posso evitar que ela sofra um dia por amor.

— Gio...

— Deixa eu tirar uma foto, que vou mandar para o seu príncipe. — ela disse mirando a câmera do seu celular para mim e eu fiquei completamente sem ação.

*Meu Deus! Até minha filha contra mim!*

— Gio, vamos que o seu avô está esperando. — minha mãe pegou a bolsa que eu havia preparado em minhas mãos.

— Só vou pegar a Claire, vovó. — A Giovanna disse, antes de correr para seu quarto atrás da sua boneca.

— Filha, melhore essa cara. — minha mãe me repreende.

— Ai, mãe, eu não sei o que fazer quanto a isso. — confesso com uma careta e minha mãe bufa, parecendo frustrada.

— Sabe, Sophia, eu costumava achar que você era uma garota forte. — olho para ela sem entender e ela apenas continua: — Não preciso começar a falar aqui todas as barras que você enfrentou no passado. E foi por ter enfrentado tudo isso que eu digo: Foi você que me ensinou que todos têm uma segunda chance. Mas pelo visto você foi a única que não aprendeu com isso.

\*\*\*

Fui durante todo o caminho tentando não pensar sobre o que a Gio e principalmente minha mãe haviam dito. O que eu menos precisava agora era ficar remoendo minhas escolhas. Quando finalmente chegamos ao local da festa e eu desci do carro de Rodrigo, João saltou do dele, vestido com um conjunto de paletó e gravata vermelha e assobiou.

— Gata! Se você me quisesse, eu juro que não ficaria desapontado. — ele brinca me girando, para verificar meu visual e eu rio.

Eu estava usando um vestido que comprei para a festa de lançamento do Hotel em Gramado, antes da minha relação com Luca desmoronar na tarde anterior. O vestido era um tomara que caia,

com um corte transparente do decote até o umbigo, com detalhes de pedrarias no busto e todo de lantejoulas pretas, modelo tipo sereia com uma enorme fenda até o meio da coxa. A sandália que eu estava usando era preta, com os detalhes de pedraria que combinavam com o vestido.

— Obrigada. Você também está uma beleza. — sorrio sinceramente. — E obrigada por me acompanhar, cavalheiro. — eu digo estendendo meus braços para os seus.

— Disponha, senhorita. — brinca, piscando para mim.

Assim que chegamos ao portão, o segurança da porta do estádio da escola, examina nossos cartões, conferindo-os juntamente com a lista de convidados em uma prancheta. Enquanto ele parecia olhar nome por nome, começo a bater os pés impaciente. Odeio esperar, mas parece que o segurança estava enrolando de propósito. Com o propósito de me deixar nervosa, só pode.

— A senhora tem certeza que seu acompanhante não virá? — o segurança pergunta, parecendo intrigado com o fato.

— Oh. Sim. Sr. Luca Campanaro não poderá vir. — eu digo sorrindo e ele assente.

*Sério que até o segurança está conspirando contra mim?*

Depois do que me pareceu uma eternidade, conseguimos finalmente entrar no antigo ginásio da escola. Olhando ao redor pude ver que ele parecia um pouco diferente do que fora oito anos atrás, quando havia sido realizado nosso Baile de Formatura. O local está todo reformado e parece mais moderno do que já era. As arquibancadas que antes eram lisas, agora tinham bancos de plástico utilizados para o conforto daqueles que forem ver os jogos que ali acontecem. A iluminação que antes já era boa, parecia ter melhorado consideravelmente. E bem, apesar de parecer outra de certa forma, especialmente com a decoração luxuosa que podia ver ali, o lugar ainda era o mesmo que havia sido palco de tantas histórias de nossas vidas.

Logo depois de liberada a entrada pelos seguranças, pude ver mais a frente que Mariana está recebendo os convidados que ali chegavam. Ela está usando um vestido de seda verde com camadas. Seu cabelo cacheado, está acobreado e um pouco mais comprido do que costumava ser na escola. E olhando sua pose dona de si, pude ver que ainda que o tempo tenha passado, ela ainda parece a mesma. Ainda tem a mesma cara e jeito arrogante da filha de um empresário tão rico como seu pai é. E eu agradeceria muito se pudesse evitá-la essa noite. Mas sabia que não poderia contar com essa sorte, especialmente quando ela nos vê entrando e sorri em um batom vermelho, que eu desejei intimamente que tivesse sujado seu dente irritantemente branco.

*Sim. Odeio essa vaca e é recíproco!*

— Olha quem chegou. A turma do barulho. — Mariana diz, me fazendo revirar os olhos.

Apesar de todo desentendimento que tivemos no passado, Mariana cumprimenta Carol e Rodrigo,

antes de em seguida cumprimentar João. Tive que me segurar para não revirar os olhos quando ela perguntou a ele sobre Duda, sua paixão por ele eu tenho quase certeza que ainda não fora esquecida. Quando ela finalmente se vira para mim, como sempre seu olhar analisa-me por completo, antes de voltar para o meu rosto e eu coloco o meu melhor sorriso de 'sou-linda-e-gostosa-o-suficiente-e-você-tem-inveja-de-mim.'

— Ora, ora, se não é a famosa Sophia. — ela diz, sorrindo falsamente antes de me cumprimentar.

— Sim, a própria. Como vai, querida? — eu pergunto educadamente.

*Bah! Normalmente odeio as pessoas que chamo de querida!*

— Esplêndida. — Mariana fala com sua antipatia exagerada. — Mas... E cadê seu noivinho? — ela olha para trás, como se procurasse alguém que ela certamente sabe que não está aqui. — Estava ansiosa para conhecê-lo e contar alguns dos seus segredos picantes. — ela diz de forma provocativa e eu endureço de tensão.

*Filha da puta!*

— Luca não pôde vir. Por isso hoje estou como seu acompanhante — João vem ao meu socorro, respondendo com um sorriso no rosto.

— É, ele não pôde. Reunião de negócios, você sabe, ele é importante. — eu faço uma cara de desdém. — Luca realmente sente muito por não estar aqui. — digo com uma mão no coração. — Mas não se incomode pensando em perder seu tempo precioso de salão lhe contando sobre meu passado, Mari, porque Luca sabe tudo sobre mim. — eu sorrio amplamente e pisco para ela, mostrando-lhe que ela não me atinge.

— Oh. — Mariana fica desconsertada e eu tenho que me segurar para não rir. — Uma pena ele não vir mesmo. Espero que eu possa conhecê-lo antes do casamento pelo menos. — ela parece deslocada. — Bem... Er... Preciso ir. Tenho algumas coisas para resolver na festa. Vocês não imaginam o trabalho que dá. — ela dá um sorriso amarelo antes de sair e eu retribuo.

*Ela no meu casamento? Absolutamente não!*

Fala sério se ela acha que eu vou convidar... Ops. Iria, futuro do pretérito. Bem. Não importa! Eu não iria convidá-la mesmo. Aliás, talvez convidasse... Ah! Chega! O Casamento é no 'Futuro do pretérito'. Fim.

*Acho que preciso de umas bebidas!*

\*\*\*

Até que Nick, Duda e Mariah finalmente se juntem a nós, já havíamos bebido alguns drinks e eu estava realmente me sentindo mais felizinha depois desse pequeno detalhe. Durante a noite, reencontramos com diversos colegas da nossa turma. Alguns viraram médicos, outros advogados,

outros enfermeiros, administradores, pais, mães e etc. etc. Hoje mais do que nunca, não posso negar uma coisa: fomos definitivamente uma turma de cinquenta e dois alunos completamente eclética.

É engraçado, porque em festas e em reencontros assim, que nós vemos como essas pessoas foram de um modo significativo para nossa vida. A maioria deles podem não estar mais presentes diariamente, mas embora não percebamos, eles estão em pequenos detalhes da nossa personalidade, que às vezes passam batidos, mas sempre estiveram ali. De certa forma era bom saber disso.

Mas existem pessoas que definitivamente nos marcam mais do que possamos colocar em palavras. E ela, era definitivamente uma delas.

Durante muitos anos da minha vida e até meses atrás quando Carol ou outro alguém ousava tocar no nome dela, eu não queria realmente saber, não queria continuar mais me importando e nem sentindo, pois ainda me doía. Mas agora, com Rafaella caminhando em minha direção, as milhões de perguntas e frases de insultos bem ensaiadas durante tantos anos, esvaíram-se completamente da minha cabeça.

Olhando-a agora, com essa cara de ‘Culpada’ que ela está demonstrando, apenas me sinto triste e de certa forma acuada por esse reencontro que eu não esperava. E tirando seus cabelos castanhos, que continuam longos como eram anos atrás, agora estão com uma leve californiana. Seu vestido longo azul e decote em ‘v’, mostra que a adolescente do passado deu lugar a uma linda mulher.

Por alguns segundos ainda consigo enxergar a mesma Rafaella que conheci anos atrás nesse mesmo lugar e que um dia eu acreditei que fosse ser minha melhor amiga para sempre. Mas a vida, ou ela mesma, preferiu que fosse assim.

*E merda! Eu não acho que eu esteja preparada para esse confronto!*



# Capítulo 14

## Sophia

Eu não sei como agir, o que falar diante dela. Não sei se devo virar as costas e apenas deixá-la. Ignorá-la. Fingir que ela não é alguém que eu conheci no passado. Ou apenas ficar, ouvir, caso ela tenha algo para me dizer e tentar de alguma forma colocar uma pedra no que houve, no que passou.

— Oi. — ela murmura sem jeito, sem nem ao menos conseguir me olhar nos olhos.

— Oi. — respondo e me viro para os lados, para então perceber que meus amigos já se foram.

*Merda! Eles estão de sacanagem comigo! Como podem? Malditos sejam por me deixarem sozinha com ela!*

— Sinto muito. — ela finalmente consegue dizer as palavras que esperei ouvir por tantos anos e pela primeira vez consegue me olhar nos olhos, me fazendo perceber que seus olhos castanhos estão mareados.

*Ai. Meu. Deus. O que eu faço?*

— Sinto muito pelo que fiz, sinto muito por ter te traído e ter atrapalhado seu relacionamento. — ela continua e engulo em seco ao lembrar-me daquele dia. — Sinto muito, por não ter te pedido desculpas e por ter demorado tantos anos para finalmente tomar coragem e vim lhe dizer tudo isso que queria lhe dizer desde aquele momento. Sei que você tem toda razão do mundo para pensar as piores coisas sobre mim... — minha respiração vacila um pouco.

*Eu a odiava? Eu não sabia...*

— Você o amava. Você era a mãe da filha dele. Você era minha melhor amiga, caramba! Eu nunca deveria ter chegado nem perto dele, mas você mais do que ninguém sabe que eu tinha meus surtos e acabava não me lembrando das merdas que eu fazia. E aquela noite eu estava terrivelmente drogada, coisas que nunca permiti que vocês vissem, porque eu tinha vergonha de ser a viciada que eu era. — admite, me deixando chocada.

*Caralho!*

— Você não tem noção da merda que me senti quando percebi o que havia acontecido. A merda que me senti durante todos esses anos... Me perdoa, por favor. — confessa em lágrimas e eu engulo em seco mais uma vez.

Durante anos, fiquei me sentindo terrivelmente magoada, ferida e me perguntava o motivo de ela

ter traído a nossa amizade. Mas eu nunca desejei seu mal ou de alguma forma quis que ela implorasse pelo meu perdão. Acho que a minha mágoa maior, era simplesmente pelo fato dela nunca ter chegado até mim e admitir ter errado e fodido com nossa confiança. Mas aqui estamos nós. E eu já não sei o que pensar depois da sua confissão inesperada.

— Rafaella. — respiro fundo. — Eu fui traída por ele diversas vezes, você sabe, todo mundo sabe... — rio por ser ridículo que eu me prestasse a isso. — Mas ser traída por você, foi pior do que todas as traições que eu tinha experimentado até ali. — uma lágrima de dor escorre pela minha bochecha e vejo que ela está chorando. — Porque eu confiava em você. Não esperava que eu virasse as costas e você fosse para a cama com ele.

*Merda! Isso era difícil!*

— Meu relacionamento com ele terminou naquele momento, não porque ele me traiu, mas porque você me traiu. Traiu a minha confiança. — engulo a dor na garganta ao pensar sobre aquele momento. — Você sabia o quanto eu era vulnerável, o quanto eu gostava dele. — ela assente com a cabeça e abaixa os olhos envergonhada. — Mas quer saber... Não importa. — ela levanta seus olhos visivelmente surpresa e eu tomo mais um gole da minha Caipirinha e lhe dou um sorriso triste antes de continuar: — Não importa porque acabou, porque tinha que acabar, como tudo em nossas vidas que um dia chega ao fim. Se não fosse você, seria outra ou outras. — dou de ombros. — E eu precisava acordar e perceber que eu não poderia viver de migalhas, que não podia continuar entregando meu coração para uma pessoa que não se doava em nada para nosso relacionamento. Eu merecia mais. — respiro fundo aliviada, quando termino de falar.

— O que você quer dizer? Que foi boa, essa coisa horrível que eu fiz? — ela pergunta completamente chocada.

— Não. — sorrio fraco novamente. — Não foi nada bom, mas foi preciso. Aquela velha história: Há males que vem para o bem. — mais lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Durante tanto tempo fiquei repassando em minha cabeça o que te fez fazer isso. E sabe o que eu fazia? Eu me perguntava aonde eu tinha errado com você, com ele, para que levasse os dois a fazerem o que fizeram. — enxugo minhas lágrimas com o dorso da mão. — Erick acordou, acordou tarde, mas acordou arrependido. Acordou, querendo reestabelecer algo que nunca tivemos. Você está aqui se dizendo arrependida também. Mas sabe o que mais? *Timing* é tudo. A vida continua. — enxugo novamente as lágrimas e sorrio.

Rafaella funga pela décima vez e enxuga suas lágrimas. Em seguida ela estende sua mão e pega a minha. Eu achei que fosse hesitar por seu contato, talvez ela também achasse que eu faria isso, mas assim que sua mão encostou-se à minha, eu a segurei. Ela me dá um sorriso triste e eu retribuo, pois eu senti sua falta.

Acho que ainda temos muito o que conversar e mesmo que estejamos um pouco escondidas das pessoas, chamo-a para sentarmos na arquibancada, para não nos verem assim chorando ou chamarmos atenção.

— Eu nunca fui atrás de você para pedir perdão, porque eu tinha medo. Tinha vergonha de mim mesma. Não era por orgulho, eu juro. — Rafaella continua. — Porque eu sempre soube que nunca deveria ter ido lá. Eu estava muito mal na noite em que aconteceu. Não quero justificar, porque nem para mim consegui encontrar justificativas para meu erro. Quero apenas que você entenda o que houve, o que eu me lembro daquela noite. Fumei, me droguei e bebi mais do que devia. É tudo que me lembro antes de acordar naquela manhã. Eu sabia que ninguém estaria ao meu lado pelo que fiz a você, eu também não ficaria. E esse foi meu pior castigo, pois foi tão difícil ficar sem você, sem Carol, sem os meninos. Eu me senti sozinha, destruída, sem ninguém. Parecia que eu tinha perdido minha identidade. E havia perdido mesmo.

Rafaella começa a chorar de novo e eu aperto sua mão em concordância. Eu sei que eu me sentiria ‘um nada’ sem meus amigos.

— Por isso fui para Paris. Porque ainda era algo que combinamos de fazer. Ainda era um pouco ‘eu’ entende? — Concordo com a cabeça, quando uma lágrima cai em minha bochecha. — Eu só quero ser ‘eu’ de novo, em tudo. — confessa.

Eu respiro fundo, tentando controlar-me com tudo o que está acontecendo agora que estamos cara a cara depois de tantos anos. Tentando me situar com a quantidade de verdades e respostas encontradas e as que eu ainda sei que vou encontrar em um futuro próximo.

*É estranho eu achar que enfim muita coisa faz sentido?*

— Eu não posso garantir que você será exatamente você de novo de agora em diante. Até porque você não tem mais nem dezesseis e nem dezoito anos. — ela concorda com a cabeça. — Também não posso dizer que você vai se reencontrar ou que vai ficar feliz em fazer isso se conseguir. Todos nós mudamos. Eu mudei, a Carol, os meninos. Somos adultos agora. — aponto para mim e para trás querendo fazer menção dos meus amigos, que um dia também foram dela. — Ainda estamos juntos depois de tantos anos, mas cada um teve o seu crescimento, o que só ajudou a fortalecer um ao outro. — suspiro e tomo um fôlego antes de continuar: — Aconteceram certas coisas em minha vida, que me fizeram tentar desapegar do passado e agora prefiro apenas olhar para frente, porque é mais fácil e dói menos. — enrugo meu nariz para ela e rio. — Eu prefiro não pensar em como eu era, porque eu sei que nunca fui perfeita, que eu errava e ainda erro e etc. Mas eu prefiro pensar em como quero ser... O que posso fazer para ser melhor... Como será o meu amanhã depois de hoje. Você entende? — pergunto, querendo realmente saber se ela sabe onde quero chegar.



— Entendo. — ela funga novamente. — Eu sei que talvez nada seja como era antes. — eu assinto.

— Nunca é. — bufo. — É uma merda às vezes. Eu fui mãe, sozinha. Carol e Rodrigo estão quase casados, agora são meus vizinhos de apartamento. Nick saiu do poder que seu pai exercia sobre ele. Duda perdeu o pai dele e teve que assumir suas responsabilidades como filho mais velho. João é um profissional incrível, mas também cresceu com as dores que a vida lhe trouxe... Tanta coisa aconteceu com todo mundo. Comigo, com você... Eu não estou dizendo que o que aconteceu depois para nós é por causa do que você fez, mas sim pelas consequências das escolhas que cada um de nós fez, entende? — ela assente mais uma vez. — Não queria mais sofrer. E só achei idiotas que não valiam a pena de uma lágrima derramada. Eu virei a nova senhorita 'Abaixo o Amor', fiquei mais fria, sarcástica e durante anos vivi enclausurada nisso. Achando que seria melhor assim. Eu queria te odiar, odiar o Erick, talvez culpar alguém... Só que a culpa era apenas minha por ter chegado até essa situação. Mas eu conheci um cara e... — choro e rio ao mesmo tempo.

*Que coisa mais doida!*

— E tudo fez sentido para mim, Rafaella. Tudo. — respiro fundo e enxugo minhas lágrimas. — O que eu achei que senti por Erick no passado, não chega nem perto da sombra do que eu sinto hoje por esse homem. E passei por muita coisa, em um espaço ínfimo de tempo para descobrir isso. Eu não queria me envolver com ele. Lutei contra isso, mas no fim ele não me deixou desistir de nós dois e me envolvi. Me vi completamente envolvida na teia que ele criou em torno de mim. Parece maluquice, às vezes eu também achava exatamente isso. E sabe o que? A melhor coisa que me aconteceu foi ter seguido em frente, deixado o Erick e toda a dor que eu me permiti sentir no passado e ter me preparado para conhecer Luca. — sorrio triste ao pensar em Luca. — Valeu a pena. — confesso.

Rafaella se joga nos meus braços e começa a chorar. Eu começo a chorar também, não pela amizade ou pelos anos perdidos, mas por precisar chegar até esse momento e descobrir tudo isso. Eu não sou mais a mesma, ela também não é, nossos amigos também não são. Acho que talvez nunca seremos melhores amigas de novo. Mas talvez sejamos. Só depende do que quisermos que seja. Isso não quer dizer que eu não possa ter uma relação de amizade, mas tenho a impressão de que enquanto nós permitirmos isso, sempre haverá um 'porém' entre nós. Mas no fundo, eu não quero que haja barreira alguma entre nós. Não quero que haja barreira alguma em minha vida.

Nessas horas que a gente para e percebe como o passado é importante para nós. Porque sem o passado, não existiria erro e sem o erro não existiria mudança. Por mais que seja doloroso no início, às vezes deveríamos agradecer ao passado, aos nossos erros, porque são eles que nos trazem o 'tal' amadurecimento de que tantos falam. Como dizia uma música de Engenheiros do Havaí: "Se eu

*soubesse antes o que sei agora, erraria tudo exatamente igual...”*

*E erraria mesmo. De novo e de novo!*

Depois do que foi dito, também tenho consciência de que tudo que aconteceu me trouxe até aqui. Até esse momento. Cada escolha, decisão, dúvida nos leva a um lugar no futuro e as minhas me trouxeram até agora. Sempre temos opções, e cada uma nos leva a uma nova escolha e assim por diante. Algo de ruim ter acontecido comigo, não significa que necessariamente eu não possa ser feliz mais ali adiante e vice e versa.

A vida é feita das escolhas que temos que fazer todos os dias, e nem sempre os resultados nos agradam. E eu não quero guardar coisas ruins que apenas me prendem ao passado. O que podemos fazer para que isso não aconteça é apenas seguir em frente e continuar a trilhar o nosso caminho. Deixando o que passou para trás. Buscar nossos sonhos. A nossa própria felicidade. E era exatamente o que eu faria, independentemente do rumo que minha vida tomasse.

Saio do nosso abraço e sorrio para Rafaella. Eu não imaginava que eu estaria aqui hoje, tendo a oportunidade de fazer isso depois de tantos anos. Parece que apenas por me dar essa oportunidade, me liberei de anos de peso sobre minhas costas. É bom estar aqui, falar tudo isso, se sentir em paz e saber a verdade de tudo. A sensação de alívio é realmente substancial.

*E Deus, eu sentia a falta dela...*

— Devo dizer que tenho que agradecer aos fabricantes de rímel a prova d’água.— brinco e ela ri, quando pego em minha pequena bolsa de mão o espelho para consertar minha maquiagem.

— Você pode ter mudado muito. — ela me aponta. — Mas nisso, você continua sendo exatamente a mesma. — sorrimos uma para outra.

Depois de me consertar, passo o espelho para Rafaella e ela se recompõe. Continuamos conversando amenidades e quando estou prestes a guardar o espelho na bolsa, resolvo dar uma última conferida na minha aparência e vejo-o ali, olhando-nos com as mãos no bolso, vestido em um conjunto de terno impecável.

Levanto meu olhar e olho de volta para ele, antes de me levantar assustada com a sua visão. *Luca está aqui.* E tive ainda mais certeza de que isso era realmente real, quando ele dá o seu sorriso maldito que me fascina e meu coração começa a bater em ritmo descompassado. Então é aí que a realidade me bate:

*Merda! Que diabos ele está fazendo aqui? Como ele veio parar aqui?*



# Capítulo 15

## Sophia

— Estava te procurando. — Luca diz, quando para em frente a nós duas e eu o olho sem reação alguma. — Não vai me apresentar para sua colega, *Principessa*? — Luca pergunta e eu olho para ele sem entender.

*Principessa? Onde diabos nós estamos agora?*

— Oh sim. Desculpe. — controlo-me para não parecer nervosa nesse momento enquanto vejo Rafaella olhando para ele, daquela forma que as mulheres fazem quando percebem que esse homem lindo está acompanhado. — Rafaella, esse é Luca. — Eles sorriem um para o outro e trocam apertos de mão.

— O noivo. — Rafaella fala sorrindo e eu congelo.

— Sim. O Noivo. — Luca confirma, colocando seu braço no meu ombro e me puxando para o seu lado, com um sorriso calmo no rosto.

Oi?

Estou pasma por ele ter confirmado essa informação. Na verdade estou pasma mesmo é por ele estar aqui. Mas ainda que isso tudo seja surpresa para mim, ainda assim tento sorrir, só que estou tão nervosa que simplesmente não consigo.

— Que bom te conhecer. Li muito sobre vocês... O casamento está próximo, não? — Rafaella pergunta como se tivesse perguntando 'que horas são', mal sabendo a dor que está causando nesse momento e eu engulo em seco incapaz de responder.

— Sim. Trinta e oito dias. — Luca responde e quando olho para ele, sorri de novo.

*Merda! Ele está contando também? O que diabos isso significa?*

Uma coisa é certa nisso tudo, pelo menos eu não sou a única maluca aqui. Porque assim como eu, ele sabe exatamente quantos dias faltam para data que havíamos marcado nosso casamento.

— Fico feliz por vocês. Realmente. — ela sorri para mim e agora eu sorrio de volta. — Você tem uma mulher incrível aqui. — Rafaella fala a Luca.

— A mais incrível de todas! — responde convicto me fazendo voltar meu olhar para ele, que retribui com toda aquela mesma intensidade que compartilhamos quando estamos juntos.

*Ai Meu Deus! Preciso de calma!*

C.a.l.m.a. Nesse momento meu coração parece estar batendo no ritmo das baladas do Spring

*Break* em Cancun. Não sei se posso lidar em estar ao lado dele novamente. Tenho andado sensível demais nos últimos dias.

— Bom, senhores... — Rafaella sorri contente. — Vou ao banheiro terminar de me arrumar e nos vemos daqui a pouco.

— Tudo bem. Nos vemos por aí. — respondo com um sorriso.

Enquanto Rafaella se distancia, permanecemos ali parados, sem nos mexer. Assim que não consigo mais avistá-la, me afasto de Luca e o olho. Ele agora está mais sério e não parece mais tão à vontade como estava há poucos instantes. E sua atitude me confunde ainda mais.

— Como diabos você soube? Como você veio parar aqui? — pergunto incrédula e ele cruza os braços no peito, agora parecendo se divertir pela minha ignorância.

— Também fui convidado, você sabe. Você que não convidou seu acompanhante, mas felizmente fui informado sobre esse equívoco. — ele sorri satisfeito.

— Quem te falou? — pergunto irritada. — Eu não disse nada a Mariah sobre o convite no seu nome... — Luca ri, o que me deixa mais irritada.

— Você sabe que ela não me diria. — ele diz, ainda sorrindo.

— Malditos amigos! Preciso jogar os meus fora! — bufo irritada.

*Por que diabos eles fizeram isso comigo?*

Eu definitivamente queria matá-los, estava pensando seriamente nisso.

— Ei. — Luca segura meu queixo, para olhar para ele.

*Droga! Não posso olhar nesses olhos!*

— Independentemente de tudo, sou eu. — sorri docemente. — Eles não queriam que você passasse por uma situação constrangedora com todas as perguntas dos seus amigos sobre nós. Muito menos eu. Principalmente quando eu não quero que essa situação perdure. — ele faz carinho em meu queixo com seu polegar, o que faz com que eu me derreta.

— Esse dia vai ter que chegar... — engulo em seco e vejo seu olhar triste com minha afirmação.

— Eu sei... — afirma com uma voz fraca e parece engolir em seco também. — Mas não quero que esse dia chegue, porque se ele chegar é porque realmente será o fim. E não é o que eu quero para mim... Para nós. — prende seus olhos nos meus e eu sinto como se estivesse com o coração pronto para explodir.

— Luca... — ele me interrompe, descendo seu olhar pelo meu corpo, me deixando bamba com a intensidade do seu olhar sobre mim.

— Você está fodidamente linda! — afirma com um olhar hipnotizante e eu juro que quase me

perdi.

Seu olhar de desejo foi como um toque, mas melhor. Meu corpo estava queimando, querendo sentir o dele. Luca se aproxima cada vez mais. E eu ainda estou hipnotizada com o momento. Mas tão absorta com seu toque, sua aproximação, seu calor, que nada mais parece me importar agora. E tenho que dizer uma coisa séria: *Estou malditamente excitada!* O que é ridículo, eu sei, porque não estamos fazendo nada 'sexuado'. Mas algo aqui nesse momento está me deixando vulnerável, tão receptiva e desesperada pelo seu toque. Talvez seja sua intensidade e principalmente as saudades que sinto dele que estão me deixando assim.

— Me beija. — me ouço pedir.

Luca parece satisfeito com meu pedido, antes de finalmente colar sua boca na minha. Sua língua se funde a minha, suas mãos me puxando para perto, prendendo-me, fazendo-me sua refém. Eu seguro em seu pescoço e viajo minhas mãos pelo seu cabelo em um toque de necessidade. Querendo que ele tire cada vez mais de mim.

*Meu Deus, como é bom!*

Nosso beijo sempre é inenarrável. Nenhum se compara. Nenhum nunca chegou perto. Parece que sua boca havia sido feita para mim. Se encaixando de uma forma que nunca vi. Eu passaria minha vida só beijando-o, degustando do seu gosto se pudesse. Me deliciando do seu sabor. Beijos sempre deliciosos, calorosos, ardentes, doces e cheios de desejos. É como se cada toque dos seus lábios nos meus, da sua língua na minha, me marcasse. E é exatamente isso que ele sempre faz. Jamais deixarei de me lembrar de como me sinto quando nos beijamos e sei, no fundo da minha alma, que apenas Luca fará com que eu me sinta assim.

Luca geme em minha boca e mordisca meus lábios de leve, antes de começar a distribuir pequenos beijos pela minha pele. Provocando cada centímetro do meu corpo, me deixando cada vez mais louca, necessitada por ele.

*Ôh hormônios malditos!*

— Como você pode fazer isso comigo com um beijo? — Luca pergunta com a boca em minha pele, e é a minha vez de gemer.

— Você faz exatamente o mesmo comigo. — eu digo, trazendo-o mais para perto e ele geme de novo.

— Por favor. — ele pede, antes de fazer uma respiração profunda, quando mordisca mais forte meus lábios e aperta minha bunda. — Não faz isso mais difícil para mim. — suplica, fazendo-me querer mais.

Em um ato de extrema necessidade, encosto meu rosto no seu pescoço, exalando seu cheiro e

começo a morder sua pele, como sei que ele gosta. O resultado é quase que imediato, pois ele geme de novo e me puxa mais duro para ele, fazendo-me sentir sua necessidade por mim.

— Você não está ajudando. — ele diz com a voz rouca, enquanto morde minha orelha, me fazendo estremecer.

— Estou excitada. — confesso no seu pé de ouvido, com uma mordida e Luca endurece seu corpo completamente, antes de soltar gemido grave no meu ouvido.

— Porra! Vamos sair daqui agora, senão vou te foder aqui mesmo! — avisa puxando o cabelo da minha nuca devagar, fazendo com que eu perca completamente qualquer noção do que é certo ou errado.

— Não vamos sair. — deixei minha cabeça cair para trás sentindo uma onda de necessidade ainda maior, me esfregando mais e mais nele, antes de me afastar bruscamente. — Venha. — chamo.

Saio puxando-o pela gravata e ele me acompanha com um enorme sorriso no rosto, sem desgrudar de mim, ansioso pelo que faremos. Dou a volta no ginásio extremamente ansiosa, até que finalmente chegamos ao depósito de materiais esportivos, que fica localizado embaixo da arquibancada.

*Espero em Deus que a porta ainda tenha a mesma falha!*

Descobrimos anos atrás, que a caixa da porta é falhada no encaixe da fechadura, então por mais que seja passada a chave, se você puxar com jeitinho duas vezes, a porta se abre. João e Carol vinham com frequência fazer suas ‘coisas’ quando eram namorados. Rafaella também veio algumas vezes com seus ‘peguetes’ da vez. João também vinha e fumava cigarro escondido, na época em que fumava. Lá também era o local em que costumávamos esconder as bebidas alcoólicas que consumíamos nas festas da escola. Mas embora frequentássemos o lugar com frequência, tomamos cuidado para não fazer alarde, para não perdermos nosso ‘esconderijo secreto’.

E agora, depois de tantos anos, me vejo precisando novamente usá-lo. Na verdade, nunca quis tanto usar esse lugar quanto preciso usar agora. Felizmente não consertaram, pois na primeira tentativa que faço de abri-la, a porta se abre sem problemas e eu sorrio satisfeita.

O depósito não tem nada, a não ser as prateleiras onde eram guardadas as bolas e materiais esportivos utilizados, além de uma enorme cesta com coletes de jogo e uma pilha com colchonetes para atividades físicas. Mas por mais que não seja um lugar muito confortável, neste momento, com a necessidade que estou desse homem, isso tem que servir.

Viro de frente para Luca, puxando-o para mais perto e Luca imediatamente vem de encontro aos meus lábios.

— Shh! — coloco o dedo na boca, repetindo o gesto de silêncio. — As irmãs da escola não podem saber que este lugar está ao nosso alcance. Podemos estragar anos de trabalho árduo. — brinco e ele dá risada.

*Oh Deus! Até da sua risada eu estava com saudades!*

Algo estava errado comigo. Só pode ser. Eu estava com uma extrema necessidade de tê-lo. Parecia que eu estava sedenta pelo seu toque. Com fome. Quase desesperada. Tudo bem que o *Rabbit* me ajudava. Na verdade ele está quase pedindo arrego. E embora nunca fosse a mesma coisa, parecia que eu estava há séculos sem gozar, quando na verdade havia brincado com meu vibrador na última noite. Definitivamente meus hormônios estavam completamente loucos.

Sei que sempre foi tudo muito intenso entre nós, mas agora eu entendia que embora para mim às vezes essa necessidade que temos um do outro me pareça irracional, tenho a certeza de que é única. Nada e nem ninguém podem mudar essa verdade.

Enquanto enlouqueço sem nem ao menos ele ter me tocado direito, Luca me vira de frente para parede e espalma minhas mãos sobre ela. Ele se pressiona contra mim, enquanto abre o zíper do meu vestido transformando-o em uma poça aos meus pés.

— Você sabe o quanto me deixa louco? — ronrona no meu ouvido, para em seguida fazer um caminho de beijos pelo meu pescoço e eu sinto que estou à beira de um colapso.

— Luca... — murmuro seu nome quase em um gemido, quando sua mão desliza pelo meu corpo.

— Porra! — ele geme. — Você está cada dia mais gostosa! Seu corpo é quase um crime, *baby*! — rosna, enquanto passeia suas mãos pelo meu corpo e eu me sinto cada vez mais fraca com o poder do seu toque em minha pele.

— Uhum... — gemo novamente. — Você pode, por favor, adiantar. Estou aqui para entrar em combustão. — confesso e ele ri.

— O que você quer, *princesa*? Me peça, que eu te dou. — Pergunta, roçando seu pau extremamente duro em meu traseiro.

— Lu-luca. — gemo, quando sinto seus dedos beliscando meus mamilos.

— Diga, amore. Diga que o que você precisa. Diga que precisa do meu pau tanto quanto preciso estar dentro de você. — sussurrou a última parte em meu ouvido, mordendo-o, me deixando cada vez mais louca.

— Porra! Venha logo, Luca! Me come! Me fode! Me faça sua! Pois eu preciso desesperadamente de você! — gritei de uma só vez.



# Luca

*Merda! Ela me deixava louco!*

Não precisava de muito. Era uma coisa sem explicação o que acontecia ao menor contato da sua pele na minha. Essa necessidade inebriante, quase sufocante, que fazia com que eu precisasse estar dentro dela, como se precisasse disso para viver. Mas ouvi-la colocar em palavras exatamente como me sentia, fizeram-me tremer. Desde o primeiro momento em que a vi, não apenas meu corpo, mas principalmente meu coração eram dela. Eu era dela por inteiro. Precisava dela e precisava agora.

— Você está pronta para mim, *baby*. Posso sentir sua excitação daqui. — murmurei em sua pele, o som grave da minha garganta fazendo-a estremecer.

Sophia parecia não ser capaz de responder, apenas assentiu, tão excitada que parecia que não conseguia respirar, quanto mais colocar em palavras o que queria. E eu amava saber que eu tinha sobre ela o mesmo poder que ela tinha sobre mim.

— Fique aí, não se mexa. — falei, dando um tapa em sua bunda deliciosa e ela gemeu em antecipação.

Ainda apreciando sua visão, me afastei o suficiente para tirar minhas roupas, ficando apenas com minha cueca. Em seguida ajoelhei-me aos seus pés, beijando e mordiscando suas coxas torneadas, ao mesmo tempo em que abaixava lentamente sua maldita tanguinha. A minha vontade era de rasgá-la como eu gostava, mas com o vestido fodidamente apertado que ela usava, todos veriam que ela estaria sem calcinha quando saíssemos daqui e eu não queria que nenhum puto usasse nem sua imaginação com ela. Por isso achei por bem guardar para que ela pudesse vestir depois, mas deixei claro minhas intenções:

— Quando sairmos daqui mais tarde, se acostume que você ficará sem calcinha durante os próximos dias. — avisei e um sorriso pretensioso se formou em meus lábios ao vê-la estremecer mais uma vez.

Eu queria provar cada pedaço do seu corpo, sentir seu gosto, seu prazer, mas eu precisava desesperadamente dela. Precisava do calor do seu corpo. Precisava estar dentro dela. Meu pau pulsava de necessidade por isso. Exatamente por isso que fiquei de pé, antes de virá-la de frente para mim e levantá-la, antes de envolver suas pernas em minha cintura e apoiar seu corpo na parede.

— Isso vai ser rápido, amor. Mas prometo que depois eu vou te amar como você merece. — disse, antes de penetrá-la de uma só vez, bebendo seus gemidos com a minha boca.

*Caralho! Isso era o céu!*

O calor do seu canal apertado envolveu meu pau, deixando-me a beira de um orgasmo como um maldito adolescente. Mas antes de procurar meu alívio, precisava vê-la encontrar o seu. Eu estava desesperado por mais, por isso meus movimentos tornavam-se cada vez mais intensos enquanto penetrava seu corpo.

Seus gemidos e sussurros de prazer se misturando com os meus. Nossos corpos se tocando, se fundindo um no outro deliciosamente. Minha vontade de gritar pelo prazer disso, era ainda maior a cada vez que metia e arremetia contra ela, sentindo seu canal apertado em torno de mim. Por isso continuei tomando sua boca com a minha, temendo que alguém ouvisse nossos gemidos e tentando de alguma maneira controlar o êxtase que logo viria.

Era tudo tão intenso, que eu não me impressionaria se porventura eu me perdesse nela. E digo mais, não faria questão de me achar caso isso acontecesse. Apenas quero que ela me procure, me tenha, me ame. Sempre. Para sempre.

Em um dado momento tive vontade de chorar, porque não sabia como poderia ficar sem ela. E quanto mais a fodia, louco, desenfreado, com mais raiva eu ficava, porque ainda que fosse escolha dela, era por minha causa que estávamos separados. E eu não queria isso. Só que eu estava cansado disso. Não permitiria mais que ela se afastasse, não importava quanto ela lutasse. Eu lutaria ainda mais bravamente contra ela se fosse preciso.

Estávamos tentando equilibrar nossas respirações, agora deitados nus e suados em cima de uma porção de colchonetes que eu havia arrumado para que ela deitasse para nossa segunda rodada, depois de gozarmos juntos contra parede. Estou sorrindo como um idiota, mas por mais temeroso que eu esteja quanto a nós dois, sei que ela também está sorrindo.

*Eu me sentia completo apenas ao lado dela. E não me sinto nem um pouco bobo por pensar assim!*

— Eu ouvi o que você disse a Rafaella. — eu disse, enquanto acariciava suas costas e ela coloca seu queixo em meu peito para olhar diretamente em meus olhos.

— O que? — pergunta e eu tenho vontade de sorrir ainda mais, quando vejo o brilho dos seus olhos castanhos.

— Sobre você achar que valeu a pena depois de tudo que passou, por ter me conhecido. — digo com carinho. — Quero que você saiba, *amore*, que é exatamente assim que eu me sinto sobre você. — precisei dizer e seu olhar diz tanto, que chega a me dar vontade de chorar. — Eu nunca quis tanto uma coisa ou alguém como quero você. Nunca senti por ninguém como me sinto por você. — meus dedos acariciam a pele macia do seu corpo ainda nu. — Você é a única certeza da minha

vida. Vamos parar de ser masoquistas, de fugir desse desejo desenfreado, de fugir do amor que sentimos um pelo outro. De termos medo do desconhecido. Somos mais fortes juntos. Nós sabemos disso. — sorrio antes de continuar: — Eu te amo mais do que qualquer coisa e eu sei que não posso mais viver sem você, *baby*. — digo, antes de vê-la começar a chorar.

Por um momento tenho medo que eu tenha dito alguma coisa errada, porém o beijo que ela me dá em seguida, só me confirma que eu falei a coisa certa, porque parece que ela está agradecendo pelo meu amor. Mal sabendo ela que quem tem de agradecer sou eu, por ter se transformado na razão do meu viver.

— Também não posso mais ficar sem você, amor. — confessa, ainda chorando.

— Shh... — eu a silêncio com um beijo. — Está tudo bem agora. Estamos juntos e eu nunca mais vou deixar você se afastar de mim. Você está entendendo o que estou dizendo? — pergunto e ela confirma com um aceno de cabeça.

A forma como nós parecíamos não conseguir ficar longe um do outro, era inexplicável. Eu sabia que muita coisa tinha acontecido. Nós passamos por tanta coisa juntos. Mais até do que a maioria das pessoas em tão pouco tempo juntos, mas eu não precisava mais de nenhuma explicação.

Nesse momento eu sabia que Sophia não precisava mais de nenhuma desculpa para não poder ficar comigo. Naquele momento, nós precisávamos um do outro. E só nós dois poderíamos fazer isso por nós. Eu sabia que ainda tínhamos muita coisa pela frente, mas não temeria pelo incerto se ela estivesse ao meu lado. Não quando ela é minha única certeza. Afinal, não há erros onde se pode haver felicidade.

\*\*\*

Depois de nos vestirmos novamente, voltamos para a festa de mãos dadas. A minha vontade era de ir embora logo e tê-la apenas para mim, mas eu sabia que embora não confessasse, estar aqui era importante para ela. Era importante porque, no fundo, era como se ela viesse provar não para seus antigos colegas, mas para si mesma, que ela havia vencido as dificuldades e superado as inseguranças que havia tido no passado e de alguma forma ainda lutava contra.

Foi uma surpresa para mim ouvi-la conversando com Rafaella. Não apenas porque ela havia perdoado sua amiga, pois conhecendo seu coração como eu conhecia, era algo que esperava dela. Mas sim pelo amadurecimento que ela teve ao falar sobre o passado e a forma como ela disse que o que aconteceu foi preciso para que ela se tornasse quem é e me conhecer.

— Pensei que vocês já tivessem ido. — Mariah disse sorrindo, quando nos aproximamos.

— Estávamos...

— Ok, ok. Não precisamos saber. — tratou logo de cortar, fazendo uma careta e eu ri, fazendo

com que Sophia ficasse vermelha.

— Vocês tem alguma coisa a ver com a vinda de Luca para cá? — ela perguntou aos seus amigos, agora de modo petulante.

— Algumas pessoas só precisam de um empurrãozinho. — Carol explicou, dando de ombros e piscou para mim, não sabia nem como agradecê-la por me avisar sobre isso.

— Ok, Nazaré Tedesco! — Sophia disse, de forma irônica, nos fazendo rir e começando a rir também.

E mais uma vez fiz uma promessa a Deus de que faria de tudo para vê-la sorrindo e vê-la feliz, nem que para isso eu tivesse que morrer no processo.



# Capítulo 16

## Sophia

Estava tendo um sonho maravilhoso. No sonho nós dois estávamos abraçados na praia vendo as crianças brincarem e eu desejei que esse sonho se tornasse real um dia. Mas no momento a realidade também era tão gostosa quanto nos sonhos. Ser acordada com um beijo do meu amor, era tudo que eu mais amava e queria na vida. Sorrindo, percebi assim que sentei na cama que Luca já havia preparado café na cama para mim.

— A Gio veio aqui no quarto, mas você estava dormindo tão gostoso, que ajudei ela a se arrumar para escola. Como eu sabia que você precisava descansar, fui deixá-la na escola também. Mas não se preocupe que como você costuma fazer a mochila dela para escola à noite, minha princesinha confirmou que não faltava nada e levei-a para aula. — sorriu, me deixando mais apaixonada.

— Assim vou ficar mal acostumada. — ronronei, com a voz ainda rouca de sono e tratei de lhe dar um beijo em agradecimento.

— Pode se acostumar. — me beijou outra vez. — Agora vem que você precisa tomar café.

Olhei para a bandeja tão cuidadosamente preparada e tão logo fiquei apaixonada pelo seu gesto, fiquei enjoada. O cheiro bateu em seguida, e eu pensei que poderia perder o controle precioso da minha barriga ali mesmo. Então saí correndo para o banheiro e me vi vomitando no vaso. Ele obviamente não demorou a chegar.

— Sai daqui. — resmunguei, envergonhada por ele me ver assim.

— Nem com o cacete! — disse, segurando meus cabelos, quando voltei a vomitar.

\*\*\*

Não sei quanto tempo passei despejando não apenas o café que malmente havia tocado, mas me parecia que havia colocado para fora toda a comida de uma semana. Só sei que quando finalmente parei, estava sem forças até para levantar a cabeça.

— O que você tá sentindo, *baby*? — Luca perguntou preocupado, assim que levantei a cabeça do vaso.

— Não sei, não estou bem. — admiti, ainda me sentindo mal.

— Você está doente? Eu a proíbo de ficar doente, amor! — ele disse nervoso.

— Não é nada, seu bobo. — tentei sorrir para acalmá-lo, mas isso só pareceu piorar ainda

mais o enjoo.

— Venha, vou te levar para cama e se você não melhorar, iremos para o médico. Você tem estado mal desde Margarita e eu não gosto nada disso. — falou me carregando e eu não me opus, porque não tinha forças nem para abrir a boca.

\*\*\*

Luca ficou boa parte da manhã comigo e como não conseguia nem ficar de pé direito, resolvi que eu não iria trabalhar. Acabaram ligando para ele, pois havia acontecido um problema em uma das obras e por isso ele tinha uma reunião de emergência para pensar em uma forma de contenção dos estragos. Ele não queria ir, alegando que não queria me deixar desse jeito, mas eu menti dizendo que estava bem e depois de prometer avisá-lo se sentisse qualquer coisa, mesmo a contragosto se foi. Embora me ligasse a cada meia hora.

Eu realmente não estava me sentindo bem e mesmo depois de parar de vomitar, me sentia extremamente cansada. Com isso, fui tirar um cochilo e acabei dormindo a manhã toda, coisa que eu não fazia normalmente, ainda que tivesse uma insônia como a minha. Mesmo depois de ter dormido tanto, depois do meio dia, eu ainda me sentia cansada e acabei dormindo de novo.

*Acho que meu corpo está confundindo cochilo rápido com coma profundo, porque meu sono depois do almoço está atingindo 9 graus na escala Richter!*

Quando acordei já eram umas duas da tarde. Mudei de roupa, tirando a camisola que ainda usava e estava saindo do meu quarto, quando encontrei com Carol entrando no meu apartamento.

— Oi. Não sabia que já estava em casa. — eu disse, voltando meu caminho para cozinha.

— Acabei de chegar. Luca me ligou e disse que estava preocupado com você. Ele falou que você acha que deve estar pegando uma virose. — ela comentou, parecendo desconfiada.

— Acho que sim. — eu respondi.

Indo até a geladeira, espiei o que havia dentro e entortei o nariz. Eu estava morrendo de fome. Parecia que eu havia corrido uma maratona. Precisava definitivamente de algo para preencher o buraco da camada de ozônio que havia se formado em meu estômago. Mas o pior, é que meu estômago voltou a embrulhar quando vi o que tinha disponível para eu comer.

— Você tem alguma coisa em casa para comer? — perguntei para Carol, voltando a olhar para ela.

— Acho que tenho, mas nada pronto. E mesmo que tivesse, duvido que você quisesse se arriscar comer da minha comida. — fiz uma careta, pois era verdade. — Você não tinha feito compras esses dias? — perguntou confusa.

— Fiz. Mas tudo que tem aqui me deixa enjoada. — confessei.

— Enjoada? — Carol perguntou intrigada.

— Sei lá. Hoje de manhã enjoei com o cheiro do café. — afirmei e na mesma hora meu estômago se agitou com a lembrança.

Saí correndo pela segunda vez naquele dia e, pelo menos, cheguei ao banheiro a tempo de colocar para fora tudo que eu não tinha comido hoje.

*Droga! Eu me sentia cada vez mais doente.*

— Uh, amiga... Acho que temos que levá-la ao médico. — Carol afirmou me passando a toalha, assim que terminei de lavar minha boca.

— Acho que sim. Talvez eu precise de um soro. — admiti, me sentindo derrotada.

*Merda! Odeio ir para o médico!*

\*\*\*

Do jeito que eu estava me sentindo, não demorei muito para me vestir e sair com Carol para o hospital. Eu não conseguia dirigir e também não tinha coragem de deixar Carol dirigir meu novo bebê, então fomos no carro dela. O que estava me fazendo sentir cada vez pior com os solavancos e por causa disso, eu fui rezando o caminho todo, fazendo promessas e pedindo a Deus para que chegasse ao menos com vida ao hospital.

*Por que eu não pedi um táxi?*

E as coisas pareciam ir de mal a pior, pois assim que cheguei na recepção do hospital, vi uma garota comendo uma coxinha extremamente gordurosa, então fiz uma pequena cena colocando tudo para fora ali mesmo. O que felizmente me enquadrrou nas emergências e logo fui encaminhada para o médico de plantão.

Como o Amazonas tem um histórico de doenças infecciosas como dengue, malária, febre amarela e etc, era de praxe que o médico passasse um monte de exames de sangue para descartar as doenças mais prováveis. E enquanto aguardava o resultado dos meus exames, ele prescreveu que fosse ministrado um soro com proteínas na minha pessoa, que estava quase em um estágio de semivida.

Mesmo que ela tivesse ficado irritada com meu pedido, pedi que Carol não dissesse nada a Luca, porque eu não queria atrapalhar seu trabalho e hoje depois desse problema na obra, sabia que ele estava com o dia realmente atarefado. A última coisa que eu queria era que ele largasse tudo para ficar comigo, apenas por causa de uma virose besta.

— *Qualquer coisa me liga, que vou correndo para aí, filha.* — Minha mãe disse ao telefone.

Eu tinha acabado de ligar para ela, disse onde estava e pedi para que ela levasse a Giovanna para casa, que mais tarde eu iria pegá-la.



— Pode deixar, mãe. Te amo. — respondi.

— *Também te amo, filha.* — disse de volta, antes de nos despedirmos.

— Você está se sentindo melhor? — Carol pergunta, voltando da lanchonete com uma garrafa de água e estendendo-a para mim.

— Acho que sim. Pelo menos o soro eu sei que não vou colocar todo para fora. — Eu disse me sentindo enjoada só de pensar em vomitar de novo.

— Dr. Moraes já está com seus resultados de exame. — o enfermeiro afirmou, entrando na minha cabine da enfermaria. — Assim que seu soro terminar, você me chama e depois pode ir até lá com ele. — ele avisou, antes de dar as costas e voltar a fechar as cortinas.

— Nossa! Esse ser não ajuda em nada essa espera. Parece até que vai mandar a gente para o corredor da morte. — Carol resmungou.

Eu voltei a me sentir mal com a sua afirmação. Eu não gosto de hospital. Muito menos desse suspense de esperar para ver o que vai acontecer. Para saber o que eu tenho. Um milhão de coisas sempre passam na minha cabeça quando estou para pegar um resultado de exames. Sei que é patético, mas sou assim mesmo, medrosa.

— Vamos lá, amiga. Sua cara está péssima. Deixe de ser medrosa e vamos ver o que o médico vai lhe dizer. — ela disse como incentivo, ao mesmo tempo em que me ajudava a levantar.

Depois de tentar adiar, bati à porta da sala do Dr. Moraes e não esperei ele responder antes de abrir a porta e entrar. Carol entrou logo em seguida e nos sentamos à mesa em frente ao médico, que parecia que ia sentenciar a minha morte.

— Vejo que está mais corada, Sophia. — o médico disse e eu assenti. — Bom, seus exames chegaram e estão ótimos. Sem bactérias ou infecções. Por mais que você tenha me dito que ingere bastante bebida alcoólica e faz algumas dietas mirabolantes, está tudo perfeito, acredito que seja porque você se alimenta bem.

— Eu acho que sim. — falei incerta.

— No entanto, eu voltei a ligar para o laboratório e solicitei um exame de última hora. Não sei como eu não tinha solicitado ele antes, mas...

— Doutor, desculpe, mas o senhor poderia adiantar, estou ficando um pouco nervosa aqui. — eu pedi, sentindo meu coração chegando à minha boca.

— Calma, amiga. Vai estar tudo bem. — Carol disse, segurando minha mão.

— Sua amiga está certa, Sophia. Não há nada para se preocupar. — ele sorriu.

— Como não, doutor? Parece que tô morrendo. — falei indignada.

— É normal no seu estado. — ele disse rindo.

*Estado? Que estado?*

— Estado terminal? — perguntei, começando a ficar desesperada.

— Você é muito engraçada. — ele disse caindo na gargalhada.

*Ele está rindo de mim? Juro que vou matá-lo!*

— Com todos os seus sintomas, enjoo, vômitos, sonolência... Solicitei um beta HCG e seu resultado deu positivo. Parabéns, você vai ser mamãe!

*Ai Jesus!*



# Capítulo 17

## Luca

Mais uma vez eu me via aqui desesperado para ir para casa. Sentia em meu peito aquela vontade louca de estar com ela, cuidando dela, acalentando seu mal estar. Só que infelizmente não pude me dar a esse luxo, pois hoje eu estava assinando um acordo que não apenas beneficiaria a minha empresa, como muita gente. E por mais que me doesse delegar alguém para cuidar da minha mulher, pois isso para mim era mais do que a minha obrigação a se fazer, eu sabia que tinha que cumprir minhas obrigações para então depois poder cuidar dela como deveria.

Passei o dia ligando para Sophia, esperando qualquer suspiro fora do lugar para dar um “foda-se” e largar tudo para correr até ela. A tarde havia sido definitivamente estressante. Estava prestes a bater em retirada, quando o telefone da minha mesa começou a tocar e eu sabia que só podia ser a minha secretária:

— Pode falar, Kamila. Mas, por favor, seja rápida, pois já estou de saída. — pedi, já me levantando da cadeira, fechando o botão no meu paletó.

— A Sra. Jéssica está aqui, Sr. Campanaro, e disse que precisa vê-lo com urgência. — ela falou receosa.

*Merda! Era só o que me faltava!*

— Diga a ela que o que quer que ela queira falar, trate diretamente com meu advogado. Ela sabe muito bem os termos do nosso contrato. — falei entre os dentes, irritado.

— Luca, eu sei muito bem o que assinei. — Jéssica falou e eu revirei os olhos, por perceber que ela havia tomado o telefone da mão da coitada da minha secretária. — Mas eu não viria aqui se não fosse preciso. — sua voz pareceu nervosa e meu sensor apitou algo como “aí tem!”.

— Entre, Jéssica. Você tem apenas dois minutos. — falei de forma nada gentil, antes de bater o telefone em sua cara.

*Foda-se!*

Não demorou mais do que um minuto para que ela batesse em minha porta. Mandeí que entrasse e permaneci onde estava de pé, mostrando em minha posição que eu não estava nem um pouco feliz com a sua presença. Como sempre, Jéssica estava elegante, embora sua barriga de pouco mais de um mês já se fizesse percebida. Mas isso definitivamente não mexia comigo.

Desde que conheci Sophia me vi querendo tudo com ela, principalmente ser pai. A Giovanna era

como uma parte minha até então desconhecida, mas que quando eu encontrei, era como se me fizesse completo. Só que eu queria mais, queria vê-la correndo pela nossa casa com seus irmãos. Quero chegar em casa depois de um longo dia de trabalho e ser abraçado e beijado pelos meus filhos.

Só que eu queria isso com a mulher que eu amava e não com essa mulher que estava diante de mim, por quem eu nunca havia sentido mais do que tesão um dia, mas que agora só tinha de mim uma mistura de asco e arrependimento.

— Diga. — exigi, mais uma vez não me importando em ser grosso com ela.

— Preciso da sua ajuda. — falou, em um sussurro hesitante.

— Jéssica. — calei-me para respirar fundo, porque embora eu não fizesse o tipo explosivo, sentia-me prestes a fazer isso diante dela. — Como eu falei no telefone, você conhece muito bem os termos do nosso contrato. Estou arcando com todas as suas despesas, até que seja feita a coleta do exame para o DNA dessa criança.

— Eu não vim atrás de dinheiro. — falou, parecendo nervosa.

— O que você quer então, além de infernizar a minha vida? — perguntei, perdendo o controle.

— Estou sendo ameaçada. — murmurou e eu arregalei os olhos.

— O que? Como assim? — perguntei sem entender.

— Estou sendo ameaçada. Recebi algumas mensagens... E-eu. Eu estou com medo. — confessou.

*Caralho!*

## Sophia

Tem uma música do Charlie Brown Jr que eu gosto muito, onde Chorão cantava assim: “*Cuidado com o destino, ele brinca com as pessoas*”. E essa é a mais maldita verdade. A vida sempre vai em frente, faz o que tem vontade e quando tem vontade. Ninguém está imune a isso. Assim como também ninguém está imune ao desastre acumulativo.

Aquela velha história do ‘tudo acontece comigo’ e quando uma coisinha sai do lugar, se prepare para a merda que estar por vir, pois tenha certeza que o restante também vai desmoronar e você terá um pesadelo completo. E infelizmente isso não fazia, nem um tiquinho, com que eu me sentisse melhor.

Não é que eu esteja infeliz de saber que estou grávida do homem que eu amo. Eu sabia que ele queria filhos e eu também queria isso. Só que não agora. Mas sinceramente, eu não gostaria que mais um filho viesse durante essa situação tão tumultuada que estamos passando nesse momento.

Aposto todos os meus pares de sapato, - com exceção, claro, dos meus dois *Louboutin*, meu *Gucci* e meu *Manolo Blahnik* - que o Universo estava rindo como louco da ironia.

*Isso realmente não podia estar acontecendo!*

— O que eu fiz pra merecer isso? — questiono mais para Deus do que para qualquer pessoa.

— Sexo. — responde Rodrigo, inocentemente.

Eu e Carol viramos a cabeça automaticamente para ele, que nos olha parecendo não perceber a besteira que falou, para em seguida cairmos na gargalhada. Terminando de rir jogamos uma sequência de almofadas nele, antes dele sair da sala gritando.

\*\*\*

No final da tarde, eu estava tomando banho para esperar Luca chegar, quando fui surpreendida por enormes braços morenos me puxando e um corpo fodidamente quente me pressionando. Sorri satisfeita, antes de virar para dar de cara com o Amor da minha vida, sorrindo malicioso para mim.

— Chegou mais cedo. — digo selando minha boca na sua, enquanto a água bate nas minhas costas.

— Não podia mais esperar para ver você, *baby* — Luca me beija de um jeito doce.

— Você sabe que é crime entrar assim na casa dos outros sem bater. — provoco-o, assim que sua boca afasta-se da minha por um centímetro.

— *Baby!* — ele me aperta mais forte nele. — Crime é saber que sua futura esposa, que tem esse corpo fodidamente incrível... — ele desliza sua mão pelas minhas costas e eu estremeço. — Está nua tomando banho e não se aproveitar disso.

Então ele me beija de forma possessiva, sua boca devorando a minha de uma forma quase animalesca. Suas mãos em minha pele deixando-me quente, arrepiando-me por inteira.

— Minha, toda minha. — ronronou, deixando-me cada vez mais louca por ele.

— Sua, toda sua. — consegui dizer, ao mesmo tempo em que ele me pegava em seu colo e encostava minhas costas na parede.

Ainda nos beijando, não demorou para ele enfiar todo seu pau em mim. Foi então que ele começou a partir para cima de mim de uma maneira como nunca tinha feito antes. Mais abusado, atrevido, necessitado. Enquanto ele arremetia, eu só sentia mãos a percorrerem todo o meu corpo e aquela boca maravilhosa ora beijando a minha boca, ora chupando os meus seios de uma maneira que me levavam a um êxtase total.

Foi então que ele começou com as suas mãos a percorrer o meu corpo até chegar ao meu ponto duro, que estava a poucos minutos de perder-me por completo. E nós nos perdemos juntos.

Então continuamos a acariciar e a nos beijar, depois de finalmente acabarmos de tomar nosso banho, fomos para o quarto onde ele me atirou para cima da cama e foi começando novamente a me beijar, dizendo o quanto me amava.

Luca então virou-me, deixando-me de quatro e primeiro começou lambendo minhas dobras, sua língua trabalhando em mim com maestria, passando por vezes na minha entrada proibida, fazendo-me arrepiar todinha. Não demorou para que voltasse a sentir seu membro em mim, ao mesmo tempo em que seus dedos massageavam o meu clitóris, deixando-me cada vez mais fora de mim e fazendo com que eu gozasse novamente.

Só que pelo visto Luca não tinha ficado satisfeito e queria mais. Então ele tirou o membro dele do meu grelhinho e começou a tentar forçar minha outra entrada, ao mesmo tempo em que seus dedos continuavam a massagear-me. Fiquei apreensiva, pois eu nunca havia feito sexo anal, mas eu queria. Queria mais dele também.

— Amor... — Gemi.

— Só me dizer para parar, que eu paro, amor. — falou, com sua voz controlada.

— Não, não para. Só estou com medo. — confessei e ele puxou minha boca para sua, beijando-me com paixão.

— Não quero te machucar... — ele sussurrou, com a boca na minha.

— Você nunca vai me machucar. Eu confio em você. — consegui dizer, antes dele voltar a me beijar e nós nos entregarmos mais uma vez.

\*\*\*

Passamos o resto da tarde na cama e depois fomos juntos pegar a Giovanna na escola, que ficou toda contente por isso. Em casa comecei a fazer um jantar para os dois e depois resolvi tomar outro banho, para ver se aliviava meus enjoos, pois ainda não estava me sentindo muito bem. Só que agora eu ao menos sabia o motivo deles.

O médico estava desconfiado que eu estava com hiperêmese gravídica, que é o excesso de náuseas e vômitos durante a gestação, que impede que nós grávidas possamos comer adequadamente e por vezes atrapalha até mesmo nossa rotina. Ela é mais comum no primeiro trimestre de gestação, pois é causada pelo hormônio HCG, que é produzido pela placenta durante a gestação, causando os vômitos. Por conta disso, é comum mulheres com altos níveis desse hormônio serem mais suscetíveis a esse tipo de problema. E bem, pelo visto havia sido premiada com mais essa.

Durante o banho, tentei pensar sobre como iria começar a contar a Luca que meu DIU simplesmente saiu do lugar e vamos ter um filho.

*“Amor, preciso te contar. Sei que não é um bom momento, mas acho que nossas atividades intensas fizeram meu DIU sair do lugar e estou grávida.” — Penso balançando a cabeça.*

Estou nervosa, pois por mais que Luca fizesse questão de dizer sempre que queria ter filhos logo, eu não sei como ele reagiria agora. Principalmente por ele também estar esperando um filho com outra mulher e depois de tudo que tem nos acontecido, não sabia se ele continuava vendo as coisas da mesma maneira. Nós não havíamos mais tocado no assunto desde o episódio de Jéssica, mas eu sabia que eu tinha que encontrar uma maneira de falar sobre isso com ele.

Fui ao closet procurar algo confortável para vestir e depois de vestir um vestido soltinho, comecei a secar meu cabelo com a toalha, cantarolando *Count On Me* de Bruno Mars.

*“...Você pode contar comigo como um, dois, três  
Eu estarei lá  
E sei que quando eu precisar  
Posso contar com você como quatro, três, dois  
E você estará lá...”*

Tomei coragem e me apeguei as palavras da música. Mas é aí que a cena que eu menos desejaria que acontecesse, acontece: Luca aparece na porta do meu quarto, com minhas faturas bancárias e de cartão de crédito em suas mãos. E com um olhar visivelmente irritado.

*Que diabos ele está fazendo com essas coisas inconvenientes em suas mãos?*

— Que merda é essa? — Luca esbraveja.

— O que? — pergunto, sem conseguir raciocinar direito.

— Que merda é essa que você está cheia de carta de cobrança bancária? — Luca pergunta, me olhando carrancudo.

— Bem. — Engulo em seco, tentando ignorar o arrepio de medo que se espalhou pelo meu corpo. Preciso pensar em uma resposta plausível. — Contas bobas. — dou de ombros, como se eu não tivesse completamente encalacrada.

— Contas bobas? — Luca pergunta irritado, dando um passo em minha direção. — Pelo que estou vendo, você apenas estourou o triplo do seu cheque especial, em todos os bancos. — ele sacode duas cartas do SPC e duas do SERASA na minha frente, que eu nem me dei o trabalho de abrir. Estremeci. — Fora essas quatro cartinhas do SPC e SERASA. Você ainda vai continuar me dizendo que são contas bobas, Sophia? Por que não me falou que estava com problemas com dinheiro? — pergunta furioso.

— Uff. — bufo e sacudo a cabeça revoltada. Realmente não consigo pensar direito com ele



falando e me olhando desse jeito.

— Você tem ideia do quanto você está devendo? — pergunta com uma voz mortalmente fria e eu olho para ele boquiaberta.

*Eu sei quanto estou devendo?*

Bem... Acho que não. Talvez eu soubesse alguns meses atrás, quando comecei a pagar o mínimo dos cartões e posteriormente comecei a usar o cheque especial das minhas contas. Depois ainda teve toda despesa das compras aqui para minha casa...

— Você não sabe, né — ?Luca pergunta, ainda mais irritado com meu silêncio.

— Bem. Eu sabia, mas... — ele me interrompe parecendo que engoliu um copo de vidro.

— Nunca julguei você gastar, porque você sempre me garantiu que tinha tudo sob controle. Você poderia muito bem ter me dito que estava apertada. Agora isso realmente não é responsável da sua parte, Sophia! — Luca grita com uma expressão bem séria.

A forma como ele está agindo nesse momento, faz com que eu fique mais perturbada do que fiquei quando fui para final de *Matemática Básica*, no primeiro semestre da faculdade. Talvez o fato de ter perdido nessa matéria, explique o porquê hoje não sou boa com os números do meu cartão. Mas certamente não sou eu quem vai lhe dizer isso.

— Vamos ver em que pé está essa merda toda. — Luca fala frustrado e em seguida senta na minha mesa de computador, puxando meu notebook, onde ele começa a mexer.

O silêncio que precede é interrompido apenas pelo som do meu teclado, seguido pelo remexer das folhas de papel e em seguida por Luca bufando e murmurando coisas sem sentido. Sinceramente, parecia que havia se passado horas desde que ele começou a contabilizar. Eu estava à beira de um colapso nervoso, enquanto esperava por Luca terminar.

Depois de anos, tive até vontade de roer unhas, mas eu seriamente não estragaria minhas unhas por causa de umas continhas bobas.

*Bobas, né? Uh. Espero que sim.*

— Venha aqui. — Luca finalmente me chama, quando eu já estava pensando em pegar uma bebida, mas como eu não posso, estava tentada a tomar uma dose dupla de *Maracujina* para me acalmar.

Tomei uma respiração profunda e arrastei-me até ele sentindo minhas pernas mais pesadas e tremendo em expectativa. Encostei-me em pé ao lado dele e Luca levantou-se, antes de puxar a cadeira para que eu pudesse me sentar onde ele sentava antes. Sento-me e percebo que ele se posta atrás de mim.

— Bom. Vou tentar falar isso da melhor maneira. — diz entre os dentes e eu assinto, talvez

pensando que possa ser a melhor forma. — Sua sorte é que o financiamento daqui do apartamento está quase no fim e ele é descontado diretamente na sua folha de pagamento. — ele faz uma pausa e dá uma respiração profunda. — Mas ainda assim, você deve R\$30.375,47 de cheque especial e... — estremeço e fecho os olhos em expectativa, sabendo que o pior está por vir com meus cartões. — R\$ 43.567,24 em cartões de crédito. O que dá um total de R\$ 73.942,71.

*Oh. Meu. Deus! R\$ 73.942,71?*

Ainda bem que eu já estava sentada. Fico assustada, me sentindo culpada e completamente envergonhada. Eu estou agora tão preocupada com a minha atual situação financeira, que eu estava ficando enjoada e seriamente com vontade de vomitar.

Gosto de fazer minhas compras, cometer uns exageros, me presentear. Me mimar como acho que mereço. Poucas coisas na vida são tão boas como isso. Mas sinceramente não me lembro de ter gastado tanto. A verdade é que eu não me lembro de gastar nem vinte por cento desse valor absurdo.

— Oh. — murmuro com a boca aberta em choque.

— Você não fazia ideia, né? — Luca fala exasperado, antes de inspirar e eu nego com a cabeça. — Pelo visto não mesmo. Vendo que a maioria das suas cartas ainda estavam fechadas. E fora que eu ainda não contabilizei os cartões de loja que você tem. Sério, você já tem tanto cartão, pra que ter mais despesas com esses de loja?

— Bom. — pondero para tentar falar de uma forma mais sutil. — É um pouco óbvio que eu tenha eles justamente para aumentar meu potencial de compras. — falei como se fosse óbvio.

— Pois bem, dona Sophia Montenegro. Te conheço muito bem e sei o quanto você é orgulhosa quando diz respeito a dinheiro. Está na hora de acabar com esse seu orgulho e deixar que eu cumpra com meu papel em sua vida. O do seu marido e isso quer dizer que a partir de agora suas contas quem paga sou eu. Ou seja, a partir de hoje e para o resto de nossas vidas, quem cuida de você sou eu! — disse, sem dar brechas para contestação.

E quando eu acho que vou ter um troço, me vejo morrendo ainda mais de amores.



# Desconhecido

Eu não sei como cheguei a essa situação. Não sabia como havia ido de uma pessoa normal, com vida pacata, até se transformar nessa pessoa que agora estava a ponto de tomar tal atitude e que eu definitivamente não gostava nenhum pouco.

Sempre fui uma pessoa que busquei vencer na vida. Estudei, trabalhei muito para chegar aonde cheguei, mas nunca parecia o suficiente. Era como se eu precisasse de mais e foi por causa dessa busca incessante que eu cheguei aonde cheguei.

Estava indo contra tudo que eu prezei um dia, contra o que eu acreditava, mas me vi cego pelo que eu queria para mim e tão arduamente tenho batalhado. Foi por isso que vi nessa oportunidade um degrau para o meu tão almejado sucesso e mais: para o amor que eu achava ser impossível de ter.

*Mas a que preço?*

Desde que fui designado para fazer tal coisa, que eu ficava me perguntando o por que de ter me tornado essa pessoa que eu agora inevitavelmente era. Era tão difícil seguir como se eu não estivesse fazendo a pior merda que eu poderia fazer, mas a cada dia que passa, eu pareço estar mais enrolado em torno dessa vingança. Uma vingança que nem ao menos era minha. Uma vingança por motivos esdrúxulos, que desde que começou só tem magoado tantas pessoas. Uma vingança que entrei também por motivos mais esdrúxulo ainda. Uma vingança que parecia ser capaz de destruir todos. E era exatamente isso que estava fazendo.

Só que agora haviam mais coisas em jogo e eu apenas tinha que seguir com o plano. Tinha que seguir, por mais que não quisesse mais fazer parte disso e eu não tinha ninguém para culpar. A única pessoa culpada de ter chegado aqui era eu mesmo.

— Merda! Eu não quero fazer isso!

Bati a cabeça no volante e deixei que mais algumas lágrimas caíssem. Sentindo-me o pior ser da face da Terra pelo que estava prestes a fazer. Não havia mais como voltar atrás. Era tudo ou nada agora.

— Que Deus me perdoe!



# Capítulo 18

## Luca

Eu realmente estava escondendo algo dela. Incomodava-me fazê-lo, mas eu apenas tinha feito isso para não preocupa-la ainda mais. O fato de Jessica também estar sendo ameaçada mexia comigo. Não por ela, mas sim porque essa criança que ela carregava sendo minha ou não, em nada tinha a ver com essa situação que ela mesma havia criado. Além disso, como todo mundo, ela não precisava sofrer por quem na verdade queria que eu pagasse por algo que até mesmo eu desconhecia.

Sophia não esteve bem nos últimos dias, estava frágil, precisava que eu cuidasse dela. Então por isso, que agora também estava atendendo a um pedido do meu melhor amigo. Eu sabia que poderia confiar em Sophia, mas sabia que ela ia ficar louca quando soubesse o que Thiago havia preparado para Mariah essa noite.

Eu estava muito feliz por eles. Thiago era como um irmão para mim, amava demais minha irmã e eu tinha mais do que certeza de que se tinha alguém que pudesse fazer minha irmã feliz, esse alguém era ele. Eles haviam ficado tanto tempo separados, agora finalmente haviam se entendido e eu torcia para que eles pudessem ser felizes.

— Amor, para onde mesmo estamos indo? — Sophia perguntou e eu mais uma vez ri.

Estávamos a caminho do local marcado e desde que eu havia dito que sairíamos para jantar, Sophia ficou no meu pé para que lhe dissesse.

— Já disse, *amore*, vamos jantar. — respondi.

— Sim, mamãe. Não fica perguntando toda hora para o tio Luca. Ele já disse que vamos jantar. — pelo canto de olho eu vi Sophia morder seus lábios e me preparei para o que viria a seguir quando senti uma mãozinha em minhas costas, antes de pequena perguntar como quem não quer nada: — E onde vamos jantar, tio Luca?

Não me aguentei e cai na gargalhada. As duas não eram brincadeira não. Olhei para as duas e balançando a cabeça voltei minha atenção para a direção. Estávamos quase chegando. Não sei como Sophia ainda não tinha desconfiado.

— Boa tentativa das duas. — falei e olhei diretamente para mulher que eu amava. — Golpe baixo, *princesa*! Tentando usar meu pequeno amor para que consiga tirar informações de mim. — Sophia apenas deu de ombros, com seu biquinho de emburrada.

— Não se pode culpar uma mulher por tentar.

Vinte minutos e um colapso emocional de Sophia depois, chegamos. Ela andava sensível demais.

Ela tinha ficado chateada porque eu não tinha lhe contado o porquê do suspense em torno de aonde íamos, já que jantaríamos no *Pier Mangiare*. Agora eu estava assistindo a expressão de surpresa dela ao ver o restaurante todo arrumado para o que Thiago estava preparando para Mariah.

— Por que você não me disse que ele a pediria em casamento? — ela perguntou chateada.

— Desculpe, *amore*. Mas Thiago me pediu para que não contasse nada a ninguém, pois depois do primeiro pedido de casamento que ele fez a Mariah, ele meio que pegou um trauma e como da sua negativa. Eu não sabia dessa história, então agora entendo muito bem esse seu receio. Então ele achou melhor que ninguém soubesse para que a história não vazasse e minha irmã pudesse ter tempo para pensar e assim negar.

— Ok. Você tem um ponto, mas isso não quer dizer que eu esteja bem com isso. — ela disse, apontando o dedo para mim e eu apenas ri.

De alguma maneira, Thiago conseguiu arranjar juntamente com o subchefe de Mariah, uma forma de fazer com que o restaurante não abrisse. Se fosse algum tempo atrás, tempo este que Mariah não estava com meu amigo, ela sendo uma *workaholic* assumida, jamais permitiria que o *Pier Mangiare* fechasse as portas um dia sequer. Thiago achou que fosse ser mais difícil de convencê-la, mas bastou seu subchefe inventar que iriam precisar de uma inspeção na parte elétrica da cozinha, que talvez fosse melhor que fechassem para um técnico vir reparar e Mariah rapidamente aceitou.

Mas embora ela tenha aceitado isso facilmente, não quer dizer que minha irmã esteja no melhor humor, pois ela definitivamente não está. Hoje é uma data duplamente especial para ambos, porque é o aniversário de namoro deles. Não acredito que já fazem doze anos que eles ficaram juntos. E bem, ela está estressada justamente pelo fato de Thiago ter desmarcado de última hora sua vinda para Manaus, para que pudessem comemorar. Obvio que isso tudo faz parte do plano de Thiago para surpreendê-la.

— Nossa! Thiago caprichou! — Carol chegou, elogiando a decoração cheia de flores que ele havia preparado.

*Sério! A impressão que eu tinha era que não tinha um centímetro descoberto pelas rosas!*

— Foi mesmo. Acho que ele assaltou o roseiral. — João brincou, parando ao lado dela.

— Vocês sabiam? — Sophia perguntou, mas ao invés de olhar para eles, seus olhos se puseram sobre mim.

— Ei. Não me olhe assim. Não tenho nada a ver com isso! — eu prontamente me defendi.

— Não sabia, sabia. Thiago me ligou hoje à tarde e apenas disse que era para estarmos aqui a noite e não dizer nada para Mariah. Como eu sou uma pessoa inteligente, que sabe juntar 2+2,

não foi difícil imaginar o que seria. — Carol disse, antes de vim nos cumprimentar, ignorando uma Sophia cada vez mais emburrada.

— Dindoooooooo! — a Gio gritou, saindo do meu colo e correu para abraçar seu padrinho.

— Oi amor! — João a pegou em seus braços, como se não a visse há meses, sendo que não fazia nem dois dias que se encontraram.

Olhei para Sophia e agora ela estava com um bico ainda maior. Eu quase sorri para isso. Amava todas suas caras e bocas. E esse seu biquinho era sempre adoravelmente delicioso. Mas de alguma maneira, eu achava que não era apenas isso que a estava deixando assim.

— O que foi, *amore*? — tive que perguntar.

— Sério. Estou chateada. — murmurou, terminando de comer o segundo pratinho de torrada que haviam deixado ali para degustarmos.

*Ok. Dose dupla de carboidratos à noite? É, a coisa é realmente séria!*

— Por que, Luz da minha vida? — Duda chegou por trás dela, abraçando-a e eu bufei, irritado.

*Palhaço! Esse cara sabia ser irritante quando queria!*

— Porque todos sabiam, menos eu. — seu beicinho aumentou ainda mais e a impressão que eu tive, é que minha mulher estava prestes a chorar.

*Mas que porra é essa? Ela estava de TPM? Ok. Luca. Muito cuidado agora!*

— Amiga, vamos ao banheiro. — Carol a chamou e eu pude ver elas trocando um olhar de entendimento, que eu definitivamente fiquei intrigado.

O que essa duas estão escondendo? O que eu não estou sabendo?

— Carol, cadê o Rodrigo? — perguntei, tentando levar tempo e analisar um pouco Sophia, que nem ao menos virou para me olhar.

— Hm... Er... Ele ficou preso com algo do trabalho. — bufou irritada e eu sabia que ela estava sendo sincera. Ela sempre reclamava disso.

— Ele não vem? — Duda perguntou.

— Nops. Ele disse que tentaria, mas eu conheço muito bem meu gado. — suspirou. — Enfim... Vamos, Sophia. — desconversou e tratou de puxar Sophia dali.

Pensei em ir até ela e perguntar se estava tudo bem, mas achei melhor deixa-las ir. As mulheres tinham uma coisa estranha em relação a ir ao banheiro juntas. E se Sophia estava de TPM, eu já a conhecia o bastante para saber que o melhor era não forçar sua paciência e deixa-la se abrir ao seu tempo.

Já que a teimosa insiste em querer continuar no seu apartamento e não seu mudar, vou aproveitar e pedir para Rute, minha empregada, para que vá até seu apartamento, dar uma geral e deixar algumas comidinhas prontas para nós. Sophia era muito independente e monopolizadora



com as coisas de casa e da Giovanna, ela fazia questão de fazer tudo, mas não era assim. Eu não vou permitir que ela continue dessa maneira, ela tem que ter um tempo para si e se deixar ser cuidada. E eu estou aqui justamente para garantir isso. Acho que ela está começando a entender isso.

— Tio Luca, eu posso ver os peixinhos no laguinho? — A Giovanna que estava no colo de João perguntou.

— Sim, amorzinho. Pode ir. Só não pode bater no vidro, ok? — a lembrei e ela concordou, antes de sair correndo para ver o grande aquário que ficava abaixo do piso de vidro, na lateral do restaurante.

— Definitivamente Carol está com problemas com Rodrigo. — Duda disse, enquanto o garçom começou a nos servir uma cerveja.

— Há tempos que Carol vem reclamando sobre isso. Ela não é muito de falar, mas quando fala, é porque ela realmente está no limite. Conheço a Car, ela tem esse jeitão todo de menina independente, mas no fundo ela gosta de receber carinho e atenção. — João emendou e Duda concordou.

— Eu achei que eles estivessem bem. Se mudaram há pouco tempo, deveriam estar na fase da lua de mel. Eles foram juntos para Margarita. — comentei surpreso, porque eu realmente não era muito de perguntar sobre o relacionamento amoroso deles.

— Então. — João começou e pausou para tomar um gole da sua caneca antes de continuar: — Rodrigo sempre foi um cara esforçado. A Carol admira isso nele. Só que ele tem deixado a desejar quando o assunto é se comprometer. Vou ser sincero aqui. Eles estão juntos há tantos anos, noivaram e tudo mais. Compraram apartamento, foram morar juntos, mas ele não fala sobre casamento. Isso é frustrante para mim que sou amigo deles, imagine para ela. — ele disse e eu tive que concordar.

— Verdade. A ideia da viagem de Margarita quase babou por causa dele. Ele disse que não poderia ir, colocou mil empecilhos. Carol gritou um monte na cara dele, para ele então mudar de ideia e dizer que iria. Sério, acho que ele apenas foi com medo da baixinha. — riu. — E bem, de certa forma ele tentou fazê-la esquecer seus problemas lá, mas foi apenas eles voltarem e a distancia retornou. Uma vez eu perguntei a ele sobre isso. E acredita que ele veio me dizer que quer fazer as coisas direito, quer dar um passo de cada vez e que agora está se dedicando a sua carreira? Velho, eles estão morando juntos, caralho! Como assim um passo de cada vez? — Duda falou, parecendo tão frustrado quanto João.

Eles tinha razão. Eu entendia que ele quisesse crescer profissionalmente e isso era por eles. Mas ele também não podia deixar de lado a mulher que amava, para viver em prol do trabalho.

Existiam coisas que eram mais importantes em nossas vidas, do que ter uma carreira bem sucedida. Afinal, do que adianta todo esforço, se não podemos ter a pessoa que amamos ao nosso lado. Do que adianta tudo isso senão temos ninguém para dividirmos nossas conquistas?

Estávamos distraídos, conversando sobre a Carol, quando um rapaz vestido de macacão e boné entrou no restaurante e veio andando em nossa direção. Ele carregava uma maleta de ferramentas e sorriu assim que nos viu.

*Putz! Não acredito que Thiago contratou até um eletricista para ser mais convincente!*

— Boa noite, rapazes. — ele disse com uma voz grossa.

— Boa noite. — respondemos, ainda encarando-o.

— Bom. — ele sorriu e eu olhei intrigado para ele. — Já que vocês não me reconheceram, acho que fiz um bom trabalho.

*Putá que pariu! Eu não acredito que ele se vestiu de eletricista para pedir minha irmã em casamento!*

\*\*\*

O plano de Thiago estava ficando cada vez mais a cara deles, bem cara de novela mesmo. Conforme combinaram, seu subchefe ligou para Mariah, para dizer que a equipe de eletricista que veio “consertar”, acabou criando um problema geral em todo o restaurante e que precisava dela aqui. Thiago pediu que ficássemos quietinhos para que ela não soubesse que estávamos ali atrás do vidro do escritório, pois com as luzes apagadas, ele iria falar com ela como se fosse o próprio eletricista.

Quando ela chegou, Thiago fez de tudo para irritá-la, colocando defeitos em toda parte elétrica, dizendo absurdos sobre o que deveria ser feito ali, peças inventadas que deveria trocar e Mariah começou a ficar cada vez mais estressada com ele. Foi muito difícil segurarmos o riso. Meu amigo sem dúvidas é um bom ator, ele realmente faz jus a sua fama.

E aí que chegou o momento que ao seu sinal, as luzes se ascenderam e não precisou mais do que um sorriso da parte dele para ela reconhece-lo. Ela pareceu querer retrucar, mas quando ia fazer, ele tirou o boné, a peruca, a barba falsa e os óculos e se pôs de joelho. Quando Mariah percebeu sua intenção, levou a mão à boca e emocionada o ouviu fazer o pedido que por tanto tempo ela esperou:

— Mariah Catherine Di Palacci Campanaro, eu conheço você há tantos anos, mas é como se tivesse começado realmente a viver quando me descobri apaixonado por você. Não sei explicar como isso aconteceu, mas aconteceu e eu não poderia estar mais feliz por isso. Quero poder acordar todos os dias com o teu sorriso, que me mostra motivos pra sorrir quando mais a vida parece triste, pois ele é o sorriso mais encantador que existe. Quero poder acordar todos os dias com o teu olhar, que faz com que eu me apaixone por você todos os dias. Quero poder acordar

todos os dias com o teu jeito de criança, de menina mimada, mas que tanto me dá carinho. Quero poder acordar todos os dias com a mulher que é meu amuleto da sorte, que faz abrir caminhos. Quero acordar com teu corpo perfeito colado ao meu, pois tenho a mulher mais linda do mundo ao meu lado. Quero poder ter a chance de viver ao seu lado, caminharmos juntos e nos momentos difíceis, quero poder ter a chance de ouvir suas palavras que tocam muito mais do que só ouvidos, tocam o coração, esse coração que é a metade do meu. Você, com todos os teus detalhes, é o motivo do meu amor. Você, amor, é a razão do meu viver. Eu passei tanto tempo sem você, que eu não quero mais passar um dia longe de ti. E por isso te pergunto: Você aceitar se casar comigo?

## Sophia

O pedido de casamento de Thiago havia sido lindo e eu não poderia estar mais feliz por ver esse casal que eu tanto amo finalmente se acertando. E poder ser testemunha desse amor, junto com nossos melhores amigos, foi com certeza um momento que a gente para guardar com carinho para sempre.

Mas por mais felizes que eu estivesse por eles, eu estava um caos internamente. Estava sem saber como agir, como falar com Luca sobre a minha gravidez. Mas o *Petit Gateau* do Pier Magiare era de morrer e certamente fez sua parte em me deixar esquecer meus problemas por alguns minutos. É claro que eu poderia morrer de embaraço antes que eu tenha a chance de experimentar minha sobremesa preferida, enquanto meus amigos me zoavam.

Estava realmente agoniada. Queria falar logo, porque independente dos problemas que tínhamos para enfrente agora, tínhamos que saber que independente de tudo existia um serzinho que era parte nossa crescendo dentro de mim.

Pensei em fazer alguma coisa diferente para lhes contar sobre a gravidez, mas achei que o melhor mesmo seria a honestidade. Então enquanto estávamos no carro, acompanhados dos nossos amigos, tentei não parecer tão aérea quanto parecia e tentava lhes dá um pouco de atenção. Eles haviam decidido dar uma “esticadinha” na noite lá em casa e eu não poderia lhes fazer essa desfeita.

Só que assim que chegamos ao meu andar, nos deparamos com uma pessoa que eu honestamente achei que nunca mais veria: Clara.

*Que porra essa loira sem sal está fazendo aqui?*

— Clara? — a chamei e ela me olhou furiosa.

— Mas veja só se não é a vadia. — falou para mim com nojo e eu a olhei chocada.

*Que diabos!*

Nós nunca fomos amigas. Na verdade nós malmente nos falamos desde que ela começou a

namorar com o Erick. Só que embora eu smpresoubesse que ela não era minha maior fã e eu nem queria que fosse, ela realmente nunca havia me tratado dessa maneira e isso definitivamente me chocou.

— Tio Luca, o que é vadia? — a Giovanna que estava em seu colo perguntou, enquanto eu ainda parecia muito chocada para responder.

— Ela só está nervosa, princesa. Está falando besteira. Não dê ouvido a ela. — Luca respondeu a Giovanna, seu tom de voz controlado, não escondendo em nada sua revolta.

— Venha, Gio. Vamos mostrar para tia aquela boneca que você falou? — Mia se adiantou para tentar tirá-la dali e assim que elas entraram pela porta, me vi obrigada a responder:

— Que merda é essa, Clara? Eu não a conheço. E nunca me interessei em conhecer. Mas você vem até a minha casa me ofender? — pergunto puta da vida.

Carol, pressentindo uma desgraça iminente, olhou preocupada para Luca e para mim.

— Merda vai ficar! — ela riu com desdém e olhou para Luca, falando diretamente para ele: — Você realmente caiu no conto da pobre Sophia, rapaz. Coitado. Todo mundo sabe que ela engravidou da *bastardinha* de propósito. Que ela fez isso apenas para segurar o Erick. E ela fará exatamente isso com você.

*Mas o que?*

— Você é louca! Nem me conhece para vir aqui, me julgar e se meter na minha vida. — falei revolta e Luca me segurou, quando achou que eu fosse partir para cima dela.

— Não conheço? — gargalhou irônica. — Você é tão vadia, que dormiu com meu namorado mesmo estando com ele. — apontou para Luca.

*Oi?*

— O que? Meu Deus! Você é completamente mesmo! — reafirmei.

— Olha, moça, eu não conheço você, mas eu não vou permitir que você venha até aqui ofender a minha mulher com esses absurdos. Então acho melhor você se retirar, antes que eu chame a polícia. — Luca avisou.

— Olha o que temos aqui, um corno conformado. — disse, cínica.

— Olha aqui, sua despeitada, vê se me esquece e nunca mais apareça aqui. Eu não tive e nem quero ter nada com o Erick. Pode ficar com ele para você. — apontei o dedo para ela. — E nunca, mas nunca mais ofenda a minha filha, que você tenha se despeito contra mim, eu até aceito. Não entendo, mas aceito. Mas você falar da minha filha, não. Não aceito mesmo. Eu só não quebro sua cara porque...

— Aqui está a prova de que ela é uma vadia. As provas dela com o Erick. Passar bem. — voltou a rir e eu quase parto para cima dela, mas ela tirou um grande envelope da sua bolsa e

jogou em cima de mim, que por reflexo não o deixei cair.

Eu ia retrucar, rebater, ou até mesmo quebrar a cara dela, mas eu acabei paralisando quando Luca tomou o envelope das minhas mãos e começou a olhar as fotos que ali estavam. E para meu completo horror, eram fotos minhas e do Erick nos beijando no dia em que saímos para jantar com a Giovanna. Alguém simplesmente tinha conseguido fotografar o interior da minha casa.

Eu fiquei momentaneamente sem ação. Pasma, horrorizada com o que estava acontecendo. E foi justamente por ter sido pega de surpresa que não consegui acompanhar direito, Luca me deixando ali. Só que eu não podia deixa-lo ir sem que eu me explicasse.

— Carol, olha a Gio para mim, por favor. Eu vou atrás do Luca. — falei, antes de virar as costas e sair correndo.

Carol estava gritando alguma coisa, mas eu não ouvi mais nada. Apenas sai correndo atrás dele, tentando desesperadamente chegar até ele para acabar com qualquer mal entendido. Mas não fui rápida o bastante.

— Luca. — eu grito por seu nome, mas ele não me ouve porque já saiu arrastando o carro. — Merda! — eu xingo, mesmo sabendo que ele não pode me ouvir.

Precisando ir atrás dele, começo a andar em direção ao meu carro e quando estou procurando pelas chaves do meu carro na bolsa, que vejo um SUV preto estacionado um pouco distante de onde estou. O idiota está com luz forte ligada e assim que ando para minha garagem, vejo ele vindo em minha direção. Desvio do idiota, mas ainda assim ele mete o carro em cima de mim.

*Diabos! Estão tentando mesmo me atropelar?*

Primeiro eu sinto um baque forte, sinto que fui arremessada para longe de onde eu estava. Em seguida uma dor aguda. Depois, o mundo fica todo preto e já não sinto mais de nada.



# Capítulo 19

## Luca

Eu não podia acreditar que estávamos aqui. Não podia acreditar que horas atrás eu estava feliz ao lado da mulher que eu amava e agora eu estava em um maldito hospital, sem saber se ela está bem ou não. Sem saber se ela sairá dessa. Isso tudo me matava.

Eu ainda estava pensando sobre tudo que havia acontecido nessa noite, quando ouvi passos se aproximando. Eu desejei que fosse Sophia. Queria que ela estivesse chegando, para me dizer que tudo que a namorada de Erick disse era mentira. Que aquelas malditas fotos não eram reais. Para dizer que estava bem e não se importava com o que houve e que ficaria comigo mesmo assim.

Uma parte de mim sabia que isso não aconteceria, mas mesmo assim me decepcionei um pouco ao dar de cara com meus melhores amigos: Mia, Henrique e Thiago.

Eu estava contente em vê-los, porque há anos não nos reuníamos todos os três em um momento nosso. Isso era raro. Mia ainda permanecia no Brasil e desde então parecia estar mais maleável quanto a estar no mesmo ambiente que Henrique, no entanto isso apenas havia acontecido em um ambiente familiar. Mas conseguimos fazer que isso fosse possível por causa do noivado de Thiago com Mariah.

A verdade é que a culpa maior disso era de Henrique e Mia, que vinham se evitando ao longo dos anos, por serem estúpidos o suficiente de não assumirem o quanto são loucos de amor um pelo outro. Mas desde que o Nonno deles ficou doente, eles parecem ter deixado um pouco de lado seus problemas e conseguiam ficar mais de cinco minutos no mesmo ambiente.

E por mais que eu estivesse feliz por saber que agora eles estavam aqui me apoiando, ainda assim, eu não estava com humor para lidar com eles agora, eu estava com meu coração esfaçalhado.

— *Tigrão*. — Mia murmurou o apelido que ela me chamava, com lágrimas nos olhos, enquanto segurava minha mão e a apertava com carinho.

— Ei, *Thuca*. — eu disse com um leve sorriso, que eu tenho certeza que não chegou aos meus olhos, apesar de me confortar saber que ela estava aqui.

— Conte para gente o que houve? — Henrique pediu, sério.

Enquanto eu contava para meus amigos o que havia acontecido, notei que Thiago não se aproximou e parecia não querer olhar para mim. Conhecendo meus amigos como eu conhecia, eu

sabia que eles haviam cancelado tudo que tinham que fazer para poderem permanecer aqui comigo. Mas algo pela forma distante como Thiago estava agindo, me deixou ainda mais triste do que eu já estava e no fundo, eu sabia o porquê ele estava agindo assim: Sophia.

Desde que eles se conheceram, eles haviam se tornado grandes amigos, mesmo que ele morasse tão longe dela. Eu nunca me incomodei ou tive ciúmes sobre isso, porque além de saber o quanto ele sempre foi apaixonado pela minha irmã, eu confiava nos meus amigos, mais do que minha própria vida e sabia que ele nunca agiria de má fé em relação a ela. E eles criaram uma amizade realmente muito especial.

— Você não vai perguntar nada, Thiago? — perguntei, tentando quebrar o gelo, mas a forma como ele olhou para mim me deixou ainda mais desconfortável do que já estava.

— Desculpe, Luca, mas não vou. Estou preocupado com Sophia. Mas também não vou fingir que estou feliz com a sua cara nesse momento. — ele disse, tentando controlar sua voz.

*Merda! Eu sabia que era isso!*

— Thiago, por favor! — Mia pediu, tentando repreendê-lo. — Nenhum de nós gostou de nada do que houve, mas não é o momento de discutir isso. Luca está preocupado, todos nós estamos, nem ele e nem ninguém precisa disso agora. — ela terminou com um olhar cerrado para ele.

Se Mia não fosse minha melhor amiga e não fosse apaixonada pelo meu outro melhor amigo, nós certamente seríamos o ajuste perfeito. Porque ela era uma das mulheres mais lindas, deslumbrantes e cheia de qualidades que eu já conheci na vida. Ela era doce, mas também era uma fortaleza brava como o inferno.

Apesar de termos caído na tentação uma vez, pois nós nos beijamos e quase fomos para cama. Eu agradeço por ela ter mandado que eu parasse, pois estava muito bom e naquele momento eu não pensei sobre minha melhor amiga, mas sim sobre a garota que eu mais adorava. Desde então não houve nenhuma incidente entre nós, eu agradecia realmente por não tê-la perdido, e nem Henrique no processo.

Lógico que eu não estava imune quando a via de lingerie, por exemplo, mas eu apenas conferia e admirava. Ela sabia disso. Seria um erro, porque eu sempre vou precisar dela na minha vida. Muito mais do que como minha melhor amiga e sim como minha irmã.

Mia era incrível, apesar de ela estar tentando acalmar Thiago, no fundo eu sabia que ela e Henrique também eram do 'time Sophia'. Não posso julgá-los, porque eu mais do que ninguém sabia o quanto Sophia era encantadora. Ela realmente ganhou todos os meus amigos e familiares na primeira vez que puseram os olhos nela. Desnecessário seria dizer que não vai demorar muito para outras pessoas, além dos meus melhores amigos, virem chutar a minha bunda.



— Foda-se! Eu não posso acreditar que ele fez isso com ela! — Thiago bradou e eu engoli em seco. — Ele nunca tinha sido tão feliz, Mia! Ficamos meses aguentando ele na pior, porque Sophia tinha deixado ele e agora ele por causa de umas malditas fotos, vai embora e acontece isso? — terminou incrédulo e o nó da minha garganta aumentou.

— Thiago. Apenas pare. Ele é idiota e sabemos disso. Agora temos que esquecer isso, até que Sophia se recupere e aí sim a gente possa chutar a bunda dele. — Henrique falou andando até Thiago, com tom de ameaça e eu suspirei.

— Eu sou idiota? — perguntei irritado. — Olha quem fala, Henrique Ferraz. Quantos anos mais você acha que precisa para deixar de ser um babaca e assumir que você só vai ser feliz com Mia? — desabafei, tentando jogar a minha frustração em alguém.

Henrique não disse nada, apenas cerrou os punhos e tomou uma respiração profunda.

— Luca... — Mia murmurou quase em um sussurro, parecendo incapaz de acreditar que eu disse isso.

— Você também, Mia. — apontei para ela. — Sei que ele fez um monte de merda e te magoou, mas ele não foi o único a errar. Você também errou. Você sabe que é louca por ele. Caso contrário, você teria aceitado os milhares de pedidos de casamento que Paco fez para você! — joguei para cima dela também, afinal eu não era obrigado a ficar calado.

Mia arregalou seus olhos azuis ainda mais e mesmo que no fundo eu não me sentisse bem fazendo isso, eu não me importava. Já havia perdido demais.

— Basta, homem! — Thiago me cortou. — Você não pode querer comparar os problemas de ninguém, ao que você fez com Sophia. Você definitivamente não está em posição de julgar ninguém. — ele apontou o dedo na minha cara com nojo.

— Thiago, deixe-o. — Henrique me olhou com raiva.

— Tudo bem. Podem jogar suas merdas em cima de mim, porque eu sei que eu mereço. E nada do que vocês me disserem vai me fazer sentir pior do que eu me sinto agora. — confessei, batendo com a mão no meu peito.

Os três me olharam e ficaram em silêncio por algum tempo, parecendo que estavam processando o que eu lhes disse. Thiago se aproximou de mim pela primeira vez, desde que voltou para o quarto. Apenas com seu olhar ainda parecia que ele poderia ser capaz de acabar comigo. E na situação que eu estava, eu não me importava se acabasse comigo.

— Mesmo que ela achasse que não poderia estar com você, ela fez. Você sabe o quanto aquelas ameaças a quebraram? — perguntou retoricamente e eu engoli em seco. — Ela sofreu por decidir ficar longe de você. Mas essa escolha foi apenas para mantê-lo em segurança. —

continuou apontando o dedo para mim. — Ela ficou fingindo ser forte, quando o que ela mais precisava era de você para mantê-la em pé, caralho! — bradou, fazendo com que a dor do meu coração reverberasse pelo meu corpo todo.

— Thiago... — Mia começou, tentando interromper.

— Não, Mia, eu vou falar porque ele tem que saber a merda que ele fez! — ele gritou, olhando para ela.

— Thiago, se acalme. Todo mundo aqui tá irritado e cansado. Mas você falar dessa maneira com ele e muito menos com Mia, não vai resolver caralho de nada. — Henrique repreendeu, com tom severo.

— Tudo bem. — Thiago tomou uma respiração profunda, antes de olhar para mim e apontar para o sofá. — Ela estava mal. Foi parar no hospital esses dias. Mas não disse porque não queria te preocupar. Carol me disse que ela saiu que nem uma louca correndo atrás de você. — afirmou e eu sentia que meu coração poderia ser rasgado a qualquer momento.

— Sim. — eu respondi, com a voz ainda mais fraca.

— Mas você se importou? Claro que não, porra! — Thiago voltou a gritar, balançando a cabeça. — Porque a primeira coisa que você faz é acreditar no que uma louca despeitada diz e decide ir embora, deixando-a lá naquele estado, sem nem ao menos escutar o que ela queria te dizer. Sabe por quê? Porque você é um idiota! Você nem se importou com os sentimentos dela! Você não se importou consigo mesmo! — bradou, antes de Henrique ir até ele e afastá-lo de mim para que ele se acalmasse.

— Thiago. Pare. Nós sabemos que você está certo. Agora se acalme. — ele disse firmemente e eu não achei que poderia me sentir pior, mas foi aí que ela chegou.

Mariah chegou até nós, com o rosto tão vermelho quanto estavam seus olhos azuis, tão parecidos com os meus. Ela visivelmente tinha chorado. Se o fato de ver minha irmã chorar já me doía, me doía ainda mais porque eu sabia que ela estava chorando pelo que havia acontecido com Sophia.

A intensidade da amizade delas cresceu tão rapidamente como meu relacionamento com Sophia. Elas faziam tão bem uma para outra. Eu sabia o quanto minha irmã a amava e o quanto era recíproco da parte de Sophia. Agora, eu tinha certeza do quanto ela estava magoada como o inferno comigo.

— O que você fez com ela? — ela gritou e eu me encolhi, sentindo-me ainda pior do que já me sentia.

— Mah. — Henrique chegou até ela, para tentar acalmá-la também. — Por favor, não agora.

Ele não está bem também. — ele pediu de forma doce.

— Não, Henry. Pouco me importo. Ele não merece meu respeito nesse momento! — Mariah voltou a bradar, chorando e eu senti minhas próprias lágrimas sendo derramadas.

— *Sorella...* — tentei falar, mas a palavra saiu quase sem som algum e ela balançou a cabeça parecendo inconformada.

— Por quê? — ela perguntou, gaguejando através das lágrimas e eu vi as minhas próprias sendo derramadas.

— Porque ela merece mais. — confessei, sentindo tudo em mim dolorido. Porque era exatamente isso que eu queria para minha Sophia.

Quatro das pessoas que eu mais amava nesse mundo, voltaram seu olhar para mim. Eles ficaram paralisados enquanto me olhavam, parecendo em estado de choque. Eu meio que não entendi o porquê eles estavam me olhando daquela maneira, mas eu me sentia cada vez menor.

— O que você está querendo dizer com isso? — Mia perguntou incrédula ao meu lado, soltando a minha mão que eu nem tinha notado que ela ainda segurava.

— Que merda que você tá dizendo? — Thiago perguntou abraçando a cintura da minha irmã, que ainda chorava, querendo confortá-la.

— Vocês não têm ideia de como eu estou me sentindo. — comecei.

— Nos esclareça, porque eu juro que já estou a ponto de deixar a calma de lado e dar um murro na sua cara. — Henrique ameaçou e eu concordei com a cabeça, porque eu sabia que ele faria exatamente isso. Ele sempre foi mais estourado que eu ou Thiago, mas ele tem tentado há tempos ser mais racional, só que percebi que ele já estava começando a esquecer sobre isso.

— Eu a amo, mais do que tudo. — eu confessei sinceramente, enquanto eu olhava para eles.

— Nossa! Que bela maneira de demonstrar isso você tem, Luca Campanaro! — Mariah disse sarcasticamente e os três concordaram.

Suspirei querendo mais do que tudo que eu não tivesse que passar por isso.

— Eu sei que eu deveria tê-la ouvido. Mas a dor que eu estou sentindo por ter ido embora, é maior do que qualquer coisa que eu já senti. — confessei, sentindo mais lágrimas derramarem.

*Cristo como dóia!*

Eu não me importei em chorar na frente dos meus amigos. Porque a dor que eu estava sentindo pela situação atual, era muito maior do que tudo. Eu não sabia se eu seria capaz de suportar isso.

— Luca. Se você a ama e está sofrendo, por que merda você não a ouviu? Merda! Ela recebeu um vídeo seu com outra na cama, mas ainda assim ela passou por cima disso e te perdoou! Mas

por que eu tenho a impressão de que você manterá sua decisão de terminar com ela? — Mia perguntou ainda mais incrédula, como se não fizesse sentido o que estou dizendo.

— Porque... — gaguejei. — Porque há semanas eu venho recebendo ameaças sobre ela. Ameaças que mandavam que eu me afastasse dela e se esse acidente aconteceu, é por minha causa. — eu disse, sentindo a dor no meu peito aumentar.

— Sim? E aí você abandona ela e acha que tudo vai se resolver? — Henrique perguntou com um tom irritado.

— Que diabos, Luca! Eu nunca na minha vida achei que você pudesse ser tão covarde! — Mariah gritou e Thiago segurou-a junto a si, tentando acalmá-la.

E eu? Me sentia cada vez pior.

— Ele está arrependido. — falei, sentindo minha voz quebrar.

— De quem você está falando, inferno? — Henrique perguntou, sua voz cada vez mais irritada agora.

— Erick. — eu disse, quase em um sussurro.

Os olhos de Mariah se arregalaram e sua boca caiu aberta em choque com o que eu acabei de dizer. Por que era tão difícil que eles entendessem que eu queria o melhor para minhas meninas? Eu queria que a Giovanna e Sophia fossem felizes. Por mais que isso significasse que eu fosse infeliz o resto da minha vida.

— O que isso tem a ver? — Thiago perguntou, ainda bravo.

— Tudo. Eles podem começar uma família. — falei me sentindo doente.

— Que diabos você quer dizer com isso? — Mariah perguntou, parecendo cada vez mais chocada.

— Sophia não terá mais nada o que temer. Ele finalmente vai poder ser o pai que ele não tinha sido para Giovanna e o homem que Sophia pode contar. — eu disse, mas eu preferia que um bisturi cortasse minha língua, antes que eu admitisse isso em voz alta.

A verdade é que pensar em perder a Giovanna me doía demais. Desde que eu a conheci, eu caí de amores por ela e eu sentia como se ela fosse minha também. Pode parecer estúpido para alguns, mas eu a amava como minha própria filha e não conseguia imaginar como seria ficar sem aqueles lindos olhos verde-esmeralda. Eu não queria ter que lidar com a perda dela também. Eu sabia que sentiria tanto a falta dela, que apenas a realização desse pensamento parecia me fazer sufocar.

— Espere. — Mariah soltou-se dos braços de Thiago e se encaminhou até parar ao meu lado. — Você tá querendo dizer que...

— Que não quero atrapalhar a chance de que eles possam ter uma família. — interrompi sentindo meus olhos arderem com mais lágrimas e abaixei minha cabeça, envergonhado.

Mariah surpreendeu-me quando segurou no meu queixo, e me fez olhar nos olhos dela. Percebi que ela não parecia mais tão irritada nesse momento comigo. Apesar de que isso poderia acabar comigo, eu queria que no fundo ela ainda me amaldiçoasse, porque eu merecia.

— Luca. — sua voz agora era doce. — Eu vou te fazer uma pergunta e eu quero que você pense sobre isso. — eu concordei, mesmo sem entender. — Você acha que Sophia te ama? — perguntou, e os três ficaram calados atrás dela.

*Se eu acho que Sophia me ama?*

Não sei o que é sobre ela, mas desde o momento que nos vimos eu sentia dentro de mim, que o que tínhamos era recíproco. Era muito forte para ser unilateral e parecia emanar em cada pedacinho de nós. A forma como ela me olhava, a forma como ela sorria para mim, a forma como fazíamos amor. Não tinha como não haver reciprocidade, parecia concreto, palpável. Nosso Amor era apenas real.

— Sim. Mas... — comecei e ela acenou em concordância.

— Bom. Vou te fazer mais algumas perguntas. — Mariah interrompeu-me. — O que aconteceu quando Drew a beijou quando estávamos em *Margarita*? — ela perguntou calmamente, mas eu me senti enrijecer ao pensar sobre isso.

Odiava lembrar que essa merda aconteceu. Que outro homem provou aquela boca doce que era minha. Eu me senti um lixo quando ela me mandou uma mensagem dizendo o que havia acontecido. Mas ainda assim suas palavras vieram a minha mente.

— Você se lembra que Sophia não pôde continuar o beijo que Drew deu nela? — Mariah perguntou, com a voz ainda mais calma e eu assenti sentindo minha garganta arranhar. — Muito bem. — ela continuou e meus três amigos chegaram mais perto parecendo mais relaxados, porque diabos eu não sabia. — Bom, você conhece Sophia e sabendo a maneira como vocês se sentem sobre o outro, você realmente acredita que mesmo que vocês terminem, ela iria querer alguma coisa com o Erick? — Ela perguntou me olhando de forma convicta.

*Será que ela quer alguma coisa com ele?*

No fundo eu sei que não. Não apenas pelo sentimento forte que compartilhamos, mas também pelo que eu vi nos seus olhos. Eu sabia o quanto ela era orgulhosa e insegura. Mesmo nós nos sentindo da forma que sentíamos um pelo outro, ela nunca conseguia me perdoar completamente quando pensava sobre a suposta traição com Jéssica.

*Por que ela iria perdoar Erick, depois de tudo que ele fez com ela no passado?*

Como ela perdoaria o cara que dormia com todas as mulheres possíveis, incluindo uma das suas melhores amigas? E ainda por cima foi um pai ausente da sua filha? Eu sei que ela tem um coração maravilhoso e mesmo que ele se mostrasse arrependido, ela nunca confiaria nele inteiramente depois disso.

— Não. Ela nunca poderia confiar nele. — respondi com meu coração martelando, enquanto estava olhando para os quatro, sem saber onde Mariah estava indo com essa conversa.

— Bom. — Mariah disse, antes de segurar minhas mãos na sua. — Essa é a última pergunta que vou lhe fazer. Não preciso que você me responda, quero que você responda para você mesmo. — ela disse calmamente e eu engoli em seco quando assenti. — Sabendo de tudo isso, conhecendo Sophia como você conhece, você honestamente acredita que ela dormiu com o Erick depois de você?

*Foda-se, não!*

Respondi imediatamente, com um grito querendo sair de dentro de mim. Não. Não. Sophia não dormiu com ele. Não me amando do jeito que eu sei que ela me ama. Não sendo verdadeira e fiel a ela mesma, como eu sei que ela é. Eu sei que isso talvez pudesse acontecer, caso ela não se sentisse como eu me sinto em relação a ela. Mas por mais que aquelas fotos possam ser verdadeiras e que sim, ela esteve com ele, ela nunca faria nada disso comigo. Ela nunca trairia o seu sentimento e a si mesma.

— Eu preciso vê-la. Preciso que ela acorde. Que me perdoe. — disse, agoniado, andando de um lado ao outro, louco de vontade de invadir o centro cirúrgico onde ela estava sendo atendida.

— Sei que sim. Mas vai com calma. Você precisa em primeiro lugar se acalmar. Sophia passou por muita merda recentemente. Depois de tantas ameaças, tentaram matá-la e aconteceu o que aconteceu. Fora que você ainda duvidou da sua palavra. Você imagina como estará a cabeça dela quando ela acordar? — ela perguntou e eu me encolhi me sentindo enjoado.

*Inferno! Isso não poderia ter acontecido com a minha Princesa!*

Voltei a sentar na poltrona onde eu estava sentado há pouco e fechei os olhos, novamente implorando para que ela saísse logo dessa. Eu precisava que Sophia acordasse. Precisava lhe pedir desculpas por ter duvidado por um minuto sequer dela. Não me admira que minha irmã e meus amigos estivessem querendo me esganar por não tê-la ouvido. Se eu tivesse dado ouvidos a ela, não estaríamos aqui. Não teríamos passado por isso.

Se a dor de deixá-la ali quase me esmagou, agora ela nem se compara com a dor ao pensar o quanto eu fui idiota e posso tê-la perdido por não ter acreditado em nós. Eu nunca me perdoaria caso isso acontecesse. Mas se ela não me perdoasse agora, eu faria de tudo para derrubar

qualquer barreira ou pedra que se interpusesse em nosso caminho.

Assim que alcancei meu iPhone, disquei o número que precisava e ordenei:

— Marco, eu preciso que você descubra exatamente o que aconteceu. Quero acabar de uma vez por todas com quem quer que seja que está querendo acabar com a minha família. Nem que para isso eu tenha que matá-lo com minhas próprias mãos.

E era exatamente isso que eu faria.

\*\*\*

Horas depois, eu estava em seu quarto no hospital. Ela ainda dormia depois da cirurgia e o que eu mais queria era que ela abrisse seus lindos olhos. Que eu pudesse ouvir a voz mais doce do mundo no correio de voz. Que pudesse ver aquele seu sorriso que fazia meu coração bater tão disparado, que eu parecia que ia ter um ataque cardíaco.

— Lu... Luca, por favor... Não... Não. Eu ... eu te amo.

Seu murmúrio em seu sono fez meu coração se apertar. Esfreguei meu peito, tentando aliviar a dor que eu sentia. Sophia estava me chamando. Me chamando como havia feito segundos antes do acidente e eu a ignorei. De alguma forma, em algum lugar em seu subconsciente, ela parecia relembrar o momento e isso me quebrou.

— *Baby*, me perdoa, por favor. — suspirei, acariciando sua pele macia, pois tocá-la era uma maneira de me certificar de que ela estava ali comigo de verdade. — Eu fui um imbecil. Por favor, acorda logo. Eu amo você mais do que tudo nessa vida. Eu preciso de você. Deus! Preciso que você me perdoe! Eu quero cuidar da nossa família!

Quando dei por mim, estava chorando. E eu não me importei em colocar para fora o que eu sentia. Apenas queria vê-la acordada. Apenas queria que ela voltasse para mim.

Ela era minha vida. Minha própria respiração. Eu darei a minha vida para ter ela e a Giovanna ao meu lado. Sim. Não importa o que eu tenha que fazer. Eu faria tudo para tê-las comigo novamente. Eu iria para o inferno se fosse preciso, para que ela me perdoasse. E dessa vez será para sempre.





# Bônus

## Henry

Eu me sentia uma merda olhando para o meu melhor amigo. Ele estava sofrendo ao pensar em perder a mulher que ele amava. Ele queria sua família. Eu senti um pouco de inveja, porque eu queria ter sido forte como ele era com ela. Ele nunca desistiu dela. Mesmo quando ela disse que não queria mais. Mesmo quando ela disse que beijou outro homem. Então eu percebi, tudo o que eu fiz todos esses anos foi ser um covarde. E eu não queria ser mais esse covarde. Não mais. Nunca mais.

Apesar de Sophia não ter acordado, ela estava bem e por isso o médico vetou que mais de uma pessoa dormisse no quarto de hospital com ela, mas Luca conseguiu de alguma forma fazer com que sua permanência fosse possível. E eu não acho que tenha sido de uma maneira legal.

Então nessa madrugada, apenas eu, Thiago e Mia estávamos no apartamento de Luca. A empregada dele fez um jantar para nós, mas não parecia que estávamos com fome, apesar de ser a primeira refeição decente que tivemos desde o fatídico jantar de noivado de Mariah. Ainda assim ninguém parecia conseguir comer direito.

Deitado na cama do quarto de hóspedes, eu não conseguia dormir. Minha insônia não me fazia esquecer tudo que eu fiz anos atrás. Não conseguia deixar de pensar em tudo o que eu deixei para trás. De tudo que eu abri mão.

Eu nunca deveria ter voltado. Eu tinha minha vida toda planejada. Ir para Itália e terminar minha graduação. Depois eu ia casar com a minha namorada, por quem eu era apaixonado desde que eu me entendo por gente, ter filhos e viver feliz para sempre. Mas o que eu fiz? Abri mão de tudo isso.

Não sou feliz. Nunca consegui desde então. Eu quebrei os nossos corações naquele dia em que aceitei ficar quando seu pai me propôs voltar para o Brasil e ser seu ombro direito na *Guiotto's*. Eu era jovem e imaturo, queria provar para mim mesmo que eu não seria igual ao meu pai e a deixei sozinha. Talvez eu tenha tomado a decisão certa para mim na época, mas essa era definitivamente a decisão errada para nós.

Enquanto rolava pela cama, eu não conseguia deixar de pensar sobre o que Luca disse mais cedo. Mia tinha sido pedida em Casamento e nunca disse “Sim”. Eu apenas precisava saber o por que. Eu queria que ela me dissesse. E era isso que eu perguntaria agora.

## Mia

Uma noite antes de vir para Manaus para o noivado surpresa de Mariah, eu já não conseguia dormir e eu não sabia o por que. Aconteceu todo o acidente com Sophia, não dormimos desde então e mesmo meu corpo estando tão desesperadamente precisando dormir, eu não conseguia pregar os olhos. Algo sobre hoje me deixou fora de eixo.

Talvez tenha sido porque Luca só disse em voz alta que Henrique não é feliz sem mim. Eu queria esquecer isso, mas então o que eu faço quando eu sinto que no fundo é também a verdade sobre mim?

Ouvi a porta se abrir e levantei rapidamente, pensando que poderia ter acontecido alguma coisa grave com Sophia. De pé em frente a minha cama, eu estava de frente para Henrique. Engoli em seco. Ele estava lindo e delicioso como sempre. Usava apenas uma cueca Box para dormir, mas eu sabia que ele só estava usando uma porque ele não estava na sua casa.

*Droga! Por que eu tinha que me lembrar disso?*

— O que aconteceu? — perguntei, assim que consegui recuperar minha voz.

— Eu não conseguia dormir. Eu precisava te perguntar. — ele disse, olhando para mim de cima a baixo.

— O que, Henrique? — perguntei nervosa.

— É verdade o que Luca disse? — perguntou.

— O que? — me fiz de desentendida.

— Sobre Paco.

— Isso não é da sua conta. — respondi, tentando manter a defensiva.

— Me responde, Mia. É verdade?

— Sim. — respondi em um fiapo de voz.

— Por que você nunca aceitou os pedidos de casamento de Paco? — ele perguntou ansioso.

*Não! Ele não pode me perguntar isso!*

Eu não sabia o que dizer. Eu sabia que se eu abrisse a boca e começasse a falar, eu ia estragar tudo. Eu ia acabar me entregando. Eu ia acabar confessando que eu não podia casar com um homem que eu não amava. Eu ia acabar confessando que ele estragou isso para mim, quando me pediu em casamento anos atrás e depois voltou atrás.

— Por quê? — ele insistiu e eu engoli em seco.

— Não é da sua conta! — dei as costas para ele e voltei a deitar na cama. — Se isso for tudo que você gostaria de saber, por favor, vá embora. Eu realmente preciso dormir.

— Não, Mia. Eu não arredarei o pé daqui até que você me diga. — exigiu.

— Para que você quer saber, Henrique? Para que? — perguntei, irritada.

— Porque eu preciso! — pareceu um tanto angustiado.

— Vá embora. — pedi, tentando controlar as lágrimas que ameaçavam cair.

— Mia...

— Eu não pude, Henrique! Eu não pude! Você estragou para mim qualquer sentimento bom relacionado a casamento! — gritei amarga. — Agora se você já teve a resposta que você queria, por favor, saia. — apontei para a porta do quarto.

Eu não me importei com a dor que vi em seus olhos. Não me importei de notar o quão baqueado ele ficara com minhas palavras. Não me importava com ele.

O problema é que tudo isso era mentira. Só que eu não poderia continuar a limitar minha vida por causa de uma pessoa que jamais deixou de viver a sua por minha causa. Tinha que me lembrar que nossas idas e vindas já foram o bastante para que eu aceite que entre nós não pode haver mais nada.



# Capítulo 20

## Sophia

Acordo me sentindo tonta e fora do lugar. Uma dor enorme parece querer esmagar minha cabeça e dividi-la em duas. Minhas costas também doem e meu pulso parece dormente de uma forma que eu não me lembro de ter sentido um dia. Um cheiro forte de iodo invade minhas narinas, me deixando um pouco enjoada e eu me forço a controlar meu estômago e a tentar acordar.

Quando finalmente consigo abrir meus olhos, percebo que estou em um quarto de hospital, carregando um cateter na mão direita e a outra mão que eu havia sentindo dormente, está enfaixada. Ainda vejo tudo meio embaçado, mas eu me forço a tentar enxergar mais, ainda que sinta minha vista arder com a pouca luz que ali tem.

Assim que consigo me acostumar com a claridade, me mexo, tentando me levantar e é aí que ouço a voz doce da minha mãe falar:

— Não, querida. Está tudo bem. Não precisa forçar a se sentar. Fique bem quietinha que vou chamar a enfermeira. — diz enquanto me segura para manter-me na cama e eu me sinto um pouco zozna pelo esforço, por isso me limito a acenar com a cabeça e fecho os olhos.

— Eu vou, Vera. Fique aqui com ela. — reconheço a voz de Luca.

*Ele está aqui também?*

Tento abrir os olhos mais uma vez para vê-lo, mas só consigo distinguir sua silhueta na porta se afastando. Conseguindo ver melhor as coisas ao meu redor, foco o rosto de minha mãe. Apesar de vê-la sorrindo, a conheço muito bem para ver que por trás do sorriso, ela me parece triste. Ela me parece tão cansada, que é como se ela estivesse passando dias aqui e eu me sinto mal por ela, sem saber de fato o que aconteceu comigo realmente.

— Mãe, o que aconteceu? — pergunto sentindo uma dor de cabeça chegando.

— Não precisamos falar agora, querida. Você precisa descansar, ok? — diz com um olhar triste.

Assim que ela termina de falar, Luca retorna acompanhado de uma enfermeira e como se fosse possível, sua cara me parece ainda mais cansada do que a de minha mãe. A impressão que eu tenho é de que ele não dorme ou se olha no espelho há dias.

*Meu Deus! Eles estão assim por minha causa!*

— Que horas são? — pergunto cansada, sentindo como se eu não tivesse dormido nada.

— Meia noite, querida. — minha mãe responde com carinho. — Você dormiu por mais de um dia

todo.

— Eu dormi? — eles concordam. — Como vim parar aqui? — pergunto assustada, enquanto a enfermeira começa a verificar minha pressão.

— Quando eu estava dando ré no estacionamento do seu condomínio, vi um carro indo em sua direção, mas não dei muito atenção naquele momento. — admite, envergonhado. — Mas verifiquei junto às câmeras de segurança, você foi atropelada de propósito. Estávamos esperando você acordar para ver se podia nos dizer algo mais. — Luca responde com as mãos no bolso e uma expressão de derrota estampada na cara que eu tanto amo.

— Lembro-me de ter saído do prédio e estava indo para o carro atrás de você, quando o carro veio em minha direção. Eu tentei desviar, mas o motorista pareceu ter realmente o propósito de me atropelar porque veio atrás de mim. Mas não consegui ver ninguém. — recordo-me.

— Sim. É exatamente o que parece. — Luca responde parecendo ainda mais envergonhado com a minha confissão. — A polícia deve vir colher seu depoimento amanhã de manhã.

— Polícia? — pergunto assustada.

— Sim, Sophia. O que tudo indica é que você foi vítima de uma tentativa de homicídio. — fala apreensivo.

— Mas como? — pergunto embasbacada.

— Estamos tentando descobrir exatamente isso. Seu carro, as ameaças, e agora isso, só deixaram a situação complicada, ainda mais complicada. — diz, sem conseguir me olhar nos olhos.

*Merda! O que estava acontecendo?*

— O que eu tive? — pergunto, examinando-me melhor, tentando não pensar sobre isso.

— Você tomou uma pancada na cabeça, mas felizmente só precisou de dois pontos. Bateu suas costas na hora da queda, mas também felizmente não houve dano algum. Mas quebrou sua mão e teve que passar por uma pequena cirurgia para colocar uma placa no pulso. Você deve estar bem para fazer fisioterapia em 15 dias. — explica a enfermeira. — Todos os seus sinais vitais estão bons. Amanhã de manhã você deve fazer uma nova tomografia para confirmar se o inchaço da sua cabeça diminuiu. Qualquer coisa é só chamar, estarei aqui ao lado. — fala sorrindo, antes de se retirar do quarto.

— Como eu cheguei aqui? — pergunto a minha mãe.

— Luca, *Sophie*. — ela explica com um sorriso fraco. — Luca foi atrás de você, assim que percebeu o que estava acontecendo e ele a trouxe para o hospital, junto com a ambulância. E desde então está aqui.

— Obrigada. — digo olhando nos olhos dele, engolindo o caroço na minha garganta ao lembrar-

me da nossa briga pouco antes do acidente.

— Você não precisa agradecer, *baby*. — fala se aproximando de mim e me dando um beijo na testa.

— Vou ligar para o seu pai e dizer que você acordou. — Mamãe diz um pouco mais animada, mas sinto que ela também quer nos deixar a sós.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta preocupado, enquanto seus lindos olhos me examinam atentamente.

— Bem. Só com um pouco de dor, mas acredito que seja normal. — digo fracamente fazendo uma careta.

— Sim, depois do que você sofreu, com certeza é normal. Mas me deixe saber se você precisar de alguma medicação para dor. — fala preocupado.

— Tudo bem. — suspiro. — Você pode ir para casa, Luca. Não precisava ficar aqui. — falo examinando sua aparência extremamente cansada.

— Eu não podia sair daqui sem saber que você estava bem. Não sem ter a certeza de que você está bem. — confessa, fechando os olhos como se estivesse com dor. — Você me assustou para caralho, *Baby*. Quando vi que tinha acontecido um acidente com você, eu quase perdi o chão. — bufa frustrado. — Não sosseguei enquanto você não saia da tomografia. O risco de você ter tido uma hemorragia interna por causa do baque era muito grande. — abre os olhos repletos de lágrimas.

— Desculpa. — peço, derramando minhas próprias.

— Ei. — fala, enxugando minhas lágrimas. — Você não tem que se desculpar, a culpa não foi sua. Só, por favor, não me deixe mais sentir isso outra vez. Você precisa ficar comigo. — afirma enquanto suas próprias lágrimas caem.

— Preciso falar com você. Tenho tanta coisa para falar. — começo a falar, sabendo que eu preciso contar toda verdade sobre a gravidez para ele. — Mas estou muito cansada. — sinto o efeito das drogas para dor no meu cérebro.

— Shh... Tudo bem. — fala escovando seus lábios nos meus. — Amanhã quando você acordar estarei aqui, *baby*.

— Promete? — pergunto, já sentindo minhas pupilas vacilarem.

— Sim. Sempre estarei aqui. Prometo. Eu amo você. — escutei sua voz, antes de me perder no mundo dos sonhos outra vez.

\*\*\*

Quando eu acordo, a enfermeira está trocando o soro da medicação ao lado da minha cama. Já é dia, pois o Sol está entrando pelas frestas da persiana do meu quarto, mas ainda que eu saiba que estou há horas dormindo, continuo me sentindo extremamente cansada. A cabeça ainda dói, como se estivesse com uma puta de uma ressaca.

*Meu sonho estar de ressaca ao invés de estar aqui. Odeio hospitais.*

— Bom dia. — a enfermeira diz animada, como se eu pudesse ficar contente de estar aqui nessa maldita cama de hospital em plena manhã.

— Bom dia. — digo, com a voz um pouco rouca de sono. — Que horas são? — pergunto, espreguiçando-me.

— Ainda é cedo. São seis da manhã. — olha-me com paciência.

— Cadê minha mãe ou Luca? — pergunto vasculhando o quarto por algum sinal dos dois.

— Sua mãe foi buscar um café para ela há poucos instantes. Seu noivo foi para casa descansar um pouco assim que você adormeceu a noite, mas já deve estar chegando. Ele disse que estaria aqui cedo. — sorri com carinho.

— Obrigada. — respondo fraca. — Eu precisava ver o médico. — falo preocupada, por ainda não ter tido oportunidade de pensar direito desde que acordei. Temerosa que talvez tenha acontecido alguma coisa com meu bebê.

*Meu Deus! Será que está tudo bem?*

Ninguém sabia que eu estava grávida, a não ser Carol e Rodrigo, mas eu não sei se eles lembraram ou não quiseram falar algo quando estiveram no hospital. Também não sei se foi feito nenhum exame, mas preciso de notícias o quanto antes.

\*\*\*

Alguns minutos depois que pedi a enfermeira para ver o médico, ela retorna trazendo uma bolsa de soro. Logo atrás dela um senhor jovem, com os cabelos levemente grisalhos, estatura mediana e um rosto amável entra no quarto. Obviamente pelo jaleco que ele está vestindo, sei que ele é o médico.

— Bom dia, Dona Sophia. Prazer, sou o Dr. Rui. Está se sentindo melhor hoje? — diz.

— Sim. Só com um pouco de dor. — falo honestamente.

— É normal, pois os efeitos da anestesia estão indo embora aos poucos, além de estarmos diminuindo a quantidade de analgésicos. — sorri.

— Eh... — começo a falar desconsertada. — Eu queria falar com o Dr. sobre uma coisa. — digo olhando para enfermeira, que continua nos vendo conversar.



— Tudo bem, querida. Pode falar. A enfermeira Michelle é de confiança. — garante e eu apenas concordo.

— É que eu não sei se foi feito algum teste depois do acidente. E honestamente eu não sei como estão as coisas depois disso. — digo sufocando a minha angústia. — Mas eu estou grávida, pelo menos estava antes do acidente e ninguém sabia. Tinha descoberto um dia antes e estava esperando uma oportunidade de contar para todos. — confesso, com aperto na garganta e ver sua cara preocupada me deixa ainda mais preocupada com a situação.

— Bem. Confesso que estou surpreso. — me olha atento. — Teremos que fazer alguns exames para ver se está tudo bem. Vou solicitar uma ultrassonografia. — o Dr. para por um segundo antes de continuar: — Mas como você não apresentou nenhum sinal de aborto espontâneo, acredito que está tudo bem. — diz um pouco relutante. — Mas não custa nada verificarmos direito, não acha? — concordo.

— Deus lhe ouça, doutor.

\*\*\*

Fiquei malditamente surpresa quando a enfermeira entrou me dizendo que Recebi um buquê. O buquê de Rosas era enorme e lindo. Sorri contente enquanto abria e lia o cartão:

*“Cara, pare de se meter em encrencas, guria! Na próxima vez que você me der um susto desses, juro que te dou umas belas palmadas! Rs Desculpe ter de ir embora, mas eu realmente não pude ficar. Você sabe que eu ficaria, né? Mas também estou tranquilo que você tem um enfermeiro bonitão de 1,84 para cuidar de você!*

*Na próxima semana tentarei te ver. Contente por você estar bem. Me mande msg assim que puder, ok? Saudades. Bjs, Thiago”*

Luca entra no quarto um pouco depois e eu ainda estou rindo com o cartão na mão quando ele chega. Ele está com os cabelos molhados de um banho que agora eu o invejo por poder fazer e sua aparência parece um pouco renovada, a cara cansada que ele ostentava pela madrugada, me parece bem melhor. E sim, ele continua lindo. E apenas por vê-lo aqui, ao meu lado, uma sensação de paz me preenche.

— Ei, baby. — diz beijando minha testa e olhando para o cartão curioso. — De quem é?

— Thiago. — rio novamente e entrego para que ele leia.

— Acho que eu sou o enfermeiro bonito. — ele bate as sobrancelhas e ri para em seguida me dar um beijo leve nos lábios.

— O melhor. — respondo sorrindo para ele, acariciando seu rosto recém-barbeado.

— Como está se sentindo? — ele pergunta preocupado.

— Melhor agora. — digo sinceramente, pego sua mão e sorrio contente por ele estar aqui comigo.

— E a cabeça, doendo? — concordo. — O médico disse se você vai fazer outra tomografia? Ou outro exame?

— Sim. Ele acha melhor fazermos uma hora depois do desjejum. Devo fazer umas 9h da manhã. — paro por um momento para analisar suas olheiras. — Você descansou? — pergunto, preocupada por perceber que ele ainda precisa de um tempinho de descanso.

— Um pouco. — responde, passando a mão nos meus braços para me acalmar. — Mas a verdade é que não estou conseguindo dormir pensando em quem pode ter feito isso com você, *Princesa*. — confessa, sem nem ao menos conseguir me olhar nos olhos.

— Está tudo bem. — tranquilizo-o e seu corpo se enrijece pelo que acabei de dizer.

— Não, não está. — responde se afastando de mim. — Temos recebido ameaças esses dias e tenho quase certeza de que seu acidente está relacionado a mim. — Luca parece preocupado.

— Como assim? — pergunto perplexa.

— Não sei. Espero que não. — diz chateado. — Mas vou colocar as mãos nesse filho da puta de qualquer forma! — sua voz soa ameaçadora de uma forma que eu jamais esperei ouvir.

Luca se vira para mim e vê que estou assustada. Sei que isso pode ser verdade, mas pensar que alguém pode ser ruim a ponto de tentar machucar alguém para atingir Luca, é realmente preocupante.

— Está tudo bem agora. — tranquiliza-me ao reaproximar-se da minha cama. — Seu segurança está no corredor e te acompanhará de perto quando você sair daqui. E também tenho um garantindo a segurança da Giovanna e mais dois com seus pais. Não vai acontecer mais nada, nem com você e nem com ninguém. — garante e eu concordo tentando esconder a minha preocupação.

Ficamos um pouco em silêncio, cada um perdido em seus pensamentos. Logo em seguida, uma enfermeira diferente da que esteve me acompanhando entra animada no meu quarto. A enfermeira é baixinha e gordinha, parece até um barril de chope, mas é tão fofa, que dá vontade de apertar. E quando nos olha, nos dá um sorriso tranquilo.

— Volto para te pegar em cinco minutos, ok? — pergunta sorrindo e eu engulo em seco.

*Ai não!*

— Para onde? — Luca pergunta com uma expressão preocupada. — Achei que sua tomografia só seria depois do desjejum e ela ainda não comeu nada. — pergunta, confuso.

— Oh não! Vamos levá-la para fazer a ultrassonografia, para ver como está esse bebezinho aqui dentro. — diz acariciando minha barriga. — Se você quiser acompanhar, pode vir, nós permitimos que os papais acompanhem durante os exames. — Ela diz, antes de se virar e sair, parecendo não perceber que ela acabou de derramar uma bomba nuclear em cima desse quarto.

*Meu. Deus. Do. Céu.*

Luca me olha com os olhos arregalados de surpresa. E eu? Bem, perdi completamente a minha capacidade de falar. As coisas não deveriam ter chegado a isso. Ele não deveria saber dessa maneira. Eu deveria ter lhe contado antes, mas agora eu não posso voltar atrás nas minhas decisões.

Eu não sei o que ele está pensando nesse momento. Eu sei que essa seria a hora de falar, mas também não sei por onde começar, visto que eu ainda não raciocinei direito sobre tudo isso. Apenas sei que independentemente de tudo tenho que contar de uma vez para ele.

— Luca, eu ia te falar... — sou interrompida por um som da porta se abrindo, o que nos faz virar em direção à porta:

— Mamãe! — Giovanna grita, se soltando do colo do pai e vindo ao meu encontro.

— Oi, amor. — digo com um misto de emoções explodindo dentro de mim.

Estou feliz demais por ver minha filha depois de tudo que me aconteceu. Acho que é normal que a gente dê mais valor ao que realmente importa, quando uma coisa ruim nos acontece. E hoje, se possível, amo ainda mais a minha filha.

Mas também estou sem saber como agir, por estar agora diante dessa situação toda com Luca. É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

*Apenas respire, Sophia!*

— Tio Luca. — Giovanna corre para os braços de Luca, que ainda parece estar paralisado pelo choque da notícia.

— Oi, princesa. — ele responde, engolindo em seco. — Que saudades eu estava de você. — Luca sorri para Giovanna e ela sorri de volta, verdadeiramente feliz em vê-lo depois desses dias que estivemos aqui.

Os dois se abraçam novamente, enquanto eu sinto meu coração cada vez mais apertado. Eu amo vê-los juntos. Amo o carinho que um tem pelo outro. Não importa quantas vezes isso aconteça. O

amor e a cumplicidade que ambos sentem, sempre me emociona e acho que isso nunca mudará.

— O que você ainda está fazendo aqui, Campanaro? — Erick enfrenta Luca com um olhar mortal e eu olho para ele boquiaberta, sem entender por que diabos ele está agindo assim.

— Erick... — sou interrompida de novo por ele:

— Você já fez o que tinha que fazer, cara. Já trouxe ela para cá. Mas isso não muda o fato de ela estar comigo. Vá embora. — esbraveja para Luca, apontando a porta do quarto.

*Que diabos ele está fazendo?*

— Erick, pare com isso agora! — digo irritada ao ver sua expressão irritada e sua voz cheia de rancor. — A Giovanna está vendo tudo isso e você está agindo...

— Agindo como o homem que cuida da mulher e da família que ama! — Erick complementa, ignorando completamente o meu apelo.

*Mas o que?*

Luca levanta-se imediatamente do chão onde estava ajoelhado com a Giovanna em seus braços, beija sua cabeça e lhe dá mais um abraço antes de se virar para mim. Seu olhar diz tanta coisa que eu me encolho por dentro. Parece que está carregado de dor, fúria e outros sentimentos até então desconhecidos por mim. E eu me sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— Tudo bem. Eu sei me retirar na hora certa. — sua voz gélida destoa da palidez da sua pele e ele logo trata de desviar seu olhar do meu. — Melhoras, Sophia. Eu espero, sinceramente, que a família de vocês seja muito feliz. — fala de uma vez, antes de sair do quarto, sem que eu tivesse a chance de lhe dizer nada.

E pela primeira vez desde que ficamos juntos há meses, vejo Luca ir embora sem olhar para trás. Isso me quebra completamente. Mas é aí que o que está acontecendo vem como um choque de um milhão de volts.

*Ah merda! Ele pensa que Erick é pai do nosso filho!*

Tenho vontade de sair daqui dessa maldita cama para correr atrás dele e lhe dizer toda verdade. Tenho vontade de gritar, chamando por ele. Mas também sinto vontade de correr como um inferno longe de ambos. Eu sei que sou uma puta covarde. Surpresa? Eu não. Sempre fui covarde mesmo.

Sei que eu deveria apenas gritar e fazê-lo voltar aqui para dizer-lhe toda a verdade. Mas eu simplesmente não consigo dizer nada. Estou paralisada nesse momento. Sufocada com a verdade.

*O que eu faço, meu Deus? Eu quero gritar. Quero tirar esse aperto de dentro de mim!*

Minha mãe não demora a entrar no quarto e eu suspiro aliviada com a visão da minha doce e

linda mãe. Eu precisava que ela tirasse a Giovannadaqui. Eu precisava tirar o Erick de uma vez por todas da minha vida. Independentemente de qualquer coisa, nosso tempo já foi. E depois dessa cena que ele protagonizou, ele precisava ter certeza e agora mais do que nunca preciso dele longe.

— Mãe, a senhora pode levar a Giovanna à lanchonete? — a olho querendo mostrar que quero conversar com Erick e ela parece entender, porque assente com a cabeça.

— Tudo bem. Vamos, querida? Lá tem uma salada de frutas que você vai adorar. — diz para Giovanna, que sai animada com a ideia da avó.

Assim que a porta do quarto se fecha, eu olho para Erick e encontro-o sério. Mas isso não me interessa. Sei que ele de certo não tem nada a ver com as fotos que Clara nos entregou, mas ainda assim, isso não diminui em nada o fato de estar puta da vida com tudo isso. Chateada por uma situação que não existe e que ele mesmo “sem querer” havia colocado lenha na fogueira. Eu precisava acabar logo com isso.

— Você não deveria ter feito o que fez. — repreendo, chateada.

— O que você queria que eu fizesse, Sophia? Que eu o deixasse continuar tentando roubar você e minha filha? — pergunta irritado, mas seu tom acusatório não me passou despercebido.

— Eu não sou sua propriedade, Erick! E Ninguém está querendo roubar a Giovanna de você. — brado.

— Você disse que ia voltar para mim. — diz ultrajado.

— Eu nunca disse isso. O que eu disse é que o tempo iria dizer o que eu faria da minha vida. — pontuo. — Não te prometi nada. Mas vejo que até isso que eu disse foi um completo erro. Eu não te prometi amor eterno. Você sabia muito bem que eu estava saindo de uma relação mal resolvida e você acabou de piorar ainda mais minha situação. Sinto muito que você tenha entendido errado aquele dia, mas eu não posso mais te dar o que eu já tentei anos atrás. — respondo lhe mostrando o óbvio.

— Sério? É assim que você se sente? E tudo que passamos juntos? E tudo que sofremos? — pergunta, como se eu tivesse lhe dizendo um absurdo.

Passado é passado. Erick era o meu passado e nosso relacionamento foi claramente unilateral. Passei muita coisa com e principalmente sem ele, justamente nos momentos em que mais precisei que ele estivesse ao meu lado. Ele continuou sua vida e eu tive que enfrentar a minha vida com uma criança no colo, sem que ele me ajudasse em nada.

Enfrentei uma barra tomando antidepressivos. Combatendo uma doença que tinha como maior inimigo a mim mesmo. Tive apenas o apoio dos meus pais e dos meus amigos, enquanto era sua obrigação estar ao meu lado não como namorado, mas pelo menos como pai da nossa filha.

*Que porra ele acha que passamos juntos? O que ele acha que sofreu?*

— É assim, sim. Quando mais precisei de você, você estava por aí pegando quantas você pudesse. Porque para você receber um boquete ou transar com todas que você pudesse, era mais importante do que qualquer outra coisa. — respondo, porque embora eu não possa ficar irritada, ele definitivamente está realmente me fazendo perder a cabeça. — Eu tive que cuidar da Giovanna sozinha e não tive sua ajuda nem para isso. A minha sorte é que pude contar com a ajuda dos meus pais e dos meus amigos, senão eu nem sei o que seria da minha vida sem eles. Ainda assim fui atrás da minha profissão, me formei, trabalhei. — aponto para ele. — Depois de anos de descrença em relacionamentos, por sua causa, eu finalmente me dei a chance de amar outra vez. Mas não é só porque não deu certo com ele, que agora vai dar certo com a gente. Meu mundo desmoronou, mas nada do que aconteceu entre nós antes desapareceu, Erick. Eu cresci, eu aprendi, eu mudei. Não sei se você reparou, mas hoje eu sou outra, não tenho mais dezoito anos, Erick. Nem você. Eu estou prestes a mudar a minha vida de novo, mas isso não quer dizer que eu tenho espaço nela para você.

As lágrimas que eu não queria derramar estavam caindo sem aviso e eu estava respirando com dificuldade. Eu precisava que o Erick ficasse longe de mim. Eu precisava que ele saísse de uma vez por todas da minha vida. Tudo o que eu poderia sentir por ele, eu sentia agora por outro. Na verdade, eu sentia muito mais do que poderia colocar em palavras. Não existia mais nada entre nós, por mais que ele dissesse que me amava e estava arrependido, nada do que ficou pode mudar.

*Sim, o passado é como uma roupa tamanho 36, com toda certeza não me serve mais!*

Erick definitivamente não se encaixava mais na minha vida, independentemente das suas boas intenções. A verdade é que nosso tempo acabou muito antes de Luca aparecer, mas acho que só consegui realmente enxergar isso quando o conheci. Agora era sua vez de enxergar isso.

Eu pensei que depois do que eu disse, talvez Erick fosse querer discutir, mas ele não fez isso. Apenas ficou parado, não me olhava nos olhos, ao contrário, olhava para o chão como se todas as respostas estivessem ali. Parecia que ele tinha perdido todas as linhas de pensamento com a verdade que despejei em cima dele.

Mas eu não me importava agora. Eu apenas precisava que ele saísse. Precisava que ele percebesse de uma vez por todas que nunca teríamos uma nova chance. Eu nunca poderia voltar atrás, ele havia me magoado demais. Talvez eu me arrependa por ter dito tudo que eu disse agora e devesse ter guardado dentro de mim, tudo isso que guardei por tantos anos. Mas já era tarde demais para tudo.

— Vá embora. — digo a ele sem querer enfrentá-lo mais, estou cansada e ferida demais para

isso nesse momento.

— Tudo bem. Se é o que você quer. — Erick diz, antes de bater a porta do quarto em seguida.

Não tive muito tempo para pensar no que tinha acontecido e como eu iria fazer daqui por diante, porque a enfermeira 'infeliz' voltou para o meu quarto e me ajudou a subir na cadeira de rodas, para então ir fazer minha ultrassom. Tentei argumentar que podia andar, mas ela disse que eram ordens médicas pela batida na cabeça e nas costas. Eu poderia ter vertigem ou algo do tipo. Não quis discutir, estava cansada demais para qualquer coisa.

\*\*\*

Assim que eu entrei na sala de ultrassonografia, meu coração começou a bater mais forte. Eu ia saber se estaria tudo bem com meu bebê ou se eu estaria perdendo a última coisa que me restou da minha relação com Luca. Não sabia como manter-me diante disso.

— Muito bem, Senhora Sophia. — o médico lê meu prontuário, antes de voltar a olhar para mim.  
— Acho que lhe conheço de algum lugar, não? — pergunta me olhando curioso.

— Provavelmente. — me sinto mal por ele pensar assim, mas ele precisava saber que o que acontecesse aqui não podia sair daqui. — Bem, eu sou ou pelo menos era, a noiva de Luca Campanaro. Mas nós brigamos. Então independentemente desse resultado de exame, estou contando com sua ética profissional de não revelar nada a ninguém. — digo secamente.

*Ok. Estou sendo uma cadela, mas me julguem por isso.*

— Não precisa se preocupar. Minha ética profissional prevalece. — ele responde sem jeito.

O exame começa e logo o vejo colocando o gel na camisinha que cobre a sonda. Senti uma coisa viscosa se mexendo no meu estômago e percebi o quanto estava nervosa.

*Que esteja tudo bem com meu bebê, Deus!*

Ele insere a sonda e eu olho para a tela com expectativa, esperando qualquer indício. Rezando baixinho para que esteja tudo bem. Enquanto cada local passa ele vai explicando. Até que nos deparamos com duas manchinhas pretas, que me deixam paralisada.

Eu posso não ter feito medicina, mas sei exatamente do que se trata e antes que o médico diga, eu começo a chorar.

— E está tudo bem, Sophia. Aqui estão os seus bebês. Meus parabéns, Mamãe. Você está grávida de gêmeos!





# Capítulo 21

## Sophia

Quando voltei para o quarto, o médico mudou minha medicação para que eu adormecesse no exame. Ele queria fazer um exame computadorizado completo e disse que o resultado seria melhor se eu estivesse relaxada. Eu ainda estava anestesiada com a notícia, não me incomodei de descansar mais um pouco. E sinceramente? Eu agradei por isso. Tudo que eu queria era um pouco de descanso depois de tudo.

Depois de não sei quanto tempo dormindo, acordei com minha barriga roncando e imaginei que já haviam passado umas boas horas desde que fiz minha última refeição: um mingau de tapioca. Abri os olhos e vi que Carol estava sentada com Mariah no sofá, as duas nitidamente a espera para que eu acordasse. Assim que elas me viram acordadas, elas sorriram e se levantaram em um pulo, antes de virem ao meu encontro e eu fiquei inevitavelmente emocionada em revê-las.

*Deus! Como eu sentia falta das minhas amigas.*

— Graças a Deus! — Carol disse com os olhos úmidos. — Desculpe não termos vindo antes, mas quando saímos daqui ontem você ainda estava dormindo. — se explica.

— Tudo bem. Vocês não precisam se desculpar. — sorrio contente em vê-las.

— Oh, Amiga! Você não sabe como eu me senti por pensar que poderia acontecer alguma coisa com você. Eu não poderia suportar perder mais ninguém que eu amo... — Mariah diz aos prantos, o que inevitavelmente me leva a chorar.

*Maldito hormônios!*

— Me desculpa. — peço, sentindo a dor dela, pois eu sei que ela e Luca sofrem demais por toda a perda que eles já tiveram em suas vidas.

— Não, querida. A culpa é daquele filho da puta que foi para cima de você. — ela diz enxugando seu rosto. — Eu nunca vi Luca tão fora de si na minha vida. Ele está movendo céus e terra para descobrir quem foi que fez essa merda com você! — diz irritada e eu me aperto de dor por ouvir o nome de Luca.

— Ele não precisa... — começo a falar, mas Carol me interrompe:

— Como não? Algum maníaco está aí a solta, fazendo ameaças e ainda fez o que fez. Luca disse que o carro foi para cima de você, não foi um acidente, foi de propósito. — Carol diz indignada e Mariah concorda.

*Merda! Eu não quero pensar sobre isso, não depois de tudo!*

— Estou com fome. — digo, deixando claro que quero mudar de assunto. — Mariah, você pode pedir a enfermeira para me trazer o almoço? E você poderia contrabandear uma salada de frutas da lanchonete para mim? Eu ouvi dizer que é incrível. — peço.

— O que você quiser, amiga. Quando você sair desse inferno, vou passar um ano cozinhando para você na sua casa. — eu e Carol rimos e ela ri entre suas lágrimas.

— Olha que vou cobrar. — brinco e ela pisca para mim.

Quando Mariah fecha a porta do quarto, eu me viro direto para Carol. Ela me conhece demais e a forma que está me estudando, sua cara me diz que tem uma dica de que eu queria falar com ela em particular.

— Você está bem? — pergunta preocupada.

— Indo. — bufo uma respiração.

— O que houve? — pergunta, fazendo carinho no meu ombro.

— Aconteceu uma coisa hoje. Desde que acordei, Luca esteve aqui. Minha mãe disse que ele estava comigo desde o acidente. Ele estava cuidando de mim. — explico voltando a chorar e ela concorda. — Eu tentei contar para ele quando acordei, mas eu estava demasiada sonolenta amiga, não consegui. Mas eu ia contar hoje. — paro, tentando controlar meu choro. — A enfermeira ‘infeliz’ entrou e disse que estávamos indo para ultrassom ver como estava meu bebê. Ele ficou sem reação, amiga. — pauso para respirar. — O Erick entrou com a Giovanna e estragou tudo. Deu uma de Neandertal e Luca deduziu que na verdade eu estava grávida do Erick. — termino de contar e solto um suspiro.

— Merda! — Carol xinga e começa a murmurar maldições.

— Depois que Luca saiu, eu coloquei para fora toda a minha mágoa e mandei Erick embora de uma vez por todas da minha vida. — digo com o coração tranquilo sobre essa minha decisão.

— Graças a Deus! — murmura parecendo relaxar. — Você precisa contar a Luca a verdade, Sophie. — ela diz e eu concordo.

— Tem mais. — digo inquieta.

— Mais? — Pergunta assustada.

— Humhum... — murmuro acanhada. — Estou grávida de gêmeos.

— Oh meu Deus! — grita de felicidade. — Como? Dois? — concordo com a cabeça. — Luca não vai se aguentar nas calças quando souber. — diz sorrindo, mas seus olhos marejados apenas me diz que ela está emocionada com a notícia e eu fecho a cara.

— Não sei, Carol. Eu...

— Você ainda está nessa de não contar? — pergunta exasperada. — Sophia de Almeida Montenegro, se você não estivesse grávida e em uma cama de hospital, eu lhe dava uma boa surra! Você precisa contar e ele precisa e tem todo direito de saber! Ele precisa saber sobre a gravidez!

— Quem está grávida? — ouço a voz de João perguntando da porta.

— Merda! — digo.

*Isso só faz melhorar!*

João se aproxima da cama com um buquê de rosas e com sua cara visivelmente chocada pelo que ouviu. Ele abre a boca diversas vezes, antes de finalmente conseguir voltar a falar:

— Você está grávida de novo? — pergunta confuso, assim que para ao meu lado da cama.

— De gêmeos. — Carol completa, transbordando alegria, enquanto o pânico toma conta de mim.

*Droga! Ele vai abrir o bico!*

— Não pense em dizer nada, João! — ameaço, puxando-o pela gola da sua camisa.

— Opa! Opa! — fala com os braços em rendição. — Que história é essa de você estar grávida e não querer contar? — pergunta desconfiado. — Porque eu tenho certeza que é de Luca, pois sei que você não ia fazer a burrice de dar para o idiota do Erick, por mais que você estivesse tentando se enganar que ele mudou. — reitera.

— É dele sim. — confirmo, soltando sua camisa e ele logo ajeita sua roupa. — Mas não diga nada a Mariah e nem a ele, João. Por favor. — suplico e ele olha para Carol sem entender.

— Por que isso? Vocês estavam bem e uma das coisas que mais ouvi ele dizer nas últimas semanas, além de dizer o quanto te ama, é no quanto ele quer logo ter mais filhos. — João fala, confuso.

— Luca soube hoje de surpresa que ela estava grávida. E pela atitude de Erick logo em seguida, ele presumiu que ela estava grávida dele de novo. E depois de toda aquela cena da Clara na casa dela, isso não me admira. — Carol explica, dando de ombros.

— Que foda! E o Erick sempre dando fora, caralho! — exclama nervoso, mas eu vejo que João começa a compreender.

— Só preciso de um tempo, João. Preciso colocar minha cabeça no lugar. — tento fazer com que ele realmente entenda a minha situação.

— Eu não sei se isso é uma boa ideia, gata. — suspira. — Você está de quanto tempo? — ele pergunta.

— Sete semanas. — respondo, sentindo um friozinho de expectativa na barriga.

— Sete? Não vai demorar muito para aparecer sua barriga, ainda mais sendo dois. Você sabe, né — ?João diz com um sorriso travesso.

— Sei disso. — sorrio torto e sinto como se há décadas eu não sorrisse feliz dessa maneira.

*Não havia sido planejado, mas agora eu estava ansiosa por isso!*

\*\*\*

Recebi alta dois dias depois. Eu ainda sentia um pouco de dor, mas nada que não pudesse suportar ou tomar um analgésico para amenizar os sintomas. Já minha mão era outra história, pois segundo o médico eu teria que usar uma tala para imobilizá-la por algum tempo e realmente teria que ir em algumas sessões de fisioterapia. O que indica que nada de atividades com ela por um bom tempo. Nada de desenhos arquitetônicos para mim. Mas fora isso, eu estava melhor do que bem. Eu estava viva.

Apesar de ter desconfiado que isso aconteceria depois do que houve, Luca não apareceu mais para me visitar. Nem tão pouco deu algum sinal de vida desde então. Mas embora eu soubesse, ainda assim não deixou de doer. Daria um tempo e o procuraria. E enquanto isso não acontecia, eu estava aliviada de sair daquele maldito Hospital e voltar para casa. Acredito que o Hospital todo também, porque eles não aguentavam mais toda comitiva que meus amigos faziam no meu quarto.

Acho que meus amigos achavam que estavam no meu apartamento, porque se comportavam como sempre. Vira e mexe entrava alguém para reclamar da bagunça. Se eu não os conhecesse direito, eu ficaria surpresa por serem tão espaçosos. Mas ainda assim conseguiram me surpreender com o colchão inflável que levaram para se acomodarem melhor.

*Eu mereço!*

Eu não tinha do que reclamar. Eles eram definitivamente os melhores amigos de todo o mundo. Não sabia nem como começar a agradecer a Deus por ter posto esses anjos em minha vida. Apesar de ter rido tanto com eles, a sensação de impotência por tudo que estava me acontecendo parecia que ia me sufocar. Mas eu me mantive de pé. Respirando por respirar. Porque precisava. Meus filhos precisavam que eu passasse por tudo isso.

Minha mãe brigou comigo por pensar em ir para o meu apartamento depois de tantos dias no hospital. Eu sabia que isso poderia acontecer, conhecendo a mãe coruja que eu tinha, ela faria questão de que eu estivesse ao seu lado. Mas apesar de precisar ir para minha casa, de precisar da minha cama, eu não podia voltar para meu apartamento. Não quando obviamente alguém parecia ter acesso a ele.

Por causa disso, resolvi que o melhor mesmo era ir para a casa dos meus pais e minha mãe ficou definitivamente feliz com a minha escolha. Mas eu apenas deixei claro que eu ficaria com a

Giovanna lá até o final da minha licença médica, que eram trinta dias. Ainda relutante concordei, decidida a roubar minha filha e fugir de volta para casa na primeira oportunidade. Tenho a ligeira impressão que minha mãe também sabia disso.

A carreata de carros para casa dos meus pais foi quase hilária. O carro de meu pai, de Nick, de Duda e de Rodrigo andaram o caminho todo um atrás do outro. Só faltavam as bandeiras para acharem que era carreata política. Ou o caixão para acharem que era cortejo fúnebre. Mas o pior não foi nem isso, foi na hora de subir as escadas para meu antigo quarto e todos pareciam achar que eu era uma completa aleijada.

Tudo bem que eles estavam preocupados, mas eu não ia morrer se subisse alguns degraus de escada. Mas eles não achavam isso, os meninos queriam me carregar. Eu protestei e disse que se eles me obrigassem a passar por essa vergonha, eu mudaria o segredo da fechadura da minha porta e ia mantê-la trancada para o resto da vida. Não sei por que, mas ninguém mais protestou depois que eu gritei isso.

Depois de subir de escada, entrei em meu antigo quarto e fui correndo me deitar na nova cama que minha mãe havia comprado para substituir a minha. Quando eu fiz isso, eles correram para me cobrir e levantar minhas pernas, como se eu estivesse doente. Não me entendem mal, mas depois disso foi um tal de ‘você quer tal coisa?’ e ‘você quer tal coisa?’ que eu não aguentava mais.

Dei dois gritos e ficaram fazendo “sala” para mim, quase em silêncio, que sabemos que é estranho quando se trata dos meus amigos. Na primeira noite, Mariah dormiu comigo, mas tenho certeza que o restante deles ficariam se não tivessem que trabalhar no dia seguinte cedo. Mas a pessoa que eu realmente queria, não estava ali.

\*\*\*

Três dias depois da minha alta, eu estava entediada o suficiente dentro de casa. Aproveitei que todas as minhas “babás” tinham ido trabalhar e fui fazer o que deveria ter feito há muito tempo. Como meu pai fala: “*quando essa menina decide uma coisa...*”. Pois é, eu havia decidido e não iria mais adiar isso.

Eu obviamente ainda não podia dirigir, talvez por um mês ou mais, por isso peguei um táxi e resolvi ir até ele. Havia passado da hora de fazer a única coisa que eu pensei desde que descobri que estava grávida: conversar com Luca.

Eu não aguentava mais continuar em casa e esperar por mais um dia. Porque cansei dessa gente que manda ter mais calma. E de me dizer que sempre tem outro dia. Eu havia decidido que aquele seria “o dia”. Não sabia ainda o que iria falar. Primeiro eu precisava saber se ele confiava em mim. Se eu percebesse que ele confiava, aí sim eu diria toda verdade para ele. Se não confiasse? Eu não

sabia o que faria .Pode parecer criança, mas eu não iria atrás dele para provar que ele era o pai dos bebês que eu estava carregando. Caso contrário, eu deixaria nas mãos de Deus.

Mariah tinha deixado escapar mais cedo, que Luca estaria na Campanaro o dia todo hoje, então eu sabia que ele estaria lá. Se ele aceitasse me receber bom, senão essa seria a última vez que ele me veria ir atrás dele.

*Sim. Estou extremista mesmo! Culpem os hormônios por isso!*

Foi estranho subir direto para seu escritório, ao invés de fazer minha parada mais do que familiar no décimo segundo andar. Quando o elevador parou na cobertura, onde ficava localizada a nova sede da *Campanaro Empreendimentos*, respirei fundo e segui em frente. Algumas pessoas conhecidas me cumprimentavam enquanto andava, ao contrário da secretária da recepção, que fez uma cara não muito agradável assim que me viu.

— Bom dia, eu gostaria de falar com o Luca, por favor. — disse séria.

— A senhora tem horário? — a vaca pergunta com os olhos estreitos em completo desdém.

— Não.

— Desculpe, mas o Sr. Campanaro não está atendendo ninguém que não esteja agendado — .ela tem a audácia de me dizer.

— Não preciso de horário. E pela sua cara, ou você sabe muito bem disso e está a fim de me pirraçar ou está doida para que eu faça você engolir sua língua. Então pegue esse maldito telefone e ligue para o seu chefe, antes que eu faça você se arrepender pela forma desdenhosa pela qual você me tratou. — aviso, antes de apontar para o telefone e ela assustada, faz exatamente o que mandei.

— Sr. Campanaro, tem uma pessoa que quer falar com o Senhor. — pausa. — Eu avisei, mas ela insistiu. Foi até um pouco indelicada comigo.

*Indelicada? Essa vaca verá o indelicada quando eu a fizer engolir esse telefone!*

— Como é mesmo seu nome? — pergunta como se não me conhecesse e já não tivesse me visto tantas vezes quanto me viu.

*Qual o problema dessa mulher?*

— Sophia Montenegro. — respondo mais para que ele escute do que para ela.

— Hum. — ela murmura derrotada, colocando o telefone no gancho. — A senhora pode entrar. Ele pediu para que o aguardasse na sua sala.

Não respondo. Se tem uma coisa que atinge mais as mulheres, do que os homens, é quando a gente tem que esfregar na cara dela. O que eu faço? Empino meu nariz, estufo o peito e empino

minha bunda, para mostrar para ela quem manda. Não costumo agir assim, mas alguma coisa nessa mulher me deu a sensação de que eu precisava tratá-la dessa forma. Porque na próxima... Ah! Com certeza não haverá próxima.

Assim que chego à sua sala, eu bato na porta, mas como sei que ainda está vazia, abro-a logo em seguida e entro. A sala de Luca está exatamente como eu me lembrava. A primeira vez que vim aqui, foi em um dos nossos almoços em que não tínhamos muito tempo para nos ver e eu vim almoçar com ele, apenas para aproveitarmos da companhia um do outro. E por um tempo minha vinda aqui se repetiu e estar aqui hoje, depois de tudo, me deixava incomodada.

Tentei me distrair e me pus de frente a janela. A vista da cidade lá embaixo era impressionante com a janela do chão ao teto, por toda a extensão da sua sala. Luca usa uma enorme e bem trabalhada mesa de jacarandá. Ele disse uma vez que mandou fazer essa mesa por causa de uma foto em que viu que seu bisavó Di Palacci, usava uma parecida e ele adorou, por isso mandou fazer uma réplica. Eu também adorava. Era realmente muito linda.

A sala ainda tem uma estante que mais parece uma biblioteca, um sofá, uma mesa alta com quatro cadeiras, onde almoçávamos e um bar. Corro meus dedos e vejo que em cima da sua mesa ainda está um porta-retratos contendo quatro fotos nele: uma dele, sua mãe e Mariah; uma outra dele e sua Nonna; uma minha dele e da Giovanna no nosso noivado; e a mesma foto que ele usa como protetor de tela no seu celular, a minha foto em Miami Beach.

— Está tudo bem? — Fui surpreendida pela sua pergunta, assim que Luca entra na sala, parecendo genuinamente preocupado.

— Sim, está. — respondo, engolindo o caroço em minha garganta.

Luca concorda com a cabeça e continua entrando na sala. Assim que ficamos um de frente para o outro, ele nota o porta-retratos na minha mão. Eu os coloco imediatamente no lugar, desconsertada por ter sigo pega.

— Desculpe ter vindo sem avisar. Precisava falar com você e não sabia se você iria querer falar comigo. — falo tentando manter a calma.

Ele concorda com a cabeça mais uma vez e acho que ele não vai falar, mas finalmente fala:

— Tudo bem. Eu só estou surpreso de você vir aqui depois de tudo. — ele diz, passando a mão no cabelo como sempre faz quando está nervoso, o que me deixa mais nervosa ainda.

— É sobre isso que eu queria falar com você. — digo.

Luca fica em silêncio. E é muito estranho, pois isso não costuma acontecer quando se trata de nós dois. Muitas vezes, mesmo quando estamos sem palavras conversamos de outras formas. Com toques, carinhos, olhares. Mas nada disso está acontecendo agora e eu não sei mais se eu posso continuar

com meu plano adiante.

— Eu não tenha nada com o Erick... Eu...

Somos interrompidos por alguém que entra sem nem ao menos bater na porta. Quem entra ali, é um rapaz meio atrapalhado, que logo reconheço ser o vice-diretor financeiro da *Campanaro Empreendimentos*. Ele é moreno, com o cabelo bagunçado, mas não é como o de Luca, o dele parece ser realmente negligenciado. Ele usa um óculos daqueles estilo 'Chiquinha', é meio gordinho e completamente desengonçado, mesmo que ele esteja usando um terno de corte italiano.

Eu o acho muito estranho, sempre me parece estar nervoso quando estou por perto. E já disse isso para Luca, mas ele diz que ele é um gênio. Que seu avô dizia que os gênios não são compreendidos.

— Oh, Dr. Luca! De-desculpe, sua secretária não me avisou que estaria acompanhado. — fala quase gaguejando.

— Você pode querer bater na porta na próxima vez, Carlos. — Luca fala irritado.

— Desculpe. — diz acanhando e coloca seu olhar em mim. — Dona Sophia, prazer em revê-la. — fala com um olhar estranho no rosto.

— Carlos. — me limito a responder e aceno com a cabeça.

— Você pode me aguardar um instante, Carlos. Vou terminar de falar com Sophia, fazer uma ligação e vou até a sala de reunião falar com você. — Luca diz de uma forma que quase não reconheço, chegando a ser um pouco grosseiro com o rapaz.

Carlos nos olha por uns instantes, e mesmo que esteja parecendo um pouco contrariado pela forma que Luca o tratou, ele apenas sai e fecha a porta da sala. Eu realmente não sei como lidar com a forma que Luca está agindo nesse momento.

— Você está ocupado. — digo nervosa. — Não vou interromper. Quando der nos falamos. — digo virando as costas, mas ele imediatamente me pega pelo braço, me impedindo de seguir.

— Você pode terminar de falar agora. — diz um pouco desconfortável, sua voz agora ganhando aquele timbre caloroso que eu tanto amava.

Eu olho para ele e eu já não sei mais se posso fazer o que vim fazer aqui. Eu apenas penso em tudo, mas não falo. Eu preciso lhe contar, mas eu não conto. Eu preciso dele, mas eu não consigo chamar por ele. Queria sentir seus braços ao meu redor. Sentir o calor da sua pele contra a minha. Porque apenas ele me fazia sentir como se pudesse tomar conta de mim e ao mesmo tempo também ser o meu mundo. Mas nesse momento, eu não sei se vou conseguir assumir mais nada de agora em diante. Nada aqui parece estar em seu lugar.

— Não. Tudo bem. — desvio meu olhar do seu. — Não sei mais se era importante. — digo me



soltando dele e me dirigindo a porta. — Até breve, Luca. — dessa vez sou eu quem saio sem olhar para trás.

Enquanto eu andava, eu quase podia sentir seu olhar em mim, mas eu estava muito ocupada, tentando parecer forte para mim mesma. Assim que fechei a porta atrás de mim, a sensação de impotência toma conta de mim. A oportunidade passou. Eu não tive coragem. Eu não consegui lhe dizer que eu estava grávida de dois filhos dele. Não fui corajosa como deveria ser para ser merecedora de um homem como ele.

*Mas como eu poderia ser se ele estava se mostrando tão indiferente?*

Eu poderia suportar qualquer coisa dele, até o desprezo, mas nunca sua indiferença. Como se eu não fosse mais nada para ele. Como se eu não fosse digna de nada mais. Isso eu realmente não poderia aguentar.

Minha garganta queimou de vergonha e de vontade de chorar. Eu implorei internamente, minha voz quebrando antes da primeira palavra. Eu não sabia o que dizer mais. Eu simplesmente não podia suportar a ideia de nunca mais vê-lo novamente. Pode ser diferente se eu voltar lá e disser alguma coisa agora. Mas, eu não vou dizer. Vou engolir a verdade e me entalar com ela. Engolir a dor da perda dele, que parece dominar todo meu ser.

Eu não tenho forças para falar, para andar. Estou com uma dor imensa em meu peito. Porque se chegamos até aqui, é porque não há mais volta. Ele achou que eu mentiria para ele? Achou que eu dormiria com outra pessoa amando ele? Achou que eu não lhe diria, se tivesse carregando um filho de outro?

Doía. Eu queria que ele cuidasse de mim, como ele esteve cuidando desde que me trouxe para sua vida. Eu queria que ele me amasse o suficiente para que não tivesse dúvidas de que esses filhos eram realmente seus. Mas acho que ele cansou de lutar. E mais do que isso: ele cansou de me amar.

— Acabou. — eu disse para mim mesma.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Engoli o choro e o desespero, porque eu precisava aceitar suas decisões. Eu não iria chorar mais sobre isso. Chorei tudo o que tinha que chorar sobre esse relacionamento. Talvez fosse melhor que eu ficasse sozinha. Já fiz isso uma vez, poderia fazer uma segunda, mesmo que agora eu esteja grávida de dois. Eu sei que sou mais forte agora. E apesar da dor que eu estava sentindo por Luca ainda ser inenarrável, eu poderia encontrar nos meus filhos a força para continuar.

*Acabou. Que dor preciso sentir para entender de uma vez por todas que acabou?*

Ainda pode haver amor, mas a verdade é que é tarde demais para nós. Nossos erros, dúvidas, desconfianças e medos quebraram qualquer coisa que poderia ter sido entre nós. Sei que somos tão

diferentes, mas também sei que somos tão completos juntos. Poderíamos ser tão felizes...

*Chega! Não há mais “nós” e não há mais justificativas para usar “e se...”. Acabou. Fim.*

Agora somos apenas duas pessoas que se amam, ou não, mas que se perderam em algum lugar. Mais uma vez respiro fundo e caminho pelo escritório em direção à saída, desejando loucamente que eu saia logo dali até chegar ao elevador. Não sei se conseguirei me manter forte por muito tempo. Por isso decidi que talvez fosse a hora de ir.



# Capítulo 22

## Sophia

A primeira coisa que fiz quando saí do escritório de Luca, foi ir para casa e fazer minhas malas e da Giovanna. Na semana seguinte seria aniversário da minha vó e meus pais embarcariam nos próximos dias. Embora eu não houvesse me programado para ir, achei que seria um bom motivo para sair um pouco de casa e de certa forma fugir um pouco dos meus problemas.

Depois de avisar aos meus pais que estava indo, busquei a Giovanna na escola e peguei o primeiro voo que encontrei para Salvador. Não me importei de pagar um preço absurdo, preço digno de uma viagem de ida e volta pela Europa, diga-se de passagem. Mas agora meus cartões estavam livres de dívidas e eu poderia me dar ao luxo de pagar uma passagem dessa para nós.

Eu sabia que poderia ir para qualquer lugar, só que eu realmente precisava ir lá. Eu não sabia o que eu ia fazer ou quanto tempo iria ficar, apenas precisava dar um tempo de tudo e não existia lugar melhor para ir. Só sabia que eu precisava sair de casa. Precisava sair de Manaus. Precisava dos meus pais e da minha Giovanna. Precisava do colo da minha mãe e do cheiro e da comida da minha avó. Enfim, eu precisava de um pouco mais de mim.

Estar de volta a nossa origem é algo que sempre traz um pouco de conforto. Lembranças doces e fortes, te ajudam a resgatar o que você não sabia que sentia falta. Eu descobri que sentia falta de tanta coisa desde o momento que cheguei. Sentia falta de caminhar pela praia. Sentia falta de parar em qualquer lugar e tomar uma água de coco ou comer um acarajé. Sentia falta do Ar, do cheiro de maresia e da alegria escancarada que a Bahia tem. E eu mais do que nunca, pude descobrir que eu sentia falta do lugar, da paz furtiva, sentia falta de estar aqui. Eu sentia falta dessas pessoas, sentia uma saudade desmedida da minha família. Sentia uma falta de mim antes de tudo.

Ninguém sabia muito sobre o que tinha acontecido, principalmente que eu estava grávida novamente. Não havia contado ainda, não sei se eu estava preparada para lidar com eles agora. E isso era o que mais me tocava, porque todos pareciam empenhados a me verem feliz.

Durante muito tempo eu aprendi a sorrir para tentar esconder o que eu estava sentindo realmente. Mas aqui eu não conseguia, eu simplesmente não conseguia mentir para minha família. Com eles eu realmente sorria e não me sentia culpada ou pior por estar fazendo isso, eram apenas sorrisos sinceros.

Eu oscilei entre depressão total, fúria e tédio nos dias que se passaram. Comprei um celular novo,

pois havia deixado o meu no meu apartamento, porque eu não queria que ninguém me encontrasse pelo GPS. Eu falava com Carol e Mariah quase todos os dias, mas elas não sabiam nem mesmo o número que podiam me ligar. Sei que elas são minhas amigas, mas eu não queria correr o risco de ser encontrada seja por quem fosse, se fosse realmente o caso, então eu ligava com o 'número restrito'. Super adulto, eu sei.

Também não tive coragem de abrir a caixa postal do meu número de celular, no site da minha operadora. Fiquei mais de uma semana sem abrir meus e-mails, mas é que eu estava muito ocupada fazendo, por exemplo, qualquer outra coisa, antes de sentir vontade de lidar com toda realidade. Grande erro. Pois eu devia ter perdido ao menos cinco minutos da minha vida pra ver isso há uma semana.

---

De: L'école d'architecture de Paris-La Villette

Assunto: Architecture Et Développement Durable Convention PARIS

Data: 11 de Novembro 14:05

Para: Arq. Sophia de Almeida Montenegro

Cara Sophia,

É com grande honra e enorme satisfação, que L'école d'architecture de Paris-La Villette, convida você como Arquiteta para participar da apresentação do seu projeto no próximo dia 01 de Dezembro deste ano, nas dependências da Escola em Paris. A profissional terá direito a publicação do projeto na Revista da Escola, bem como o prêmio de uma bolsa para estudo em pós-graduação.

Pedimos para que entre em contato confirmando sua participação até o prazo máximo de 18 de Novembro. Em anexo todas as informações.

Att,

Jean Pierre Cruz – Núcleo Internacional de Pós-Graduação

L'école d'architecture de Paris-La Villette.

---

Pisquei inúmeras vezes e minha boca caiu aberta em surpresa quando terminei de ler. Isso não poderia ser verdade. Eu só podia estar sonhando. Peguei o telefone no site da escola, eu não ia ligar para o telefone que o e-mail me deu e para minha surpresa, o atendente confirmou todas as informações que me foram passadas.

Depois disso? Gritei e fiz uma dancinha feliz.

*Merda. Merda. Merda. Era Real.*

Talvez, apenas talvez, Deus estivesse me dando um sinal, uma chance de recomeçar.

— O que foi? — minha mãe entrou no quarto, ofegante de preocupação e eu saí correndo para lhe dar um abraço.

— Você não vai acreditar, mãezinha. Fui chamada para apresentar meu projeto de sustentabilidade do Shopping, em uma Convenção de uma Escola de Arquitetura em Paris. Em Paris!  
—gritei de animação e minha mãe começou a me acompanhar também.

— Oh meu Deus, filha! — ela me dá outro abraço, parecendo realmente emocionada. — Alberto vem até aqui! — grita, enquanto ainda estamos pulando animadas com a notícia.

— O que foi? Vocês duas parecem que estão indo para Micareta de Feira de Santana. — meu pai diz com um tom brincalhão.

— Pai, recebi um e-mail da L'école d'architecture de Paris-La Villette. — paro e faço uma careta para meu péssimo francês. — Bah! Eu deveria ter feito francês. — penso alto.

— Sim. Deveria. — meu pai revira os olhos concordando comigo, mas ainda esperando que eu continue.

— Enfim. — sorrio, antes de continuar: — Fui chamada para apresentar meu projeto de sustentabilidade do Shopping, em uma Convenção da Escola. — digo com um enorme sorriso entusiasmado, mas ao contrário do que pensei, meu pai nem pisca.

— Alberto? — minha mãe olha para meu pai, que ainda não se mexeu, preocupada. — Nêgo, você está bem? — ela o abana quando ele parece não reagir e eu também começo a me preocupar.

*Ai Jesus! O que houve com ele?*

— Pai? — pergunto assustada como a merda agora, vendo que ele está meio pálido.

— Oh. — ele murmura e sacode a cabeça, como se quisesse acordar de um transe. — É grande, filha. — ele coça a garganta, me olha nos olhos e agora além do orgulho, eu vejo tristeza em seu doce olhar. — Muito grande. Mas isso não é tudo que eles estão oferecendo a você, não é? — ele me pergunta e eu engulo em seco, me dando conta de tudo agora.

— **Não.** — respondo quase sem voz e sentindo um aperto forte em meu peito.

— O que foi? — minha mãe olha de mim para ele, sem entender. — O que há mais, Sophia? — ela pergunta assustada.

— Eles te ofereceram uma bolsa, não foi? — meu pai pergunta, me olhando profundamente e eu

assinto incapaz de falar qualquer coisa.

— Uma bolsa? — minha mãe pergunta, ainda sem entender. — Bolsa de que?

— Pós-Graduação, presumo. — meu pai responde por mim, olhando para longe. — Em que área?

— Design, Urbanismo e Sustentabilidade. — consigo responder, tentando ignorar as lágrimas que ameaço derramar.

— Exatamente a área que você gosta de trabalhar. — meu pai inspira e olha para minha mãe, que está com os olhos arregalados por finalmente entender nossa reação.

— Sophia. — minha mãe segura minha mão e me olha de forma preocupada. — É isso? Isso tudo é para você ir para Paris? Você quer dizer que vai nos deixar? — pergunta.

A voz angustiada da minha mãe e as lágrimas caindo pelo rosto tão bondoso da minha rainha, destroem qualquer barreira que eu mantive em pé até então e eu começo a chorar. Choro por tudo enquanto minha mãe me abraça, da forma que apenas uma mãe de verdade pode abraçar uma filha.

Desisti da minha brincadeira insana de tentar ser forte, pois as lágrimas começaram a cair como uma cachoeira. E nesse momento, eu não me importei nem um pouco. Eu choro todas as lágrimas que segurei e por todas as dores que senti um dia e ainda sinto. Talvez durante toda vida. Isso que está acontecendo agora, era tudo que eu sonhei, uma bolsa de estudos em Paris.

*Em Paris, Deus! Não era o que eu sempre quis?*

Era tudo por uma conquista pessoal e profissional. Era sobre eu recomeçar e fazer exatamente tudo que eu sempre quis. Mas como eu poderia ficar longe da minha família? Longe dos meus amigos? Longe *dele*?

Eu tenho uma filha agora e mais dois estão por vir. Com a Escola, Giovanna e a gravidez, vai ser meio que impossível ter tempo para manter minha bolsa de estudos. Principalmente em um país distante e ainda mais, sozinha.

Se fosse apenas eu e a Giovanna, talvez eu pudesse conciliar tudo isso. Mas não agora, com uma ‘dupla de babys’ para chegar, definitivamente não é a mesma coisa. Desde que cheguei aqui, eu não mantive muito meus pensamentos sobre o amanhã. Mas agora com uma oportunidade dessas, parecia meio que impossível não pensar mais sobre isso.

Não poderia mais ser sobre mim, era principalmente sobre meus filhos agora e mais do que nunca para eles. Eu sabia que não tinha muito o que fazer. Eu sei que tenho meus pais e meus amigos como sempre, mas a realidade bateu sobre mim: Sozinha. Estou sozinha nessa.

— Você não quer ir, né, filha? — minha mãe perguntou baixinho, parecendo entender como me

sinto. Eu apenas concordo com a cabeça, enquanto eu me agarro ainda mais a ela. — Eu sei. — ela garante, me confortando ainda mais.

— Eu não posso. — digo gaguejando em lágrimas, enquanto volto a olhar para ela. — Não posso, mãe — .repito, tentando controlar-me e logo sinto meu pai abraçar-nos.

— Eu estou muito feliz por você, filha, e orgulhoso demais. — meu pai respira fundo e me aperta ainda mais para junto dele. — Não posso dizer que eu ficaria feliz de vê-la longe, mas essa escolha é apenas sua, querida. Eu diria a você que ficaríamos com a Giovanna, caso você precisasse deixá-la, mas eu também sei que você nunca ficaria longe dela. — eu assinto chorando ainda mais, por meu pai me compreender. — Se você decidir não ir, ainda assim você será merecedora, princesa. — ele me puxa para poder olhar nos meus olhos. — Você merece esse reconhecimento. E eu não estou falando apenas como pai, mas como profissional. Poucas pessoas conseguem ser jovem, mãe e uma profissional brilhante como você é, filha. E a diferença de você para outros, é que tudo que você faz, você faz com paixão. Você se entrega de corpo e alma para o trabalho e isso sim é um profissional merecedor de qualquer reconhecimento. — termina me abraçando e eu agradeço a ele, chorando ainda mais agora.

— Filha. — minha mãe sorri com ternura, mesmo que ainda esteja um pouco chorosa. — Apenas não negue tudo agora, ok? Por que você não vai fazer sua apresentação e aproveita para passar uns dias lá? Você precisa espairer um pouco. Depois de tudo que aconteceu... — ela sacode a cabeça. — Fora que você sempre foi louca para conhecer Paris. Seu pai e eu compraremos suas passagens. — incentiva-me.

— Não, mãe, não precisa. Eu posso comprar...

— Não. — meu pai diz sério. — Nós te damos de presente. Pagamos todas as suas despesas de hospedagem também. Como presente de reconhecimento, não apenas como filha, mas de profissional da empresa. Você merece, *Sophie*. — meu pai sorri com orgulho.

— Tudo bem. — suspiro, enxugando minhas lágrimas com as costas das mãos.

— Você tem que estar lá dia primeiro, filha, e hoje já é 16. Por que você não aproveita e vai logo? — pergunta, olhando o e-mail da Escola no laptop de papai.

— Não sei, mãe .Muito tempo, não — ?faço uma careta, mas confesso que fiquei um pouco animada com a possibilidade de passar uns dias a mais em Paris.

*É Paris! Quem não ficaria?*

— Jamais. — ela começa a digitar e entra no site da companhia aérea francesa. — Podemos ver um voo para amanhã. O que você acha? — pergunta, sem tirar os olhos do computador.

*Oxi. Minha mãe tá louca?*



— Não, mãe. — respondo, imediatamente. — Muito perto. Não tenho nem roupas, nem passaporte aqui comigo. Terei que ir para casa antes...

— Absolutamente não. — ela me interrompe, enquanto meu pai dá uma risadinha como se falasse: “Você não tem chances, você sabe.” — Roupas, você compra algumas coisas aqui e o restante que precisar você compra lá? Tenho certeza de que você não vai se importar. — ela ri, sabendo que ganhou nesse quesito. — Seu passaporte, pedimos para Carol colocar em alguma companhia aérea, chega até no mesmo dia. — ela aponta para meu telefone, em cima da cama. — Pegue seu celular e fale com Carol. Depois vá para o Shopping comprar algo para vestir. Estou na sala, fazendo suas reservas. — grita já do corredor.

*É. Minha mãe era definitivamente um tornado!*

Eu ainda estava rindo com meu pai quando minha mãe saiu do quarto para sala de estar da nossa casa de praia em Guarajuba. Ela era uma mulher incrível, eu não podia nem começar a descrever a honra de ser sua filha. De ambos, para falar a verdade.

Meu pai sorriu e me abraçou. Mas logo em seguida, sentimos algo vibrar no seu bolso e ele retirou seu celular quando começou a tocar. Assim que ele olhou para tela, ele franziu a testa e olhou para mim. O frio na minha espinha me disse que eu sabia exatamente quem era.

— Luca? — perguntei apenas para confirmar e meu pai assentiu, me fazendo engolir em seco. — Por favor, não atenda. — pedi, sentindo meu coração doer.

— Filha. — meu pai suspirou. — Eu não sei o que aconteceu com vocês agora, mas eu tenho que atender. Nós temos um contrato e uma obra em andamento. Não posso simplesmente não atender um chamado do meu contratante. Não posso deixar de cumprir com minhas obrigações. Você sabe disso. — meu pai disse sério.

— Eu sei. Sinto muito por envolvê-lo nos meus problemas. Não quero interferir no seu trabalho. — eu disse, sentindo-me doente. — Só, por favor, se ele perguntar não diga nada sobre mim. — pedi e ele olhou para mim atentamente, antes de responder.

— Tudo bem. — ele acenou com a cabeça e saiu do quarto, antes de deslizar a tela e atender.

Meu pai foi andando em direção ao seu quarto, onde a Giovanna estava dormindo depois que almoçamos na volta da praia. Pensei em sair dali, mas eu era masoquista demais para querer continuar. Encostei-me na porta e fiz-me de desinteressada, para tentar ouvir o que Luca queria com meu pai. Eu tinha quase certeza de que tinha a ver com a obra do Shopping, mas ainda assim, lá no fundinho, eu tinha esperanças que ele procurasse saber sobre mim.

— Olá, Luca. — meu pai disse e ouviu o que ele estava dizendo. — Sim, estamos bem. A Giovanna está dormindo agora. Passou o dia todo brincando na praia. Mais uma vez agradeço a

preocupação. — meu coração disparou ainda mais, enquanto ele voltou a ouvir. — Não. — meu pai falou com uma voz fraca e eu rezei para que ele não estivesse lhe contando sobre minha gravidez. — Uh... Luca, me desculpe. Eu não sei o que aconteceu entre vocês e eu não acho que eu queira saber se Sophia não me contou até então. Eu sempre torci para que vocês se acertassem, porque eu via o quanto você amava minha filha e minha neta como se fosse sua própria filha. Mas infelizmente, eu não vou tomar mais o partido de ninguém.

Ele suspirou e ficou em silêncio, provavelmente escutando o que ele estava dizendo.

— Acho que se ela não lhe contou onde está, é sinal que ela prefere assim. — mais uma vez silêncio e meu coração batia descompassado. — Sim. Ela está bem. — ele murmurou. — Tudo bem. Deixarei você saber assim que voltarmos. Ok. Manda um abraço para o August. — meu pai disse, antes de desligar.

Escutei um suspiro, antes de ouvir passos vindo em direção a porta. Eu não tive muito tempo para reagir, porque eu não conseguia me mover. Mas no segundo seguinte, eu me senti tonta e felizmente meu pai me alcançou antes que eu caísse no chão.

— *Sophie*, o que houve? — meu pai perguntou preocupado, assim que me ajudou a levantar.

— Não sei. — respondi, com a garganta arranhando. — Me senti um pouco tonta. — eu disse colocando minhas mãos na cabeça, realmente não me sentindo muito bem.

Antes eu não sabia, mas agora sabia que era por causa da gravidez. Tenho tentado seguir as recomendações médicas, mas às vezes o Sol quente da praia não ajuda. Especialmente quando temos uma criança sapeca para ficar de olho.

— Venha. Vou ajudar você a se deitar, querida. — ele disse, me puxando de volta para meu quarto.

— Está tudo bem. — garanti, quando ele me colocou na cama e me olhou com preocupação.

— Não sei. — ele me estudou atentamente. — Sei que aconteceu muita coisa com você ultimamente, mas você está diferente, princesa. Você tem certeza de que você não quer me contar nada? — pergunta preocupado e eu engulo em seco.

— Não, pai. Estou apenas cansada. Como você disse, aconteceu muita coisa comigo. — minto, me sentindo péssima por não dizer toda verdade para meu pai.

— Ok. Vou fingir que acredito. — ele disse com um sorriso triste, antes de se sentar ao meu lado. — Só queria te dizer uma coisa.

— Diga. — me aconcheguei em seu colo, recebendo um cafuné com gostinho da infância.

— Durante os últimos meses, eu vi o quanto você cresceu profissionalmente e o quanto isso foi bom para você. Eu vi você apaixonada e feliz, como nunca vi antes. Eu vi o quanto esse rapaz a

amava e fazia qualquer coisa por você. Sei que fizeram muita coisa para acabar esse amor que vocês construíram, mas você tem que entender que nem sempre erramos porque queremos. E outras vezes erramos e nos arrependemos. — falou de forma enigmática.

— O que você quer dizer com isso, pai? — perguntei, confusa.

— Sua mãe me contou sobre a gravidez de Jéssica. — abaixei a cabeça envergonhada. — Ela me contou também sobre o que houve. Não vou mentir que não fiquei chateado por você não ter dividido isso comigo, mas isso não vem ao caso agora.

— Pai... — tentei.

— Não, filha. Eu entendo. Imagino que você tenha achado e com razão, que eu tomaria partido sobre isso. Mas o que eu quero te dizer, é que somos humanos, passivos a erros. E bem, eu mesmo tive minha quota de erros nessa vida. — agora foi sua vez de ficar envergonhado.

— Como assim?

— Na época que você ficou doente, você sabe que eu e sua mãe andamos nos desentendendo por um tempo. Eu sabia que algo estava acontecendo, mas ela não se abria, não me contava o que estava se passando. Por isso eu e ela acabamos nos distanciando cada vez mais. Apesar de não termos dito nada na época, acabamos nos separando. Decidimos manter apenas a separação de corpos, pois ela pediu que eu não saísse de casa. Na época eu não sabia, mas eu achava que sua mãe esperava que eu mudasse de ideia. Mas eu estava decidido a me divorciar e foi então que eu conheci uma pessoa — .confessou e eu ofeguei.

*Não ...Não ...Não!*

— Oh, pai! Eu não posso acreditar que você fez isso! E a única culpada disso sou eu! — exclamei chocada, minha garganta arranhando.

— Não, meu amor. Eu fui o único culpado pelo que fiz. Eu via as coisas acontecendo e acho que pensei que podia fugir dos meus problemas, mas obviamente percebi meu erro.

— Pai, eu não sei nem o que dizer. — limpei meus olhos e ele sorriu de forma triste para mim.

— Eu não quero que você diga nada, filha. Só quero que você saiba o que houve, para quem sabe você tirar isso como lição. — suspirou e eu continuei atenta, esperando que ele continuasse. — É claro que não foi fácil reconquistar sua mãe. Por mais que não estivéssemos mais juntos, ela ficou magoada e com razão pelo que eu fiz. Mas a razão que fez com que sua mãe me perdoasse, foi porque eu nunca desisti de nós.

Novamente fiquei sem saber o que dizer. Eu sabia o quanto aquele período entre eles fora complicado, mas nunca imaginei que tivesse sido ainda pior. Foi impossível não pensar em todos os momentos felizes que passamos juntos. Nunca, uma vez sequer, eu pensei que eles pudessem se

separar. Eles eram o exemplo de casal companheiro, apaixonados e cúmplices, que serviam de espelho para mim e qualquer pessoa que os conhecessem.

— Estou te falando isso agora, filha, porque eu quero que você entenda que nenhum relacionamento é perfeito. Sempre temos altos e baixos, mas o que importa mesmo em um relacionamento é o amor e o respeito. Não quero que tenha medo, como por tanto tempo você teve. Quero que você seja forte e lute pela sua felicidade.

— Mas as coisas não estão fáceis para nós, pai. — confessei.

— Sei que não. Mas um dia eu li algo que dizia assim: O amor que atravessa as mais duras provações e sobrevive, é o que vale a pena ter. Porque se não sobreviver, é porque não é amor.

— O que você acha que eu devo fazer, pai? — perguntei e ele sorriu.

— Eu não sei, meu amor. A única pessoa que pode ter essa resposta é você. Só quero que você não se esqueça que o tempo não para. Então não deixe o tempo passar. Porque um dia eu estava conquistando sua mãe e agora estou aqui, dizendo tudo isso para minha filha. Amanhã pode ser você quem fará exatamente isso para Giovanna. — ele beijou minha testa.

— Obrigada. — agradei por suas palavras, porque foi muito bom ouvi-lo dizer tudo isso.

— Não precisa agradecer, *Sophie*. Sabe, estou realmente surpreso por Luca não ter lhe dito nada. — ele disse, me pegando de surpresa.

— Você disse ao Luca? — perguntei, incrédula.

— Sim. No dia que sua mãe me disse o que houve entre vocês, eu fui até ele para conversarmos.

— Mas por quê? — meu pai fez uma careta engraçada pela minha pergunta.

— Embora nossa história seja diferente, nós tínhamos algo em comum: não sabemos viver sem a mulher que amamos. Eu queria que ele entendesse que eu sabia como ele se sente. Mas como seu pai, eu queria o melhor para você. Queria que ele lutasse como louco para ter você de volta. Queria que ele provasse a você o quanto a amava e que faria de tudo para tê-la com ele.

Mordi meus lábios, em uma tentativa de reprimir minhas emoções, então abracei meu pai, como estava precisando nesse momento.

— Obrigada por sempre estar comigo, pai. Por ser o pai que você é para mim e para Giovanna também. — agradei, emocionada.

— Não tem o que agradecer, filha. Você, a Giovanna e sua mãe, são tudo para mim. O prazer e a sorte são minhas em ter vocês, os amores da minha vida. — ele disse, com a voz embargada.

Meu pai tinha razão. Sei que um dia eu terei que encarar isso tudo realmente. Querendo ou não, sendo orgulhosa ou não, Luca é o pai dos meus filhos. Não posso negar e não negarei jamais isso a

ninguém, muito menos a eles. Estou fazendo como Scarllet de *O Vento Levou*, estou apenas dando um tempo e esperando a ‘guerra’ passar. Na hora certa conversaremos, como pai dos gêmeos, apenas isso. Não há mais futuro para nós, preciso apenas me conformar.

E foi nesse momento que lembrei de mais uma coisa que li: *Um acontecimento doloroso machuca, mas a solução para dor não é química. Você certamente tem força suficiente para seguir em frente e encontrar os recursos para agir e reagir.*

E é bem isso. É de escolhas e de perdas que é feita a nossa história. Tenho três motivos para ter força. E acho que acabei de encontrar mais um recurso para reagir: Vou para Paris.



# Capítulo 23

## *Luca*

Deixar a mulher da sua vida, a pessoa que você mais ama no mundo, ir embora é certamente a coisa mais dolorosa que se pode fazer quando isso vai de contra tudo que você quer e deseja. Mas eu havia feito justamente por que as coisas fugiram do controle e eu não podia deixar que nada acontecesse com eles.

Se as ameaças fossem exclusivas apenas a mim, eu não me importaria, poderia lidar com qualquer coisa. Mas as coisas haviam ido além. Muito além. Minha mulher, meus filhos, a minha família estava sendo ameaçada. E isso definitivamente mudava tudo e eu não poderia permitir que eles fossem ainda mais prejudicados do que já foram.

Eu já havia me sentido derrotado quando ela sofreu o acidente, as ameaças que havia recebendo sendo concretizadas por causa da minha teimosia em não permitir ficar sem ela. Mas agora era diferente. Ela estava grávida e a última coisa que eu poderia deixar que acontecesse, é que eles se machucassem novamente. Eu não deixaria isso acontecer mais.

Pode parecer idiotice ter tomado tal atitude, quando estive por tanto tempo lutando para estar ao lado dela. E justamente agora, em um momento tão especial para nós, eu tive, mesmo que contra minha vontade, que me afastar. Eu havia feito isso porque por mais que não tivesse mais ela ao meu lado, eu não podia ver a mulher que eu machucada e os nossos filhos também.

Eu realmente não suportaria perdê-la dessa maneira. E quando a vi deitada naquela cama de hospital, horrorizada pela forma que eu descobri que seríamos pais, eu fiz a promessa de que iria ir até o fim para descobrir tudo. Para acabar de vez com esse medo do desconhecido. E que faria de tudo para que ao menos ela, a Giovanna e o bebê ficassem bem, nem que para isso eu tivesse que abrir mão deles no processo.

Acho que isso faz parte de amar alguém: saber abrir mão. Às vezes, saber abrir mão da pessoa que você ama mais do que sua vida, é a coisa mais certa a se fazer, quando não se tem muito o que fazer a não ser protegê-la. Mesmo que para isso a gente perca nossa vida para que seja possível. E eu iria até as últimas consequências para garantir-lhes a felicidade.

Só que fazer isso, também nos faz sofrer. É inevitável. A insegurança que ela era tão boa em esconder ainda estava lá, por isso Sophia não tentou mais argumentar, quando eu a tratei com uma frieza que não era a minha costumeira. Eu senti dentro de mim o quanto isso a atingiu, como se fosse sua própria dor e eu odiei-me por fazer isso. Eu tenho mais do que certeza, de que ela é a única

pessoa nesse mundo que eu vou amar e que seria capaz de me fazer feliz. E exatamente por saber disso, que fiz o que achei que era o certo a se fazer no momento.

Eu esperava que ela me compreendesse em breve. Que entendesse minha decisão de me manter longe. Que entendesse que eu havia feito isso por eles. Mas eu sabia que esperar compreensão em um momento como esse, em que ela precisa tanto de mim, é pedir demais. Estou fazendo-nos sofrer, quando precisamos mais do que nunca um do outro e eu espero que ela me perdoe por isso.

Sophia pode não saber, mas ela é a mulher mais linda, forte, corajosa e orgulhosa que eu conheço. Eu sabia que ela queria me dizer sobre o bebê, negar o que ela acha que eu acredito, mas ela não quis me contrariar, muito menos dar o braço a torcer, ela era muito teimosa e orgulhosa para isso. Apesar de que eu sentisse que, era exatamente isso que eu queria no fundo. Porque a maldita verdade é que eu queria minha *Princesa*, mais do que minha próxima respiração.

*Inferno! Que eu não sei mais o que fazer sem ela!*

Eu nunca quis me envolver com ninguém, mais um olhar para um par de olhos castanhos e tudo isso mudou completamente. Eu a queria e quero como nunca quis qualquer outra. Ela nem percebe como é bonita, o que me faz a querer ainda mais e mais. Em pouco tempo, Sophia tinha se tornado o meu mundo inteiro. Ela era uma parte de mim, a minha outra metade. Uma parte a qual eu não posso viver sem.

*Se ela abrisse os olhos incríveis iria ver como me sinto...*

Por mais que ela não fosse uma menina pobre coitada, ela já passou por muita merda na sua vida. E eu daria qualquer coisa para tirar a dor que ela ainda tem dentro de si mesma.

Sophia foi mãe cedo e se não fosse seus pais e amigos, talvez ela nem estivesse mais aqui. Só o pensamento sobre isso me deixa com uma dor no peito enorme. Ela ficou doente, teve que passar por tratamento psicológico e psiquiátrico. Erick fez o que fez com ela.

Eu não a culpo por ela não ter acreditado e nem dado chance para os babacas que apareceram na sua vida. E eu cheguei e por mais que eu nunca quisesse que tivesse acontecido, ela sofreu muito por minha causa também. Eu odeio que ela tenha passado por isso. Odeio que fizeram-na acreditar que eu a trai, sendo que eu nunca faria isso com ela. Jamais. Preferia ser capado a ter outra mulher que não fosse ela.

*Santo Inferno! A verdade é que depois dela, eu não tive mais tesão por nenhuma mulher!*

Então algo tão forte me bateu, quando entendi o que estava realmente acontecendo. Eu não conseguiria ficar sem ela. *Sem eles*. Nem por pouco tempo. Apenas a realização desse pensamento, parecia fazer com que todo o ar tivesse sido arrancado dos meus pulmões.

*Que diabos que estou fazendo comigo mesmo? Com a gente? Estupidez, masoquismo ou medo de*



viver de verdade?

Eu não sabia. Eu apenas sabia que não adiantava remar contra maré, pois motivos para desistir sempre encontraremos vários, mas para ser feliz só basta um. Porque o amor é o suficiente para superar todos os motivos por piores que sejam pra desistir. Então novamente eu decidi, eu só precisava, mais do que qualquer coisa, ir atrás dela.

\*\*\*

Já haviam se passado alguns dias desde que Sophia esteve em meu escritório e eu não tenho feito nada além de me culpar pela merda que fiz e procurar desesperadamente por ela. De alguma forma ela conseguiu despistar seu segurança e parecia apenas ter sumido, sem deixar rastros. E ficar tanto tempo sem notícias suas, me mata mais um pouquinho a cada segundo.

Mariah tem falando com ela, mas toda vez que tenta falar com ela sobre mim, Sophia corta a conversa. Nem minha irmã sabe onde ela está. Carol não me atende e Rodrigo insiste que ele não sabe de nada. Mas eu sei que as coisas não são bem por aí. Por isso estou aqui na frente do seu apartamento, esperando Carol chegar, para ver se consigo finalmente saber por onde ela anda. Nem que eu precise lhe implorar para que me diga.

Assim que ouvi as vozes, eu soube que não era uma boa ideia. Se os meus amigos, meus melhores amigos, que me conhecem a vida toda quiseram quebrar a minha cara, não duvido nada que os amigos de Sophia queiram fazer a mesma coisa comigo. Ou me matar. Eu só esperava que eles pelo menos me ouvissem antes de qualquer coisa.

— O que você está fazendo aqui? — Carol perguntou com a cara fechada para mim, assim que me viu parada em frente a porta do seu apartamento.

— Que diabos você quer? — Duda perguntou irritado atrás dela, seguido de João e Nick nada satisfeitos.

*É. Ferrado!*

Duda foi o primeiro homem que esteve com Sophia, apesar disso me irritar sobremaneira e eu saber que no fundo, ele ainda era louco para ficar com minha Sophia novamente, ela não era só um joguinho para ele. No entanto eu sei que não se trata disso, não se trata de um homem defendendo um território, mas sim de uma defensiva de amigo. Ele a respeitava. Ele a amava e cuidava dela bem demais.

Nick por outro lado, era outra história, ele era realmente apaixonado por Sophia. Eu vi isso desde a primeira vez que encontrei com os dois jantando no *Pier Mangiare*, logo depois que ficamos juntos pela primeira vez. No entanto, ele sempre respeitou seus sentimentos e nunca se pôs em nosso caminho. Mas tanto quanto eu admiro sua força de vontade, eu sei que ele também não está nenhum

pouco satisfeito.

João é uma cara gente boa para caramba. Ele tem essa cara de ‘bad boy’ incurável coberto de tatuagens, mas ele é exatamente como Sophia descreveu, um ‘carneiro em pele de lobo’. Só que eu não sei se esse brilho assassino em seus olhos é inofensivo.

*Sim. Estou um pouco fodido!*

— Eu queria... — comecei, mas logo fui cortado:

— Você queria o que? Vim aqui dar ‘umazinha’ com Sophia, para depois a magoar novamente? Sinto te informar, mas isso não vai acontecer. — Nick berrou, me surpreendendo, porque ele era sempre tão calmo.

— Pode ir embora agora, Luca. — Carol mandou passando por mim e eu segurei no seu cotovelo impedindo-a de ir em frente.

— Carol, por favor. Eu preciso ver Sophia. — eu pedi olhando nos seus olhos.

— Tire suas mãos de cima dela, Luca. — Duda avisou, parando em frente a mim.

— Duda, cara, eu não estou aqui para briga... — comecei, mas ele me cortou:

— Mas eu estou. — ele disse me encarando. — Eu sabia que você era má notícia desde que Sophia me disse que estava namorando. Ela não merecia o que você fez com ela.

*Eu sabia que ele estava certo. Por isso não argumentei.*

— Duda, para trás. — João falou diretamente para seu amigo.

— Tudo bem, João. Deixe Duda falar. Eu sei que eu mereço. — admiti, derrotado.

— Como você pode? Eu estava há dias querendo lhe encontrar, para quebrar a sua cara! — Duda disse com as mãos em punho.

— Eu...

Foi aí que o soco veio de onde eu menos esperava. E foi mais do que certo, fazendo minha cabeça virar e me levando a lona. Se é que existia um lugar mais baixo para eu ir, além do fundo do poço que eu já me encontrava.

— Basta, Nick. — Carol, o afastou, percebendo saber que ele viria para cima de mim novamente.

Eu deixaria que eles viessem sobre mim para mais. Não me importaria. Eu merecia isso, não por tê-la deixado ir, não apenas por agora pelo menos, mas por tê-la envolvido nessa situação quando ela não merecia nada disso. Coloquei a mão no nariz, tentando estancar o sangue que já começava a escorrer. A dor era enorme, mas não era o bastante para me parar. Eu tinha vindo aqui com uma missão e mesmo que eu tivesse que enfrentar os três e mais essa baixinha, eu o faria. Qualquer dor que eu vir a sentir valerá a pena.

— Vai embora, Luca. — João pediu e eu neguei, limpando agora o sangue com minha camisa, enquanto me levantava do chão.

— Não. Eu preciso que vocês me ouçam...

Sinto outro punho vir em cheio meu rosto, fazendo-me cambalear e estou no chão de novo. O sangue escorre por meu rosto, mas isso não os faz pararem. Porque sinto quando Duda se aproxima, mas novamente eu não vou me defender, nem muito menos revidar, eu mereço isso. Eu mereço que eles machuquem a minha superfície por tê-la machucado. Eu mereço que eles descontem em mim a dor que lhe causei. Eu apenas os deixo fazer, eles estão certos afinal. Eu de certo faria o mesmo com quem quer que fosse se alguém a machucasse.

Eu estou tonto, mas quando por breves segundos os golpes param, eu fico de joelhos e me forço a levantar. Eu tenho que lhes mostrar que eu não sucumbirei. Que não vou desistir do que quero. Com todo esforço que ainda me resta para me manter de pé, sinto mais socos certos em meu estômago, antes de finalmente pararem.

— Vai embora. — João insistiu, parecendo fazer um esforço tremendo para segurar seus dois amigos, quando certamente ele queria fazer o mesmo comigo e eu novamente neguei.

— Eu não vou. — neguei, pois eu estava aprendendo a ser teimoso com Sophia.

— Você está doido para que a gente te arrebente! — Duda riu sem humor.

— Podem fazer o que quiserem. Eu não vou sair daqui antes que vocês me deem notícias de Sophia. — consegui falar.

— Para que? Para que, Luca? — agora foi a baixinha quem veio com o dedo na minha cara e eu deixei que ela descarregasse sua raiva em mim também. — Você não a viu quando saiu daqui. Você não ouve sua voz quebrada a cada vez que ela me liga. — ela disse e isso doeu mais do que qualquer soco que recebi até então.

— Eu fiz para protege-la. — finalmente falei e me deparei com quatro pares de olhos me olhando estarrecidos.

— Você o que? — Carol gritou, chocada e eu ri sem humor.

— Mas você achou que ela estava grávida de outro. Nem ao menos deixou que ela explicasse. — Duda, agora parecendo mais calmo, disse sem entender e eu neguei.

— Eu nunca duvidei que o filho fosse meu. Eu apenas deixei que ela achasse que sim, porque eu queria mantê-la em segurança. Eu jamais a deixaria se não tivesse um motivo forte o suficiente para fazê-lo. — e foi então que eles me ouviram e comecei a explicar tudo que havia acontecido para me fazer tomar tal decisão.

\*\*\*

— “*Uma mudança sempre deixa o caminho aberto para outras.*”, lembrei a frase de Maquiavel, que foi a mensagem que recebi no dia do lançamento do shopping. — “Permaneça longe!”, ela dizia.

— Mas você não fez isso. — Carol falou com pesar e eu concordei, eu estava sentado em seu sofá e segurava uma bolsa de gelo em meu rosto e outra em meu nariz, que apesar de ter sangrado, certamente não estava quebrado.

— Não fiz e por isso aconteceu o que aconteceu no noivado de Mariah. — lamentei.

— Você recebeu mais alguma mensagem depois disso então? — João perguntou e eu concordei.

— “*Não é a intenção que valida um ato, mas seu resultado.*” — recitei a mensagem que recebi no dia do acidente.

— Outra frase de Maquiavel! — Nick suspirou, parecendo frustrado.

— Ela ainda tinha mais uma frase que claramente debochou de mim: “Eu te avisei.”

— A polícia tem que resolver isso, Luca. Isso está fora de controle. — Carol disse irritada e eu entendia bem o sentimento.

— Não é tão fácil assim, Carol. Eu dei queixa. Sophia também, desde o acontecimento em seu carro. Só que infelizmente a polícia brasileira não vai muito longe. — falei frustrado e João concordou.

— Isso é verdade. Eu estou lá dentro e vejo as brechas que deixamos passar, justamente por não termos aparato para nos aprofundar na investigação. E não estou falando apenas da parte tecnológica, que é bem escassa, estou falando principalmente de suporte e incentivo para lidarmos com uma investigação que exige um pouco mais de nós. — disse e agora foi a minha vez de concordar.

— Tenho um cara foda em TI, que está trabalhando comigo para investigar tudo. Ele foi um agente da CIA. Mas até agora ele não conseguiu avançar muito. Sei que temos um rombo enorme na *Campanaro* e isso vem acontecendo há anos. E de uma forma ou de outra, acredito que todas essas ameaças estão ligadas a isso. Não tenho certeza. Não tive provas concretas disso. É minha intuição apenas. — dei de ombros.

— E o que nós vamos fazer? — Carol voltou a perguntar e eu suspirei.

— Eu vim aqui justamente porque eu preciso fazer algo e preciso da ajuda de vocês para isso. Tenho que ir atrás de Sophia. — falei e eles trocaram um olhar, que me deixou intrigado. — O que foi? O que houve? — perguntei preocupado e Carol suspirou, antes de responder.

— Desde que ela saiu, Sophia não quis nos dizer onde estava, apesar de que eu tinha uma certa noção. Imaginei que ela estaria lá e achei que talvez fosse bom que ela estivesse. — comentou com

pesar e eu entendi menos ainda o que ela queria dizer.

— O que você quer dizer com isso, Carol? Aconteceu algo com ela ou com a Giovanna ou o bebê? — minha pergunta saiu meio desesperada, mas foda-se, eu já estava desesperado mesmo antes, agora estou ainda mais.

— Há alguns dias ela me ligou e pediu para que eu lhe enviasse algumas coisas. No primeiro momento eu achei que ela estava brincando. Ou não sei, tivesse decidido passar uns dias fora, pois sabemos que Sophia ama viajar.

— Viajar? — perguntei, soando cada vez mais confuso.

— Sim. Ela pediu que eu lhe enviasse seu passaporte.

— Passaporte? — agora meu tom subiu alguns decibéis.

— Sim. — Carol concordou e os quatro ali naquela sala pareciam derrotados.

— O que vocês não estão me contando? — eles não me olharam, suas cabeças estavam baixa, eles não queriam me dizer.

*Droga! O que está acontecendo?*

— Por favor, me falem.

— Ela foi para Paris. — Foi Rodrigo quem respondeu, enquanto entrava pela porta da sala do seu apartamento. — Sophia ganhou uma bolsa de pós-graduação, Luca. — continuou, me deixando sem chão.

*O que?*

— Que porra é essa? — levantei em um pulo, as bolsas de gelo ignoradas, bem como as dores que sentia pelo meu corpo.

— O projeto dela do Shopping, foi escolhido para receber um prêmio e uma parte desse prêmio é justamente uma pós-graduação na escola de arte em Paris. — Carol fala, me fazendo perder o ar que me restava.

*Meu Deus! Isso não pode ser verdade!*

— E-ela ee-la aceitou? — tive medo de perguntar, mas o fiz.

— Ainda não. — foi Nick quem respondeu.

— Paris sempre foi algo que Sophia desejou. Só que por conta da Giovanna, ela acabou adiando esse sonho. Mas eu não acho que ela vá negar depois de tudo que aconteceu. — João falou e eu queria que ele não tivesse dito isso, mais uma vez a culpa me espezinhando.

Só que a culpa em nada se compara com a dor que sinto ao pensar em não tê-la mais ao meu lado. Em saber que ela estará longe. Que eu não poderei acordar com ela comigo. Que eu não

poderia curtir cada minuto da sua gravidez, que não poderei curtir nem o bebê e nem a Giovanna.

A Giovanna.

Eu havia dito que eu lamentava ter perdido os seus primeiros anos. Havia prometido para mim mesmo que agora seria diferente, que eu sempre estaria ao seu lado. Mas como eu poderia cumprir minha promessa quando meu coração estaria do outro lado do mundo?

*Eu não poderia permitir. Tinha que fazer algo coisa!*

— Onde ela está? — agora eu parecia ainda mais desesperado do que antes.

— Ela já foi. — Carol murmurou, sua voz chorosa.

Era isso. Ela já foi. Eu não podia mais fazer nada. E o que eu poderia fazer agora?

Ir embora? Apagar suas mensagens? Excluir suas fotos? Jogar fora tudo que me lembrava ela? Só de pensar em fazer isso me batia um desespero louco, fazendo-me sentir uma vontade louca de chorar igual um bebê. Pensei em ir para casa e chorar até dormir. Sabia que não adiantaria muita coisa, pois acordaria lembrando-me dela, pois ela com certeza estará em meus sonhos. Nem dormir em paz eu podia mais, lembrar-me dela, era apenas uma questão de fechar os olhos. Eu podia vê-la linda, gostosa, sentir seu cheiro gostoso.

Mas fazer isso, permitir que ela fosse embora sem que eu lutasse, permitir que ela fosse embora levando consigo meus filhos, não faria doer menos e nem me tornaria mais corajoso por fazê-lo. Apenas me faria infeliz.

Não.

Não.

Não.

Ela não poderia ir. Não poderia me deixar aqui. Não poderia apenas decidir ir embora deixando tudo para trás. Deixando-me para trás. Deixando uma vida toda que poderíamos viver juntos. Vendo suas fotos em meu celular, eu jurei de novo que seria a última vez. Mas eu sabia que não seria, eu sempre iria lutar por ela.

Por isso decidi que não iria chorar mais. Mais uma vez iria atrás dela. Quebraria o juramento de deixa-la em paz, mas cumpriria o que prometi quando eu disse que era para sempre.

— Eu sei exatamente o que fazer. — eu disse para mim mesmo e comecei a discar o número de Mia.



# Capítulo 24

## Sophia

Eu sempre quis ser importante o suficiente e ser muito amada por alguém, a ponto dessa pessoa ir correndo no aeroporto atrás de mim e me impedir de pegar um avião. Aquela clássica cena de filme: O outro lado se arrepende, o casal se reencontra em pleno saguão de embarque, todos choram, se beijam e esquecem tudo que passou e eles são “felizes para sempre.” Fim.

Mas a realidade definitivamente não era assim. Eu não era essa pessoa e obviamente não tinha alguém que iria até o aeroporto que me impedisse de viajar. Talvez meu enjoo matinal fosse aquele que tivesse tentado me impedir de ir. Mas ainda assim, não foi o suficiente para me fazer sentar na poltrona do avião quando eu sabia que tinha que fazer isso por mim.

Há poucas horas eu me despedi dos meus pais e da minha família no aeroporto. Abracei a Giovanna, já morrendo de saudades de ficar sem a minha filha, que apesar de dizer que sentiria saudades quando perguntei, começou a listar também os presentes que queria que eu lhe trouxesse.

*Sim. Ela era bem minha filha!*

O voo foi tranquilo, dormi boa parte do voo e passei o restante dele chorando ao ler um livro, *Sublime*, de uma autora nacional chamada Carlie Ferrer, que me tocou tão profundamente, que a aeromoça veio perguntar se estava tudo bem comigo. Sublime foi muito mais do que uma simples leitura para mim. Foi uma viagem dolorosa e deliciosa para dentro de mim mesma. Fazendo-me entender melhor meus medos, receios, escolhas, mas principalmente me ensinou a enfrentar a vida de frente. Coisa que eu não tenho feito muito. Ou quem sabe nunca tenha feito realmente.

Então depois de mais algumas horas, muitas lágrimas, eu me vi desembarcando em Paris para dar o primeiro passo para o destino que eu traçaria para mim.

Paris era minha fantasia. Sempre foi meu sonho viver aqui. Sempre foi meu sonho poder acordar e ter a chance de desfrutar da vida Parisiense. Mas embora eu me esforçasse, não sentia a emoção aflorando em minha pele por finalmente ter a chance de estar aqui. Apenas sentia que tinha que fazer isso.

Às vezes eu me odeio, porque eu sinto tanta falta dele, tenho tanta saudade, que parece que eu preciso dele tanto quanto preciso respirar. Não vou ficar usando falsas hipérboles, porque por mais doloroso que seja, sei que não vou morrer por isso e posso sim conseguir viver sem ele. Só que passar por isso, por esse processo de “luto” de um relacionamento, é mais difícil do que eu



poderia pensar.

Mas é aí que está, eu sei que não vou ficar bem ou feliz. Como posso fingir que nada aconteceu? Como posso fingir que não sei o quanto é incrível estar com ele? É como se sempre fosse faltar um pedaço de mim, um pedaço que ele roubou e que só posso ser completa novamente se estiver com ele. Ninguém pode viver sem o seu coração.

Não podia mais passar o dia chorando. Mas iria superar a tristeza, sei que um dia ela vai passar. Por outro lado, não vou superar a dor da perda dele. Luca está enraizado em mim. A dor era crônica, não importava o tempo que passasse sempre, sempre irá doer. Eu apenas tinha que seguir em frente e aprender a lidar com um dia de cada vez.

Nos dias que se seguiram, tentei não pensar muito nos meus problemas e me foquei no que eu tinha ido fazer ali. Depois de deixar tudo organizado sobre minha apresentação, me dei ao luxo de tentar aproveitar a cidade Francesa e realmente começar a seguir em frente, atrás do meu destino.

Graças a Deus meus enjoos dos últimos tempos haviam amenizado e eu tenho andado mais bem disposta, apesar do meu estado de espírito não colaborar tanto para isso.

Paris era um sonho para todo arquiteto apaixonado pela sua profissão. Seu conjunto arquitetônico era deslumbrante, ainda mais bonito do que imaginava que fosse. O charme de suas ruas e avenidas e seus imponentes monumentos, nos lembram a todo momento que estamos diante de parte do melhor que o ser humano foi capaz de construir e preservar. É possível ver em cada fechada, cada detalhe, a riqueza por trás da sua história e isso só fazia tudo mais especial para quem vê.

Embora eu estivesse tentando, enquanto eu andava, apreciava cada coisinha que via, não conseguia me desligar dos meus pensamentos. Era como se eu não estivesse ali e realmente não estava. Meu coração apenas batia, mas não estava ali. Estava há milhares de quilômetros, onde meus amores estavam. Só que eu sabia que uma parte minha estaria reintegrada assim que voltasse para casa e abraçasse minha filha. Mas quando isso acontecesse me faltaria um pedaço, faltaria Luca.

Hoje era daqueles dias em que você acorda com saudades de tudo. Aquele aperto no peito, aquela vontade de largar tudo e não ajudou em nada conversar com a Giovanna ao telefone como eu fazia todo dia antes dela ir para escola, porque no momento que desliguei, cheguei a começar a fazer minhas malas para voltar. Só que mais uma vez tive que me lembrar de que estar aqui era importante não apenas para mim, mas para o futuro que eu daria aos meus filhos. Então

me forcei a parar.

Por causa do fuso horário, quando eu falei com a Giovanna aqui em Paris ainda era pouco mais de meia noite e por mais que eu tivesse decidido ficar, não foi o suficiente para que eu não passasse a noite em claro. Como não conseguia dormir mesmo, me levantei cedo e depois de um banho, desci para tomar café e segui o conselho que minha mãe havia me dado antes de desligar:

— Você já foi a Torre Eiffel?

— Não. — respondi, baixinho.

Eu não havia ido ainda. Claro que já havia visto ela de longe, pois de quase todos os pontos da cidade ela pode ser vista. Mas o motivo pela qual não fui, é porque por diversas vezes, eu conversei com Luca sobre uma ida a Paris e ele sempre brincava sobre nós dois lá. É idiota, eu sei. Só que eu estava apenas tentando não me sentir pior por lembrar-me dele e por não ter a chance de fazer isso com ele.

— *“O esperado nos mantém fortes, firmes e em pé. O inesperado nos torna frágeis e propõe recomeços.”* — recitou uma frase de Machado de Assis que eu sabia que era sua favorita. — Você deveria ir. Quem sabe assim lá em cima, mais perto de Deus, você pode pedir para que ele lhe dê a força que você precisa. — disse de forma enigmática.

E cá estou eu. Uma vez que geralmente as filas são enormes, achei que não teria melhor oportunidade para estar aqui do que agora, mesmo que no fundo minha vontade fosse de passar o dia todo ali, pois assim seria possível ver a cidade com luz do dia e após o escurecer.

A vista panorâmica é imperdível. Nunca havia visto algo tão maravilhoso na minha vida. Sem dúvidas superou todas as minhas expectativas e mais um pouco. Abaixo podemos ver o Rio Sena, o Arco do Triunfo e tantos outros pontos turísticos que Paris nos presenteia. Era fenomenal.

Por alguns minutos consegui me ater apenas em aproveitar desse momento único. Mas como sempre acontecia, meus pensamentos voltavam para minha vida. Há alguns meses, eu vivia minha vidinha pacata, sendo feliz do jeitinho que eu era. A Giovanna era minha única alegria e razão de viver. Não queria mais do que isso. Para mim era mais do que me era merecido.

Só que Deus colocou ele em meu caminho. Fez com que eu fizesse algo que era a última coisa que eu queria fazer novamente: me apaixonar. E foi tão forte e avassalador. Tão intenso, tão profundo, que mudou tudo. Luca fez com que minha vida que eu julgava tão perfeita a sua maneira, ser ainda mais perfeita com ele ao nosso lado. Era como se ele fosse apenas o que nos faltava.

Tanta coisa nos afastou, tanta coisa entrou em nosso caminho. Só que o que mais atrapalhou nosso relacionamento, sem dúvidas, foi nós mesmos. Eu errei tanto. Fui tão burra durante tanto

tempo. Tentei tanto fugir, colocar como empecilho minhas frustrações e meus traumas passados, que acabou dando vazão para que ele viesse a errar também.

Eu não o julgava por isso. Ele estava no seu direito. Por tanto tempo correu atrás de mim, passou por cima do seu orgulho, apenas para me provar que eu estava errada, mas chega uma hora que por mais que ame esse alguém a gente cansa. Ele cansou.

*“Você tem que ir em frente não importa o que aconteça. Essa é a lei universal.”*

Essa frase ficou em minha mente. Pensei em como seria de agora em diante com os bebês e malmente notei quando minha mão foi de encontro ao meu ventre. Inevitavelmente sorri. Não importava as circunstâncias. Não importava que eu e Luca não estivéssemos mais juntos, eu sabia que havia sido abençoada com a melhor parte do nosso relacionamento.

Pensei em como será a Giovanna com seus irmãozinhos. Aqueles que ela tanto me pedia. Pensei se eles seriam mais parecidos comigo ou com Luca e desejei que eles parecessem com seu pai. Que tivessem aqueles olhos azuis incríveis. Aquele sorriso apaixonante. Que tivessem sua personalidade forte e determinada. Mais que principalmente viessem com saúde. Ver meus três filhos felizes e com saúde, era a única coisa que eu pedia a Deus agora.

Um som de violinos me chamou atenção e eu olhei para o lado para ver quarteto de violinistas começarem a tocar *Photograph* de Ed Sheran. Demorei para assimilar, para acreditar que quem estava aqui, em Paris, era Luca, que segurava um buquê de rosas e uma caixa embrulhada de presente.

Quando ele me viu olhando para ele, seu sorriso se alargou e ele deu um passo um pouco mais perto, cortando o fornecimento de oxigênio para o meu já ofegante cérebro e fazendo meu coração bater ainda mais disparado.

— Luca. — murmurei, sem acreditar.

— Oi. — falou, com uma timidez que não era sua habitual.

— Como você veio parar aqui? — perguntei.

As pessoas ao nosso redor nos olhavam, mas eu ainda estava muito surpresa para considerar que estávamos realmente chamando atenção daqueles que estavam ali observando a pequena cena que ele havia criado.

— Vim correr atrás do amor da minha vida. — sorriu, aquele sorriso todo, aquele lindo que me fazia derreter por ele.

— Você me tirou da sua vida. — tentei soar segura das minhas palavras, embora estivesse engolindo um nó da minha garganta.

— Isso foi um erro. Um erro ao qual eu pretendo passar o resto da vida tentando te compensar.

— falou sem hesitar e eu me virei, fingindo não me importar e que a vista do Rio Senna era mais interessante do que o turbilhão de emoções que se passavam dentro de mim.

— Você não me deu ouvidos. Acreditou que eu estava grávida do Erick. — minha mágoa transparecendo na minha voz.

— Eu... — não deixei que ele continuasse:

— Não. Apenas pensar que você pode pensar, por um segundo sequer, que eu poderia ir para cama com outro depois de você, me magoa profundamente. Se você me conhecesse, você jamais teria tido qualquer dúvidas.

— Eu sei que você pensa assim, eu sei o quanto eu te magoei e eu me odeio por isso. Eu nunca duvidei. Apenas agi como eu achei que seria melhor. — ele admite e eu me viro de volta para ele.

Oi?

— O que você quer dizer com isso? — exclamo chocada.

— Eu nunca achei que você estava grávida do Erick, *amore*. Sempre soube que esse filho era meu. Só que quando eu soube da sua gravidez, depois de todas as ameaças que nos fizemos, eu achei que eu tinha que lhes proteger, como deveria fazer sempre, por isso me afastei. — confessa, envergonhado.

— Você só pode estar brincando! — minha voz aumenta um tom. — Mesmo que você não quisesse ou tivesse pretensão de dizer algo sobre isso, você pensou e tomou as palavras daquela vadia como verdade, ao invés de confiar em mim. — empurro meu dedo em seu peito e por mais que eu saiba que meu gesto não doa, ele se contrai.

— Não. Eu apenas não podia acreditar que isso estava acontecendo. Eu fiquei tão confuso, que achei que depois de tudo, talvez fosse o melhor que você tivesse uma vida tranquila. Uma vida que eu lhe tirei desde que cheguei. — admite e eu começo a rir, mesmo que eu não ache graça.

*Ele está brincando, não é?*

— Sério que você pensou isso? Sinal que você não bota nem um pouco de fé no amor que eu sinto por você. Sinal que você definitivamente não me conhece! — falei exaltada e ele sorriu torto, me fazendo ter vontade de quebrar aquela cara linda.

*Do que diabos ele está rindo?*

— Claro que eu te conheço! — fala com uma confiança que ele até então não tinha demonstrado e se aproxima ainda mais de mim.

*Deus, como eu conseguiria raciocinar com ele tão próximo a mim?*

— Claro que n... — ele me corta:

— Você é estupidamente linda, meiga, inteligente e forte. É doce e sexy para caralho ao mesmo tempo. É amável, mas tem uma boca suja e cheia de palavrões. Tem uma paciência de santa, mas também tem uma língua afiada e uma força enorme para ir de contra quem lhe enfrenta. Poucas coisas fazem você brilhar: a Giovanna, seus amigos, compras, sapatos, seu trabalho e eu costumava acreditar que eu também era motivo do seu brilho. — ele coloca uma mecha atrás da minha orelha, enquanto eu continuo vidrada, o ouvindo falar: — Você sorri enquanto dorme. Você perde a calma quando duvidam de você e perde ainda mais quando mechem com quem você ama. Você se entrega quando canta, quando dança, quando a gente se ama. Você sorri, faz caretas e se emociona como se fosse os próprios personagens do livro que lê. Você adora ver as pessoas bem, adora fazê-las rir com suas respostas espertinhas e mais do que isso, adora ser o motivo do sorriso daqueles que você ama. Você gosta de comprar, mas embora não seja uma acumuladora, você não doa roupas que você goste muito ou que tenham marcado de alguma maneira sua vida. Você pinta as unhas de francesinha toda semana e nunca de outra cor, embora eu nunca soubesse o real motivo disso. Você usa apenas fragrâncias doces, no shampoo, condicionador, sabonete, hidratante e principalmente perfume. Você está sempre linda, bem vestida e maquiada, mesmo quando seu humor está uma merda, porque estar bem, te faz bem, te faz sentir mais segura. Só que mesmo que você esteja péssima, você se esquece da sua dor se alguém precisa de você. — Embarga sua voz. — E quando você briga comigo, você não solta o seu cabelo, porque sabe que eu fico encontrando uma maneira de lhe tocar através dele. Você também não sabe se fica em pé ou sentada quando está chateada, porque embora não admita, você tem medo de não se manter estabilizada. Você gosta de bebidas doces, apesar de não gostar muito de doces e sobremesas. E Apesar de todo problema que você teve com bulimia, você gosta de comer bem e come de tudo, de uma simples buchada de bode à um escargot. E com você não existe meios termos, ou é oito ou é oitenta. É uma mulher forte, em uma fachada de mulher determinada que você acredita que não é, mas é e mais um pouco.

— Luca... — comecei, mas ele não permitiu que eu falasse nada:

— Eu conheço cada detalhe seu e poderia passar o dia todo aqui enumerando-os para você. Só que eu não vim aqui fazer isso. Eu vim aqui porque pensei em te dizer que eu me apaixonei a primeira vista. Mas não é a verdade. Eu já te amava antes mesmo de te conhecer. Isso que temos, definitivamente é coisa de vidas passadas ou simplesmente fomos preparados por Deus para nossos destinos se cruzarem. Só que quando te conheci, me apaixonei pela mulher que se tornaria minha âncora, meu norte, meu tudo, no momento em que a vi pela primeira vez. E você é tudo e mais um pouco para mim. Eu amo você, Sophia. Eu amo tudo em você, *baby*. Não dá para negar, é você, tem sido você desde a primeira vez que ti vi, tem sido você antes mesmo de te conhecer e vai

continuar sendo você para sempre. Minha escolha, minha certeza, meu amor. — Falou de um jeito apaixonado que me emocionou.

*Oh meu Deus! Ele poderia ser mais perfeito?*

Meu coração reage às palavras dele e chorando sem parar eu não consigo responder. Mas também não consigo desviar o olhar. A razão está gritando comigo, me mandando parar com isso antes que seja tarde demais, porque eu não posso sofrer novamente como já sofri. Mas não consigo. Sou egoísta demais quando se trata de Luca. Eu o amo demais para simplesmente deixar que certas coisas sejam mais fortes que nosso amor.

— Luca...

— Não, *amore*. Depois conversamos. — beijou em ponto do meu pescoço, me fazendo arrepiar e quase esquecer o que queria lhe dizer.

— Por favor, eu só preciso falar, ok? — ele acenou em concordância. — Eu sinto muito por tudo que passamos. Sinto muito por ter sido tão imatura e idiota na maioria das vezes. — continuei quando eu percebi que ele retrucaria: — Não, não adianta negar, eu tenho ciência que fui. — respirei fundo. — Sei que ainda tenho muito o que aprender. Que tenho muito o que trabalhar ainda. Mas eu tenho que lhe dizer uma coisa que eu apenas tive certeza esses dias: Eu simplesmente não posso viver sem você. — ele engole em seco e eu vejo o quanto ele está se segurando para não chorar. — Eu sei que eu poderia tentar, embora eu saiba que serei infeliz para o resto da minha vida. Mas eu apenas não posso. Não podemos seguir uma vida onde não estamos juntos. — ele concordou e beijou minha testa.

Luca então se afastou, antes de concordar novamente e eu senti meus olhos se encherem de lágrimas. Antes de Luca, eu não era muito de me emocionar, ainda mais agora com esses malditos hormônios da gravidez, eu estava me tornando exageradamente propensa à distribuição de água. Mas eu não me importava em fazer isso, em abrir meu coração, em escancarar meus sentimentos para ele. Não havia dúvida, não havia medo, e não havia nenhuma culpa.

— *Desculpe por fazer você passar por isso*. — ele sussurra, mas se afasta e por mais que eu não queira que ele se afaste ou diga algo como isso, eu sinto uma necessidade de lhe dizer a mesma coisa.

— Desculpe por fazer você passar por isso.

Então o que eu não estava esperando que acontecesse, pela terceira vez acontece: Luca, meu príncipe, se ajoelha diante de mim e abre a caixa que estava em sua mão e quando vejo o conteúdo que está ali, levo a mão à boca em completo choque.

E tudo faz sentido para mim. Inclusive suas palavras repetidas por mim.

*Ele não pode estar fazendo o que eu penso que ele está fazendo, pode?*

E eu descobri que podia, quando ele continuou:

— “*Não é assim que se pede alguém em casamento. É assim.* — estende sua mão esperando a minha. — *Sophia Montenegro, amor da minha vida, quer casar comigo?* — assim como a Carrie, emocionada, apenas consigo acenar que “sim” com a cabeça. — *É por isso que se tem o diamante. É preciso dele para fechar o negócio.*”

E então assim como Mr.Big, em *Sex and The City*, faz a pergunta ao estilo da noiva Carrie Bradshaw: ajoelhado e com um lindo par de sapatos Manolo Blahnik no lugar do anel, Luca faz comigo. E eu apenas rio e choro ao mesmo tempo, porque ele se lembrou disso, ele guardou quando eu lhe contei sobre o filme, o sapato e enquanto ele tira o par de sapatos e coloca a perfeição azul que eu tanto cobiçava em meus pés, eu pensei que não poderia ser mais perfeito.

*Como Carrie disse: Não era lógica, era amor!*

Quando ele se curvou e me beijou, meu coração parecia querer voar. Fechei os olhos com força e disse a mim mesma para guardar esse acontecimento na lembrança, para congelar esse momento, para nunca esquecer. Com certeza jamais esqueceria.

— Tudo bem? — ele pousou a mão em minha barriga com proteção e eu sorri.

— Sim. — e não poderia estar melhor. Na verdade poderia, se minha filha estivesse aqui conosco.

— Então vamos para casa? — ele diz.

A palavra “casa” faz meu coração palpitar e eu apenas concordo, porque eu sei que não existe nada mais certo do que isso.

*Casa. Minha casa é a casa dele também. Nossa casa. Ele é o meu lar!*





# Capítulo 25

## Sophia

— Hora da minha *princesa* acordar. — ouço, ao mesmo tempo em que começo a sentir o toque dos seus lábios pela minha pele.

— Só mais um pouquinho, príncipe. — ronrono, me esfregando propositalmente nele e sinto-o ficar duro automaticamente, o que faz com que ele ria baixinho.

— Nada disso. Levanta essa bunda gostosa dessa cama, que temos compromisso. — tenta soar sério.

— Bunda gorda, isso sim. — resmungo e ele esfrega sua ereção dura em mim.

— Ontem provei o quanto sua bunda e você toda é deliciosa. — é a minha vez de gemer.

*Sim! Ele fez isso!*

Depois de Paris, nossas vidas viraram completamente de cabeça para baixo. E como ele não queria mais que continuássemos morando em casas separadas, a Giovanna e eu nos mudamos para a cobertura de Luca. Não definitivamente porque mesmo depois do nosso término, descobri que as obras da nossa casinha não haviam parado e estavam a todo vapor. Então em breve haveria mais uma mudança e eu estava ansiosa por ela.

— Vamos! — ele disse já de pé, e foi impossível não babar com a sua visão.

*Como ele queria que eu levantasse da cama, com ele me provocando assim?*

— Amor? — chamei, dengosa. Raa

— Hum? — levantou a sobrancelha e me olhou esperando que eu lhe dissesse o que queria, certamente sabendo que eu pediria algo.

— Poderíamos ficar mais um pouco aqui, né? — sorri, lhe dando meu melhor olhar de safada e ele riu.

— Nada disso, futura Senhora Campanaro. Temos consulta hoje e eu não sou o único que está na expectativa dela.

Ele tinha razão. Quando lhe contamos da gravidez, como imaginei, a Giovanna ficou eufórica com a notícia e nos fez prometer que ela iria conosco a todas as consultas. E hoje nós teríamos uma. Eu estava entrando no terceiro mês e poderia dizer que nós três estávamos ansiosos para vermos um pouco mais dos *babys*.

Tomamos café animados, a Giovanna e o Luca brincando com nomes estranhos para os bebês e eu apenas ficava ali, me deliciando dos meus amores, da minha pequena família. Agora estávamos

reunidos na sala de espera, para a consulta. Agora eu não sabia quem estava mais ansioso, se eu ou os dois. A Giovanna tagarelava sem parar, animada com a perspectiva da chegada dos irmãos gêmeos.

— Mãe, vamos conseguir ver se são meninos ou meninas? — ela perguntou pela milionésima vez e eu e Luca rimos.

— Não, meu amor. Ainda está um pouco cedo para isso. Vai demorar um pouco para sabermos. — eu disse e beijei seu nariz, que enrugou, triste pela notícia.

— Talvez a gente consiga ver na próxima vez que viermos. — Luca, que estava com a Gio no colo lhe disse, tentando de alguma forma alegrá-la.

— Tio Luca? — ela chamou, parecendo pensativa.

*lh! Lá vem! Sim. Esse tom dela é o de “lá vem bomba!”*

— Oi?

— Eu estava pensando aqui, como é que os bebês foram parar na barriga da mamãe?

Eu que estava bebendo do copo de água que estava em minha mão, me engasguei e Luca a encarava com o rosto branco, de tão pálido que ele estava diante a pergunta indiscreta da pequena. Eu agora apenas queria rir disso.

*A Gio estava se saindo melhor que a encomenda!*

— Er... Humm... Er... Por que a pergunta? — desconversou.

— Eu sou estava pensando que tem que ter um jeito para que os bebês vão parar lá. — falou com uma carinha pensativa.

— E o que te levou a pensar sobre isso? — voltei com a pergunta, tentando tirar ela de tempo.

É normal que toda criança queira saber essas coisas, principalmente quando elas acompanham a chegada de um irmão .A Giovanna já é uma criança naturalmente curiosa e esperta demais. Pode parecer que ela é nova demais, porque não completou nem seis anos ainda, mas se ela já é grande para perguntar ,óbvio que ela não é nova demais para merecer uma resposta. Eu meio que sabia que a pergunta viria, Luca e eu estávamos conversando sobre isso esses dias, lemos um pouco sobre o assunto, embora quando chega o momento a gente fica sem saber direito como agir. Só temos que ter um pouco de tato para falar sobre o assunto.

— Huguinho, um colega da minha sala, disse que para que uma criança vá parar na barriga de uma mãe, é preciso que os pais estejam bem juntinhos, assim oh! — ela gesticula com as mãos e eu abro a boca em choque.

*É. Acho que esse coleguinha está bem avançado sobre o assunto!*

— Hum... Er... Mais ou menos isso. — Luca respondeu, olhando para mim, ainda sem saber como seguir com isso.

— Mas como isso acontece? É quando se beija? — pergunta pensativa com a mão no queixo.

*Opa! Essa conversa está indo longe demais!*

— Gio... — ia falar, mas Luca me corta:

— Princesinha, você lembra sobre os cuidados que devemos ter quando começamos a cultivar uma plantinha? — Luca pergunta a ela que assente.

— Sim. Devemos regar e cuidar dela todos os dias. — respondeu prontamente e eu sorri.

— Exatamente. — Luca beija sua bochecha e seu sorriso cresce. — É a mesma coisa o que acontece com os casais. Eles se cuidam e cultivam o amor. Sabe como as plantas vêm das sementes? Então, os bebês também nascem de uma semente. O pai tem a semente e a mãe um ovinho. Quando eles se amam muito, eles se juntam na barriga da mamãe e o bebê começa a crescer. — ele diz, me deixando encantada com suas palavras.

Eis o porquê de me apaixonar mais e mais a cada dia por esse homem. Outro igual não existe.

\*\*\*

Os bebês estavam ótimos e crescendo cada dia mais saudáveis. Luca fez mil e uma perguntas. E eu não estou sendo exagerada, realmente não foram poucas. Na verdade ele parece ter anotado cada dúvida que ele tinha no bloco de notas do seu iPhone. A médica me receitou mais algumas vitaminas para suplementar a que eu já estava tomando para gravidez, porque eu estava com uma leve anemia, mas que era normal por causa da minha gravidez gemelar.

Luca foi para a empresa e depois de deixar a Giovanna na escola, segui para meu antigo apartamento, pois Carol avisou que havia chegado uma encomenda para mim. Pensei em pedir para meu segurança pegar, mas como eu queria pegar algumas coisas que eu havia deixado no apartamento, para não deixá-lo esperando por mim enquanto arrumava as coisas, resolvi separar o que queria e só então chamá-lo para levar as coisas para o carro.

Meu apartamento estava lindo como eu havia deixado. Decidi mantê-lo ali, porque em breve esperava convencer minha prima, Fernanda, que também é arquiteta, a trabalhar conosco. E como ela viria da Bahia, acho que ela com certeza gostaria de ter um cantinho seu.

Separei algumas coisas no closet que havia no quarto de hóspedes, alguns brinquedos que a Giovanna havia pedido e depois de colocar tudo em uma mala grande de viagem, que me lembrei da encomenda a qual Carol falou.

Não havia remetente e eu não precisei de muito para saber quem era o remetente. Mas apesar do medo repentino de abrir o que continha, minha curiosidade foi mais forte que minha razão, por isso logo me vi abrindo a caixa.

“Eu creio que um dos princípios Essenciais da sabedoria é o de se abster

das ameaças verbais ou insultos.”

Esta na hora de começar a agir onde mais dói.

Novamente, eu deveria largar aquilo ali e ligar para o segurança e Luca, para avisar o que estava acontecendo, ou evitar o que quer que fosse, mas eu não pude. Eu tinha que ver até o final. Tinha que saber o que tinha ali. Para meu completo horror, ali dentro da caixa haviam fotos da Giovanna. Como se isso já não fosse desesperador o suficiente, reconheci a trança que eu havia feito nela antes de sair para escola.

O baque sobre isso me deixou tonta. Tentava controlar minha respiração, mas o desespero que eu sentia apenas por saber que havia alguém que poderia lhe fazer mal, não me deixava comandar meu próprio corpo. Só que eu precisava ser mais forte. Precisava fazer alguma coisa para salvar minha filha e com pesar lembrei-me que meu celular estava em minha bolsa na sala.

Apenas quando voltei na sala, que eu noto que não estou sozinha ali. Eu não levanto o olhar, mas imediatamente sinto um frio na espinha, o medo que eu já sentia antes, agora me deixando a beira do desespero. Exatamente na hora que penso em voltar atrás, uma voz ecoa dentro das paredes do lugar que por um tempo foi meu lar:

— Acho bom você se comportar, Sophia. Não faça nenhum movimento brusco ou o atirador que está de plantão na escola da sua filha atira.

*Ai meu Deus!*

Eu levanto meu olhar primeiro até o celular que ele está me mostrando e lá tem uma imagem nítida do parquinho da escola da Giovanna. Eu congelo em horror. Um aperto doloroso no meu coração e parece que ele vai ser esmagado em pedacinhos. O pânico percorre todo o meu corpo e eu não acho que eu possa respirar. Tudo que eu havia prometido evitar estava acontecendo.

— Por favor, não faça nada para minha filha. — peço desesperada para em seguida levantar meu olhar para olhar para ele.

*Putá que pariu! Não pode ser!*

## *Luca*

Medo. Essa é uma palavra que definitivamente nos modifica de muitas maneiras. Nunca fui um cara medroso. Ainda quando era pequeno, não tinha aqueles medos bobos que qualquer criança da minha idade tinha, como medo do escuro ou até mesmo do bicho papão. As histórias para colocarem medo definitivamente não faziam efeito sobre mim. Muito pelo contrário, até me faziam rir.

Aos dezenove anos, perdi a minha mãe e com ela também perdi uma parte muito importante para mim. Ninguém está preparado para perder a mãe, principalmente quando se é tão novo e acredita veementemente que precisa dar orgulho a ela. Que acredita que precisará dos seus conselhos para conquistar a mulher que um dia lhe porá de joelhos. Que acredita que mesmo depois de conquistá-la, precisará de conselhos, não para domá-la, mas principalmente para adorá-la. E mais tarde, você sabe que precisará de seus conselhos sobre como criar seus filhos e vai entendê-la diante as decisões que ela tomou no passado. Mas eu não teria nada disso.

Eu sentia falta da minha mãe todos os dias. Era como se um vazio ininterrupto tivesse se formado desde o dia da sua morte. Era como se eu vivesse sem saber o porquê. Só que um dia eu simplesmente entendi. Sophia preencheu o vazio que eu sentia outrora, preenchendo-me de um sentimento que eu nunca havia experimentado por outra pessoa: o amor.

Poderia parecer insano da minha parte, mas eu não lutei contra os sentimentos imediatistas que senti por ela. Muito pelo contrário. Bastou um olhar seu no meu, para não querer lutar contra o que eu já sentia. Eu apenas soube naquele momento que era ela e aceitei isso. E quanto mais o tempo passava com ela, mais certeza disso eu tinha. E quanto mais eu tinha, mais eu queria.

A cada minuto longe de Sophia, eu me pegava pensando em cada detalhe sobre ela. A forma fofa que ela enrugava o nariz, ou fazia aquele biquinho sexy quando contrariada. A forma intensa como seus olhos sempre marcantes me encaravam. Ou como o cheiro do seu perfume, ou até mesmo do seu hidratante, deixavam seu cheiro já doce ainda mais irresistível.

Só que embora ela me colocasse louco na cama, havia nela muito mais do que uma mulher linda e um corpo incrível. Sophia era mais. Sophia era a forma como defendia e era leal aos seus amigos. Ou como se preocupava com a sua família, colocando os interesses dos outros acima dos seus. Como cuidava daqueles que amava. Mas o que mais me encantava nela, era o seu jeito “mãe” de ser. A maneira como ela amava e se dedicava a Giovanna, me comovia, mexia comigo. Me emocionava. Me fazia querer mais. Me fazia querer cada vez mais com ela.

\*\*\*

Eu estive nos últimos minutos tentando falar com ela, mas simplesmente não conseguia. Liguei para o seu segurança, mas ele disse que estava tudo bem, que ela estava arrumando algumas coisas em seu antigo apartamento. Desliguei e tentei me distrair, pensar no meu trabalho, mas foi em vão, pois só conseguia pensar nela e se estava tudo bem com ela e os bebês. Não tinha jeito, fiquei com uma sensação estranha, porque ela não ter atendido o celular era algo muito estranho. Ela nunca fazia aquele tipo de coisa, sempre me atendia na primeira chamada.

Eu sei que havia falado com seu segurança, que ele havia me garantido que estava tudo bem.

Talvez eu só estivesse impressionado e assustado com o fato desse louco que estava nos ameaçando ter parado de nos atazanar. E quando o segurança dela não atendeu, o medo voltou com força total.

— Marco? — falei quando ele atendeu ao telefone. — Estou tentando falar com Sophia e não consigo. Tentei no celular do segurança dela, ele me atendeu, disse que estavam no apartamento dela. Mas agora tentei novamente falar com ele e não consegui. Continue tentando falar com ele, mas mande uma equipe até lá. — Eu pedi.

— Claro, estou fazendo isso agora mesmo, senhor. — Ele garantiu.

Disquei o número do seu apartamento, esperando que ela me atendesse, tentando manter a calma, pois não queria deixar que meu medo fosse maior nesse momento.

O telefone apenas chamou e ninguém atendeu. Tentei novamente seu celular, mas diferente da outra vez, ele caiu direto na caixa postal. Eu sabia que ela tinha bateria. Não havia nem uma hora que nos despedimos e quando fizemos isso seu celular estava completamente carregado. Essa constatação fez meu coração disparar loucamente em meu peito.

Pensei em sair e ir até lá, mas me fiz ter paciência para esperar. Em menos de cinco minutos meu telefone tocou. Era Marco.

— Diga, Marco.

— Sr. Mandei uma equipe lá e encontraram David morto. — gelei.

*Não. Não. Isso não pode ser verdade!*

— *Eles vasculharam o apartamento da dona Sophia, mas nem sinal dela.*

Um desespero tomou conta de mim. Algo me dizia que eu sabia, tinha prova do que estava acontecendo, mas a outra parte de mim se recusava a crer nisso. Nesse momento Nina resolveu entrar em minha sala e me olhou assustada quando me viu tentando não entrar em pânico e pensar racionalmente, quando no momento as emoções falavam mais alto do que qualquer coisa.

— O que houve?

— Eu preciso ir atrás dela! Aquele desgraçado pegou ela! Aquele filho da puta vai matar Sophia! — Eu berrava indo em direção a porta, deixando meu lado emocional falar mais alto.

— *Me explica direito o que está acontecendo, Luca, cariño. Acalme-se! Me conte o que houve. Quem pegou quem?*

— Sophia foi ao seu apartamento. O segurança estava esperando-a embaixo enquanto ela pegava algumas coisas e ela simplesmente não me atendia. Seu segurança disse que estava tudo bem, mas depois de um tempo deixou de me atender também. Marco mandou uma equipe até lá e o encontrou morto. Nenhum sinal de Sophia. — O meu tom de voz era mais alto do que o necessário,

mas foda-se, estava tentando aliviar o medo que se apossava de mim.

— Tudo bem. Vamos ligar para a polícia e relatar o que houve. E fique tranquilo, *cariño*, nós a encontraremos — ela disse tentando me acalmar, mas de nada adiantou, pois o aperto em meu peito só aumentava .

Ninguém poderia fazer nada por mim no momento. Eu sabia que continuaria a me sentir assim, até que a encontrasse, que tivesse certeza que estava tudo bem com ela e nossos filhos. A dor que eu sentia apenas cessaria quando pudesse ter a chance de ter meu amor protegida em meus braços novamente.





# Capítulo 26

## Sophia

*Carlos. O vice-diretor de finanças da Campanaro está aqui ameaçando a mim e a minha filha? Que merda está acontecendo aqui?*

Ele sorri assim que vê a surpresa estampada em meu rosto. E quando olho para ele, eu não visualizo mais aquele ser desengonçado e seboso que ele costumava transparecer a cada vez que o via. Ao invés disso, vejo apenas um homem confiante e extremamente arrogante.

— Surpresa? — pergunta sorrindo com desdém. — Você vai se surpreender muito ainda, boneca. — diz passando o polegar no meu queixo e eu estremeço com nojo. E isso me assusta também.

— Não me machuque, por favor. — suplico.

— Não vou te machucar. Não ainda. Depende apenas de você. Seu segurança está morto, então não pense em fazer nenhuma besteira. — ele complementa, ainda sorrindo perturbadoramente.

Por um instante eu penso em correr, fugir desse ser asqueroso, mas me lembro imediatamente que ele está armado e ainda pior, me lembro que tem alguém armado apontando para minha filha. A Giovanna estar em perigo é a última coisa que eu quero na minha vida. Sou capaz de tudo para que isso não aconteça.

— O que você quer de mim? — pergunto desesperada, sentindo a adrenalina e medo se mesclando, fluindo pelo meu corpo.

— Apenas me acompanhe e não dê bandeira. — ele sai antes de mim e eu o acompanho sem hesitar, ele sabe que está sendo filmado, por isso deve estar querendo agir com cautela, como se não estivesse me ameaçando para não chamar atenção.

Depois de andarmos um pouco pelo estacionamento, entramos em uma *Santa Fé* prateada e nos sentamos no banco dos fundos. Dois homens estão no banco da frente, mas não consigo identificá-los e acho que realmente não os conheço. Enquanto o carro vai saindo da garagem, o pânico de que algo realmente aconteça com a minha filha se intensifica.

— Não faça nada com minha filha. — suplico e ele ri.

— Como eu já disse, depende de você. — ele me dá um sorriso de escárnio.

— Eu não sei o que você quer de mim. — gaguejo nervosa.

— Você vai saber em breve, benzinho. — ele fala.

Sua mão arrasta em minhas coxas e eu me encolho com medo do que ele possa querer que eu

faça, mas nada faço. Não estou disposta a colocar minha filha em risco.

O resto da viagem foi feita em silêncio, eu sinceramente não sei se isso é bom ou ruim. Depois de tantas ameaças, a tentativa de homicídio contra mim, meu segurança agora morto, eu ficava cada minuto mais apreensiva. Quando o carro finalmente para em frente a um galpão isolado e cercado de floresta, eu percebo que estou mais do que ferrada.

*Nunca ninguém vai me encontrar aqui!*

Tentando conter meu total desespero, engulo um caroço na garganta quando vejo parado ao nosso lado um SUV preto. Embora não me lembre a placa, eu tenho certeza que foi esse carro que me atropelou dias atrás.

*Santo Deus! Está ficando cada vez pior.*

Carlos me empurra para que eu continue andando e eu exalo o cheiro de umidade e ferro. O galpão não é tão grande e também não tão velho, apesar de estar um pouco maltratado. Mas ele é praticamente todo aberto, não tem divisões, apenas algumas barras de ferro empilhadas do lado esquerdo. Na outra extremidade consigo visualizar uma mesa com uma cadeira virada e um sofá velho e rasgado. Quanto mais me aproximo dali, mais medo sinto. A cada passo que dou, oro a Deus para que não machuquem minha filha, para que ninguém faça nada comigo e meus bebês.

*Eu preciso de um milagre aqui, Senhor!*

Quando chegamos perto o bastante da mesa, meu coração está disparado, pois algo me diz que ainda tem outra pessoa que esta por trás disso tudo. Tomo uma respiração profunda e a raiva sobe pelo meu sangue assim que a cadeira se vira.

*Definitivamente essa cadela não é uma pessoa sã!*

— Anitta. — digo sentindo o gosto amargo na minha boca e ela sorri maliciosa.

*Oh meu Deus, falando sobre a falta de originalidade, parece que eu estou vendo um filme de quinta categoria!*

— Lembra-se de mim, gracinha? — pergunta com sua voz irritante.

— Como eu poderia esquecer uma vagabunda tão irritante como você? — disparo e ela dá uma gargalhada profunda.

Carlos a acompanha ao meu lado, eu acho. Porque ou é uma gargalhada ou é uma crise séria de sinusite, não sei, acho que ele deveria tratar isso.

*Eles precisam de um psiquiatra ou uma sessão de descarrego isso sim!*

— Quero ver se você vai estar cheia de gracinha quando eu lhe disser o que tem que fazer. — diz sorrindo igual ao Pinguim do Batman. — Pegue o celular dela e espere minhas ordens para

enviar os códigos, Carlos. — ordena para seu comparsa.

Carlos obedece e puxa minha bolsa para começar a procurar pelo meu celular. Ele começa a digitar algo que eu não vou olhar, porque eu continuo encarando essa puta com todo o ódio fervendo dentro de mim.

— Tome. — ela diz jogando na mesa um celular. Eu olho para o aparelho, antes de voltar meu olhar para ela, esperando suas instruções. — Ligue para Luca, diga que daqui a alguns minutos você vai mandar um e-mail para Campanaro com quatro números de contas bancárias. Apenas depois disso, passaremos a informação para seu resgate. Diga que ele tem 1h para transferir \$50 milhões para elas, senão você morre. — sorri cínica.

*Essa loira oxigenada perdeu a noção e também a sanidade. Ok, dizer que ela tem um pinga de sanidade já é demais. Ela é uma louca descompensada, isso sim!*

— É isso que você quer, né — ?desafio sem piscar.

— Depois do que você fez comigo, sim, esse é apenas o início do que quero. — diz com desdém.

— Não, seu sonho é Luca. — digo com raiva.

— Já foi. — admite, ligeiramente desconsertada. — Agora eu quero é vingança e o dinheiro que é meu por direito. — ela pega uma arma da sua bolsa e aponta para mim. — Liga. Agora.

Eu olho para Anitta com a arma apontada para minha cara e a adrenalina é tão forte, que parece que meu coração está batucando e ecoando em todo o meu corpo. Eu tenho que pensar em algo. Não posso deixar que ela coloque as cartas na mesa, senão ela vai fazer exatamente isso, ela irá me matar.

— Luca não vai atender um telefone desconhecido. — blefo. — Suponho que esse seja codificado, você sabe que Luca não é idiota, Anitta. Ele não vai atender qualquer telefone dessa forma.

Anitta parece pensar por um momento, olha do celular para mim e de volta para seu comparsa que está respirando cada vez mais forte ao meu lado. Não sei se ele está muito animado com a expectativa disso tudo, enfim.

— Dê seu celular para ela. — Anitta fala para Carlos e eu respiro fundo.

*Ele não pode aceitar. Ele não pode aceitar.*

— Docinho. — Ugh. Docinho? — Você sabe que todos os celulares da Campanaro são monitorados. Ele vai saber que estou envolvido. Vai saber onde estamos — .prendo um suspiro de alívio, pois não quero lhes mostrar que era exatamente isso que eu queria que eles fizessem.

— Luca não é burro como você. A essa hora ele já deve saber que você está envolvido nisso, Carlos. O que você quer que eu faça, idiota? — ela pergunta ainda apontando a arma para mim.

— Ela pode ligar do celular dela. Luca vai atendê-la na mesma hora. Você sabe que ele é um idiota quando se trata dela. — ri desdenhoso.

— Sei. — Anitta cerra os dentes e faz um bico irritado ao me examinar. — Entregue o celular a ela. — Carlos me entrega. — Você escutou, né ,gracinha? Não fale meu nome. Não quero nem uma gracinha. Se você abrir a boca eu estouro seus miolos e mando estourar os da sua princesinha— . adverte e eu concordo.

Pego o celular com as mãos trêmulas e olho para ela mais uma vez pensando no que posso fazer. Tenho que manter a calma e fazer as coisas com cuidado. Um passo em falso e tudo poderá estar perdido. Disco seu número rapidamente e assim que o som de chamada começa, meu coração começa a bater mais forte.

— Onde você está, amore? — ele pergunta assim que atende e sua voz de pânico me confirma que ele já sabe que fui sequestrada.

— Luca, escuta. — digo segurando o fôlego. — Daqui a alguns minutos vai ser enviado um e-mail do meu celular para o e-mail da Campanaro. — ele bufa uma respiração, nervoso, e olho para frente apenas para confirmar que Anitta está com a arma ainda mais próxima de mim e para meu completo desespero, ouço um outro clique atrás de mim, provavelmente mais uma arma.

*Merda! Não tenho muito tempo!*

— Lá terão quatro números de contas, que você terá que transferir \$50 milhões. Depois disso vão lhe informar aonde me pegar. Eles estão ameaçando a Giovanna... — hesito, e falo antes que façam alguma coisa e tomem meu telefone: — *Messalina...*

— *Merda!* — escuto Luca gritar do outro lado da linha.

E é a última coisa que eu consigo ouvir antes de tomarem o telefone.

Esperei alguma reação além dessa, mas a retaliação não veio. Rezei para que Anitta não tenha percebido e Luca tenha entendido o significado da palavra *Messalina*. Tentei me lembrar de alguma forma que eu pudesse dizer a ele que Anitta estava envolvida nisso, sem que ela percebesse que eu estava falando dela. Na mesma hora me lembrei de *Nonna Fiorella* a chamando assim. Tomara que isso o ajude de alguma maneira a traçar um esquema para me resgatar e isso seja o suficiente. E também estou apostando que Luca ainda mantenha meu *Iphone* monitorado por GPS.

— Muito bem, gracinha. — Anitta aponta para mim e diz para seus dois capangas. — Amarrem-na.

Enquanto sou amarrada pelos dois armários, porque definitivamente eles não são normais, observo-os para ver o que eu poderia fazer. Eles são muito grandes e tenho dúvidas se meu chute nos países baixos resultaria de alguma coisa. Penso em minhas chances de sair melhor, pois no meu

estado atual, não tenho muito que lutar, quiçá contra esses homens desse tamanho. Estou malditamente arrependida de ter filado as aulas de capoeira e o *Jiu Jitsu* para poder namorar. Afinal, estou sozinha contra dois e mais dois armários. O mínimo que pode acontecer é que eu tome um tiro, o que não é exatamente um bom plano.

‘Os armários’ fizeram um nó de marinheiro em meus pulsos, mas tenho que admitir que eles estão realmente apertados. Tive vontade de rir quando os vi fazendo. Considerei até mesmo uma estupidez, porque eu sou da beira do mar e brincava com meus primos de pirata todos os finais de semana. Além de sermos amarrados, ainda éramos enterrados na área da praia para dificultar o processo de liberdade. Aqui eu posso desfazer ele rapidamente, mesmo com uma mão praticamente imobilizada, mas ainda assim, não devo ir muito longe depois.

Pela milionésima vez desde que comecei a sair com Luca, questiono: *Por que diabos eu tenho que usar saltos altos?* Eu sofri um acidente há alguns dias, eu deveria dar uma pausa para mim. Mas não! Eu disse para mim mesma que eu tinha machucado a mão esquerda, não meu pé esquerdo, que eu deveria seguir linda. Estou grávida e de gêmeos ainda por cima. Por que não pensei nisso?

*Que idiota que eu sou!*

\*\*\*

O que me parecem horas se passam, e Anitta continua andando de um lado ao outro da mesa usando esse vestidinho *bandage* tomara que caia na cor rosa neon, que está seriamente irritando a minha vista. Ela acha mesmo que isso está na moda e pega bem para uma mulher da idade dela usar algo assim? Faz-me rir. Está tão desagradável a respiração dela, Anitta certamente deveria parar.

*Eu odeio ela. Odeio ela.*

Depois de um tempo, Anitta se aproxima de mim visivelmente nervosa e irritada. Poucas mulheres podem demonstrar raiva enquanto usa tomara que caia, principalmente se essa pessoa usa tantos *mililitros* de silicone, ela deveria saber disso. Anitta está tão perto de mim agora, que sinto seu cheiro de puta safada. O perfume dela é tão enjoativo que sinto vontade de vomitar na cara dessa cadela.

*Uhg! Acho que vou realmente vomitar!*

— Aquele Filho da puta tem quinze minutos. — ela avisa apontando para o relógio inexistente em seu pulso. — Eu espero que você foda gostoso o suficiente para ele me pagar essa grana toda. — esbraveja.

— Melhor do que você, tenho certeza que sim. — rebato provocando-a e ela me esbofeteia na cara.

*Filha da Puta!*

Sinto o gosto de sangue na minha boca. Meu sangue parece esquentar juntamente com o ardor do tapa em minha pele. Eu sei que é idiotice provocá-la enquanto ela tem uma arma e outras três a posto, mas eu realmente não resisti. E bem... Apesar do tapa, adorei a satisfação que tomou conta de mim.

— Você se acha muito importante né, sua vadia? Só porque você conseguiu colocar uma aliança do ‘grande’ Luca Campanaro. — ironiza e em seguida grita: — Tenho uma coisa para te dizer: Você não é nada! Ele iria te trocar pela primeira que abrisse as pernas para ele!

— Você sabe que isso é mentira! — Luca fala da entrada do galpão.

Assustada com sua chegada, automaticamente Anitta coloca a arma em minha cabeça e todas as outras três armas apontam para ele. Meu coração dá um salto tão grande por saber que ele está aqui, que eu engulo a vontade de chorar.

*Ai meu Deus! Ele está aqui e... Nós vamos morrer!*



# Capítulo 27

## Sophia

— Eu sabia que de alguma forma sórdida, você estava envolvida nisso, Anitta. — ele diz em tom grave. — Sabia que você estava armando uma desde o dia que eu peguei você fodendo com meu pai. — completa sério.

Ele continua andando em nossa direção, como se não tivesse três armas apontadas diretamente para ele. E Anitta ri igual à *Shenzi*, a hiena do Rei Leão.

— Gostou do show? — pergunta em tom sarcástico.

— Desnecessário ao meu ver. — diz apenas e continua a andar em uma calma que eu nunca vi igual.

*O que diabos ele pensa que está fazendo?*

— Você poderia ficar com quem quisesse, você sempre foi bonita. Por que você queria dar o golpe em meu pai? — pergunta simplesmente.

Oi?

— Porque você me desprezou! — ela grita descompensada. — Seu pai acreditou que dormiu comigo. Acabei com a vida da cadela da sua mãe para que eu pudesse me vingar de você! Pudessem te tirar tudo, mas foi você quem tirou tudo de mim! — grita de novo e Luca estremece.

*Meus Deus! Eu não posso acreditar!*

Meus olhos ardem de lágrimas não derramadas, ardem porque uma pessoa inocente perdeu sua vida por causa dela e fez com que uma família sofresse sua perda. Como ela foi capaz de matar a mãe de Luca por ele ter lhe rejeitado? Como alguém pode ter sido capaz de algo tão cruel? Ninguém pode ser tão asquerosa assim. Pensando bem, ela é.

*Doente! É isso que ela é. Temos que sair daqui. Urgentemente!*

— Você matou mesmo a minha mãe! — Pude ouvir Luca balbuciar.

— Fique onde está, Luca! — Carlos grita nervoso. — Ou ati-tiramos em vo-você — gagueja mais do que eu quando tentava explicar para meus pais o motivo dos meus cartões de crédito estarem estourados.

— Não ouse fazer nada. Ele é meu, Carlos! — Anitta grita com um sorriso travesso e irritante no rosto.

— Você sabia que eu viria né, Tita? — Luca pergunta com um sorriso nada divertido no rosto,



parecendo ter se recuperado do absurdo que ouviu.

— Não me chame assim! — Anitta grita, depois que o sorriso doente some do seu rosto com a menção do seu apelido. — E sim. Eu sabia que você viria atrás dessa vadia! — puxa-me pelos cabelos e eu arquejo para o seu lado, tentando diminuir a pressão do puxão.

— Anitta, pare com isso. — Luca estende a mão em rendição, pedindo que ela pare. — Isso não tem nada a ver com ela. — diz sem hesitar.

— Lógico que tem. — esbraveja. — Além de ela ter sido a culpada da minha separação com seu pai, ela tem a ver com você! E eu não suporto o fato de outra pessoa ter você! — confessa entre os dentes.

— Docinho, o que é isso? — Carlos pergunta nervoso. — Por que está dizendo isso? Pensei que era apaixonada por mim. — ele parece inconformado.

— Cala a boca, idiota! Eu nunca ia me apaixonar por alguém tão ridículo como você! — aponta e ele engole em seco, estremecendo completamente.

*Nossa. Ela é tão fria. Se eu não o odiasse por ter me trazido até essa merda, eu certamente sentiria pena dele.*

— Você pensou que ninguém descobriria que você cortou o cabo do freio do carro de *Mamma*? — Luca pergunta mudando de assunto. — Desde que eu comecei a investigar sobre a sua morte, eu sabia que tinha algo errado. — diz e ela ri.

*Filha da Puta! Anitta é o maior exemplo do porque devemos ser contra a clonagem humana!*

— Eu deveria imaginar que você seria patético a ponto de querer ter certeza do motivo da morte da sua mãe. Não foi nada difícil, no entanto, fazer com que ela saísse descontrolada e fizesse com que achassem que era esse o motivo dela perder o controle. — ela ri amargamente. — Dizer a ela que eu estava grávida, e não sabia se o filho que estava esperando era do seu filhinho querido ou do seu patético marido, foi realmente hilário. — ela ri e Luca cerra a mandíbula com o que acabou de ouvir.

*Oh Meu Deus! Anitta tinha problemas psicológicos e psiquiátricos profundos. Isso era oficial.*

— Você não precisava matar minha mãe para isso. Você sabia que *Papa* era contra filhos bastardos. Ele assumiria seu filho, independentemente de qualquer coisa! — fala puto da vida e ela dá de ombros.

— Qual seria a graça se eu não pudesse usufruir? — pergunta como se fosse a coisa mais normal do mundo.

*Louca!*

— Você não estava grávida, não é? — pergunto sem querer. — Você mentiu para Luca e

August. Disse para os dois que perdeu a virgindade com eles.

— Não. — ela se vira para mim. — Sabe por quê? — ela pergunta aos gritos.

Seu tom de voz está tão alto, que é como se eu tivesse há 100 km longe dela. Anitta claramente está estourando os limites de decibéis suportáveis da nossa audição.

— Eu não menti realmente. Seu noivo idiota realmente me engravidou quando passamos a noite juntos. — continuou, me deixando ainda mais chocada. — Eu tive um aborto espontâneo, em que eu fui submetida a uma histerectomia por causa de uma infecção. Você sabe a dor de perder um pedaço do homem que você amava e saber que nunca mais vai se recuperar e poder ter um filho? — pergunta e eu engulo em seco.

*Merda! Merda! Ela é definitivamente maluca!*

O pânico me consome. Uma vez que ela souber que estou grávida e o pior, de Luca, é o fim. Anitta vai fazer qualquer coisa para me prejudicar e prejudicar meus bebês. Eu espero que Luca entenda o que está acontecendo, que imagine do que ela é capaz e não dê nenhum passo em falso quanto a isso. Olho para ele em um pedido desesperado para que ele não abra a boca, porque ele tem que entender que nossa situação está cada vez mais complicada.

— Eu não sabia, Anitta. — Luca admite em voz baixa. — Eu nunca tentei lhe prejudicar. Eu sinto muito quanto a isso. — olho boquiaberta para ele.

— Você acabou comigo, Luca! — ela grita aos prantos. — Eu andava atrás de você parecendo uma cachorrinha e você me ignorava! Maltratava-me! Humilhava-me! — admite, finalmente largando meus cabelos.

— Eu te considerava como uma prima. Crescemos juntos. — Luca tenta se explicar.

— *Oh, me poupe!* — ri com desdém. — Você fodia com tudo que se movimentava, não duvido nada que muitas não tenham passado pelo que eu passei.

— Não. — ele olha para mim. — Sempre fui prevenido quanto a isso. Nunca fui irresponsável. — engulo em seco.

— Jéssica é tão idiota que nem isso ela fez direito. — me viro para olhá-la, mas ela continua com o olhar fixo em Luca.

— Vocês armaram tudo isso juntas, não foi? — Luca pergunta calmamente, enquanto meu sangue começa a ferver.

— Claro! — afirma como se fosse óbvio. — Não foi difícil saber qual era o ponto fraco dessa vadia aqui. E bem, tivemos uma ajuda maravilhosa em todo nosso plano.

— Erick? — Luca pergunta e eu arregalo os olhos, sem querer acreditar que ele foi capaz de tal coisa.

— Não. Aquele idiota é tão idiota, que não quis participar de nada disso. Acredita que ele disse para Jéssica que queria lutar por você como homem? Coitado. — fala como se isso fosse absurdo, antes de cair na gargalhada.

Independentemente de qualquer coisa, eu e Erick teremos que conviver pelo resto da vida e saber que ele não quis compactuar com nada disso, me deixou realmente aliviada. Não sei dizer como conseguiria reagir se as coisas tivessem sido diferentes disso.

Mas não tenho muito tempo para pensar, porque Anitta me segura pelo braço esquerdo e cutuca minha barriga com a arma. Percebo Luca hesitar com seu ato, mas eu balanço a cabeça para que ele não faça e nem fale nada, senão poderá ser tarde demais. Ela não pode saber sobre mim. Não pode, em hipótese alguma, saber sobre os gêmeos.

— Ela teve uma relação de merda, que tinha mais corno do que eu dei em seu pai. — ela ri da minha desgraça. — Passou anos sem ter um relacionamento com ninguém, óbvio que o problema dela era confiança em um relacionamento, ou melhor, em homens. — tomo uma respiração profunda.

— Foi achado no meu corpo, uma pequena quantidade de uma substância desconhecida, muita parecida com o roupinol quando fiz o exame toxicológico. — ele diz calmamente.

— Claro. Você estava tão bêbado naquela festa, que não ia ser difícil fazermos nada. Mas ela é uma incompetente até para transar com você. Íamos gravar a transa, mas como ela não conseguiu nem que você ficasse com o pau duro, a história da gravação foi deixada de lado. Mas tenho que confessar que foi hilário ver o dia seguinte. — Ela se vira para mim. — Você partindo para cima dela foi digno de um Oscar. Foi muito melhor do que a encomenda. — a risada da hiena ataca outra vez e eu tenho vontade de estrangulá-la.

*Maldição, ela era uma vadia!*

A verdade vem como uma faca cravejada no meu coração. *Luca nunca me traiu.* Nem bêbado, drogado e vulnerável, ele nunca tocou o corpo de outra mulher enquanto esteve comigo. Sinto vontade de chorar. Penso no que poderia ser, no que poderia ter sido. Olho para ele em um silencioso pedido de desculpas e eu acho que ele entende porque fecha seus olhos por um segundo e reabre, antes de assentir com a cabeça.

O fato de que eu nunca suspeitei que ela estivesse envolvida nisso me irritou ainda mais. Eu me sinto uma idiota por isso. Eu sabia, nós sabíamos que era uma armadilha, mas não imaginava que as coisas tinham ido longe dessa maneira. E isso me faz mal. Tento me segurar, pois um mal estar me pega certo. O suor escorre em meu corpo, sinto minha cabeça girar, meu corpo estremecer.

*Preciso sair daqui. Preciso respirar...*

— Por isso a história da inseminação. — Luca afirma.

*Hã?*

— *Touché*. — Anitta sorri e eu me assusto. — Como você descobriu?

— Não foi difícil. Mandeí investigar e hoje à tarde descobri que ela foi a uma clínica de fertilização em São Paulo, depois que partiu de Porto Alegre. — Anitta sorri com escárnio. — Obriguei que ela fizesse um exame para que eu pudesse fazer um estudo detalhado do tempo gestacional. Depois não precisei perder tempo em fazer exame de DNA, porque a idade do feto era inferior ao tempo que ela afirmou que dormiu comigo. — conclui.

Meu coração alivia ainda mais o aperto que estava ali, desde aquele dia horrível em Porto Alegre. Parece que um peso enorme foi tirado das minhas costas. No entanto, o pensamento de que tudo isso não passou de uma mentira, me fez querer chorar. Tudo parecia errado agora. Eu tinha me arruinado. Eu tinha nos arruinado. Se eu não tivesse com uma arma apontada para minha cabeça e nossas vidas não estivessem em perigo, eu sairia correndo para implorar por desculpas a Luca se fosse preciso.

— Você não é tão burro quanto eu pensei. — Anitta afirma com desdém. — Pelo menos enquanto você esteve concentrado em provar sua inocência e abanar seu rabinho implorando que Sophia lhe perdoasse, fizemos um belo caixa. — sorri vitoriosa.

— Você tinha um futuro tão grande na *Campanaro*, Carlos. — Luca afirma friamente se virando para o amante de Anitta. — Mas eu comecei a ver seus furos há um tempo e fiquei de olho. Eu sabia que você tinha alguém por trás de você, mas não sabia que você ia se rebaixar se envolvendo com essa mulher. — Carlos parece vacilar.

— Vamos acabar com a conversa fiada. Cadê o dinheiro, Luca? — Anitta pergunta apertando ainda mais a arma na minha cabeça.

— Você tem \$50 milhões esperando que eu confirme apenas com um botão no meu iPhone, mais \$5 milhões em espécie no meu jatinho, para lhe levar aonde quiser. Não vamos te seguir, nem dar queixa. Basta você me deixar sair daqui com Sophia, ambos vivos. Ninguém machucado. — Anitta ri secamente.

— Você só pode estar brincando se acha que eu vou cair nessa, Luca. — afirma irritada.

— Você sabe que eu não blefo. — ele garante, sem demonstrar um pinga de hesitação e Anitta me puxa um pouco para trás.

— Qual a garantia que você me dá? — pergunta e eu sinto-a um pouco nervosa.

*Uh... Isso não é bom.*

O fato de Anitta estar nervosa, é sinal que ela pode fazer qualquer coisa para atingir seu

objetivo. Isso com certeza não é nada bom para nós.

— Você sabe que eu posso estourar os miolos de Sophia e o da filha dela. — volta a afirmar com convicção e eu estremeço.

— Por favor... — choramingo.

— Você pode me matar e matar ela. A Giovanna está segura e bem longe daqui, assim como os pais dela. — suspiro de alívio, as lágrimas pinicando em meus olhos e baixinho eu faço uma prece de agradecimento, enquanto Luca continua:. — *Mariah, Papa* e todos os nossos amigos estão com a polícia. E eles não devem demorar muito para chegar aqui, quando virem o GPS do meu celular e o de Sophia. Mas se você quiser o dinheiro e sair livre daqui, você não tem alternativa além de aceitar o que estou lhe propondo. — diz calmamente e ela aperta mais uma vez a arma contra mim.

— Ace-ceite a oferta, Anitta. — Carlos pede nervoso. — Nós podemos arranjar outro jatinho assim que chegarmos em algum lugar.

— Cala boca! — ela grita. — Ele está blefando!

— Você me conhece a vida toda, Anitta. Você sabe que eu não estou. Uma coisa que eu não faço é mentir. — Luca diz francamente.

— Anitta, va-amos! — Carlos chama-a nitidamente desesperado.

— Cala a boca, idiota! — grita novamente.

Sem pestanejar, Anitta arma o gatilho da sua arma e atira em cheio no peito de Carlos. O som é ensurdecedor, o que faz com que eu me contraia e feche os olhos amedrontada. Para meu completo horror, ele cai com os olhos arregalados, duro ao chão. Como em um filme, eu vejo a fumacinha saindo do lado esquerdo do seu peito e ele então dá seu último suspiro.

Coloco a mão na boca, tentando controlar o soluço do meu peito. Tentando controlar o pavor que me consome. Mas eu não pareço ser a única ali que está com medo das próximas ações de Anitta, pois seus armários instantaneamente recuam e saem correndo para fora do Galpão, visivelmente assustados com o descontrole da patroa deles.

Anitta ri com a cena, parecendo contente por tirar a vida de alguém. A gente até que se solidariza, mas depois de tudo que ele fez para chegar até aqui, no fundo acho que bem que merece.

Presenciar o quão descontrolada ela é, apenas me deixa desesperada e por isso controlo toda a minha vontade de chorar.

— Agora somos apenas nós. Pronta para festa, gracinha? — me pergunta com um tom irônico e eu tenho certeza que nessa festa eu não sou convidada especial.



# Capítulo 28

## Sophia

— Anitta, para. — Luca diz sério. — Ainda dá tempo de você fazer o melhor. Não vou dar queixa de nenhum crime que você cometeu. Você pode ficar com tudo que você roubou e todo o dinheiro que estou lhe dando agora. Você é jovem, pode ser feliz em qualquer lugar e nunca mais vai precisar se preocupar com dinheiro. — tenta.

— Você não está entendendo, né? — ela ri travessa.

Aproveito o momento de distração e consigo terminar de desfazer o nó das minhas mãos. O problema agora, é que eu tenho que aproveitar uma oportunidade de conseguir sair de perto dela sem que ela consiga me atingir. Mas esse momento definitivamente não é agora.

Anitta começa a me puxar até o local em que o corpo morto de Carlos se encontra e eu sigo-a relutante. Ela se abaixa para pegar a arma na mão de Carlos e é aí que eu vejo a minha única oportunidade. Lembro-me de algumas das minhas aulas que realmente prestei atenção na capoeira e dou uma rasteira, que faz com que ela caia de bunda no chão com um grito. Tomo a arma que está em sua mão e a jogo imediatamente para Luca, que segura sem problemas e já aponta diretamente para ela.

— Vadia! — grito devolvendo-lhe o tapa na cara, mas a minha vontade é de arreventá-la toda.

Viro-me em direção a Luca e quando eu acho que estou livre, ela me puxa pelo cabelo e ainda por cima aperta minha mão machucada, que faz com que eu imediatamente guinche de dor. Caio de joelhos no chão e ela aponta a outra arma para minha cabeça novamente.

*Deus. Estou definitivamente fodida!*

— Não a machuque! — Luca fala pela primeira vez parecendo visivelmente amedrontado e Anitta ri do seu pedido.

— Você tá sendo mais burro do que eu pensei que seria. Ainda não entendeu? Não se trata mais de dinheiro, Luca. Trata-se de matar quem você ama. Fazer você sofrer. Causar-lhe dor! — eu posso sentir o sorriso e o prazer em sua voz, mesmo que eu não possa ver seu rosto.

*Meu Deus! Ela é louca demais!*

Lágrimas escorrem em meu rosto, enquanto ela me levanta puxando-me pelos meus cabelos.

— Por favor, Anitta. Não faça nada com ela. Tem uma menina que precisa dela. — Luca suplica e eu vejo medo em seus olhos.

— Por quê? — Ela pergunta com desdém. — Por que você a ama? Ela fode gostoso? — grita.

— É mais do que isso. — Luca responde depois de engolir em seco. — Mas você sabe disso, não preciso lhe dizer.

— No momento que a vi, eu sabia que você seria uma vadia que me traria problemas. — Anitta fala com desdém, antes de começar a rir.

Eu sabia que tudo estaria perdido no momento em que ela golpeia minha barriga com a arma e eu sinto uma dor aguda, que faz com que eu volte a cair de joelhos no chão.

— Ai... — gemo de dor.

— Anitta, por favor, não faça isso. Não a machuque. Ela está grávida! — Luca suplica desesperado, assim que me vê caída no chão guinchando de dor.

Não.

Não.

Não.

O desespero me consome ainda mais e eu abro os olhos imediatamente, mesmo que minha visão esteja turva pela dor. Luca não poderia ter dito a ela. Eu não posso deixar que ela faça nada com meus bebês. Mas eu não tenho forças, nesse momento e não posso fazer nada.

Novas lágrimas escorrem em meu rosto pela nova pontada de dor que persiste em me atingir. E o medo do que está por vir me domina por completo.

— É seu? — Anitta pergunta irritada.

— Não! — Gritei, com um pedaço de medo maior do que o tamanho da Amazônia em meu peito.

*Eu tinha que dizer isso. É a única opção que eu tenho para sair viva daqui.*

Anitta parece surpresa, mas logo se recupera e começa a rir. E eu me esforço para abrir os olhos na minha névoa de dor, mas assim que eu faço, Luca parece ter recebido um golpe pior do que o meu por me ver assim, porque seu rosto reflete tanta dor que faz com que a minha dor se multiplique.

— Olha só. Eu sabia que você era uma vadia pronta para dar o golpe do baú. — fala com desdém.

— Eu não estou dando o golpe do baú. Eu amo ele. — respondo em um fio de voz.

— Mas não me importa. — ela dá de ombros e ri. — Você vai ter um fim pior do que o meu, gracinha.

*Merda! Que oração devemos fazer no momento em que a gente sabe que vai morrer?*

Eu não sabia, mas comecei a pedir a Deus desesperadamente por nossas vidas. Pedi perdão por



tudo de errado que eu fiz ou deixei de fazer. Implorei para que ele nos ajudasse, estendesse suas mãos para que possamos sair dessa, porque só um milagre parecia ser capaz de nos livrar dela.

Sua risada esganiçada foi a última coisa que ouvi antes de uma onda de pânico me dominar. Ouço o som abafado de tiro e fecho os olhos esperando algo me atingir, esperando que eu sofra um novo golpe, mas isso não acontece. E novamente me desespero, corro meus olhos para Luca para saber se ele foi atingido, mas ele continua de pé e está com a arma apontada para Anitta.

Assim que Anitta estremece ao meu lado, eu sei que foi ela quem recebeu uma bala. Usando toda força que ainda me resta, saio correndo em sua direção, deixando que ela caia de joelhos no chão sujo do galpão, manchando-o com o próprio sangue. Quando estou prestes a alcançar os braços de Luca, ouço outro disparo e ele me puxa para suas costas, antes de disparar uma e outra vez contra ela.

Uma poça de sangue se fez ao redor de Anitta e eu vejo de longe o que me parece ser seu último suspiro. E quando isso acontece, finalmente consigo respirar. Mas não por muito tempo.

Uma dor na ponta da minha barriga me atinge e eu caio no chão novamente. A dor parece querer me rasgar, deixando-me sem controle dos meus próprios sentidos. Sinto o sangue escorrer entre minhas pernas e o desespero me consome, o medo de perder nossos filhos me dominando.

Sinto o exato momento em que Luca cai ao meu lado, antes de me puxar para ele, ao mesmo tempo em que fala alguma coisa que não consigo distinguir, como se estivesse em uma ligação. Ele parece nervoso e puxa uma respiração profunda, uma e outra vez. O som da sua voz se confundindo com meus gemidos.

Quando consigo focar minha visão sobre ele, percebo que ele está com dor. E não apenas porque ele está preocupado comigo, mas porque ele também está machucado. É nesse momento em que olho para seu abdômen e vejo sangue.

*Oh meu Deus! Ele tomou um tiro!*

— Lu-luca. — murmuro tentando me levantar. — Você está... — não consigo completar o que diria, porque começo a chorar de dor pelos filhos que sinto estar perdendo e por ver o amor da minha vida correndo risco de vida.

— Está tudo bem. Não precisa se preocupar, meu amor. — ele engole em seco e geme de dor. — Eu quero que vocês sejam felizes.

*Oh. Meu. Deus. Ele não pode me dizer isso!*

— Não faça isso comigo, Luca. Por favor. — imploro com a voz fraca. — Não nos deixe. Nós precisamos de você.

*Droga!*

Um milhão de coisas passaram pela minha mente. Todas aquelas cenas clichês sobre você ver um 'filmezinho' antes de morrer. Momentos felizes e outros nem tanto. Sonhos se desvanecendo em minha frente. O sorriso da minha filha e do amor da minha vida essa manhã, foi a última coisa que me lembro antes de me perder na escuridão.



# Capítulo 29

## Sophia

Sentindo-me um pouco desorientada e confusa, um flash de luz cegante que pareceu vir de lugar nenhum, arde em minha vista. Demoro um pouco para conseguir finalmente voltar a mim, mas quando faço, me vejo acordando em um quarto de hospital familiar.

Olho para o lado e vejo meus amigos ali reunidos em completo e estranho silêncio. É quando me lembro de tudo que aconteceu e com uma dor aguda em meu peito, começo a chorar alto.

— Shhhh... — Carol murmura assim que chega ao meu lado. — Está tudo bem agora. Você está segura. — começo a chorar mais forte.

— O que aconteceu comigo, Carol? Eu perdi os meus bebês? Giovanna? Meus pais? E Luca? — pergunto em total e completo desespero.

— Está tudo bem. Você teve apenas um princípio de aborto. Mas você ainda vai ser mãe dos gêmeos mais lindos que eu conheci. A Giovanna foi enviada com seus pais para Bahia assim que Luca identificou seu sequestro, eles já voltaram. Eles estão bem, mas estão preocupados. — sorri triste com lágrimas nos olhos e eu sei que ela está escondendo algo de mim.

— Alguém me responda agora. Cadê Luca? — pergunto desesperada, quando percebo que estão me escondendo alguma coisa.

E essa alguma coisa diz respeito ao homem que amo, aquele quem eu magoei por duvidar tantas vezes do seu amor, mas ainda assim se pôs na minha frente para me salvar. Salvar além da minha vida, a vida dos nossos filhos.

Percebendo meu desespero, João chega mais perto de mim e me abraça forte, suspira antes de começar a falar:

— Ele está em cirurgia há três horas, gata. A bala se alojou em uma parte sensível do abdômen. Estão tentando conter a hemorragia interna. Ele esperou te socorrerem e só então caiu no chão desmaiado. Mariah, seu pai e Thiago, estão lá na porta do centro cirúrgico esperando resultados. — quando ele termina de falar, começo a chorar em desespero.

*Meu Deus! É grave?*

— Ele entrou em minha frente para que eu não fosse baleada. Ele salvou minha vida e dos nossos filhos. — falo em soluços, sentindo uma dor angustiante em meu peito.

— Nós sabemos. Ele ama você demais, linda. — Nick diz com um sorriso trêmulo e o fato deles

saberem disso não me ajuda e nem me acalma em nada.

— Eu preciso ir lá. — digo tentando me levantar, mas Carol me empurra de volta para cama.

— De jeito nenhum. O médico recomendou repouso absoluto. Você não vai se levantar daí, a não ser por ordens médicas. — fala duramente.

— Eu não vou ficar aqui sabendo que o amor da minha vida pode estar morrendo! Não vou ficar parada esperando por notícias! — grito entre soluços. — Se vocês me amam de verdade, vocês não vão tentar me impedir, porque vocês sabem que eu vou de qualquer maneira! E não há nada que me impeça de sair daqui!

Cinco minutos depois, estou sendo empurrada na cadeira de rodas por João, acompanhada dos meus amigos, em direção ao centro cirúrgico. Enquanto andávamos pelo corredor, eu podia sentir cada parte do meu corpo dolorida, como se tivesse tomado uma surra. Eu sabia que estava me arriscando saindo do quarto, mas meu médico concordou que o meu estresse talvez fosse ainda mais prejudicial do que estar indo em busca de notícias sobre Luca. E exatamente por isso, ele havia me liberado para que fosse até onde sua família estava agora à espera da sua cirurgia.

Eu não sabia com que cara olharia para sua família. De uma forma ou de outra sentia-me culpada pela situação. Afinal, Luca recebeu o tiro que seria direcionado para mim. Esperava que talvez eles pensassem da mesma maneira, mas vi que estava completamente enganada no momento em que avistei Mariah na sala de espera e ela saiu correndo ao meu encontro, antes de me abraçar com carinho.

— O que você está fazendo aqui? Você deveria estar em repouso. — me repreende, mas ainda assim não me solta dos seus braços e posso sentir suas lágrimas em minha pele.

— Até parece que você não conhece ela, Mariah. — Duda diz cruzando os braços em completa derrota.

— Eu não podia ficar lá. — digo em soluços. — Alguma notícia? Diga-me que está tudo bem, por favor! — suplico.

— Não temos notícias. — ela enxuga minhas lágrimas e as suas próprias. — O pior é que na sala ao lado da dele, aquela vagabunda está sendo operada. Deveriam deixá-la morrer! — afirma subindo sua voz alguns decibéis mais alto do que o permitido em um ambiente hospitalar. E eu entendo a raiva que sente.

— Anitta está viva? — pergunto, quando um arrepio passa por minha pele.

— Sim. — Sr. Campanaro responde.

Ele se levanta da poltrona em que estava sentado, com uma cara de completo horror. Ele se

ajoelha em minha frente e seu olhar traduz tanta dor, que meu coração se aperta em condolência.

— Me desculpa, minha filha, tudo isso é culpa minha.

— Não é. — engulo sem seco. — Ela mentiu e manipulou o senhor.

— Não importa, eu deveria saber. Deveria ter nos protegido dela. — afirma com pesar.

— O senhor não é culpado pelo que ela fez. Eu sei que o senhor teve apenas a melhor das intenções quando decidiu se casar com ela. Que não teria feito isso se não tivesse um motivo incrivelmente forte para fazê-lo. Anitta nos contou que ela fingiu que estava grávida e também orquestrou a morte da sua esposa para poder se casar com o Senhor. — termino de falar, para ver que todos ficam em estado de choque.

Eu sabia que ninguém estava esperando nada disso. Mas eu tinha de lhes contar o que realmente havia acontecido. Eu precisava disso. Todos precisavam disso.

— A verdade é que ela não podia ter filhos, porque antes dela se deitar com o senhor, ela passou a noite com Luca, exatamente como fez com o senhor e engravidou dele. — mais silêncio. — Mas ela teve um aborto problemático e acabou tendo que fazer uma histerectomia por causa disso. A verdade é que ela queria se vingar por tudo isso e por toda sua mente doentia. — todos na sala de espera murmuram maldições e começam a xingar ao mesmo tempo.

— Aquela filha da puta! — Thiago esbraveja.

— Eu não sou capaz de acreditar que ela fez isso! Ela matou a minha mãe! — Mariah cai sentada na cadeira, antes de colocar as mãos em seu rosto e começar a chorar.

— Ela confessou outras inúmeras coisas. — continuo.

— Mais? — Sr. Campanaro pergunta incrédulo.

— Sim. Anitta manteve um caso com Carlos durante todos esses anos. Eles desviaram milhões da Campanaro ao longo dos anos. — Sr. Campanaro dá uma respiração profunda — .Ela matou-o, quando ele insistiu que ela aceitasse o acordo de Luca para saírem de lá — .faço uma pausa para tentar segurar a dor e o alívio que me rasgam no peito — .Luca não me traiu. Foi armação dela, de Jéssica e de mais alguém que ela não disse quem era. Jéssica dopou Luca, mas nem assim conseguiu fazer sexo com ele. Elas filmaram tudo. A verdade é que Jéssica fez inseminação alguns dias depois de ir para lá .Luca tinha acabado de descobrir por um exame da idade gestacional e Anitta confirmou todo envolvimento dos dois.

— Sabia! — Thiago diz com raiva e os outros começam a murmurar xingamentos.

— Ela também foi culpada do seu acidente, não foi? — Sr. Campanaro pergunta em derrota e eu apenas aceno com a cabeça.

— Ela não disse o nome do outro cúmplice? — foi a vez de Rodrigo perguntar e eu me limitei a

negar com a cabeça.

Não ficou claro para mim quem fez o que, mas eu sei que de uma forma ou de outra ela teve a ver com tudo isso. Agora que sabemos de todas essas coisas, talvez seja mais fácil para que a gente consiga encontrar novos culpados. E eu espero que a gente consiga colocar um ponto final, tão logo Luca melhore.

Ficamos em silêncio enquanto aguardamos por notícias suas. Afinal, não há nada que se possa fazer a não ser carregar por um tempo um peso sufocante de impotência.

\*\*\*

É um nome horrível, *sala de espera*. Apenas ficar sentada ali, esperando a porra de uma notícia, sem saber se a pessoa que você ama vai viver ou morrer, é terrível. Eu não sei como as pessoas aguentam. Como conseguem lidar com isso. Eu parecia que estava a ponto de enlouquecer. Parecia que horas haviam se passado quando finalmente as portas do centro cirúrgico se abrem e de lá sai um médico com uma expressão cansada. E quando isso acontece, todos param o que estão fazendo para receber a notícia que tanto esperávamos.

— Família de Luca Campanaro? — pergunta se dirigindo a nós.

— Sim. — respondem todos em uníssono e ele apenas acena com a cabeça.

— A cirurgia acabou há poucos instantes. — seguro a respiração. — Conseguimos remover a bala alojada. Ela estava em uma área sensível, próxima a caixa torácica, que estava lhe causando uma hemorragia interna, o que podia causar dentre outras coisas, falência respiratória pela proximidade do pulmão. — aperto a mão de Carol. — Mas felizmente conseguimos reverter o quadro. Ele está agora em observação no pós-operatório, por pelo menos uma hora. Decidimos mantê-lo em coma induzido e com ventilação mecânica, até que possamos fazer um exame mais detalhado, sem o inchaço da cirurgia. Sua medicação será retirada aos poucos, até que ele possa reagir. E sua recuperação agora depende dele. — sorri em consolo.

Todos presentes gritam e comemoram com essa vitória. Eu respiro fundo e começo a chorar. Murmuro baixinho meus agradecimentos a Deus, por ter atendido as minhas preces. Por ter nos dado tantos livramentos nos dias de hoje. Todo medo que eu estava sentindo, indo embora aos poucos.

*Ele está vivo! Meu Amor estava bem!*

Acaricio minha barriga por cima da bata. Aliviada, pois pelo menos por hora ele não corre nenhum risco de vida. Ele está vivo. Estava vivo por nós. E eu não cansava de agradecer por isso. Eu não sabia como parar de agradecer. O homem da minha vida não morreu por tentar salvar a minha vida e a dos nossos filhos.

*Obrigada, Meu Deus!*

— Podemos vê-lo? — Sr. Campanaro pergunta em lágrimas.

— Como eu falei, ele não deve acordar dentre, pelo menos, as próximas 24h. Mas sei que vocês ficarão mais tranquilos vendo-o. Entendo que ele tenha muitos amigos, — olha para todos os presentes. — mas só posso permitir que a família entre. — encolho-me com a sua afirmação.

— Sou irmã dele. — Mariah diz imediatamente, enxugando seus olhos, emocionada.

— Eu sou o seu pai. — diz prontamente e o Dr. concorda.

— Tudo bem, se são apenas vocês... — Sr. Campanaro interrompe-o:

— Não. — Diz tomando o lugar de João atrás da minha cadeira. — Essa é sua noiva. — ele diz firme e eu me encho de gratidão por ele permitir que eu possa ver Luca depois de tudo.

O médico parece querer hesitar por uns instantes, mas acho que ele não quis discutir com uma mulher na cadeira de rodas e dois *Campanaro's* prontos para qualquer desafio, pois ele concorda e abre a porta para que a gente passe.

O corredor do Centro Cirúrgico parece mais o corredor da morte. Se eu tivesse um hospital, eu coloria um pouco mais de cor nessas paredes 'verde nada' para trazer um pouco de vida. Por que sinceramente? Parece a morte iminente.

Ele nos leva até o final do corredor, onde ele nos disse ser a sala do pós-operatório onde Luca estava agora. A sala do pós-operatório, é cercada por uma parede de vidro que nos permite ver quem está ali dentro, e mais algumas parafernalias médicas.

E no momento em que meus olhos se colocam sobre a maca, vejo que lá está ele. Visualmente pálido, com a lateral direita do seu corpo enfaixada e o restante do abdômen exposto, está deitado o meu amor. Luca está com um cateter no lado direito da sua mão, assim como o que eu tinha, mas ele também usava um tubo de respiração nasal e um medidor de batimentos cardíacos estava ligado a uma máquina ao seu lado. Lá também há uma enfermeira medindo sua temperatura e tomando notas sobre seu estado de saúde.

Foi impossível me controlar ao deparar-me com a cena e eu começo a chorar. Mariah alcança a minha mão e a aperta em consolo, parecendo tão arrasada por vê-lo assim quanto eu estava. Era tão estranho vê-lo assim. Tão estranho ver aquele homem todo parecendo tão frágil e vulnerável como víamos agora. E isso me doía tanto, porque eu estava acostumada a ver aquele homem que eu amava ao meu lado, protegendo-me, me dando aquele seu sorriso torto irresistível. No entanto, agora ele estava ali naquele estado por minha causa.

Ele pode estar assim nessa cama, mas sabemos que graças a Deus ele está vivo. Era isso que eu me dizia. Era dessa forma que eu tentava me acalmar. Eu precisava que ele ficasse bem. Ele não merece estar ali. Nós precisamos dele. Ele tem que ficar bem por nós.



*Ele precisa voltar por nós!*



# Desconhecido

Já era madrugada e ninguém estava ali. O monitor cardíaco apontava o coração irregular, a máquina de oxigênio lhe trazia o ar que ela precisava para respirar, porque ela não era capaz de conseguir respirar por si própria. Apesar disso, ela estava bem. Só que isso não aliviava em nada o aperto em meu peito.

Nada justificava tudo que ela havia feito e também havia me feito fazer. Nada justificava ela se tornar essa assassina fria e asquerosa que ela havia se tornado. Eu havia ajudado-a com isso. Eu era de alguma forma responsável por tudo que acontecera até ali. Eu quase havia destruído a pessoa que eu pensava amar, apenas por um capricho, orgulho e uma ambição descabida. A culpa e o arrependimento quase me consumiam por inteiro.

Só que por mais que tudo que eu tenha feito, eu sabia agora que não queria me igualar a ela. Mas para que eu tivesse a chance de ter uma nova vida, eu precisava agir. Pois se ela acordasse e abrisse a boca, todos saberiam que eu também era alguém culpado e eu não poderia permitir isso.

Seus olhos estavam fechados e ela parecia apenas dormir. Mas eu queria lhe falar antes de tudo.

— Eu não devia ter chegado até aqui, Anitta. — falei. — Mas cheguei e você também. E como diz o ditado: Vaso ruim não quebra fácil mesmo. Porque você está viva. Ao menos até agora.

Seus olhos se abriram arregalados e seu peito subiu e desceu rapidamente, sua boca abriu, como se ela quisesse dizer algo, mas nenhum som saiu. Seu semblante amedrontado apenas confirmava que ela parecia saber o que viria.

— Eu devia ter parado. — continuei. — Não. Na verdade eu nunca deveria ter aceitado isso tudo.

Novamente ela pareceu querer dizer alguma coisa, mas nada saiu.

— Vou dar um jeito de esconder todas as pontas e tudo que me liga a você. Acho que não vão investigar muito. Não tem como chegarem até mim. Mas enfim, era isso que eu queria vir aqui dizer. Você deve estar se perguntando por que eu estou dizendo tudo isso, quando na verdade é tarde demais. Mas não é tarde demais para mim. E sim para você.

Agora ela se agitou fortemente sobre a cama, mas ainda assim não conseguiu emitir nenhum som. E o monitor certamente não acompanhou as batidas aceleradas do seu peito, porque eu havia desconectado do seu corpo antes de começar a falar.

— Não se preocupe, Anitta. Você poderá morrer em paz. Tenho certeza de que você não ia querer ir parar na prisão. Obviamente isso não seria bom para a imagem que você tanto prezava. Por isso serei uma pessoa generosa como você não merece e irei lhe poupar disso.

E eu fiz a última coisa que eu achei que eu pudesse ser capaz de fazer um dia. Enquanto saía de seu quarto, o aparelho acusou a falta de sinais vitais. Achei que o remorso logo viria, como aconteceu da outra vez que atentei contra vida de uma pessoa, mas isso não aconteceu.

Continuei andando e fechei o jaleco tentando manter a naturalidade. Felizmente era madrugada e os corredores do hospital não eram movimentados. Logo os médicos e enfermeiros chegariam ali e eu não queria chamar atenção, por isso tratei de adiantar o passo.

Eu tinha tirado sua vida, mas havia ganhado uma nova chance para viver a minha.



# Capítulo 30

## Sophia

Neguei-me a sair do seu lado desde que o colocaram na UTI. Ele esteve bem após a cirurgia, mas o médico achou importante que ele ficasse ali para ter uma melhor evolução em seu tratamento. Sr. Campanaro cogitou transferir seu filho para São Paulo, para que tivesse o melhor tratamento que o dinheiro pudesse pagar, mas depois de um especialista de lá vir para cá e garantir que ele estava sendo muito bem atendido, sua família pensou melhor e o deixou aqui. O médico garantiu que o melhor era ele permanecer onde estava, porque uma remoção poderia ser prejudicial em seu estado.

As horas foram se passando e esse dia horrível parecia que nunca ia acabar. Eu não aguentava mais ficar nessa cadeira de rodas, mas me ameaçavam dizendo que me levariam de volta ao quarto caso eu saísse dela. Como eu ainda estava sob cuidados médicos, tive que convencer a enfermeira de continuar com a minha medicação no quarto de Luca. Ela não parecia muito contente de ter que percorrer um andar inteiro para ter que me medicar. Mas não me importei realmente, ela que peça um aumento ao meu plano de saúde.

No final da noite, meus pais chegaram da Bahia, onde Luca havia lhes enviado com a Giovanna e quando eles chegaram, o médico de Luca pediu que fôssemos embora, pois não apenas nós, mas principalmente ele, precisava descansar. Tentei retrucar, mas meu médico também veio me resgatar e foi irredutível com o fato de eu ter que descansar também, fez até com que eu voltasse para o meu quarto, mas eu simplesmente não conseguia dormir.

Imagens de tudo que aconteceu com a gente mais cedo aterrorizando minha mente. Parecia que tinha sido anos atrás, mas tinham sido apenas horas atrás. Era aterrorizante pensar nisso, mas por mais que eu tentasse, simplesmente não conseguia deixar de pensar.

O pior de tudo mesmo, foi vermos aquela filha da puta desgraçada se recuperando em um quarto perto de mim. Tudo bem que dois policiais faziam a guarda da sua porta e ela não tinha nem acordado ainda, mas nada mais justo do que ela ter o fim que merecia. Eu posso ir para o inferno por pensar assim, mas como eu poderia pensar diferente depois de tudo que ela nos fez passar?

Na manhã seguinte, acordei mais cedo do que eu me lembro de ter acordado alguma vez na vida. Meu pai com certeza ficaria orgulhoso se soubesse da minha “disposição” em me levantar. Enquanto minha mãe dormia na poltrona ao meu lado, peguei meu celular e consegui me sentar sem

a ajuda de ninguém na cadeira de rodas. Ainda doía e incomodava para caramba, mas nada que eu não pudesse suportar.

Felizmente eu tinha prática em como andar em cadeira de rodas, porque quando eu tinha dez anos, eu aterrorizava com a cadeira de rodas que minha avó usava quando fez sua cirurgia de desgaste do fêmur. Quando eu cheguei ao quarto de Luca, sua enfermeira estava trocando sua medicação.

— Está tudo bem? — pergunto imediatamente preocupada.

— Sim. — responde com uma sugestão de sorriso. — Estou apenas diminuindo a dosagem da sua medicação. — aceno com a cabeça, aliviada.

— Como ele passou a noite?

— Bem. Devido à medicação foi tranquila. — responde antes de anotar algo em sua prancheta.

— Você é a noiva dele? — pergunta curiosa ao voltar e olhar para mim.

— Sim.

— Ouvei dizer que ele tomou a frente do tiro para lhe salvar. — diz olhando para mim com curiosidade.

— Sim. — respondo trêmula ao me lembrar do acontecido.

— Ele realmente deve amá-la muito. Não se vê muitos homens que fariam isso por aí. Fico feliz por vocês que tudo esteja bem. — diz sem jeito e eu sorrio com gratidão.

A enfermeira continua a anotar algumas coisas e começa a aferir sua pressão, em seguida tira sua temperatura. Assim que ela está fazendo seu caminho para a porta ela se vira e fala novamente:

— Ah! Ontem esqueci de entregar os bens de valor que encontraram com ele antes dele entrar no centro cirúrgico. — diz, tirando do armário um saco plástico com alguns objetos.

Eu iria dizer que não me importava, mas eu avistei seu celular e comecei a pensar que talvez toda a confissão que Anitta fez não foi em vão. Será que ele gravou tudo? Luca é cuidadoso, ele nunca entraria lá sem pelo menos uma carta na manga. Recolho o *iPhone* dele do saco e tento ligá-lo. Descarregado. Imediatamente tiro a capa com bateria externa do meu e coloco no seu.

Enquanto seu aparelho ganhava um pouco de carga, meus pensamentos me levaram imediatamente para o dia anterior. E apesar de tudo ainda me deixar nervosa, consegui sorrir quando seu aparelho finalmente ligou e eu encontrei a gravação de tudo que Anitta havia nos dito.

— Sim, aquela vadia poderia estar viva, mas ela com certeza não sairia impune de nenhum dos seus crimes. — disse para mim mesma e consegui sorrir um pouco, depois de todo esse pesadelo.

\*\*\*

Eu nunca em minha vida esquecerei o cheiro deste lugar. Tem cheiro de desinfetante hospitalar, álcool e mais alguma coisa que deve ser o cheiro de hospital. De todos nossos problemas e merdas que acontecem em nossas vidas, a mais sofrida é sem dúvida, ter que esperar. Todo mundo lida com a pressão da espera de uma maneira diferente. Eu particularmente não lido bem com ela.

Sabe quando você está mal e não quer contar pra ninguém porque vão dizer que é frescura, mas só você sabe o quanto isso tudo te machuca? Ou então, como era meu caso, não queria falar um “ai” para ninguém, pois todos estavam preocupados com a minha gravidez.

Mas a verdade é que doía-me na alma ver Luca ali deitado naquela cama de hospital. Ele que era sempre tão forte, seguro e dono de si, agora me parecia tão frágil e indefeso. Tinha horas que eu olhava para ele novamente e começava a chorar pelo homem que amo. Porque por mais que essa espera me deixe agoniada, eu não quero pensar que ele não vai se recuperar. Eu quero apenas deixar todas as incertezas de lado e ter a certeza de que ele vai voltar para mim e nossos filhos.

E quanto mais o tempo passava ali e ele não acordava, apesar de já terem suspendido sua medicação, mais eu me questionava pelas minhas escolhas. Minhas decisões. Meus erros principalmente. Eu precisava tanto que ele acordasse, precisava pedir desculpas por tudo que eu fiz ou deixei de fazer. Por toda minha insegurança, erros bobos. E eu nunca quis nada disso. Podemos nos acertar. Podemos finalmente encontrar nosso *‘happy the end’*

Você pode cometer um erro e perder o seu destino? Eu esperava que não.

\*\*\*

— Está tudo bem? — Sr. Campanaro perguntou, entrando no quarto.

— Está sim. — esfreguei meus olhos, eu havia acordado do cochilo que eu dei, quando a enfermeira veio trocar a medicação de Luca a pouco.

Olhei novamente para o Sr. Campanaro e ele parecia tenso, o que fez com que meu alerta ligasse.

— Aconteceu alguma coisa, sogro? — perguntei, preocupada e ele suspirou.

— Anitta morreu essa madrugada. — falou e eu esperei que eu sentisse algo pela sua morte, mas isso não aconteceu.

Perdoe-me por isso, Deus. Mas eu realmente não sinto nada além de alívio.

— O que houve? — me vi obrigada a perguntar.

— Pelo que parece, ela passou mal na noite passada. Quando os médicos chegaram em seu quarto, não havia mais jeito.



Um pequeno pedaço meu lamentou sua morte, porque em algum lugar, por mais que ela já não tivesse mais contato com eles desde que casará com Sr. Campanaro, haviam pais que perderam sua filha. E por mais que Anitta não fosse a melhor das pessoas e tivesse feito tudo que fez, essa definitivamente era uma perda irreparável para eles.

— Como você sabe, eu não tenho contato com os pais dela desde que casamos. Mas por consideração, liguei para lhes dizer o que houve. Eles apenas disseram que não se importam. — comentou com pesar.

*Nossa! Isso era triste até para ela!*

— O que o senhor pensa em fazer? — perguntei e ele deu de ombros.

— Legalmente eu ainda sou marido dela. E por mais que eu a odeie por ter feito tudo que fez com Paola, com vocês, eu não poderia apenas deixá-la ser enterrada como indigente. — admite e eu assinto.

Eu o entendo. Apesar de tudo, ele não poderia apenas ignorar isso. Não quando nem seus pais queriam ter alguma coisa a ver com ela. Apesar de ter feito o que fez com todos nós, acho que nem eu conseguiria ser insensível a esse ponto e ignorar esse fato. Não estou dizendo que irei ao seu enterro, acho que nem ele e nem ninguém esperam que eu vá. Muito menos que chorarei uma morte que não me trouxe nada, nem tristeza, apenas alívio, mas, ainda assim, eu o apoio nessa decisão.

Por algum tempo ele ficou olhando seu filho deitado na cama, mil emoções passavam em seus olhos e eu não apenas sabia, mas podia sentir o quanto ele se sentia culpado por aquela situação.

— Ele vai ficar bem, sogro. — me senti na obrigação de dizer. Não apenas por ele, mas por mim também.

— Eu sei. — ele engoliu em seco. — Meu filho é o cara mais forte e incrível que eu conheço. Hoje eu entendo suas tantas atitudes que outrora eu discordava, mas que agora fazem tanto sentido. Eu apenas gostaria que eu pudesse tê-lo ouvido. Que eu pudesse ter feito diferente, para que ele não tivesse que estar aqui agora. — a tristeza em sua voz era palpável e eu me vi segurando sua mão.

— Não podemos ficar pensando nisso, nem ficar nomeando culpados, quando tudo que houve foi uma decisão de uma pessoa que agora está morta. — falei e ele aquieceu.

— Você tem razão. Mas isso não me impede de me sentir culpado por vê-lo aí. É meu filho, eu preferia estar em seu lugar. — sua voz embargou no final e eu me compadeçi.

Eu imaginava como ele se sentia. Eu era mãe, me senti desesperada apenas com a possibilidade de ferirem a Giovanna, não queria nem pensar em como me sentiria caso acontecesse um arranhão sequer na minha pequena.

— Você está bem? E meus netos? — ele perguntou e me deu seu primeiro sorriso desde que

chegamos a esse hospital.

— Estão bem, graças a Deus. — sorri de volta.

— Espero que sejam meninos. Já tenho minha princesinha, agora seria bom ter dois moleques para levar para paquerar as gatinhas. — piscou para mim.

Ele me abraçou e acho que foi um abraço que nós dois precisávamos. Seu abraço foi bem vindo e naquele momento eu me senti próxima de Luca. Senti mais do que nunca o seu apoio.

— Posso entrar? — João bateu à porta, parecendo sem jeito e eu me afastei do meu sogro, para ir até meu amigo.

— Claro. — beijei seu rosto e fiquei preocupada quando percebi o quanto ele parecia tenso.

— O que houve? — perguntei.

— Preciso contar uma coisa que aconteceu. — ele disse, sua expressão nada boa.

— Er... Eu vou deixar vocês a sós. Mais tarde eu volto. — Sr. Campanaro disse, querendo nos deixar a sós.

— Na verdade, eu acho que o Sr. vai querer ouvir o que tenho para dizer. — ele falou.

— João, pare de enrolação. Estou preocupada. — falei, meu coração batendo a mais de mil e ele respirou fundo antes de dizer:

— Eu descobri quem foi a outra pessoa que estava por trás de tudo.

## João

Eu não era uma pessoa de relacionamentos. Gostava da minha liberdade. Prezava pelos meus momentos. Não gostava de complicações. Bastava as que eu tinha em meu trabalho. Não sei em que momento eu percebi isso, mas tão logo senti essa necessidade disso, coloquei um ponto final em um relacionamento gostoso, em que o carinho e o respeito era o mais importante em tudo.

Não vou dizer que nunca fui apaixonado pela Carol. Fui sim. Durante muito tempo ela foi a garota por quem meu coração batia mais forte. Mas éramos muito jovens, novos demais, bobos demais e principalmente, amigos demais para mantermos um relacionamento naquela época.

Hoje, com quase 25, ainda não me vejo em um. Talvez no futuro. Mas definitivamente não agora. O que definitivamente não me impede de ter meus casos, de estar sempre na companhia de belas mulheres. De desfrutar de deliciosos momentos de prazer.

Foi o que eu estive fazendo nos últimos dias com ela. Usufruindo da companhia de uma mulher

linda, inteligente e divertida. Esse era meu tipo de mulher preferido. E Nina Campanaro definitivamente preenchia todos os pré-requisitos que eu tanto apreciava e o melhor, nós dois queríamos a mesma coisa: apenas nos curtir. Nada de relacionamentos.

— Você viu meu celular? — ela perguntou, saindo do banheiro, já arrumada para o trabalho.

— Não, gata. — terminei de vestir minha roupa, enquanto a via, procurando pela maldita bolsa que havia se perdido no quarto do seu apart hotel em algum momento.

— Tenho que achar esse celular. *Estoy* atrasada. Com Luca no hospital, tio August lá direto e tudo que aconteceu com Carlos, acabei acumulando trabalho deles. Me ajuda a encontrar, *cariño*? — perguntou manhosa e eu concordei.

Fizemos uma pequena bagunça ontem à noite. Eu era realmente uma pessoa exigente e ela não ficava atrás. Acho que por isso nos dávamos tão bem. A Italianinha era realmente um furacão e eu ficava feliz em lhe fornecer todo prazer possível.

— Vou ver se deixei na sala.

— Ok. Vou ver se encontro ele por aqui. — falei e ela concordou, antes de seguir até lá.

Olhei ao redor, pensando onde poderia procurar e comecei a remexer em cima da bancada, onde haviam alguns papéis e livros. Enquanto remexia, fui tirando algumas coisas do seu lugar e foi nesse momento que vi. Talvez não fosse nada demais, não quando a maioria das pessoas que conheço já leram ou ao menos têm um exemplar desse livro em sua estante. Mas depois de tudo que aconteceu nos últimos tempos, acabei cismando com Maquiavel.

Só que o que mais me chamou atenção ali, foi que enquanto eu folheava seu exemplar do *O Príncipe*, percebi marcações. Não precisei de muito para juntar todas as peças, que foram apenas se confirmando quando reconhecia cada trecho que eu sabia que Luca e Sophia receberam.

Ainda chocado, tratei rapidamente de mandar uma mensagem. Tudo fazia sentido agora, ela era a pessoa que havia enviado todos os bilhetes. A pessoa que estava acima de qualquer suspeita. Por isso ninguém nunca cogitou que ela estivesse envolvida com toda essa história sórdida. Mas agora esse livro apenas nos dava a certeza de tudo que vinha acontecendo.

— Joã... — ela começou a falar, mas paralisou, assim que me viu com o livro em minhas mãos.

Quem olhava para Nina, essa loira linda, com um corpo escultural ninguém nunca diria que ela tinha feito tudo que fez.

— Por que você fez isso? — perguntei, porque não havia mais nada para esconder. Eu não conseguiria fingir que não sabia, quando cada parte minha estava louca de raiva por tudo que ela causou.

— Eu não sé do que está falando. — ela recuou, tentando se manter indiferente, mas seu olhar

de pânico apenas lhe entregou.

— Vamos parar de teatro, Nina Campanaro. Você sabe que eu sou perito, posso ter demorado para juntar as peças, mas eu não sou burro. O que eu quero saber agora, é por que você fez tudo isso?

Ela novamente tentou negar, mas me mantive firme e chegou um momento que ela não conseguiu mais negar. Então chorando, ela enfim falou toda a verdade:

— Eu tinha quase vinte anos quando ela veio me procurar. Estava no terceiro ano do curso de administração e ela me procurou me propondo um grande negócio. Não sei como Anitta me encontrou, mas ela apenas fez. Disse que conhecia a família da minha *mamma* e que tinha um plano para conseguirmos a herança do meu *nonno*, sem que eu tivesse que dividir com nenhum dos *mios* irmãos. No início eu neguei, achei que era loucura, mas então eu o conheci.

Nina para de falar e chora copiosamente, mas eu não me compadeço enquanto escuto-a. Muito pelo contrário, sinto apenas nojo.

— Me apaixonei por Luca no momento em que pus meus olhos sobre ele. — confessa, me fazendo arregalar os olhos.

— O que? — agora consegui ficar ainda mais chocado.

— Ele cantava nos Pubs em Roma. E quando o vi, me apaixonei. — relembra. — Por vários dias eu tentei me aproximar, fazer com que ele me notasse, até que um dia ele finalmente me notou. Eu não conseguia pensar nele como *mio* primo. Ele era apenas o cara por quem me apaixonei a primeira vista e queria para mim. Tivemos uma noite maravilhosa. Foi loucura pensar que isso mudaria de alguma maneira, mas não mudou. No dia seguinte, fui apenas mais uma em sua cama. Foi quando eu decidi me juntar ao plano de Anitta.

*Oh merda! Ela é apaixonada pelo próprio primo!*

— Durante anos conseguimos impedir que minha *mamma* os encontrasse. A saúde de *mio nonno* piorou, eu achava que ele logo iria, mas isso não aconteceu. Eu moro no Brasil há seis anos. Vou a Portugal apenas para manter o disfarce. Tenho seguido todos os passos de Luca. Acompanhando sua vida. Queria-o somente para mim e odiei cada mulher que passou por sua vida. Mas elas eram apenas passageiras e eu aceitava, justamente por isso, por serem passageiras. Anitta me manipulava, me dizia que um dia eu teria minha chance, que ficaria com ele. E eu fui acreditando, me deixando manipular, cultivando um amor impossível, platônico e me vi saindo cada vez mais do controle. Mas isso realmente aconteceu quando ela apareceu na vida dele.

— Sophia. — Apenas afirmei.

— *Si*. Ele foi para ela, o que talvez jamais fosse para mim. Eu o via correr atrás dela e ela não

dava o valor que ele merecia. No era mulher para ele. Eu sempre fui essa mulher. — bate em seu peito, apenas deixando transparecer o quão louca ela realmente era. — Percebi que havia esperado tempo demais, que tinha que fazer alguma coisa.

— Você arquitetou tudo. — disse apenas.

— No. Eu *no* queria machucar ninguém. *No* queria. Mas eu tive que fazer. Eu *no* podia perdê-lo. *No* podia. E quando eu reapareci, achei que ele me reconheceria...

— Mas isso não aconteceu. — complementei.

Comecei a andar pelo quarto, tentando assimilar tudo. Tentando entender o que leva uma pessoa a cometer tanto absurdo. Mas era impossível, era muita coisa para uma pessoa só.

— No. Ele *no* lembrou de mim. *No* se lembrou que eu era aquela garota que estive com ele há tantos anos. Isso me doeu. Mas ele vai me entender. Vai entender que fiz isso por amor. — falou

Seu olhar estava vidrado e então percebi que ela era realmente louca. Não apenas uma louca qualquer, mas uma louca descompensada, que precisava de tratamento. E lidar com esse tipinho era muito complicado. Não tinha muito o que fazer, a não ser interná-la.

Isso me bastava. Eu não precisava ouvir mais nada. Era muita maldade. Nem acreditava que me envolvi com alguém tão ruim. Amaldiçoei-a. Na verdade eu estava imaginando ela e todas as pessoas envolvidas.

Quando algum tempo depois a polícia chegou e a levou sob custódia, eu consegui respirar aliviado. Finalmente essa história havia terminado. O pesadelo realmente havia acabado.



# Capítulo 31

## Sophia

Algumas semanas depois...

Os dias que se seguiram, foram realmente complicados. Depois de João descobrir que a Nina estava envolvida e era a responsável direta pelos bilhetes, meu acidente e mais tarde também confessou ser quem matou Anitta, a família Campanaro meio que entrou em estado de choque.

Nina realmente era uma pessoa com um desequilíbrio mental grave. Ela colaborou com a polícia, nos deu provas do seu envolvimento e principalmente do seu desequilíbrio mental. Foi encontrado um pequeno esconderijo secreto em seu armário, onde ela mantinha fotos, vídeos e outras amostras da sua fixação doentia por Luca.

É aquela velha história, minha mãe sempre mandou tomar cuidado com as pessoas que se fazem de boazinhas. Pois diz que elas são sempre as piores. Pois filhas da puta como a Anitta, no fundo, no fundo, a gente sabe com quem está lidando. Mas aí para nossa surpresa, nos deparamos com alguém que estava acima de qualquer suspeita e quando vamos ver, é ela quem oferece o maior perigo.

Você ver essa situação de fora, já é complicado. Mas você viver e sentir na pele seu descontrole e principalmente estar diretamente ligada a sua família, é mais complicado do que pode parecer. Primeiro vem a negação. Sua família mal podia acreditar que ela estava envolvida em tudo. Mas depois de alguns dias, foi impossível de se negar, pois além das provas serem incontestáveis, seu próprio testemunho apenas confirmava o que nós sabíamos: Nina precisava de tratamento.

Depois vem aquela fase em que todos ficaram meio que em luto, pois por mais que a Nina estivesse viva e com o melhor tratamento que um manicômio penitenciário poderia ter, ela parecia apenas regredir. Era realmente triste de se ver. E apesar de saber que ela havia feito tudo o que fez por um amor doentio, eu não conseguia sentir mais do que pena quando eu a via.

No meio de toda essa confusão, teve o momento emocionante que Luca finalmente acordou e voltou para nós. Como se eu já não tivesse emocionada o bastante por vê-lo voltando para nós depois de tudo, não pude negar o que ele me pediu assim que me viu diante dele:

— Chega de fugir de mim, agora você será minha para sempre.

A princípio tentei negar, mas alguns dias depois do seu internamento, Mariella veio pessoalmente se desculpar. Ela estava arrasada por tudo que houve, mas igualmente preocupada conosco. Pediu que não deixássemos que nada disso que nos aconteceu atrapalhasse a nossa felicidade e uma

coisa que ela disse nos marcou.

— Não se prendam, corram, fujam, ou corram mais *un* pouco, tentando mudar algo, tentando mudar *un* destino que ela, mesmo que doente, criou... Não deixem que esses acontecimentos inoportunos e cruéis, ditem a vida de vocês. O melhor que vocês podem fazer é esquecer, seguir em frente e aceitar. *Il* aceitei que *mia figlia* *tene* problemas e precisa de cuidados especiais para isso. Mas ainda assim lhes peço desculpas.

Depois de ouvi-la, foi impossível ignorar o seu conselho. Havíamos passado por tantos empecilhos e problemas, mas Luca foi taxativo em seguir com nossos planos de casamento. Tentei negar, dizer que com a Nina no manicômio penitenciário, o momento talvez fosse indelicado para comemorações. Mas ele apenas negou, dizendo que havíamos esperado tempos demais. Não seria eu a discordar quando era exatamente isso que eu queria também.

Por isso, duas semanas após sua alta no hospital, finalmente chegou o dia que nós por tanto tempo esperamos. Como havia acontecido desde que voltamos de Paris, não deixamos de passar a noite juntos. O dia amanheceu lindo, o tempo estava delicioso na fazenda *Di Palacci*. Acordei com beijos recheado de promessas do meu amor. E depois de nos amar mais uma vez antes do altar, cada um seguiu para suas obrigações.

A princípio achei que pudesse ser loucura mudar todo o plano do casamento. Mas depois percebi que não importava que mudássemos os planos do casamento de conto de fadas, pelo nosso próprio conto. Pois não importava realmente os detalhes, importava que eu estava me casando com a pessoa que eu amava e que eu tinha certeza que me faria feliz. E eu não poderia estar mais feliz e realizada por isso.

Antes de ir, Luca me entregou uma pequena caixinha de presente.

— Amor, eu disse que não precisava de mais presentes. — resmunguei e ele rolou os olhos.

— Apesar de nunca ter tido um porque você ter essa besteira comigo, agora não tenho mais desculpas para te presentear, já que você já é legalmente minha esposa no civil. Então apenas aceite, sem reclamar. — ele mordeu o lóbulo da minha orelha e eu gemi, já completamente entregue.

*Como resistir?*

Abri a pequena caixinha de veludo e me deparei com um lindo colar de pérolas.

— Esse colar pertenceu a minha mãe. Papa disse que foi o primeiro presente que ele comprou para ela após o casamento. Como a gente sabe, o dinheiro que ele ganhou do dote foi investido todo na fundação da empresa. Por isso ele juntou dinheiro por meses. Cada pérola representa um mês de economia. E quando ele teve dinheiro para pagar todo colar, ele queria que representasse seu casamento. Por isso a cor da pérola é rosa, pois ela representa Amor, Lealdade, Generosidade,



Romance e Bondade. E durante mais de vinte anos, meus pais tiveram isso, acima de qualquer coisa. Além do amor, que nós temos de sobra, eu queria te presentear com algo que poderia apenas nos fortalecer. — ele disse, me deixando emocionada.

— Obrigada, meu amor. É lindo. — agradei, beijando seus lábios. — Eu também tenho um presente para você. — sorri e fui até minha bolsa, de onde eu retirei uma caixinha e lhe entreguei, sabendo que nesse momento eu não poderia lhe dar presente melhor.

— O que é isso? — perguntou, como sempre curioso.

— Abra. — incentivei, sorrindo. Já começando a me emocionar.

De dentro da caixinha Luca tirou um cartão que dizia: “Quando crescermos, queremos ser iguais ao papai.” Ele me olhou sorrindo, antes de ir ansioso retirar dois *bodies* de bebês estampados com terno e gravata.

— São me-meninos? — perguntou com a voz embargada e eu assenti, já sentindo minhas próprias lágrimas. — Quando... Como?

— Fiz o teste de sexagem fetal há alguns dias. Eu sabia que você gostaria, então...

Ele não me deixou completar, antes de calar a minha boca com um beijo. Depois de me dizer com palavras o quanto estava feliz, ele se abaixou para conversar com minha barriga, onde nossos pequenos cresciam. Eu sabia que ele estava ansioso por isso e assim como ele ficou quando descobriu que eram gêmeos, ele chorou novamente emocionado. E mais uma vez desde que saímos daquele maldito hospital, eu agradei a Deus por poder compartilhar esse momento com ele.

\*\*\*

Após passar o tempo no meu “*dia de noiva*” com a Gio, minhas amigas, minha vó e minha mãe, onde uma equipe especializada fez todos os tratamentos, procedimentos estéticos possíveis e muitos dos quais eu nem sabiam que existiam, finalmente me olhei no espelho após vestir meu lindo vestido de noiva.

O vestido estilo princesa era branco, com um busto natural em cetim de seda e organza de seda. Dei graças a Deus dele ainda me servir mesmo que minha barriga já esteja apontando. Se quando o experimentei meses atrás eu já tinha ficado emocionada, agora prestes a me casar foi impossível não me emocionar novamente. Ele era perfeito e eu me sentia linda como jamais me senti em minha vida. Sentia-me linda e realizada.

Eu não usaria nada em meu pescoço, pois era adepta ao menos, mas depois do lindo presente que recebi essa manhã, foi impossível não subir ao altar com o colar que ele havia me dado. Depois de comer as amêndoas com Luca na noite anterior, eu também usava todos os objetos que a Nonna havia me presenteado para usar durante a cerimônia e havia seguido a risca o restante das

tradições que ela havia ensinado.

Meu pai se emocionou também quando foi me buscar em meu quarto. Disse o quanto estava feliz e orgulhoso de mim. Que queria apenas desejar felicidade para nós e que sabia que Luca era o homem certo para fazer isso pelas suas meninas.

E na hora marcada eu finalmente estava diante da porta da igreja. Mesmo sabendo o quanto eu realmente queria me casar com Luca, minhas mãos tremiam descontroladamente e eu suava frio. Precisei fazer uma prece para Deus não deixar que eu tivesse um treco a caminho do altar. Também pedi para os nossos bebês que se comportassem, porque há alguns dias eles haviam começado a mexer e eram muito danados.

Estava mais nervosa do que estive em toda a minha vida. Mas quando as portas da igreja se abriram e a marcha nupcial começou a tocar, eu não vi mais nada e não consegui desviar meus olhos dos seus. Enquanto caminhava, estava emocionada demais e quando cheguei ao encontro dele no altar, mal pude controlar minhas lágrimas.

Mas eu não era a única emocionada. Luca parecia não conseguir esconder o quanto estava emocionado também. Enquanto eu não paro de chorar, meu pai me abençoa e beija minha testa, antes de me entregar a Luca que sorri para mim daquela forma tão linda, que eu sei que nem que eu o odiasse com todas as minhas forças ou perdesse a memória ou vivesse milhares de vidas após essa, eu poderia me esquecer do seu sorriso brilhante e incrivelmente lindo.

— Você está linda. — ele sussurrou, beijando minha testa.

Ele estava lindo demais. Com um terno todo na cor branca, ele parecia um príncipe perfeito saído dos contos de fadas. O meu príncipe.

— Estamos aqui reunidos, para selarmos a união de Luca Di Palacci Campanaro e Sophia de Almeida Montenegro. — o padre começou.

Com as mãos na sua, a cerimônia seguiu e enquanto o Padre falava, eu e Luca não conseguíamos desgrudar os olhos um do outro. Meu coração batia cada vez mais forte em meu peito, a emoção e o amor sendo as únicas coisas que me moviam.

Nós dois unimos nossas mãos direitas, ficando de frente um para o outro e nos olhamos. Então eu começo a repetir as palavras do bispo:

— Eu, Sophia, recebo-te por meu esposo, Luca, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida. — Consegui repetir suas palavras, não sei como.

— Eu, Luca, recebo-te por minha esposa, Sophia, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida. — sua voz embargada e

suas lágrimas de emoção, apenas fizeram impossível que eu não chorasse.

— Fugindo um pouco do convencional, o noivo gostaria de fazer um outro voto. — o padre disse e eu olhei para Luca confusa, antes de vê-lo se abaixar perante à Gio, que mais parecia uma verdadeira princesa.

— Giovanna, minha princesinha, posso te prometer uma coisa? — ele perguntou, se ajoelhando e ela assentiu. — Eu prometo sempre segurar sua mão e estar com você em todos os momentos da sua vida. — disse, já se engasgando em lágrimas e eu já não estava muito melhor quando entendi o que ele faria. — Prometo ler para você antes de dormir, ser seu aconchego, seu porto-seguro em cada chuva e te dar o Sol a cada amanhecer. Prometo assistir filmes de princesas e nunca permitir que você deixe de ser a minha. Minha pequena princesa dos olhos verde-esmeralda, prometo colocar todos os meninos que aparecerem em nossa porta para correr, pois nunca vou aceitar que você deixe de ser a minha menina. Minha pequena. E, acima de tudo, vou te proteger e te amar para sempre, como um pai ama um filho, pois você é e será eternamente minha filha. — completou.

E depois que ele disse essas palavras, eu não prestei mais para nada, de tão emocionada que eu estava. Acredito que não existia uma pessoa ali presente que não estivesse da mesma maneira. O padre nos declarou marido e mulher e ele me beijou como jamais beijou antes.

Luca Campanaro era a encarnação de todas as minhas fantasias. Era o tipo de príncipe que toda garota sonhou um dia, e agora mais do que nunca, ele era a minha realidade. Meu marido. Acabei de me tornar Sophia Campanaro e não sei se realmente consigo entender o turbilhão de emoções que estou sentindo nesse momento. Estou chorando e rindo, tudo ao mesmo tempo. É apenas muito bom para ser verdade.

\*\*\*

Não havíamos tido muito tempo para ensaiarmos, principalmente quando Luca havia saído do hospital há poucos dias, mas na hora da nossa primeira dança como marido e mulher, demos um show ao dançarmos *Thinking Out Loud*. E enquanto a música tocava, foi impossível não chorar enquanto ele cantava cada trequinho da canção, que nada mais era do que uma promessa de uma vida em que eu sabia que sempre estaríamos ali um pelo outro.

Combinamos que cada um de nós cantaria uma canção para o outro e eu fui a primeira a subir no palco para cantar *Eu sei que vou te amar*. Quando terminei de cantar, ele me beijou e novamente repetiu o quanto me amava, antes de seguir para fazer a sua apresentação. Como se já não fosse o bastante emocionante para mim vê-lo cantar *Just The Way You Are*, levei a mão à boca quando no meio da canção uma nova voz começou a cantar e qual foi a minha surpresa quando reconheci o próprio Bruno Mars cantando nossa canção.

# Luca

Quando eu a prometi que a faria feliz, comecei a colocar isso em prática já na nossa festa de casamento. O Bruno Mars estava em turnê pelo Brasil e apesar da Campanaro ser uma das suas patrocinadoras na turnê, achei que seria difícil convencê-lo a cantar uma canção sua, mas não foi. Ele ficou feliz em saber que suas músicas eram praticamente a trilha sonora do nosso relacionamento e recusou terminantemente qualquer cachê que eu ofereci para que ele pudesse vir hoje à noite.

Nosso casamento foi lindo, com nossos amigos e familiares, e como fã e marido bobo e apaixonado, não tenho ciúmes de dizer que ele apenas brilhou nosso momento. E poder dividir esse momento com as pessoas que amamos, foi mais do que especial para nós.

\*\*\*

Depois de curtimos bastante a festa, tratei logo de pedir para Sophia jogar o buquê, para finalmente podermos ir embora e eu não fiquei surpreso em ver Mia pegá-lo. A senhorita abaixo ao casamento ficou surpresa, porque obviamente não esperava isso. Principalmente quando ela nem estava no meio das mulheres que estavam em alvoroço à espera do buquê. O destino com certeza deu uma ajudinha. Acho que em breve teremos um casamento seu. Só resta saber se os caminhos até lá serão mais fáceis para meu amigo, porque eu acredito que não serão.

Resolvemos não sairmos essa noite, porque amanhã pela manhã viajaríamos com a Giovanna pela Europa em uma Lua de Mel em família. Mas hoje à noite seria apenas nós dois.

— Cansada? — perguntei, com ela em meu colo e ela riu.

*Deus! Como ela era linda!*

— Apenas um pouco. O dia foi puxado, apesar de ter sido muito mimada. — sorriu e beijou meus lábios suavemente.

— O que você acha de um amorzinho gostoso e depois de consumarmos nosso casamento, uma massagem? — perguntei com meu melhor sorriso safado e ela gargalhou.

— Acho ótimo. — ela disse, antes que eu a colocasse em pé no chão.

Eu beijei minha esposa, dando a ela o meu presente e prometendo o futuro que iríamos construir e compartilhar juntos. Nosso beijo garantia mais do que uma vida. Nosso beijo garantia que ela era a minha vida e o meu futuro. Conhecer Sophia, foi como um quebra-cabeças que foi se encaixando. E o que faltava achei nela. E agora ela me fazia sentir completo.

Nunca havia me sentido dessa maneira com ninguém. Mas agora com Sophia sendo Sra.

Campanaro eu sentia uma emoção que eu nunca senti antes. Não conhecia nem imaginava que existia algo assim, tão forte e intenso. Eu apenas sabia que era para ser assim. E era para ser com ela. Era para sermos 'nós'. Pode parecer clichê, mas não, não consigo imaginar uma vida sem que estejamos juntos.

Eu virei Sophia de costas e abri o zíper de seu vestido lentamente, beijando cada pedacinho de pele que eu podia. Eu precisava dela, mas eu estava prolongando nossa noite o máximo que eu pudesse. Empurrando o vestido tomara que caia para baixo, deixei-o cair em seus pés, formando uma piscina de seda e *chiffon* e qualquer que seja o inferno de tecido, mas o que importa é que esse vestido estava fora e eu a tinha toda para mim.

Minha mulher estava vestida apenas na porra de um body com uma tanga fio dental de renda branca, ligada a uma cinta liga no meio das suas coxas torneadas. Eu tive que puxar a respiração uma e outra vez, porque mesmo que a barriga dos nossos filhos estivesse começando a apontar na sua barriga plana, ela tinha um corpo que era quase irreal.

Seios fartos, que eu quase não podia acreditar que não eram dela e quase sempre esquecia disso. Uma cintura em forma de violão, que parecia ter sido feita para que eu corresse minhas mãos pelas suas curvas. Uma bunda linda e empinada. Um par de coxas durinhas e deliciosas. E seu rosto doce e perfeito, como uma boneca. Tudo isso formando um conjunto perfeito na mulher mais linda que eu pude colocar os olhos.

*Deus! Seu cheiro era divino!*

O cheiro doce dela era incrível. Eu podia quase sentir a suavidade de sua pele e dos seus cabelos e eu podia saboreá-la, sentir o cheiro de seu xampu, do seu perfume. Tudo sobre ela me levava à loucura. Mesmo que estivemos juntos pela manhã, eu sinto falta dela pra caralho, tanto que eu mal posso respirar às vezes.

Desde aquele bendito dia do elevador, não há nada que eu não queira com ela. Desde a primeira vez que nos tocamos, eu conheço cada pedacinho do seu corpo mais do que o meu próprio. Enquanto eu a beijava, parecia que cada centímetro de Sophia já estava entranhado em minha mente, mas agora tocando e provando a pele dela como minha esposa, fez novo tudo novamente. Enquanto eu a colocava na cama e beijava seu corpo, eu parecia não ter o suficiente dela. Ela era minha, e essa coisa perfeita entre nós nunca ia ser arruinada novamente.

*Sophia me possui. Completamente. E eu faria qualquer coisa por ela.*

Não querendo mais perder tempo, me despi rapidamente, antes da minha boca ir de encontro a sua novamente e percorri a língua em seus lábios entreabertos, degustando o sabor doce que apenas ela tinha. Não me cansava de provar, era um vício que eu definitivamente iria carregar

para o resto da vida.

Eu estava louco para tê-la complemente. Mas por mais que minha vontade fosse ir logo aos finalmente, esse momento pedia mais e eu dei. Unindo seu corpo ao meu fazendo-nos um só. Posicionei-me em sua entrada molhada, entrando devagar em seu canal apertado, arrancando gemidos deliciosos tanto de prazer quanto de necessidade de mais.

Sophia estava impaciente, levantou, seu corpo colando ao meu e voltei a penetrá-la devagar, pois do jeito que eu estava, não sei se aguentaria se ela se movimentasse demais e eu não queria que isso acabasse logo. Queria degustar do seu corpo como devia ser, como ela merecia que eu fizesse: com adoração.

— Você é muito safadinha. — brinquei, voltando a penetrá-la e tirando meu membro, apenas para provocá-la.

— Não sou safada, você que é muito gostoso. — disse e eu ri, mas meu riso se tornou um gemido quando deslizei meu pau mais um pouco dentro dela.

Sua carne quente me envolveu levando-me à loucura e eu precisava me mover, mas queria apenas dar mais e mais a ela. Desgrudei meus lábios dos seus e com meus olhos presos aos dela, queria que ela entendesse o que esse momento representava para mim. Para nós.

— Eu te amo, minha *princesa*!

Ela sorriu e segurou meus cabelos, puxando-me até ela, sua boca quase encostando a minha.

— Eu também, meu amor. — ela sussurrou, antes de rir gostosamente.

Começamos a nos mover e eu estava em êxtase pelo simples fato de pertencer a ela. De saber que ela era minha e eu era dela. Não havia mais nada que pudesse dizer ao contrário. Eu, Luca Campanaro, estava entregue e rendido.

— *Em qualquer tempo. Sempre minha. Sempre nosso.* — sussurrei em sua boca.

— Para sempre. — ela respondeu e eu sabia que ela estava certa.



# Capítulo 32

## Luca

Alguns meses depois...

Depois de um dia de descanso com a família, no final da tarde eu já estava vestido para a cerimônia de daqui a pouco. Desci para adega do casarão da Fazenda da minha família, depois que Sophia terminou de arrumar a nossa filha. A Giovanna estava comigo, uma princesa com seu vestido de dama de honra branco, com uma fita preta e uma rosa vermelha amarrada na cintura. Enquanto ela brincava na mesa de Totó com Vittoriozinho, irmão de Henrique, eu olhava Thiago andando de um lado para o outro.

— Você vai fazer um buraco nesse maldito chão se não parar de andar como um louco. E se isso acontecer, eu vou te cobrar a restauração, porque esse piso tem mais de cem anos! — eu disse irritado para Thiago.

— É fácil você dizer para eu me acalmar, porque você já passou por isso. Mas não se esqueça que fui eu e Henrique que aguentamos você antes da cerimônia. Se eu bem me lembro, você estava tão nervoso que eu tive que segurar você para não chegar bêbado ao seu próprio casamento. — ele falou nervoso e eu revirei os olhos, apesar de ser verdade.

— Por isso mesmo que estou dizendo. Eu já passei por isso e sei que quanto mais nervoso você ficar, pior. Apenas relaxe, ok? — eu lhe garanti, dando um tapinha amigável no seu ombro.

— Bom, vou me lembrar dos seus sábios conselhos quando Sophia estiver pronta para dar à luz aos gêmeos, e você virar uma pessoa insana andando de um lado ao outro no chão. Não se preocupe, eu vou retribuir o favor com a oferta de uns tapas. — ele falou sério.

A merda do truque dele funcionou, porque eu enfiei meu rabinho entre as pernas só com o pensamento do nascimento dos meus filhos em breve. Eu já me via nervoso sobre qualquer coisa desde que eu soube que minha amada estava grávida, agora então que estávamos a cerca de algumas semanas do nascimento dos gêmeos, meu nervosismo havia triplicado. Fora que eu não conseguia mais sair de casa sem ela. Evitava ao máximo meus compromissos e os que eu não podia evitar, eu levava minha mulher e minha filha junto.

*Sim. Eu estava meio neurótico mesmo! Julguem-me por isso!*

Logo em seguida, Henrique entrou na sala. Ele também já estava vestido com seu smoking. Nós não o víamos desde ontem à noite e ele estava parecendo tão irritado, que eu tinha quase certeza



do por que ou mais precisamente, por causa de quem, ele estava assim com cara de que tinham batido no seu cachorro.

— Tio Henrique, Vittoriozinho tá roubando — .A Giovanna disse com um biquinho, com os braços na cintura assim que avistou-o ao meu lado e ele pareceu suavizar.

*E quem não suaviza com minha princesa com os olhos mais lindos?*

— Gio, você é uma menina inteligente, tenho certeza de que vai achar um jeito dele te pagar por isso. — Henrique disse, na mesma altura que ela e eu cerrei meu olhar, querendo entender onde ele queria chegar com essa história.

— Acho que sim. Ele se acha esperto só porque é mais velho que eu. Quer saber, tio? Vittoriozinho não perde por esperar — .ela prometeu, com tom de desafio e eu não pude conter o meu sorriso de orgulho.

Por um momento, nós três observamos os dois discutindo enquanto subiam a escada para a parte superior da casa. Minha pequena princesa tão linda e já tão decidida e ao mesmo tempo doce como sua mãe. Um pensamento sobre o futuro passou pela minha cabeça e eu imediatamente me condeno por tais pensamentos.

*Não. Isso não iria acontecer um dia!*

— Eu não sei, não. Mas eu tenho uma ligeira impressão que esses dois terão muita história para contar. — Henrique disse, parecendo ler meus pensamentos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, não querendo saber.

— Só um pressentimento. — ele comentou, dando de ombros e terminando com uma risadinha maldosa.

— Nem fodendo! Enfie seus pressentimentos no rabo! Vittoriozinho é cinco anos mais velho do que a Giovanna. — eu defendo apressadamente e Thiago e Henrique se entreolham antes de começarem a rir.

— Você sabe que isso não impede nada, não é ?É praticamente a diferença de idade que você tem com Sophia. E eu de Mariah — .Thiago disse, parecendo mais relaxado.

Henrique concorda com ele, enquanto eu nego com a cabeça. Eu não conseguia nem formular o quanto toda essa ideia era absurda. Não conseguia sequer pensar em uma possibilidade sobre um relacionamento amoroso para minha filha. Mesmo que isso fosse em um futuro muito, mas muito distante.

— Nem pensar! — continuei negando.

— Uh. Desculpe, mas Mariah é sua irmã e isso não me impediu de estar com ela. Vamos nos casar hoje, lembra? — Thiago pergunta irônico.

— Isso é diferente! A Giovanna é minha filha! — eu defendo, sentindo o suor escorrer pelo meu rosto.

*Acho que estou ficando tonto!*

— E? — Henrique perguntou rindo.

— Ele é seu irmão, Henrique! — eu aponto incrédulo.

— E o que tem isso? Só por que ela é sua filha e ele é meu irmão? Isso não impede nada, você sabe. — Henrique diz, rindo.

— Claro que impede! Pelo amor de Deus! Ela só tem seis anos de idade. E fora que eu jamais permitiria que ela namorasse com um cara mais velho do que ela, como Vittorizinho. — eu avisei, apontando para escada onde eles acabaram de sair.

*Ok. Tenho que confessar que talvez eu ache que eu nem vá permitir que ela namore um dia!*

— Escute um conselho de amigo, Luca: o que tiver de ser, será. — Henrique avisou.

Ele retribuiu o tapinha em meu ombro e eu rosnei para Henrique, com o pensamento da minha princesinha namorando no futuro. Isso me levava insano.

— Esteja preparado. — Thiago disse e eu olhei para ele, prometendo uma morte por esquartejamento, enquanto ele estava pegando um copo de uísque.

*Jamais estarei!*

— Aonde tem gelo? — Henrique perguntou voltando a parecer irritado, enquanto se servia de uísque no carrinho de bebidas.

— Arranje para dois. — Thiago falou, despencando em cima do sofá com seu copo cheio e eu bufei.

— O que aconteceu? — eu perguntei a Henrique, embora eu pudesse supor.

— Mia. — ele respondeu, virando o copo de uísque mesmo sem gelo.

— E o que foi que houve? — voltei a perguntar.

— O de sempre. — ele falou, antes de voltar a se servir e virar o copo novamente, e eu tomei o copo de sua mão.

— Ok. Está bom por agora. — eu disse a ele, lhe dando o meu melhor olhar de aviso.

Desde que Mia voltou dos Estados Unidos, as coisas não vão muito bem entre eles. Eles são teimosos pra caralho e pelo visto nenhum dos dois quer dar o braço a torcer. Eu queria poder ajudar, mas ambos são meus amigos e eu realmente não quero me meter. Só espero que os dois deixem de ser uns cabeçudos e se resolvam logo.

— Que se foda! — ele disse voltando a se servir e eu decidi ignorar por hora, quando vi meu

celular tocando.

— Oi, *baby*. — eu atendi com um sorriso pateta, quando vi que era minha esposa.

— Uh. Amor, você poderia vir me dar uma ajudinha aqui? — Sophia perguntou nervosa ao telefone.

— Está tudo bem? — perguntei nervoso, como sempre.

*Será que sua bolsa havia estourado?*

— Sim. Só estou com um probleminha com uma ‘coisa’ aqui. — ela disse.

— Tudo bem, estou a caminho, amor. — eu falei antes de desligar.

Sophia tem tido tantos desejos, que tem horas que acho que vou ficar louco. Mas quem sou eu para contrariar uma mulher que por si só já é uma dinamite, imagine com os hormônios de gravidez. Fora que ela merece, pois além dela me fazer o homem mais feliz do mundo, ainda está carregando nossos filhos.

— Problemas no Paraíso? — Henrique perguntou de forma sarcástica.

— Não. Minha mulher só me traz solução. — sorri, convencido. — Vou lá em cima ver o que ela precisa. Vocês podem, por favor, se controlarem e sobreviverem sem ficarem bêbados até que eu volte? — eu perguntei com tom de aviso e eles deram de ombros.

Eu ainda pude ouvir o burburinho da cozinha, quando subi a escada da adega para a sala. Pelo visto os preparativos ainda estavam a todo vapor. Quando cheguei à porta do nosso quarto, eu bati para logo em seguida abrir. Eu abri a porta e a fechei rapidamente quando a vi se movimentando de um lado ao outro pelo lugar.

Sophia estava usando apenas um sutiã tomara que caia e uma calcinha tipo shortinho de renda, com uma cinta liga preta nas coxas. Apenas a visão dela já me fez louco. Mesmo com quase oito meses de gravidez e uma enorme – e estupidamente linda - barriga de gêmeos, minha esposa me proporcionava uma visão incrível.

Eu andava praticamente de cueca pela casa ou com roupas de fácil acesso por causa da Giovanna, porque se antes minha delícia já era uma safadinha, agora com todos os hormônios da gravidez ela era um estouro. E eles parecem apenas terem aumentado mês após mês. Não que eu esteja reclamando. Muito pelo contrário, por mim eu a manteria grávida frequentemente.

*Era um tesão do caralho!*

— Uh. Acho que quem está com problemas agora sou eu. — murmurei para mim mesmo.

Engolindo em seco, continuei a ‘comer’ minha linda mulher com os olhos, sentindo meu pau já duro por ela apenas com a sua visão. Sophia olhou para mim e sorriu, me conhecendo como ela me

conhecia, ela sabia exatamente o que fazia comigo.

— Bem... Que bom que você veio, amor. — ela disse ainda com um sorriso provocante.

— O que houve, *princesa*?

— Eu estava muito irritada, porque eu experimentei o vestido e tenho a ligeira impressão de que ele está mais apertado do que ontem.

Levantei a sobrancelha e continuei olhando para ela, sabendo exatamente aonde ela queria chegar com essa conversa, mas querendo desesperadamente que ela chegasse. Eu adorava quando ela me dizia exatamente o que ela queria que eu fizesse com ela.

— Pensei que talvez eu pudesse perder umas calorias antes de usá-lo daqui a pouco. — ela falou com um sorriso tímido e eu ri fechando a distância entre nós dois e beijei sua boca deliciosa.

*Derreto completamente quando Sophia me olha desse jeito. Como posso dizer “não” pra ela?*

— Fiz uma promessa para vida toda. Estou aqui para lhe satisfazer, Sra. Campanaro. — Ela riu, antes de morder os lábios e voltar a me beijar.

Antes de chegar mais perto, Sophia começou a tirar a minha roupa e eu de bom grado deixei. Assim que terminou seu trabalho, ela bebeu todo o meu corpo com os olhos e em seguida sorriu para mim. Eu amava o fato dela adorar meu corpo, assim como eu amava o dela. Cada vez que ela olhava assim para mim, me deixava louco e eu tinha uma enorme vontade de recompensar a porra do meu *personal trainer* pelo seu trabalho.

— Hum. Marido, eu amo muito a visão de você nu. Muito mesmo. — ela disse provocativamente, me deixando cada vez mais duro.

— Esposa, você é muito, muito safadinha. E eu amo muito, muito isso. E amo muito mais ainda o espetáculo que é o corpo da minha mulher. — eu disse inclinando-me para beijá-la.

Consegui fazer um trabalho rápido em tirar sua lingerie, porque mesmo que ela ficasse linda com qualquer merda de lingerie sexy e até as ‘não-sexy’ lingerie cor da pele, os pedacinhos mínimos de pano atrapalhavam muito o que eu pretendia fazer com a minha mulher. Por isso quase sempre eu rasgava suas calcinhas e por mais que a minha vontade fosse de fazer isso, apenas a tirei com cuidado. Assim que terminei de despi-la, foi a minha vez de admirá-la.

*Deus, ela era linda!*

A visão de sua forma voluptuosa e nua, enviou minha ereção balançando contra meu estômago. Não sei que diabos era, mas para mim Sophia ficava cada dia mais linda. Era como um vinho. Ela era uma obra divina a ser admirada. Por mim, claro. E eu pretendia desempenhar meu papel nisso o resto da vida e estava mais do que feliz por isso.

Enquanto nosbeijávamos ardentemente, segurei seus seios que estavam inchados e conseguiam

ficar cada vez mais lindos e deliciosos. Brinquei com os seus mamilos, até que eles estivessem duros, o que fez com que Sophia gemesse, meu som preferido do mundo todo.

Mordisquei seu lábio inferior entre meus dentes. Ela então levou as mãos ao redor de meu pescoço, acariciou e puxou meu cabelo da nuca. Eu gemi em sua boca, enquanto fui arrastando meu dedo dos seus seios, até o ápice do meu desejo.

— Quer dizer que você estava certa de que conseguiria me convencer a fazer qualquer coisa, mesmo que esteja acontecendo o casamento da minha irmã daqui a pouco? — eu perguntei ironicamente e ela riu em minha boca.

— E quando não consigo convencer você sobre isso? — ela perguntou com sarcasmo, se afastando de mim e eu gemi por ela já estar tão longe.

— Nunca. Você me conhece tão bem. Porque eu nunca me canso de você. — eu afirmei, trazendo ela de volta para mim.

Uma coisa ela estava mais do que certa, eu realmente nunca me cansava dela. Era incrível. Era explosivo. Ela conseguia me complementar por inteiro. Estar com Sophia era apenas como se fosse o paraíso para mim.

\*\*\*

Depois da linda cerimônia, Mariah e Thiago continuaram a festa com as tradições italianas e quebraram suas taças, porque segundo dizem, o número de pedacinhos de vidro no chão representa a quantidade de anos que serão felizes no casamento e pela quantidade de cacos, eles dois terão felicidade eterna. Em seguida, eu e Sophia fomos intimidados por eles a cantarmos juntos no palco, então cantamos a música da primeira dança dos noivos, *Incancellabile*.

Após cantarmos, cumpri meu papel de irmão, ao dançar com Mariah e de ter dançado com minha *Nonna* e estava doido para dançar com minha esposa, quando o outro amor da minha vida me intimou no meio caminho.

— Tio Luca, dança comigo? — Giovanna pediu, com aqueles belos olhos verdes, que eu faria tudo para vê-los sempre brilhantes assim.

— Claro que sim. Você é a minha princesinha. Tudo por você. — eu disse sinceramente, levando-a para a pista de dança.

Enquanto dançava com a minha pequena, avistei minha esposa de longe conversando com nossos amigos e alisando sua barriga. Eu não me cansava de admirá-la. Ela era tão linda e eu a amava tanto. Não via a hora dos nossos pequenos chegarem.

Sophia estava linda, usando um longo rosa claro com um decote fabuloso da *Prada*, segunda ela, de corte com inspiração grega, que realçavam suas belas curvas e delineavam seu lindo barrigão.

Enquanto ela lamentava os doze quilos que havia ganhado na gravidez, eu agradecia aos céus o fato dela ter ficado ainda mais gostosa. Coisa que eu fazia questão de repetir a ela sempre. E não repetia apenas por que os as mulheres grávidas ficavam inseguras devido aos hormônios da gravidez, mas sim porque era a verdade e ela precisava saber disso.

Como se tivesse sentido que eu a estava olhando, Sophia olhou para nós dois e sorriu para a gente. Era tão bom ver seu sorriso. Saber que eu a faço feliz. Vê-la sorrir era a razão da minha vida.

Mesmo que já estivéssemos juntos há um ano, Sophia ainda conseguia tirar meu fôlego a cada vez que a via. Seu rosto, seu corpo, seu doce sorriso, tudo nela faziam com que eu fosse completamente louco e apaixonado por ela. Desde que eu a conheci, uma parte de mim sabia que sempre seria assim, mas ainda assim eu não deixava de me surpreender com tanto amor que sentia por ela a cada dia. Era a razão da minha razão.

— Eu acho que a Mamãe gostaria de dançar com a gente, não acha, princesa? — eu perguntei e a Giovanna concordou, entusiasmamente.

Carregando a Giovanna no colo, que colocou seus braços no meu ombro, nós nos dirigimos até Sophia. Ela continuou a nos olhar com um enorme sorriso, que eu não pude deixar de sorrir de volta.

— Com licença, Sra. Campanaro, você nos daria a honra dessa dança? — eu pedi lhe estendendo a mão assim que chegamos diante dela e ela logo a segurou.

— Lógico. Eu seria boba de não dançar com minhas pessoas favoritas do mundo todo. — ela respondeu, andando com a gente de volta à pista de dança.

Rindo, nós três dançamos duas músicas juntos. A Giovanna rodopiava conosco, ainda no meu colo enquanto as músicas tocavam. Era tão bom estar com elas, tão bom saber que elas eram minhas e para ficar ainda mais completo, só faltava a chegada dos nossos pequenos. Eu estava ansioso por isso.

Quando chegou o final da segunda música, a Giovanna disse que sairia para brincar com Vittoriozinho e fiz uma careta pensando que eu preferia não me preocupar com isso agora. Eu tinha alguns bons anos pela frente, espero que muitos.

*Sim. Definitivamente vou ficar de olho nesse moleque!*

Nesse momento, eu preferia me concentrar nesses olhos castanhos que sorriam para mim e me olhava com curiosidade.

— O que houve, amor? — ela perguntou, como sempre conhecedora das minhas caras.

— Uh. Nada. — menti.

— Luca DiPalacci Della Cella Campanaro. — ela chamou minha atenção, ao dizer meu nome todo.

— Tudo bem, Sophia Montegro Campanaro . — bufei, porque eu sabia que não conseguia esconder nada dela. — É a Giovanna. — confessei, estranhamente envergonhado.

— O que? — ela perguntou, voltando seu olhar para trás onde a Giovanna estava conversando com Vittoriozinho e novamente a mesma intuição me atingiu.

— Uh. Bem. — limpo a garganta, enquanto ela me olha com atenção. — Apenas uma intuiçãozinha. É sobre ela e Vittoriozinho. Não quero pensar sobre isso para não enlouquecer. — admiti, engolindo em seco e Sophia me olhou como se eu fosse louco, antes de cair na gargalhada.

— Você é ridículo. — ela disse antes de voltar a rir. — Ridículo. — repetiu, se abaixando para rir mais. — Mas adorável e... — Sophia parou de falar.

— Ok. Continue com seus insultos, *baby*. Sei que pareço um pouco neurótico, mas ela é minha filha e... — parei quando percebi que ela estava paralisada. — Amor, o que foi? — perguntei preocupado.

— Uh. Amor... Sabe a parte que você acabou de dizer que é um pouco neurótico. — ela disse engolindo em seco. — Bem, eu preciso que você não seja nesse momento. — ela pediu e eu olhei para ela sem entender.

— Ok. Eu sei que não deveria me preocupar com isso agora. Mas você está me preocupando. O que houve? — perguntei nervoso.

— Tudo bem. Respire fundo. É, que... minha bolsa acaba de estourar. — ela disse calmamente com um sorriso nervoso em seu belo rosto.

— O que? — murmurei mais alto do que pretendia, fazendo com que algumas pessoas olhassem para nós dois.

— Calma, tudo bem? — ela pediu. — Minha bolsa acaba de estourar, não tem com o que se preocupar. Podemos nos arrumar. Temos tempo. — afirmou com carinho.

— Oh meu Deus! Como posso ter calma? Sua bolsa estourou! — eu gritei antes de carregá-la em meus braços.

— Luca. Pare com isso. Agora. — Sophia cochichou irritada em meu ouvido.

— O que aconteceu? — Mariah veio até nós dois, parecendo preocupada.

— A bolsa de Sophia estourou. — respondi. — Os gêmeos vão nascer! — eu gritei para todos na festa.





# Capítulo 33

## Sophia

*Oh meu Deus! Eu não acredito que Luca acabou de gritar!*

Nesse ponto, a música no palco já tinha paralisado e o único som que se ouvia era o de todos os convidados murmurando coisas um para o outro sobre o que acabaram de ouvir do louco do meu marido. Realmente não estava acreditando no que ele havia feito. Eu estava simplesmente atrapalhando o casamento dos sonhos de Mariah e Thiago, que inclusive seria transmitido na televisão.

*Sim. Serei envergonhada em rede nacional!*

Não demorou muito para que meu pai, minha mãe, meu sogro e nossos amigos viessem correndo até nós aos gritos. Enquanto isso, Luca surtava literalmente, e saía disparado em direção a não sei onde, comigo ainda em seus braços. O desgraçado simplesmente não ouvia nada que eu falava.

— Eles vão nascer! — Carol gritou.

— Vão nascer! — Mia repetiu.

— Ai meu Deus! Precisamos chegar a um hospital! — Mariah concluiu.

*Santo Deus! Isso estava realmente acontecendo?*

— Gente, calma. — minha mãe disse e parou ao me ver direito. — Oh meu Deus! Sua bolsa estourou? — minha mãe gritou alguns decibéis mais alto do que sou capaz de suportar, quando se deu conta do que realmente estava acontecendo.

— Luca, me coloque no chão. — eu pedi.

— Não, *baby*. E se eles simplesmente saírem... Não.

*Oh meu Deus! Ele não disse isso!*

— Cê tá maluco? Eles não vão sair porque eu estou de pé, idiota. Coloque-me no chão, inferno!  
— murmurei irritada.

— Se já vão nascer, vamos precisar de água quente, pano limpo e uma tesoura? — Henrique perguntou, parecendo confuso e preocupado.

— Minha mulher não vai parir aqui! — Luca bradou.

*Oh não! Sério que isso está acontecendo?*

— Coloque-me no chão agora, Luca Campanaro. Ou você vai ver a merda que vou fazer com você! — ameacei irritada.

Ele não pareceu tão temeroso com a minha ameaça, mas Thiago trouxe uma cadeira para perto

e então Luca finalmente me colocou sentada na cadeira. Levantei meu olhar e olhei ao nosso redor me sentindo envergonhada, pois eu era definitivamente o centro da festa nesse momento.

Luca fazia o possível e o impossível para manter nossa vida privada longe da mídia. Mesmo que nem sempre fosse possível que vazassem certas informações. Só que tudo o que estava acontecendo agora passaria em rede nacional e minha família e meus amigos não estava ajudando em nada com isso. Muito pelo contrário, estavam colaborando para que eu tivesse o parto mais frustrante e cômico de todos os tempos.

Mas a lembrança do meu pobre constrangimento iminente foi impedido quando uma forte contração me atingiu.

— Ai. — gritei alto.

— O que foi? — Luca gritou, enquanto eu ainda me contorcia de dor.

— Uma contração, Luca. — ouvi minha mãe responder.

— Segure minha mão. — ele pediu e eu fiz. — Puta que pariu, *baby!* Eu ainda vou precisar dela depois! — Luca murmurou com dor e eu apertei ainda mais.

— Apenas cale a merda da boca! — murmurei ofegante.

— Tudo bem. Eu que causei isso mesmo. — ele disse derrotado.

— Ainda bem que você sabe! — respondi irritada.

— Com quantas semanas ela está? — ouvi Henrique perguntar, enquanto ainda me recuperava da contração.

— Quase trinta e sete. — Luca respondeu, massageando sua mão quando a soltei.

— Mas não é cedo para sua bolsa estourar? — Henrique voltou a comentar, enquanto eu ofegava.

— Deixa de ser idiota! Ela está grávida de gêmeos, Henrique. Muitas vezes o trabalho de parto acontece mais cedo. — Mia respondeu irritada.

— Gente. Por favor, sem brigas. — Eu pedi, sem ar.

— Claro! Desculpe. Só que esse idiota deveria saber... — Mia disse sem jeito.

— Como eu saberia? Eu nunca fui pai antes! — Henrique respondeu debochado e Mia virou a cara para o outro lado, parecendo querer ignorar seu comentário.

— Ok. Vois todos vão ficar parados esperando ela dar à luz aqui, seus lerdos? — Nonna perguntou, se juntando a nós.

— Oh Meu Deus! Eu dispensei o piloto do helicóptero até amanhã. — Luca murmurou e nesse momento eu quis bater nele.

— Sua mulher com a barriga na boca e você resolve continuar sendo um bom patrão? Francamente, Luca, você é um idiota. — Mariah apontou.

— Me desculpe, mas eu não havia pensado que minha mulher ia dar à luz no seu casamento. —

Luca respondeu amargurado.

— Ok. São o que? Duas horas daqui para o Rio. Podemos ir de carro. Você aguenta, filha? —  
minha mãe perguntou.

— Acho que sim. — respondi ainda um pouco sem ar.

— Então... — minha mãe começou, mas foi cortada:

— Eu posso pilotar. — Henrique ofereceu.

— Nem fodendo! — Luca bradou e Henrique o olhou ofendido.

— Qual o problema? Tenho brevê há mais de seis anos e você já andou comigo mais vezes que eu me lembro. — Henrique argumentou.

— O problema é que não quero arriscar a vida da minha mulher e dos meus filhos com você no comando do meu maldito helicóptero. — Luca falou.

— Enquanto vocês dois ficam aí discutindo. Sophia está aí sofrendo para parir. — Mia apontou para mim.

— Luca, deixa de ser idiota. — eu me virei para Henrique. — Nós vamos com você. A não ser que meu querido marido queira que eu sofra no banco de um carro por duas malditas horas. E se ele achar que prefiro isso a chegar lá em minutos, quero a porra do divórcio! — murmurei irritada.

— Tudo bem. — ele suspirou derrotado e eu sabia que tinha ganhado essa briga.

*Mas nem fodendo que eu ia esperar duas horas dentro de um carro comendo dor!*

— Vamos! — Mariah gritou.

— O que? Mariah, é a festa do seu casamento. — eu a lembrei, incrédula por ela parecer se esquecer disso e ela simplesmente riu.

— Você acha mesmo que eu perderei o parto dos meus sobrinhos? Jamais! O nascimento dos meus sobrinhos só acontece uma vez na vida. — ela disse pensativa e eu sorri.

— E o casamento não? — Thiago perguntou, incrédulo.

— Amor, nós já casamos. — apontou.

— Finalmente. — Henrique disse rindo.

— Podemos nos casar de novo. Renovar os votos. Essas baboseiras que o povo inventa. — ela continuou e deu de ombros, nos fazendo rir.

— Mas não esqueça que pode não ser a única vez que você vai ver um sobrinho nascer. — Mia disse, fazendo com que todos concordem e eu congelei.

— Obrigada a todos. Eu nem coloquei esses para fora ainda e vocês estão aí desejando que eu emprenhe mais enquanto eu ainda sinto a porra das contrações? — eu perguntei irritada e todo mundo começou a rir.

É. Pelo visto me acham uma palhaça!

— Ok, baby. Eu ia perguntar se você estava bem, mas como você tem uma resposta na ponta da língua, tenho certeza que sim. — Luca disse, com um beijo na testa.

— Certo, só temos um problema. O helicóptero cabe apenas mais cinco, além de mim e dos dois. E estamos em uns cinquenta. Então quem vai? — Henrique perguntou.

— Minha mulher quem deve escolher. — Luca falou.

— Não quero interferir na sua escolha, Sophia. Espero que você não esqueça que sou madrinha. — Mia brincou e eu ri.

— Desculpe, mas só lembrando que a noiva aqui está interrompendo a festa de casamento para ir ver o nascimento desses bebês. Fora que sou madrinha de um dos moleques e principalmente sou a única tia de sangue realmente. — Mariah lembrou, olhando ameaçadoramente para todos ao seu redor, e eu comecei a rir.

— Meu pai e minha mãe. Nonna, Sr. Campanaro e Mariah. — terminei e ouvi um grito.

— Chupa, vocês! Vou ali ver meus sobrinhos nascerem. — provocou.

— Luca. — Leonardo, irmão de Henrique, falou. — Eu estou indo de carro até a fazenda e trago o helicóptero da família para cá. Devo demorar menos de uma hora para chegar aqui. Posso pilotar e levar mais gente para lá. — ele ofereceu.

— Obrigado, Léo. Isso vai ser ótimo. — Luca disse me levantando da cadeira.

— Obrigada. — também agradei e ele logo tratou de sair para cumprir seu destino.

— Vou pedir a emissora para me levar no helicóptero deles e levar outras pessoas também. — Thiago disse.

— Nada de mídia no nascimento dos gêmeos, Thiago. Chega de constrangimento de merda além do que vocês já me causaram. Nunca mais vou poder olhar para a cara dessas pessoas. — eu falei indignada.

— Tudo bem. Vou falar com a diretora, ela é minha amiga. Não creio que isso seja problema. — ele concordou.

— Mariella, vá até lá em casa e traga a caixa do meu remédio calmante. — Nonna murmurou.

— A sra. está se sentindo bem, Nonna? — perguntei preocupada.

— Sim. Nunca estive melhor. Voy ver meus bisnetos nascerem. — ela disse pegando minha mão com um sorriso contagiante e eu sorri de volta.

— Mas para que o remédio se a Sra. está bem? — Luca perguntou e ela lhe deu um tapinha carinhoso no rosto.

— Está todo mundo loco aqui. Para vocês e principalmente você, *bambino*. — afirmou me fazendo rir.

— Acho que vai ser bom, Nonna. — concordei.

— Acho que preciso de dois. Afinal são dois netos nascendo. — meu pai disse, desapertando o nó da gravata.

— O que todo mundo está fazendo aqui parado? — Mariah perguntou.

— Você não espera ir para o Hospital vestida de noiva, não é? — Mia perguntou e Mariah olhou para si mesma.

— Qual o problema? — perguntou.

— Sério mesmo, Mariah? — Carol perguntou. — Vamos, vou pegar a bolsa de Sophia e a bolsa dos gêmeos e te ajudo a sair do vestido.

— Não, Thiago quem tem que me tirar do vestido. — ela falou como se fosse óbvio.

— Não temos tempo para uma rapidinha! — Luca murmurou irritado.

— Então irei assim mesmo. — Mariah disse decidida e eu estava começando a sentir outra contração vindo, então resolvi não discutir, enquanto a doida segurava a barra da sua saia e começava a caminhar em direção a não sei onde.

Henrique foi preparar o helicóptero, enquanto caminhávamos até o heliponto em frente ao casarão. Luca queria me carregar, mas eu me sentiria ainda pior caso ele fizesse isso, por isso fui respirando fundo durante o caminho.

Somente quando chegamos lá, que fizeram o favor de lembrar a Mariah que ela tinha que jogar o buquê. Como se já não bastasse ela estar ‘fugindo’ da sua própria festa de casamento e sem o noivo, diga-se de passagem, Mariah mandou a gente levantar voo, que ela jogaria o buquê assim que sobrevoássemos o local da festa.

No comando pelo seu celular, Mariah juntou a multidão de solteiras que estavam presentes na festa e deliravam lá embaixo em busca do buquê, e em seguida jogou-o, nos fazendo rir muito. O que com certeza foi um prato cheio para o especial de *Casamento de Thiago Ryan & Mariah Campanaro*, que estava sendo gravado. Nunca tinha visto um casamento doido desse jeito. Sinceramente, não sei se já conheci uma noiva tão doida na minha vida.

No helicóptero, nossas mãos trêmulas estavam entrelaçadas. Nós dois estávamos tão nervosos e felizes, que era quase impossível ficar parado. Mesmo que Luca e todo mundo tivesse tomado o ‘remedinho’ de *Nonna*, parecia que sinceramente ficavam mais agitados à medida que nos aproximávamos do Rio de Janeiro.

Apesar de tudo, o voo foi bem tranquilo. Pousamos no heliponto da *Campanaro*, que era o local mais próximo do hospital em que conseguiríamos uma autorização de pouso tão rapidamente. Como imaginei, dois carros já estavam a nossa disposição assim que pousamos. E assim que descemos, Henrique resolveu voltar para pegar mais gente.

Como Luca suspeitou, o hospital já estava repleto de fotógrafos na entrada do hospital. O hospital era famoso por atender principalmente ricos e famosos, então não tinha muito como evitarmos isso. E eu não duvidava nada que já soubessem que eu estava em trabalho de parto. Logo quando avistaram nosso carro, flashes e mais flashes disparavam tentando ver quem estava dentro dos nossos vidros fumê enquanto entrávamos na garagem subterrânea que era impedida de entrarem.

Meu marido sendo extremamente cuidadoso como era, havia reservado praticamente o andar inteiro para o meu parto. E sendo extremamente neurótica como sou, eu tinha dois obstetras. Um em Manaus, que me acompanhava desde antes da minha gestação e o obstetra que eu visitava a cada vez que eu vinha ao Rio de Janeiro, porque eu pensava exatamente na possibilidade de que talvez eu pudesse ser surpreendida como agora. Então não sou tão neurótica em tudo.

— Você está bem, filha? — minha mãe pergunta, assim que sou posta em uma cadeira de rodas.

— Não! — Choramingo, porque mais uma dor atravessa meu corpo. — Eu quero logo que me examinem. — reclamo, não me importando em me parecer uma menina mimada.

— Claro, a recepcionista disse que seu médico já está esperando. — Luca avisa, parecendo sentir tanta dor quanto eu.

Assim que chego à sala do médico, a encontramos vazia e Luca fica logo nervoso, querendo saber onde ele se meteu. Enquanto isso, tenho todos ao meu redor me perguntando se estou bem, se estou sentindo alguma coisa. Só quem já engravidou sabe a dor que se sente quando chega a hora. Dói muito e cada vez que uma nova contração nos atinge, a impressão que temos é de que a dor apenas piora.

Assim que chega, Dr. Antônio recebe uma enxurrada de reclamação da sua demora, mas ele apenas os ignora, certamente acostumado com esse tipo de gente doida e pede para que todos saiam para me examinar. Depois de muitos protestos, ele apenas sorri para mim, em uma tentativa de me acalmar, passando-me confiança.

— Vamos ver como estamos, Sra. Campanaro. — ele disse, se posicionando para fazer o exame de toque e recebe uma careta de Luca em troca. — Você está apenas com três centímetros de dilatação. Seus bebês estão prontos para conhecer o mundo, mas como se trata de uma gravidez gemelar, seguiremos com a cesariana.

Tem vezes que as coisas acontecem conosco e parece que estamos anestesiadas. E foi bem assim comigo. A partir daí a dor se tornou suportável. Fui trocada e colocada em uma maca a caminho do centro cirúrgico. Luca também trocou de roupa rapidamente, parecendo não querer desgrudar um só segundo de mim e segurou minha mão, me dizendo o tempo todo o quanto eu era maravilhosa e que tudo daria certo. Eu apenas agradei por isso, pois eu precisava dele comigo.

— Estamos quase lá, Sophia... Só mais um pouquinho. E o primeiro chegou.

Então um choro lindo se fez presente e eu não ouvi mais nada além disso. As lágrimas caíram incessantes e eu senti que Luca também chorava ao meu lado.

— Meus parabéns, Sr. e Sra. Campanaro.

Luca beija minha testa rindo e chorando ao mesmo tempo. Um pequeno pacotinho azul foi entregue em nossos braços e eu não pude mais me controlar. O nosso pequeno príncipe era tão perfeito, chorava baixinho, parecendo apenas resmungar.

Babamos no pequeno, mas logo a enfermeira o tirou de nós e o medo de que ele estivesse com algum problema me aflingiu.

— Ele está bem? — pergunto preocupada.

— Ele está ótimo, é lindo como você, amor. — Ele ri limpando minhas lágrimas. — A médica disse que vai apenas fazer os exames de praxe. Fique tranquila. — garantiu e me beijou.

Eu não tive tempo de dizer muita coisa, porque logo outro choro, dessa vez mais forte, se fez presente e eu sabia que nosso segundo príncipe havia chegado para nós. Logo um embrulho, dessa vez verde, foi colocado diante de nós, nos causando a mesma emoção que sentimos minutos atrás.

Ele parecia mais agitado que seu irmão e parecia querer ir para o meu peito. O que aconteceu logo depois que a médica o examinou rapidamente e pela segunda vez, desde que a Giovanna nasceu, eu pude experimentar a emoção do que é dar de mamar para um filho.

Depois de um tempo que pareceu eterno no pós-operatório, eu estava louca e agoniada, querendo desesperadamente sair da maca para poder ver meus pequenos, mas o efeito da anestesia ainda me impedia de fazer qualquer coisa. Minutos depois, fui encaminhada para meu quarto, o que apenas me deixou mais impaciente, porque eu ainda continuava sozinha e sem notícias.

Quando estava prestes a fazer um escândalo, a porta se abre e o Amor da minha vida entra, carregando mais dois pequenos homens que ganharam meu coração antes mesmo de nascerem e agora olhando para eles, eu apenas me sentia completa.





# Capítulo 34

## *Luca*

No momento que o médico tirou o primeiro bebê, eu não pude conter as lágrimas. Logo em seguida saiu o segundo e eu respirei aliviado através da minha choradeira. Sophia apertava a minha mão e chorava emocionada. Diante de nós estavam nossos filhos, pedaços meus e da mulher que eu amava, que agora nos completavam.

E enquanto eu os olhava agora mamando, ávidos, nos seios de sua mãe, eu simplesmente não conseguia tirar o sorriso do rosto. Dois seres frágeis por serem pequenos, mesmo que sejam tão grandes dentro de mim.

— Meu Deus! Eles são tão lindos, Sophia. — Carol disse, babando nos nossos pequenos.

— Lindos? Eles são incrivelmente lindões. Olha esses olhos azuis e essas bochechas fofas e rosadas. Parabéns, Sophia. — foi a vez da minha irmã dizer.

— Eu também sou responsável pela existência desses dois. Acho que mereço um pouco de crédito também. — eu disse olhando para meus pequenos homenzinhos com orgulho.

— Ok. Temos que dar crédito porque os olhos são seus. Mas apenas isso. — Carol disse brincando e eu não me importei nem um pouco porque eu apenas me sentia mais feliz do que um dia estive.

— E como vamos chamar esse pequeno aqui? — a pergunta veio da Nanda, que nos ajudava colocando-o para arrotar, e eu e Sophia trocamos um olhar e um sorriso.

Contrariando a todos, eu e Sophia havíamos mantido em segredo a escolha dos nomes dos nossos meninos.

— Pietro. — Sophia quem respondeu sorrindo, quando encostei ao lado dela.

— Olá, Pietro. — as tias babonas sorriam para ele.

— E esse que está mamando? — Foi Mariah quem perguntou e eu sorri emocionado, no exato momento em que ele segurou meu dedo.

— Paolo. Paolo Campanaro.

\*\*\*

A noite foi tranquila e por mais que os bebês tivessem resmungado um pouco durante a madrugada atrás de leite, foi com certeza a primeira de muitas noites deliciosas como pais babões dos seus filhos.

Acordei de manhã cedo com uma ligação da Giovanna, querendo vir ver seus irmãos. Minha sogra já estava com ela e disse que ela estava desde as primeiras horas da manhã, abusadinha, querendo, porque querendo vir até o hospital conhecê-los.

Eu sabia que ela estava ansiosa, até porque fizemos questão que ela participasse de cada detalhe da vida dos irmãos na gravidez. Desde a escolha do enxoval, do quartinho, nos acompanhou em cada consulta e agora mais do que nunca queríamos que ela participasse. Por isso pedi que a trouxessem.

Sophia estava dando um cochilo após dar de mamar para nossos bezerrinhos. Quando a porta do quarto se abriu, minha sogra entrou fazendo sinal de silêncio para ela, que parecia mais acanhada que o normal. Talvez fosse comum que a criança passasse por isso com a chegada de um irmão, mas eu não queria que ela se sentisse intimidada e muito menos enciumada por isso. Exatamente por que eu disse:

— Vem cá, princesinha. Vem conhecer seus irmãozinhos.

A Giovanna se aproxima de mim um pouco tímida e com cuidado consigo segurar nossos dois filhos lindos e pequenos nos meus braços. Só de olhar para os meus três filhos juntos e a minha esposa no mesmo ambiente, as lágrimas ameaçam cair de tanta emoção. Eu não precisava de mais nada na minha vida. Hoje eu poderia dizer que sabia a sensação de ser um homem completo.

— Olha, princesa, como seus irmãos são lindos. — eu sussurro para Giovanna, que sorria brilhantemente para seus irmãos.

— Eles são sim, papai. — ela diz baixinho.

Eu levantei meus olhos para olhar para Giovanna em choque. Ela sempre me chamou de ‘tio’. Ela nunca me chamou de pai antes. Não que eu não desejasse isso.

— Do que você me chamou, Gio? — eu pergunto, sentindo minha voz embargada.

— Eu te chamei de papai. Porque você é casado com a mamãe, é pai dos meus irmãos e cuida de mim como se fosse meu pai. Desculpa se eu não posso. — ela responde envergonhada e meu coração bate cada vez mais forte com a emoção de ouvir isso.

Juro por Deus, que ouvir a Giovanna me chamando de ‘pai’ por ela mesma, foi praticamente a mesma emoção que eu senti quando eu vi meus filhos nasceram. Desde que a conheci, eu sentia dentro de mim que ela era minha. Eu sempre esperei que ela me chamasse um dia, mas eu nunca pude pedir.

E agora eu não sei se existem palavras que demonstrem ou expliquem essa coisa que invade e toma conta de cada molécula do meu corpo com o fato de ser ‘pai’. Apenas parece tão certo e tão bom.

Amor de Pai. Um amor instintivo, que não apareceu com o tempo, surgiu no instante em que eu soube que o coração deles batia pela primeira vez. Surgiu quando eu coloquei os olhos na minha princesa de olhos verdes pela primeira vez. E hoje no dia do nascimento deles e no dia em que a Giovanna me chamou de pai pela primeira vez, eu também nasci... Nasci de novo, uma pessoa diferente que só precisa olhar pra sua família para se sentir feliz e completo.

— Não, princesa. — eu me apresso a dizer. — Tudo que eu sempre quis foi que você me chamasse de pai. Porque para mim, você é sim a minha filha, Giovanna. Sempre foi minha. Você sempre será a minha princesa. — eu garanti beijando a testa da minha filha, com lágrimas nos olhos, pouco me importando que eu não pudesse conter minha emoção.

Os amores da minha vida juntos. Meus três filhos e minha esposa. O Amor me parece muito pequeno para definir o sentimento por eles que há dentro de mim. Com certeza o melhor a ser dito seria 'minha família', essa sim é a palavra que define toda felicidade que invade e domina minha vida e todo o meu ser. Com eles eu acredito no final feliz e eu sei que isso será para sempre.



# Epílogo

## Sophia

Oito meses depois.

Eu estava mais do que nervosa. Luca ainda não havia chegado em casa depois do trabalho. Era uma noite dos ‘casais’, uma noite que fazíamos pelo menos duas vezes no mês, apenas adultos, sem crianças. Começamos essa tradição há uns meses e desde então a mantivemos. Todos nós sentimos a necessidade de termos um tempo só para nós. Não que não amássemos nossos filhos, porque Deus sabe quanto amamos, mas era bom respirar um pouco e se distrair com nossos amigos uma noite.

A Giovanna e os gêmeos foram com as babás para a casa dos meus pais, eles ansiavam por isso. Eu digo ‘eles’, me referindo aos cinco, netos e os avós. Nunca vi avós mais babões do que meus pais e meu sogro. O que deixa meus filhos mais do que felizes, pois tudo que eles querem eles conseguem. Resta apenas a mim, fazer o papel de “ruim” na história, porque Luca é outro que não tem limites com nossos filhos.

Thiago havia chegado do Rio de Janeiro essa tarde. Ele e Mariah se revezavam para se encontrarem, visto que ela não quis ir embora daqui e ele ainda tem os compromissos dele como ator esporadicamente no Rio de Janeiro. No entanto, eles são felizes e estão na expectativa de Mariah engravidar em breve.

*Deus! Só de pensar...*

O barulho da porta se abrindo chama a minha atenção. Olho para a porta de entrada e vejo meu marido entrando na nossa casa. Eu estive tão entretida nos meus pensamentos, que eu nem ouvi o barulho do seu carro chegando. Assim que ele me vê sentada no sofá, ele sorri para mim, fazendo meu coração disparar de antecipação.

Apenas a visão de Luca transforma tudo em mim. Dois anos juntos ainda não foram o bastante para que eu me acostumassem com o fato de ter o marido mais lindo e maravilhoso de todo o mundo. Era um sonho. Ele era tão realmente maravilhoso. Era incrível como marido e principalmente como pai. Eu tinha que agradecer a Deus por eu ter sido tão sortuda de ter um marido como ele.

Eu sou filha única, então eu brincava muito sozinha. Eu lembro que quando eu era pequena, uma das minhas brincadeiras preferidas era pegar minhas bonecas e imaginar que eu tinha uma família grande com filhos e um marido, tipo príncipe encantado. E não é que Deus ouviu meu pedido direitinho?

Mesmo que Luca chegasse cansado ou estressado de um dia longo de trabalho, ele gastava todos os segundos restantes do dia com nossos filhos, até o último fechar os olhos. Ele brincava com os três. Ajudava-me a lhes dar o jantar. Dava banho. Cantava para os gêmeos dormirem. Conversava com a Giovanna sobre o dia dela, antes de lhe contar histórias para adormecer. Era realmente um pai exemplar. Eu não podia pedir pais melhores para meus filhos.

Para muitos, foi uma surpresa quando a Giovanna começou a chamar Luca de pai assim que os gêmeos nasceram. Eu acho que ela só demorou a chamá-lo assim por vergonha. Para mim não, porque eu mais do que ninguém era testemunha do amor de ‘pai e filha’ que eles compartilham. No entanto, não deixou de me emocionar. O Erick pode não ter gostado no início, mas ele não poderia fazer nada porque ele sabia que era verdade em tudo.

Fora que além de ser ‘paizão’, Luca ainda tinha tempo para ser um marido presente. Desde que eu ‘meio’ que parei de trabalhar no escritório em tempo integral e apenas dou uma ‘consultoria’, pois ainda sou eu quem aprova e autoriza os projetos, eu acabo tendo mais tempo sem fazer nada além de cuidar dos meninos.

Luca reformulou sua própria agenda para ter hora para tudo. Hoje ele só marca seus compromissos depois das nove da manhã e só trabalha até as cinco, hora em que ele faz questão de pegar a Giovanna na escola. Então, depois de todos os compromissos da sua agenda de pai-empresário serem cumpridos, ele era apenas o Sr. Luca Campanaro, Meu Marido. Meu amor.

Nós jantamos, conversamos, assistimos filmes, fora outras coisas que não preciso mencionar. Apenas não deixamos que nossa rotina extremamente cheia e tumultuada atrapalhe nossa relação marido e mulher. E mesmo depois de tanto tempo, posso dizer que somos realmente muito felizes juntos.

— Oi, *baby*. Desculpe o atraso, mas eu tinha que assinar algumas coisas antes de vir. — ele disse, me cumprimentando com um beijo nos lábios e as mãos na minha cintura.

— Oi, amor. Como foi seu dia? — perguntei, como pergunto todos os dias.

— Foi bom. Esqueci-me de te ligar para avisar, conseguimos o acordo da compra daquele terreno para o Apart que eu queria que fizéssemos. Acho que podemos abrir um vinho para comemorarmos antes de sair. — ele diz contente e eu o abraço mais contente ainda, porque eu sabia o quanto ele queria isso.

— Que maravilhoso, amor! Então quer dizer que já posso começar a ‘riscar’ o projeto? — eu pergunto animada com a novidade.

— Hunrum. — ele murmura, voltando a me beijar. — Eu e você vamos comemorar agora mais essa conquista, Sra. Campanaro. — ele disse provocativamente e eu sorrio.

— Uh. — eu limpo a garganta. — Amor, antes de começarmos a comemorar, precisamos conversar. — eu digo rapidinho e sua sobrancelha automaticamente se levanta.

— Alguma coisa com nossos filhos? Eles foram para casa dos seus pais? — ele pergunta preocupado.

— Não, não é nada com eles. Eles estão bem. Levei-os mais cedo para lá. — eu volto a limpar a garganta e olho para longe.

— Sophia, você está me deixando preocupado para caralho! O que aconteceu? — ele diz segurando meu rosto, buscando nos meus olhos a verdade.

— Eu fui ao médico hoje. — começo sem jeito.

— Você está sentindo alguma coisa? — ele perguntou ainda mais preocupado.

— Sim, bem, alguns dias atrás eu comecei a sentir algumas coisas.

— Que coisas? Você não me disse nada. Por que você não me disse? — ele pergunta irritado.

— Porque eu não sabia o que era e não queria te perturbar com besteira. — confessei envergonhada.

— Besteira? Você sabe que nada que tem a ver com você ou com nossos filhos é besteira para mim. Vocês estão acima de qualquer coisa. — reclamou e eu percebi pelo seu tom de voz o quanto ele estava irritado.

— Desculpe... E-eu...

Merda! Eu não sabia o que dizer! Ou melhor, como dizer!

— Olha para mim. — ele disse e quando ele colocou a mão no meu queixo, mesmo nervosa olhei para ele. — “Na saúde e na doença, lembra?” — sorriu torto e eu sorri sem jeito, antes de tomar um fôlego para lhe dizer:

— Estou grávida.

Esperei que ele surtasse um pouco, afinal Pietro e Paolo ainda eram tão pequenos, mas me surpreendi com o beijo emocionado que recebi em seu lugar.

— Jura? — ele encostou sua testa na minha.

— Sim. O médico acha que foi durante a mudança do meu anticoncepcional, quando mudei após os gêmeos pararem de mamar.

— Não importa o que tenha sido. Importa que ele ou ela está aqui. — me beijou, enquanto sua mãe repousou sobre minha barriga. — Obrigado por mais esse presente, amor.

Eu sorri, antes de receber mais um beijo seu. Depois disso, ele se ajoelhou aos meus pés e beijou minha barriga, fazendo com que antes mesmo que ele abrisse a boca, me visse emocionada.

— Oi, baby. Aqui é seu pai. Sua mãe é uma mãe incrível, mas você deve saber disso, porque escolheu ficar quentinho aí dentro dela, né ? Olha, quando você chegar, você vai ver que tem três irmãos que você vai adorar e eles vão te amar muito também . Fora um monte de primos e três avós babões. Quero que saiba, que por mais que não estivéssemos esperando sua chegada, saiba que você é muito bem vindo e fará essa família muito feliz. Só queria que você soubesse que desde já você é muito, mas muito amado.

E ele apenas me dava razão para me apaixonar ainda mais por ele. Em um passado não muito distante, que não gosto realmente de me recordar, eu não acreditava que pudesse encontrar alguém assim. Talvez acreditasse, mas talvez também não confiasse em mim para vivê-lo. Ou então realmente não era a hora certa de viver isso. Eu acredito nessa segunda opção desde que me permiti ser amada por Luca.

Vai acontecer qualquer dia, qualquer hora. Um dia, você estará vivendo sua vidinha como sempre viveu e alguém irá te enxergar. Não importa que você esteja sem maquiagem, suada, desarrumada, descabelada, de ressaca, TPM. O famoso homem da sua vida vai te enxergar. Basta apenas se permitir e confiar em si mesma. Porque quando é a hora certa, ele chegará e se tornará o seu destino.

Nem sempre é fácil. Por mais obstáculos que você encontre, por mais que doa, que vocês se magoem no processo, por mais que demore, por mais que canse, nunca, mas nunca mesmo, desista de correr atrás da sua felicidade. Você vai entender porque de tudo quando encontrar sua metade, o amor da sua vida. Vai olhar para ele como eu olho para ele agora e entenderá porque todos os outros amores deixaram você ir.

Quando você encontrar a pessoa que merece o seu coração, você vai entender porque as coisas não funcionaram com todos os outros. Era apenas porque não era para ser, você tinha algo melhor destinado a você. No fim, você olhará para trás e agradecerá por tudo que passou.

É isso. O *happy the end* só pode existir para quem realmente acredita e se permite vivê-lo, independentemente do que ficou no passado, apenas viva o presente e sonhe com o futuro. Todo final feliz é apenas o começo e nós estávamos apenas começando, ainda tínhamos todo tempo do mundo para buscarmos o nosso “para sempre.” E eu estava mais do que ansiosa para isso, para escrever e viver o texto da minha vida com esse homem maravilhoso ao meu lado.

**Luca**

ANOS DEPOIS...



Eu tinha uma vida maravilhosamente boa. Uma família amorosa. Uma esposa maravilhosa. Filhos lindos que me encham de orgulho e alegria a cada dia. Amigos fiéis e companheiros. Eu com certeza me considerava um cara abençoado. Então por isso a cada manhã eu acordava agradecido. Eu realmente só tinha a agradecer por todos os presentes que a vida havia me dado.

Eu realmente não precisava de mais nada. Era meio clichê dizer que me sentia completo, mas era a verdade. Apenas ter a honra de poder comemorar mais um ano ao lado dos meus, era o suficiente para me fazer feliz.

Sempre comemorávamos com alegria cada data dos nossos, afinal, para mim e Sophia, era motivo de festejar a honra de podermos ser seus pais. Mas antes da festa, havia algo que fazíamos juntos, que de certa forma acabou se tornando meio que um ritual para nossa pequena família.

Em cada dia especial, nos reuníamos todos para levarmos um café da manhã na cama do aniversariante ou em datas comemorativas. E exatamente por esse motivo, por mais que tivesse acordado cedo como de costume, que eu ainda estava aqui deitado em minha cama, pois era meu aniversário.

Esse era um dos poucos dias em que minha linda esposa acordava antes de mim. Por termos quatro crianças pequenas em casa, acordá-la cedo, era algo que fazíamos para podermos desfrutarmos um pouco da presença do outro. Era um dos nossos raros momentos só nosso.

Acordei, mas ainda estava ali. Quietinho, porque sabia que as crianças adoravam ter o prazer de nos acordar para fazerem sua “surpresa”. Depois tomávamos café, enquanto trocamos presentes, conversamos, mas principalmente temos a chance de aproveitarmos da dádiva que é estarmos juntos em família.

Apertei os olhos quando ouvi Pietro, que mesmo com apenas onze anos, era o filho mais mandão e ardeiro, fazendo questão de estar sempre à frente de tudo. Como de costume, Giulia reclamava, porque tinha do jeito que era, minha caçula do nariz empinado odiava receber ordens e não baixava a cabeça nem para os irmãos, por mais que tivesse apenas dez anos agora.

Eu os conhecia bem demais. Fazia questão de estar o máximo que pudesse com meus filhos. Por isso que sabia que viria a repreensão da parte da Giovanna, que definitivamente fazia jus ao título de irmã mais velha, pois sempre cuidou com carinho dos mais novos. E assim que a repreensão veio, eu sorri para mim mesmo.

Ouvi a porta do quarto se abrir e me mantive na posição que estava, quando na verdade eu estava ansioso para abraçá-los e podermos desfrutar de mais uma manhã deliciosa de aniversário.

— Ele ainda está dormindo. — reconheci a voz sussurrante de Paolo.

— Então fiquem quietos até a mãe trazer o bolo. — Pietro mandão fez com que todos calassem a boca.

Embora eles fossem geneticamente idênticos, eles não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Paolo era quieto, na dele, Pietro era exatamente o oposto. Sempre foi assim. Enquanto Paolo quase nunca chorava ou reclamava quando bebê, era de uma paciência sem igual e nem parecia ter a idade que tinha, Pietro não, por qualquer coisa ficava irritado e abria o berreiro para chamar nossa atenção e quando olhávamos para ele, não tinha uma lágrima sequer. Era nosso crocodilo.

Agora na pré-adolescência, as diferenças entre eles parecem cada vez maiores, apesar deles terem uma cumplicidade sem igual. Pietro tem mais garotas do que posso contar, enquanto Paolo é muito centrado nos estudos e parece ter olhos apenas para uma certa loirinha, para pesadelo de Henrique e minha diversão.

— Vocês hoje tão que tão, viu? — Sophia reclamou, assim que chegou ao nosso quarto.

— Foi ele! — disseram todos em uníssono.

— Iih! Mãe, vamos logo acordar o *Papa*, porque esses dois chatos já me stressaram! — Giulia disse, parecendo irritada.

*Minha mocinha precoce!*

— Shiiiiu! Todos vocês! — Sophia os fez calar a boca, quando eles pareceram querer retrucar. — Vamos logo com isso, antes que eu os coloque de castigo! — ralhou e eles obedientemente se calaram.

*Sim. Minha mulher no modo mãe era ainda mais sexy!*

Esperei um pouco pelo que estava por vir e sorrindo comecei a receber beijos das minhas meninas. Logo vieram também os cutucões dos meninos, que aparentemente se julgavam grandes demais para demonstrações afetivas para mim e até mesmo com a mãe deles, que não estava nem aí e os enchia de beijos na porta da escola para vergonha deles.

— Bom dia, *Papa*! Feliz aniversário! — falaram em coro e quando eles começaram a cantar parabéns, eu finalmente abri os olhos para ver os amores da minha vida.

Atrás do carrinho de café da manhã, olhos azuis, verdes e castanhos que eu tanto amava e podia dizer que eram tudo para mim, me olhavam e sorriam com amor e adoração. Eles sim eram meus maiores presentes.

— Bom dia, amores da minha vida. — falei com a voz ainda rouca e abracei minhas meninas, que estavam uma em cada lado meu.

Era impressionante o quanto as duas se pareciam com a mãe. Com exceção da cor dos olhos, claro, que os da Giovanna eram verde-esmeralda e os da Giulia, azuis como os meus, elas eram a

cara de Sophia. Ver a mulher que eu amava no rosto das nossas filhas, era maravilhoso, mas também me matava mais a cada dia que eu as via crescer mais lindas, pois elas eram lindas demais como a mãe. Se eu pudesse as manteria em uma bolha, para que nenhum engraçadinho se atrevesse a olhar minhas meninas com outros olhos.

— Feliz aniversário, *papa*. — A Gio me abraçou apertado.

— Obrigado, minha princesa. — a abracei de volta e beijei sua testa.

— Parabéns, *papy* lindo! — Giulia me agarrou pelo pescoço, praticamente empurrando a Giovanna, me puxando só para si, em um alvoroço e possessividade que eram exclusivos dela.

— Obrigado, minha pequena. — ri, enquanto beijava seu rosto.

— Parabéns, velho! — Pietro, como sempre gaiato, veio me abraçar também.

— Velho é seu pai. — reclamei, embora eu estivesse rindo.

— Parabéns, pai. — Paolo se limitou a dizer e eu não poderia deixar passar essa, por isso o puxei para mim, abraçando-o e com isso deixando-o emburrado.

E aí foi a vez dela. Aquela que há tantos anos eu escolhi para ser minha. Entre nós foi de repente, em um sorriso, um olhar, um lugar, uma paixão e foi só ela chegar que meu mundo mudou. Foi como um encanto que invadiu meu coração, invadiu meu corpo, me deu luz, me mostrou caminhos. Me fez ser quem sou.

Não foi qualquer paixão, foi algo capaz de fazer eu me apaixonar todos os dias desde então. Capaz de fazer, no fim de cada dia, a paixão virar amor, um amor sublime, verdadeiro, inexplicável, encantador. Nossa paixão jamais deixou de existir, mas hoje, o sentimento que prevalece entre nós depois de tantos anos é o amor.

Um amor que cresce todos os dias, todas as horas, minutos, segundos. Amor este que já ultrapassou os incontáveis limites, agora só tem como limite, ele próprio, e por puro prazer, continua ultrapassando. É um sentimento verdadeiro que apenas ela é capaz de me fazer sentir, é amor. Não, não, é muito mais do que amor, é muito mais. É um sentimento que me faz amá-la além da vida... Além do amor.

— Feliz aniversário, meu amor. — ela veio em minha direção e com um sorriso de tirar o fôlego, me beijou como se fosse a primeira vez.

Não me importei com os protestos dos nossos filhos. Eu amava essa mulher e fazia questão de demonstrar o quanto ela era amada. E seu beijo ainda tinha o mesmo efeito em mim, assim como cada toque, cada gesto, cada minuto ao seu lado, ela ainda me fazia sentir como aquele cara que se apaixonou a primeira vista pela loira do elevador.

— Obrigado por mais um ano ao meu lado, *amore*. — agradeci e ela sorriu.

— Mais tarde. — sussurrou em meu ouvido, fazendo-me arrepiar.

*Sim. Como se fosse a primeira vez!*

Entre risadas e gargalhadas, começamos a tomar nosso café. Giulia, como sempre ansiosa, foi logo querendo que eu comesse a abrir os presentes. O primeiro foi dela, óbvio, que me presenteou com uma camisa social italiana, lindíssima. Ela adorava nos presentear com roupas, era apaixonada por moda. Eu não tinha dúvidas que minha pequena, mesmo tão pequena, já tinha uma carreira brilhante no mundo da moda pela frente.

Depois foi a vez de Pietro, que me deu uma garrafa de um uísque quarenta anos. Que apesar de saber que ele havia economizado uma fortuna de sua mesada para me comprar esse presente, sabia que sua maior intenção era esfregar na minha cara a minha nova idade.

*Sim. Esse sacaninha não perde a oportunidade de me fazer sentir velho!*

Paolo, como sempre comedido, me entregou um pequeno embrulho com uma caneta importada linda, que ele tinha me visto babando quando fomos comprar para sua mãe um presente na joalheria, no nosso último aniversário.

— Papai, agora esse é o da Gio. — Giulia se adiantou, entregando para mim uma caixa idêntica a outra que estava em sua mão, que só podia ser da minha mulher.

— Giulia, deixe sua irmã entregar. — Sophia repreendeu e eu ri.

— Deixa, mãe — .Giovanna revirou os olhos e pareceu ansiosa quando eu peguei o embrulho em minhas mãos.

Franzi o cenho, pois ao contrário do que esperei com uma caixa desse tamanho, ela parecia leve. Olhei de volta para minha filha, que mordida a ponta do dedo em um gesto nervoso. Eu tinha certeza que eu amaria qualquer coisa que ela me desse, por isso não entendi sua reação e resolvi abrir logo para acabar com seu nervosismo.

Quando abri a caixa, a princípio achei que estava vazia, mas lá no fundo, havia dois pequenos objetos, embrulhados em papel de seda. Peguei o menor e assim que o abri, paralisei com o objeto que eu conhecia muito bem.

Ouvi um zunido em meu ouvido e paralisei, sem consegui reagir para o mundo exterior. Mil sentimentos me dominavam, mas sobretudo um: Alguém havia desonrado a minha filha e ela agora estava grávida. Eu iria ser avô!

Achei que fosse desmaiar. Podia ouvir a Giovanna e Sophia dizendo alguma coisa, mas eu simplesmente não conseguia assimilar. Eu só pensava em ir atrás de quem fez isso com minha filha. E como a Giovanna não tinha namorado, eu sabia que só podia ser uma pessoa.

— Eu vou matar aquele filho da mãe! Eu vou matar! — eu disse e comecei a andar em direção a

saída do meu quarto, porque eu iria bater na sua porta agora. Mas foi então que a voz da minha mulher me calou:

— Luca Campanaro, pare agora! Esse não é o presente da Giovanna, esse é o meu. — eu me virei para ela chocada, vendo-a segurar um body de bebê que dizia: *Um é pouco, dois é pouco, três é demais, quatro chega, mas o quinto é para fechar a produção!*

Oh. Meu. Deus. Eu. Ia. Ser. Pai. De. Novo.

— Você está grávida? — quis confirmar e ela assentiu, já com lágrimas nos olhos. — E você não? — tive que confirmar.

— Credo, pai. Claro que não! — A Giovanna riu e parecia tão emocionada quanto nós, com a vinda inesperada de um novo filho.

— Você tem certeza? — perguntei, segurando minha esposa como o bem mais precioso do mundo. E ela realmente era.

— Sim, amor. Fui ao médico essa semana. — sorriu daquele jeito que me fazia apaixonar mais a cada dia.

— Mais um? — queria confirmar, parecia um bobo, mas foda-se, eu não me importava.

— Sim. Mais um. O último. — ela riu e chorou ao mesmo tempo, e eu me vi fazendo o mesmo.

— Espero que seja o último mesmo. — Giulia reclamou, ciumenta.

— Para de reclamar, dona Giulia. Você é a caçula e não tem do que reclamar mesmo. — a Giovanna disse, abraçando sua irmã mais nova, que continuou com um bico lindo de ciúmes.

— Vem cá, minha pequena ciumenta! — ela veio com seu biquinho, que logo se desfez quando nos abraçou.

— E vocês também. — Sophia chamou nossos maiores presentes, que vieram até nós e por alguns momentos nos perdemos em um abraço em conjunto.

Depois desse nosso pequeno momento em família, peguei finalmente o presente que a Gio havia me dado e abri a carta que ali continha.

“Pai,

*Eu ainda era muito pequena quando você chegou em minha vida. Ainda era muito nova e por mais que eu não entendesse o que o senhor queria dizer quando me disse que prometia que seguraria minha mão e enfrentaria o mundo comigo e por mim, eu nunca pude esquecer suas palavras.*

*Se alguém me perguntar como era minha vida antes do senhor se tornar meu pai, eu digo que não me lembro, não apenas porque eu era muito pequena quando você chegou, mas porque para mim é como se eu não existisse antes disso.*

*Foi você, meu pai, quem fez meu mundo. Que foi meu super-herói. Meu príncipe. Foi você quem leu histórias de princesas para que eu dormisse. Foi você quem me ensinou a nadar, a andar de bicicleta e mais tarde a dirigir. E juntamente com a minha mãe, foi você quem me ensinou a crescer. Fizeram com que eu me tornasse quem sou e quem ainda serei.*

*Eu posso dizer com toda certeza do mundo, que sou a prova viva de que a paternidade tem um significado mais profundo do que a verdade biológica. Durante todos esses anos, você cuidou, zelou e esteve segurando minhas mãos exatamente como prometeu, pois os vínculos que criamos como pai e filha descendem do amor.*

*E e amo muito, mas muito você!*

*Obrigada por ser quem é.*

*Da sua eterna princesinha,*

*Giovanna. “*

Eu já estava chorando desde a primeira linha, mas quando fui abraçada por ela, as lágrimas só fizeram aumentar. Apertei-a em meus braços e sussurrei o quanto eu a amava, foi então que emocionada ela me pediu:

— Posso te fazer um pedido? — assenti e beijei sua testa. — Abra o envelope e veja o que tem aí dentro. — assenti novamente, enxuguei minhas lágrimas e com as mãos ainda trêmulas fiz o que ela pediu.

E quando eu vi o que continha naquele envelope, eu não podia acreditar no que estava em minhas mãos. Não podia acreditar que eu carregava algo que eu sempre quis fazer, mas assim como foi quando ela começou a me chamar de pai, eu sabia que essa seria uma coisa que deveria partir dela. E agora, anos depois, finalmente estava acontecendo.

— P-pai... — ela balbuciou, nós dois chorávamos. — Você sempre foi e sempre será meu pai. Mas eu te pergunto: Você quer se tornar oficialmente, perante a lei, meu pai?

*Fim...*



# Giovanna

*Dezoito anos... Quem nunca sonhou com a chegada desse dia que atire a primeira pedra!*

Não que eu quisesse simplesmente sair de casa para ter liberdade, ou qualquer coisa assim, porque apesar de estar nos meus planos, eu realmente era feliz de morar com meus pais ainda. Meus pais eram maravilhosos e eu não tinha do que reclamar. Tudo bem que meu pai era um pouco ciumento demais com a 'princesinha' dele, mas ainda assim ele era um cara incrível. Eu realmente não tinha do que reclamar.

Apesar de eu chamá-lo de pai desde que ele casou com minha mãe, Luca não era meu pai de sangue, mesmo que agisse como tal desde que apareceu em nossas vidas e apenas há menos de um ano eu pedi que ele me adotasse e desde então eu era legalmente uma Campanaro, o que eu já era de coração há muitos anos.

Meu pai biológico se chama Erick, ele é fisioterapeuta e foi namorado de minha mãe quando eles estavam na faculdade e ela acabou engravidando. Eles não ficaram muito tempo juntos, porque ele era um galinha. Podem me julgar, eu realmente amo muito meu pai Erick e apesar dele ter confessado para mim que se arrependeu disso tudo, eu não podia estar mais feliz de minha mãe ter encontrado e ter me dado um pai como Luca.

Apesar de eu suspeitar que Erick seja apaixonado por minha mãe até hoje, ele se casou com uma mulher legal e do seu casamento ele teve outro filho, Junior. Imaginem minha situação agora com cinco irmãos. Cinco, porque minha mãe descobriu há poucos meses que vem mais um *Campanaro* para povoar o mundo. Sim, meus pais adoram brincar de casinha, mesmo depois de tantos anos de casamento. Ok. Não quero pensar nisso.

Pois é, eu tenho uma boa relação com Erick e a família dele. Hoje mesmo saímos para almoçar, para comemorarmos meu aniversário de dezoito anos. Sem que meu pai saiba o que está acontecendo, Erick ainda mantém uma 'pequena' competição contra ele em relação a mim, mas ele sempre acaba perdendo. Hoje mesmo ele mandou que eu escolhesse um carro de presente, mas eu fui obrigada a dizer a ele que eu já havia ganhado um do meu outro pai. O que eu poderia fazer? Mentir?

Meu pai e minha mãe me apoiaram e incentivaram, mas Erick também não ficou contente com a minha decisão sobre ir estudar Arquitetura em Roma. Lamento por ele, mas eu vou. Nada que ele pudesse me dizer faria com que eu mudasse de ideia sobre o que eu escolhi para mim e para o meu futuro. É meu sonho. Já foi o sonho de minha mãe, que infelizmente nunca pôde cumprir porque ela engravidou de mim.



Meu pai estudou em Roma com tio Henrique e tia Mia, apesar da sugestão de minha mãe de ir para Paris ao invés de ir para lá, optei por seguir os passos deles. Meu Nonno August, pai de meu pai Luca, também morava em Lucca, onde cuidava do vinhedo da família e era bom saber que eu o teria por perto.

Fora que além disso tudo, tinha o principal motivo de eu ir para Itália: Vittorio. Vittorio era meu melhor amigo desde pequeno. Apesar da diferença gritante de idade, pois ele é cinco anos mais velho que eu, entre brigas e mais brigas, nós sempre nos demos muito bem. Ele está se formando em Administração na Itália e no próximo ano fará pós-graduação na área por lá. Então estaremos juntos. Não juntos, mas juntos.

Confesso que eu sou apaixonada por ele desde que eu tinha dez anos. Não que ele me olhe dessa maneira ou tenha qualquer ideia sobre mim assim, porque ele não tem realmente. Não importava que ele fosse cinco anos mais velho e totalmente desinteressado em uma menina desengonçada, com aparelho nos dentes, que apesar de ter uma bela postura de balé, os olhos verdes herdados do pai, definitivamente não era nada perto de bonita como ele estava acostumado, mas eu ainda assim gostava dele.

Sim, é verdade. Eu me apaixonei por Vittorio Guiotto Filho, quando ainda era uma criança. Mas apesar de ter certeza de como me sentia em relação a ele, eu também tinha certeza que esses sentimentos não eram recíprocos. Eu sabia que ele me adorava como amiga, mas apenas isso. Digo isso com conhecimento de causa, pois o vi passar por muitas meninas desde então.

Não foi fácil fingir que não importava quando ele se abria comigo. Quando ele confessava suas aventuras e desventuras amorosas. Que abria seu coração e no processo quebrava o meu. Fora que nenhuma delas que passavam em sua vida compreendia o fato dele ter uma 'pirralha' como amiga, mas ele não se importava.

É engraçado como o nosso subconsciente pode se a agarrar algumas memórias e relembra-las constantemente e outras não, nós simplesmente esquecemos. Como o primeiro postal da cidade que Vittorio enviou para mim assim que ele foi estudar em Roma. Apesar de nos falarmos constantemente pelo telefone e pela internet, lembro-me muito bem, porque eu ainda o guardava em uma caixa com todas as minhas outras lembranças preciosas dele.

## Giovanna, minha chaveirinho

## Roma é incrível. Queria que você estivesse aqui

comigo.

Sinto sua falta, mais do que eu posso admitir.

Sempre.

Com amor,

Vittorio Guiotto F.

A forma como ele sempre repetia que queria que eu estivesse lá ou o quanto ele sentia a minha falta, foi o que firmou a minha decisão de ir para Roma ao invés de ir para Paris. Passei os últimos três anos repetindo e idealizando isso na minha cabeça. Eu não conseguia pensar em fazer outra coisa além disso. Era como se fosse o certo do que eu tinha que fazer.

No entanto, hoje eu estava mais do que irritada e tive dúvidas pela primeira vez. Apesar das tentativas durante todo o dia dos meus pais e meus irmãos para me animarem, inclusive uma saída para compras com minha mãe, que era algo extremamente prazeroso, enriquecedor e compensador, eu ainda estava chateada. Tudo isso porque Vittorio não havia me ligado ou mandado uma mensagem ou um e-mail sequer. Sei que pode parecer infantil, mas nos últimos onze anos ele nunca esqueceu. Sempre foi um dos primeiros a me dar os parabéns. Até agora.

Eu não quis uma festa, mas como nossa família gostava de comemorar qualquer coisa, minha mãe decidiu fazer um jantar íntimo. Íntimo quer dizer que todos os amigos deles e nossa família estariam aqui. Eu não queria convidar mais ninguém, para mim, eles me bastavam.

Saí do meu quarto já arrumada para o jantar e por mais irritada que estivesse, segui para onde todos me esperavam. A casa em que eu e meus irmãos crescemos, foi um projeto que minha mãe foi presenteada a fazer, como presente de noivado de meu pai, quando eu tinha cinco anos. Era linda e eu adorava. Na verdade todos nós adorávamos, porque era enorme, tinha piscina, quadra de esportes e tudo que se possa imaginar ter em uma mansão de um milionário como meu pai, inclusive um cais, onde ele colocava seu pequeno iate.

Como nossa casa era muito grande e parecia mais um resort, todas as comemorações ou qualquer que fosse o motivo para festejar, eram feitos aqui em casa. Não que eu me opusesse a isso, eu apenas não estava no clima hoje.

Cheguei ao último degrau e encontrei todo mundo reunido na sala. Meu pai costumava dizer que nós éramos uma grande e maluca família. E era bem verdade. Éramos todos diferentes e iguais. Mas

se uma coisa eu aprendi enquanto crescia, era que todos nos amávamos com toda nossa força e não teria nada que um não fizesse pelo outro.

Meu pai e minha mãe estavam, como sempre, colados um ao outro. Os dois juntos eram realmente adoráveis e chegava até a ser enjoativo. Eu admirava isso neles, porque era realmente difícil de se encontrar um casal que se encaixasse em todos os sentidos. E mesmo depois de tantos anos de casados e cinco filhos, eles eram realmente muito felizes. Eu sonhava em encontrar um amor como o deles, porque era realmente invejável.

Meu pai Luca era moreno alto, com cabelos negros e olhos azuis incríveis, que felizmente todos os meus irmãos herdaram. Mesmo com mais de quarenta anos de idade, ele continuava sendo um cara realmente lindo e boa pinta. Não me admira que minha mãe tenha caído de amores por ele tão rapidamente e continua sendo ciumenta para caramba quando se trata do seu marido.

Minha mãe também era linda. Quem olhasse para ela não dizia que ela já tinha tido quatro filhos e estava com outro a caminho, porque ela ainda era um mulherão. Felizmente eu fui agraciada e herdei suas belas curvas, motivo pelo qual meu pai reclama constantemente das minhas roupas apertadas ou curtas demais. Ela tinha longos cabelos lisos com mechas loiras e ainda tinha não só o corpo, mas uma carinha de vinte e cinco. Ela era um espetáculo de mulher.

Além dos meus avós maternos e paternos, ainda na sala estavam os amigos de meus pais. Tia Mariah e tio Thiago e seus dois filhos. Tio Henrique, tia Mia e seus três filhos. Minha dinda, Carol e tio Léo, irmão de tio Henrique e Vittorio, com seu filho. Tio Nick e Tia Rafa, com os dois pirralhos. E meu dindo João e tia Sara, irmã de tio Duda.

Todos me parabenizaram e eu abracei-os, recebendo presentes e o carinho deles, que eu tanto amava. Mas apesar de estar feliz em sentir o amor deles, eu ainda sentia que faltava alguma coisa. Uma delas era a *Bisnonna* Fiorella, que há dois anos havia partido e nos deixado apenas com saudades. E a outra era Vittorio.

Só que hoje era meu dia e eu não deixaria que nada, nem ninguém, e muito menos ele, atrapalhasse isso. Por isso com um sorriso no rosto, eu decidi aproveitar o que eu tinha de mais verdadeiro: a minha família.

Minha mãe sempre amou cozinhar. Ela pode ter vários outros defeitos como dona de casa, mas cozinhar sempre foi uma das coisas que minha mãe mais gostava de fazer e a gente definitivamente agradecia por isso. Nossos jantares eram recheados de comidas gostosas e conversas engraçadas.

Por isso eu ria a cada vez que as piadas e histórias eram contadas. E quando eu olhava todos ao meu redor, eu sentia falta dele. Falta de vê-lo ali conosco, com a nossa família e eu desejei mais do que tudo que ele estivesse aqui. Mas depois fiquei com raiva de mim por desejar isso, quando ele

claramente não se importava nem em me mandar uma mensagem me desejando parabéns.

A campainha de lá de casa tocou e todo mundo na mesa se entreolhou e trocaram um sorriso malvado. Eu sabia que estava acontecendo alguma coisa, sentia no ar o clima de conspiração, mas devido ao meu estado de espírito, decidi não perguntar. Apenas segui até a porta da frente.

Abri a porta pronta para colocar um sorriso falso no rosto, quando dei de cara com a pessoa que eu menos esperava que pudesse ver hoje. Ali parado com um enorme sorriso no rosto, estava Vittorio sorrindo com aquelas covinhas profundas, aquela boa aparência de cair o queixo e cabelo castanho bagunçado, fazendo meu coração disparar.

Vittorio era alto e bonito de uma maneira puramente máscula. Ele era moreno e muito parecido com seu irmão mais velho, tio Henrique. É um choque para todos que descobrem que ele é adotado, porque ele é com certeza uma versão mais jovem do seu irmão, mas com os olhos castanhos cor de café. Ele tem um nariz com uma leve curvatura compensando as amplas bochechas, mandíbula definida e expressivos lábios largos e apetitosos.

Fazia meses que eu não o via. Sentia uma saudade profunda e gigantesca, que nem as diversas chamadas de vídeo que fazíamos diariamente supriam a ausência que ele me fazia sentir.

Sabe aquela sensação de borboletas na barriga? De estar parecendo uma boba? Aquela sensação de que a terra não gira, o tempo não passa? Sabe aquela sensação de estar com as pernas tremendo, palavras sumindo, boca secando, queixo caindo, e sem poder se mexer? Pois é. É exatamente assim que me sinto quando estou perto dele.

— Acho que estava esperando uma recepção diferente, principalmente quando vim de tão longe para comemorar o aniversário da minha chaveirinho.

— Vi. — consegui murmurar, quando me recuperei.

— Eu mesmo. — ele sorriu de novo e eu me joguei em seus braços. — Parabéns, chaveirinho!

Ele me apertou em seus braços e eu não queria mais nada.

\*\*\*

Depois da festa que foi a chegada de Vittorio, o que obviamente todos sabiam que ia acontecer, menos eu, ele me chamou após o jantar para nós dois sairmos juntos para comemorar.

Decidimos ir para uma das boates de meu pai e como acontecia quando ele passava, todos os olhos femininos estavam nele. Eu tentei ignorar o quanto isso me incomodava como tenho feito há muito tempo. Vittorio andava ao meu lado, com os braços possessivos em minha cintura e foi impossível não desejar que ele quisesse estar dessa maneira comigo.

— Que tal comemarmos sua maioridade com uma bebida, chaveirinho? — perguntou, quando nos sentamos na mesa do camarote.

— Só se for agora. — sorri.

Ele pediu uma cerveja para ele e um *Brazilian Beach* para mim. Enquanto a balada tocava lá embaixo, eu e ele começamos a conversar, contar as novidades e matar um pouco das saudades que sentíamos.

Já estava no meu terceiro drink, quando sua pergunta me surpreendeu:

— E aquele cara? Acabou mesmo? — ele perguntou, parecendo irritado.

— Que cara? — eu sabia que ele estava se referindo ao meu ex-namorado, que por sinal ele nunca gostou, mas eu queria ouvi-lo dizer isso em voz alta.

— Aquele ex-namorado seu, o meia bomba. — resmungou, com a cara fechada e eu caí na gargalhada.

Ele realmente o odiava e o chamava de meia bomba porque insistia em dizer que Marcel tomava esteroides e não deveria funcionar lá embaixo. Bem. Eu não posso dizer se funciona, justamente porque eu nunca testei, pois nunca fomos mais longe do que alguns amassos. Eu apenas não consegui.

— Acabou. Não dava mais.

— Por quê? — insisti.

Eu não queria dizer a ele que não dava mais porque Marcel não era ele. Mas certamente o álcool havia começado a fazer seu trabalho, pois me vi respondendo:

— Porque não era ele quem eu queria.

Vittorio me encarou profundamente. Enquanto nos olhávamos, era como se ele estivesse tentando trazer mais confissões para fora de mim pela força do seu olhar. Quase funcionou também. Seus belos olhos escuros tinham o poder de fazer acontecer quando ele olhava para mim como agora.

*Será que ele sabe o que sinto por ele? Ele sempre soube? Como ele poderia não saber?*

— E quem seria a pessoa que você queria? — continuou persistente.

*Como ele poderia ser tão alheio? Como ele poderia não saber como eu me sentia sobre ele?*

Eu não queria ser aquela que tem medo, que guarda o que sente para si. Que tem medo do desconhecido. Que tem de ser feliz. Por isso eu decidi que não apenas ele, mas principalmente eu, merecia que as coisas ficassem claras. Por isso respondi:

— Você.

***Por enquanto é isso... Em breve a nova geração  
dos Campanaro e de toda turma!***

# *Para Sempre*

“Muitos foram os obstáculos colocados em nosso caminho. Muitas foram as pessoas que se interpuseram em nossa relação. Tivemos que enfrentar o medo do desconhecido, ciúme, receio, mal entendido, perda... Mas sempre superamos e voltamos mais fortes. Crescemos e amadurecemos durante todo esse tempo que estamos juntos. E hoje, com nossos filhos crescidos, e sentindo o doce calor da minha mulher ao meu redor, tenho a certeza de que tudo valeu a pena. A cada vez que sou chamado de Papai, sinto meu coração bater mais forte. A cada vez que ouço minha mulher gemer o meu nome enquanto goza gostoso, sinto-me no paraíso. Hoje com certeza posso dizer que sou um Homem realizado. Um bastardo sortudo pra caralho. Essa é a nossa história. Nosso conto de fadas nada tradicional. O nosso Para Sempre.”

Sara Rodrigues



# Próximo lançamento da Série Destino:

## *Entre Idas e Vindas... Nós dois!*

SÉRIE DESTINO - LIVRO 4

Mia e Henrique se conheceram desde o nascimento. Eles eram melhores amigos e juntos descobriram o significado do primeiro amor. Mas no dia que decidem se entregar a paixão, eles descobrem um terrível segredo que pode mudar ambas as famílias para sempre.

Depois de anos se escondendo atrás desse segredo e dos próprios sentimentos, eles resolvem finalmente dar uma chance ao amor. Até que Henrique tem que tomar uma decisão sobre seu futuro, que pode fazer com que ele perca Mia para sempre.

Entre idas e vindas, os dois se encontram, desencontram e reencontram. Mas o que acontece quando tudo o que eles mais tentam esconder de si mesmo, na verdade é o mais certo?

Será que eles sempre vão voltar um para o outro?

Não adianta mais eles fugirem ou se esconderem, chegou a hora deles descobrirem.





# Sobre a Autora



## Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim eu era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação. Hoje, Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias.

Contato: [contato@mimeireles.com](mailto:contato@mimeireles.com)

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Conheça meus outros livros clicando [aqui](#).

Conheça também os livros da Editora Nix, clique [aqui](#) ou acesse o nosso [site](#) e fique ligado nas novidades.

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós...